

2024

**Teresa Raquel
Cunha da Silva**

TATUAGEM COMO ARTE TOTAL

2024

**Teresa Raquel
Cunha da Silva**

TATUAGEM COMO ARTE TOTAL

Projeto apresentada ao IADE - Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação da Universidade Europeia, para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Design e Cultura Visual realizada sob a orientação científica do Doutor Filipe André Cordeiro de Figueiredo, *Professor Auxiliar* do IADE – Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação.

Dedico a todos os que participaram
indiretamente neste projeto.

agradecimentos

Começo por agradecer ao meu orientador Professor Filipe Figueiredo, pelo interesse e paciência durante este processo. Agradeço aos meus pais por me darem a hipótese de continuar os meus estudos e de apoiarem qualquer escolha de vida que eu faça. E ao meu irmão que me apoiou durante a escrita.

Agradeço MUITO aos meus amigos de longa data e aqueles que tive o privilégio de conhecer durante o mestrado, por todo o suporte e motivação nas alturas de maior desespero. Só eles é que viram o meu pior e o meu melhor durante este processo. Com especial destaque ao João Roquete, Mafalda Bettencourt e Miguel Batista.

Agradeço aos tatuadores que participaram neste projeto e investigação, pela disponibilidade e interesse pelo meu trabalho. Especial agradecimento à Sara Oliveira por me ensinar e ajudar a tatuar.

Gostaria de fazer um especial agradecimento ao Professor Diamantino e à Susana Santos, colaboradora da Biblioteca do IADE, por toda a ajuda técnica e suporte. Não esquecendo o Pedro Rocha Brito, Miguel Rato, Bárbara Vaz, Joana Carvalho, da agência Unuba, que neste último mês foram um grande apoio.

Obrigada a todos, sem vocês não era possível.

palavras-chave

Tatuagem; Arte Total; Autenticidade; *Body Art*; Expressão Artística.

resumo

Esta investigação centra-se no tema da tatuagem aplicada ao conceito de Arte Total, criado por Richard Wagner, compositor alemão. As tatuagens, ao longo dos anos, têm sido motivo de estudo em diversas áreas, desde antropologia até à psicologia, e, mais recentemente, mostraram-se ser de interesse artístico.

Estas são uma prática ancestral que foi evoluindo chegando à tatuagem contemporânea que atualmente se conhece.

O tema da tatuagem é falado num contexto histórico e, seguidamente, é cruzado com o conceito de Arte Total, uma experiência sensorial, imersiva e colaborativa que é interdisciplinar, ao mesmo tempo que explora o papel do tatuador. Ao fazer este enquadramento acaba-se por tocar em questões do foro da psicologia, que leva a um conceito secundário: a Autenticidade. Este conceito revela a perceção individual e social a um corpo tatuado, ao mesmo tempo que desenvolve uma relação entre a procura da autenticidade e a semelhança com práticas ritualísticas ancestrais, propondo a tatuagem como um ritual contemporâneo. Para esta investigação realizaram-se entrevistas a tatuadores de Lisboa que responderam a questões relacionadas com os conceitos analisados no texto. Por fim, este estudo é sustentado com um objeto visual, uma caixa que valoriza a interação entre o observador e a obra artística.

Pretende-se com esta investigação e projeto promover uma sensibilização para prática da tatuagem, apresentando os tatuadores que mostram interesse na arte como artistas Totais, aumentar o reconhecimento artístico desta prática e talvez considerá-la uma disciplina de interesse e de estudo académico.

Keywords

Tattoo; Total Art, Authenticity; Body Art; Artistic Expression.

abstract

This investigation focuses on the theme of tattooing applied to the concept of Total Art, created by Richard Wagner, German composer. Tattoos, over the years, have been the subject of study in various areas, from anthropology to psychology, and, more recently, they have proven to be of artistic interest. These are an ancestral practice that evolved into the contemporary tattoo that we know today. The theme of tattooing is discussed in a historical context, and it's then crossed with the concept of Total Art, a sensorial, immersive and collaborative experience that is interdisciplinary, at the same time that it explores the role of the tattoo artist. With this concept in perspective, we end up revealing some psychological questions, which leads to the secondary concept: Authenticity. This concept reveals the individual and social perception of a tattooed body, at the same time as it develops a connection between the search for authenticity and the similarity with ancestral ritualistic practices, proposing tattooing as a contemporary ritual. For this investigation, interviews were carried out with tattoo artists in Lisbon who answered questions related to the concepts analysed in the research. To conclude the study, a visual object was projected as a support for the concept, a box that enhances the interaction between the observer and the artistic piece. The aim of this research and project is to promote awareness of the practice of tattooing, presenting tattoo artists who show an interest in the art as Total artists, increase the artistic recognition of this practice and perhaps consider it a discipline of interest and academic study.

Índice

I. Introdução	1
1. Revisão de Literatura	6
2. Contexto Histórico	8
2.1. Origens e Práticas Iniciais	8
2.2. Tatuagens na Antiguidade	10
2.3. Tatuagens em Culturas Indígenas.....	15
2.4. Proibições e Estigmatização	19
2.5. Tecnologia e Inovação.....	23
2.6. Renascimento da Tatuagem.....	26
2.7. Tatuagem em Portugal.....	32
2.8. Tatuagem Contemporânea.....	36
3. Conceitos Fundamentais	39
3.1. Arte Total	39
3.1.1. <i>Tattoo</i> : Arte vs. Técnica	42
3.1.2. Performance / Body Art.....	45
3.1.3. A utilização da máquina	48
3.1.4. Gravação corporal.....	50
3.2. Em busca da autenticidade	53
3.2.1. Corpo Tatuado	57
3.2.2. Tipos de Tatuagem	60
3.2.3. Ritual Contemporâneo	70
4. Estudos de Caso / Análise de dados.....	73
4.1. Introdução da análise.....	73
4.2. Discussão.....	74
4.2.1. Percorso Académico	74
4.2.2. Ligação com a Tatuagem.....	75
4.2.3. Iniciação da prática de Tatuagem	76
4.2.4. Conceito: Arte Total inserido na Tatuagem	77
4.2.5. Tatuagem como um meio para o empoderamento do corpo	79

4.2.6. A Tatuagem como meio artístico.....	81
4.2.7. A posição do tatuador da atualidade.....	82
4.3. Conclusão da análise	84
5. Projeto.....	87
5.1 Conceito	87
5.2. Identidade Visual do objeto.....	88
5.3. <i>Naming</i>	91
5.4. Seleção dos tatuadores	92
5.5. Análise do objeto.....	92
5.5.1. Caixa.....	94
5.5.2. Conteúdo da caixa	98
5.6. Resultado final.....	103
5.7. Considerações finais do objeto.....	114
Conclusão.....	115
Referências bibliográficas	118
Apêndice.....	123
Tabela de análise das entrevistas.....	123
Entrevistas	124

Índice de figuras

Figura 1. Algumas tatuagens presentes no corpo de Otzi.....	10
Figura 2. Presença de tatuagens em mulheres egípcias.	11
Figura 3. Vaso grego a representar um Trácio com tatuagens.....	12
Figura 4. Pele preservada de membro do grupo Yakuza	15
Figura 5. Retrato com detalhe representando a tradicional Moko (tatuagem).....	18
Figura 6. Retrato de Nora Hildebrandt	21
Figura 7. Tatuagem feita nos campos de concentração	22
Figura 8. Máquina elétrica de tatuagem, por Samuel O'Reilly	24
Figura 9. Sailor Jerry Collins a realizar uma tatuagem.....	28
Figura 10. Lyle Tuttle a tatuar, em 1973	30
Figura 11. Máquinas de tatuagem portuguesas.....	34
Figura 12. Alguns exemplos de tatuagens portuguesas	35
Figura 13. Tatuagens do estilo <i>Old School</i>	62
Figura 14. Tatuagem do estilo Oriental	63
Figura 15. Tatuagem do estilo Tribal.....	64
Figura 16. Tatuagem do estilo <i>Fineline</i>	65
Figura 17. Tatuagem do estilo <i>Trash Polka</i>	66
Figura 18. Tatuagem do estilo Realista.....	67
Figura 19. Tatuagem do estilo <i>Dotwork</i>	68
Figura 20. Tatuagem do estilo <i>Watercolor</i>	68
Figura 21. Tatuagem do estilo Geométrico.....	69
Figura 22. Primeiros esboços das ilustrações	89
Figura 23. Paleta de cores usada no projeto.....	90
Figura 24. Tipografias escolhidas para o projeto.....	91
Figura 25. Estudos de formas de caixa	94
Figura 26. Estudos feitos na ferramenta Blender.....	95
Figura 27. Estudos de materiais para a realização da caixa.....	96
Figura 28. Gravação a laser da ilustração	96
Figura 29. Processo de colagem da caixa	97

Figura 30. Estrutura de grelha utilizada.....	98
Figura 31. Alguns dos acetatos realizados.....	99
Figura 32. Exemplo de disposição com todas as tatuagens escolhidas.....	100
Figura 33. Artes finais de um dos elementos.....	100
Figura 34. Cortante usado para cortar as peças.....	101
Figura 35. Processo de tatuar a pele sintética.....	102
Figura 36. Vista frontal da caixa.....	103
Figura 37. Vista traseira da caixa.....	104
Figura 38. Livro explicativo aberto.....	105
Figura 39. Outra possibilidade de abertura do livro explicativo.....	106
Figura 40. Disposição da placa de contraplacado com os acetatos.....	107
Figura 41. Funcionamento dos acetatos sobre a placa de contraplacado.....	108
Figura 42. Exemplo de disposição (frente).....	109
Figura 43. Exemplo de disposição (costas).....	110
Figura 44. Pele sintética dentro da caixa.....	111
Figura 45. Vista geral do projeto.....	112
Figura 46. Detalhes do projeto.....	113

I. Introdução

A tatuagem é uma prática ancestral de modificação corporal que tem vindo a crescer ao longo dos anos, ganhando popularidade pela sua capacidade de expressar a identidade pessoal e a criatividade artística e por isso é o tema principal desta investigação. Apesar de haver estudos que apontam a existência de tatuagens datadas desde o Paleolítico Superior, ainda não há um conhecimento exato sobre quão antiga é esta prática. Uma das descobertas mais significativas no estudo das tatuagens antigas foi sobre Otzi, o “homem do gelo”, contendo o que é considerado, até hoje, a tatuagem mais antiga já encontrada, embora as marcas no seu corpo sejam claramente diferentes das tatuagens modernas dos dias de hoje, tanto em estilo como em propósito.

Desde a descoberta de Otzi até às tradições de diversas civilizações indígenas, as tatuagens revelaram ser composições abstratas, frequentemente construídas por linhas simples ou formas geométricas. Enquanto as tatuagens de Otzi e de algumas múmias da mesma época parecem ter motivações terapêuticas ou religiosas, nas culturas indígenas, essas marcas mantinham significados cerimoniais e de estatuto social. Um pouco por todo o mundo, surgiu a presença de registos de tatuagens, desde o Oriente, com esculturas chinesas e o estilo Oriental conhecido dos Japoneses, até à América do Norte e Europa.

O século XX torna-se um dos mais conhecidos na história da tatuagem, devido à invenção da primeira máquina elétrica de tatuagem nos Estados Unidos e, por conseguinte, a proliferação de estúdios de tatuagem. No final do século XIX e início do século XX, vários grupos sociais passaram a ser associados às tatuagens, como os marinheiros, militares, prostitutas e membros de subculturas como os *motards* e *hippies*, que adotaram as tatuagens como parte da sua identidade visual.

A prática da tatuagem expandiu-se globalmente, acabando por chegar a Portugal. Em 2017, uma exposição no Museu do Design e da Moda (MUDE) revelou que os primeiros registos de tatuagens em Portugal datam de janeiro e setembro de 1912. Inicialmente, as tatuagens eram mais comuns

entre pessoas com uma vida boémia e que, por conseguinte, frequentavam bares ou mercados, e os desenhos frequentemente incluíam temas amorosos, religiosos ou cenas do quotidiano.

É de salientar que esta prática tem atravessado altos e baixos ao longo dos anos, muitas vezes associadas a estigmas em diferentes culturas e períodos. Em várias civilizações, as tatuagens foram usadas como forma de punição, marcando prisioneiros ou desertores. No Japão, por exemplo, eram amplamente relacionadas com os membros do gangue *Yakuza*, enquanto nos Estados Unidos, durante o século XIX, relacionadas com os *Freak Shows* e *Midways*, algo que colocava as tatuagens como motivo de entretenimento e ridicularização. Na Europa, a tatuagem ganhou uma conotação negativa durante a Segunda Guerra Mundial, quando foi usada para marcar prisioneiros nos campos de concentração. Apesar deste histórico de associações negativas, atualmente a tatuagem é amplamente aceite e normalizada na sociedade, sendo cada vez mais vista como uma forma legítima de expressão artística e motivo para estudos académicos no contexto artístico. Este crescente interesse pela tatuagem em contextos da arte tem levado ao surgimento de novos artistas e estilos, partilhando os seus trabalhos nas redes sociais e outras plataformas digitais. Atualmente, a tatuagem é um meio que serve não só para modificação corporal, mas também para demonstrar o potencial criativo e artístico.

É com o aumento da popularidade da tatuagem, e com o pouco estudo académico em Portugal sobre este tema, que despertou o interesse para realizar uma investigação que explora a relação da prática da tatuagem com o conceito Arte Total, criado pelo compositor Richard Wagner. Este conceito, nascido durante o Romantismo alemão, refere-se, numa explicação muito breve, a uma experiência imersiva e sensorial, que combina várias formas artísticas numa só obra, tornando-se assim também uma experiência colaborativa. A partir destas ideias surgem as seguintes questões de investigação. Será que a tatuagem pode ser considerada uma Arte Total? O que torna um tatuador um artista Total?

A Arte Total é definida por Wagner como algo que é interdisciplinar, procurando criar uma experiência completa que consegue chegar a qualquer público-alvo. Neste sentido, a prática da tatuagem parece-se relacionar com esse conceito, já que esta também tem a combinação de várias áreas artísticas e da cultura visual contemporânea em si. A tatuagem contemporânea, para além do seu carácter estético e simbólico, envolve uma colaboração entre o tatuador e a pessoa que está a ser

tatuada, o que reflete a essência colaborativa da Arte Total. O artista tatuador colabora diretamente com o “suporte”, o corpo, para chegar a uma composição.

Outra questão relevante para esta investigação é: Será que a tatuagem pode ser um motivo para o empoderamento do corpo? O conceito Arte Total, ao trazer o assunto de uma experiência sensorial imersiva, encaminha, inconscientemente, para o estudo do impacto psicológico e visual das tatuagens nas pessoas que as carregam.

Este projeto foi desenvolvido a partir de alguns métodos de investigação que procuraram sustentar as questões anteriormente mencionadas. Inicialmente, realizou-se um enquadramento histórico sobre o tema das tatuagens, com o objetivo de compreender a importância dessa prática como meio de expressão artística e pessoal ao longo da história. Essa contextualização abrange desde os primeiros registros encontrados até às formas contemporâneas da tatuagem, revelando a evolução e o significado social e cultural da mesma.

Após o contexto histórico, a investigação centrou-se em dois conceitos fundamentais: Arte Total e Autenticidade. O capítulo que trata do conceito Arte Total investiga um pouco sobre a definição escrita por Wagner no seu livro *The Art-work of the Future* (1849), dando a conhecer quais são os critérios para que algo seja considerado Total e a filosofia por trás desses critérios. Este capítulo também explora a tatuagem como forma de arte, analisando-a sob diferentes perspetivas. Em primeiro lugar, como já tinha sido mencionado, a tatuagem é comparada com o conceito de “Arte Total” ou “Gesamtkunstwerk”, de Wagner, abordando temas como o sentimentalismo, a relação entre o ser humano e a natureza, e a unificação de diversos meios artísticos. Em seguida, o tatuador é visto como artista e artesão, que colabora na criação de uma narrativa visual, transformando a tatuagem numa forma de arte performativa e o corpo numa manifestação de *Body Art*. Esta discussão estende-se para o papel da tecnologia na tatuagem, confrontando a visão de Wagner, que rejeita as máquinas, com a visão de Pierre Francastel, que defende a arte como intrinsecamente técnica e tecnológica. Nesta investigação, o corpo irá ser assumido como uma tela neutra tanto para o artista como para os que apenas observam. Este corpo é, hipoteticamente, transformado num objeto artístico, que, por conseguinte, carrega símbolos e significados.

O conceito de Autenticidade explora o corpo tatuado como uma obra de arte viva, influenciada pela percepção dos outros, ao mesmo tempo que reflete sobre diversos estilos de tatuagem contemporânea, cujas origens provêm de culturas antigas. Esses estilos, abordados no contexto histórico, evoluíram ao longo do tempo, adaptando-se a experiências pessoais e tornando-se parte de um ritual contemporâneo. A análise também fala em como o corpo tatuado é percebido como um “museu ambulante”, onde cada tatuagem, criada por diferentes artistas, provoca emoções tanto nos observadores quanto nas pessoas que as carregam. Para além disso, o simbolismo das tatuagens como representações de rituais de integração e transição continua a existir de uma forma diferente, unindo comunidades que procuram expressar as suas identidades de forma autêntica, mesmo quando essa autenticidade é questionada.

Seguidamente, a investigação avançou para uma fase de entrevistas com tatuadores de Lisboa. O objetivo era validar os conceitos teóricos discutidos e explorar como é que estes tatuadores compreendem e vivenciam a sua prática artística. Utilizou-se o método qualitativo, devido ao tema que gera respostas subjetivas e pessoais, aprofundando a relação entre o conceito base e a prática da tatuagem.

Por fim, a investigação é sustentada também com a criação de um objeto artístico e visual que integra os conceitos estudados. Trata-se de uma caixa com um formato de silhueta humana, com ilustrações humanas tanto na tampa como na base da mesma. No interior da caixa, encontram-se diversos elementos que incentivam a interação do observador, como uma pele sintética - usada para praticar tatuagem - com a mesma ilustração da caixa, acetatos com tatuagens feitas pelos tatuadores entrevistados e um livro explicativo. O objetivo deste objeto é sintetizar as questões levantadas ao longo da investigação, ao mesmo tempo que oferece uma experiência visual e tátil.

Este projeto e investigação têm como objetivo sensibilizar o público para a prática da tatuagem, de maneira a promover um maior reconhecimento artístico da mesma. Ao representar tatuadores que veem e defendem o seu trabalho não como um serviço, mas como uma expressão artística, uma extensão de outro meio artístico, como por exemplo da ilustração, da pintura ou do *design*, o projeto resultante desta investigação, coloca-os numa posição de artistas totais. Esta visão expande o conceito de tatuagem, enquadrando-a como uma prática que conjuga vários elementos criativos.

Ao promover esta abordagem, a investigação e o projeto procuram não só aumentar o conceito de tatuagem, enquadrando-a como uma prática que conjuga vários elementos criativos, mas também como uma área digna de interesse e estudo em contextos académicos. Visto que os tatuadores são também artistas visuais, o objetivo é reforçar a ideia de que a tatuagem é uma disciplina que tem potencial para ser ensinada numa instituição profissional (nomeadamente em Portugal), abrindo mais um caminho para que esta seja considerada uma forma de arte legítima entre os académicos.

1. Revisão de Literatura

A tatuagem tem sido tema de interesse em diversas áreas do conhecimento ao longo do século XX, incluindo antropologia, história da arte, medicina, psicologia e estudos culturais. Esta revisão de literatura pretende analisar a evolução do interesse académico pela tatuagem, destacando algumas contribuições significativas de diversos autores, como Arnold Rubin e Margo DeMello. Esta revisão pretende abordar como a tatuagem foi inicialmente estudada em contextos de culturas tribais e como, ao longo dos anos, o interesse se expandiu para incluir temas culturais, sociais e artísticos.

Sabe-se que o primeiro contacto documentado sobre tatuagem ocorreu durante as viagens do Capitão James Cook ao Pacífico entre 1768 e 1771. Foi durante estas viagens que a tripulação de Cook encontrou pela primeira vez as práticas de tatuagem das culturas polinésias. Joseph Banks, membro da tripulação, foi o responsável por registar essas observações, resultando nos primeiros registos detalhados sobre tatuagens (Gilbert, 2000).

Cesare Lombroso, criminalista do século XIX, associou as tatuagens a um comportamento criminoso em “L’homme criminel” (1887), caracterizando-as como indicativas de uma “personalidade degenerada”, comum entre marinheiros e prostitutas (Gina Lombroso-Ferrero, 2009).

No início do século XX, a tatuagem era predominantemente estudada por antropólogos e especialistas que se interessavam pelas tradições tribais. Este interesse era motivado por um fascínio pelas práticas culturais de sociedades não ocidentais, onde a tatuagem estava ligada a significados cerimoniais e de estatuto social. Isto levou a um impulso no estudo académico sobre a tatuagem, surgindo publicações de obras significativas, como “Marks of Civilization: Artistic Transformation of the Human Body” (1988) de Arnold Rubin, professor de arte, design e história da arte na UCLA (University of California, Los Angeles). Rubin realizou vários estudos que exploraram tanto as práticas históricas como as contemporâneas de *Body Art*, incluindo tatuagens e outras formas de modificação corporal. Pode-se dizer que estes estudos estabeleceram uma base para a compreensão da tatuagem como uma forma artística.

Embora seja difícil identificar o momento exato em que a tatuagem começou a ser considerada uma forma de expressão artística, o reconhecimento desta prática como arte tem sido consolidada

ao longo dos anos em alguns livros na secção artística. Contudo, a partir da década de 1960, houve uma mudança significativa na abordagem dos estudos sobre tatuagem, saindo das observações simplesmente etnográficas. Este interesse pelas tatuagens passou a incluir as relações culturais e sociais, assim como os significados e motivos por trás da *Body Art*.

O movimento artístico conhecido como *Body Art*, que surgiu nos anos de 1960, coincidiu com o renascimento da tatuagem. Apesar da prática da tatuagem, nessa época, ainda fosse, frequentemente, vista como uma forma negativa e comercial, a sua inclusão no âmbito da *Body Art* abriu novas perspetivas para a sua interpretação. Nos anos 2000, começaram a surgir mais registos académicos que exploraram a tatuagem como uma forma de *Body Art*. Obras como “*Body Art as Visual Language*” (2001), de Enid Schildkrout, e “*Body Art*” (2014), de Nicholas Thomas, analisaram a tatuagem como uma linguagem visual e uma forma de expressão artística, pondo esta prática no campo das artes e da cultura visual. Entre as obras mais significativas para a compreensão da tatuagem nos anos 2000, destaca-se o livro “*Bodies of Inscription*”, de Margo DeMello, antropóloga e professora.

A partir desta revisão, foi possível perceber que o interesse académico pela tatuagem evoluiu significativamente ao longo do século XX e início do século XXI. Inicialmente, começou a ser estudada para perceber as culturas tribais, mas depois acabou por passar para uma prática reconhecida pela sua importância cultural, carregada de simbologia social e artística. O tema da tatuagem em documentos académicos ainda se mostra extremamente recente, com estudos a saírem todos os anos, com novas abordagens sobre esta prática em contextos mais artísticos, como em áreas do design, ilustração e cultura visual, destacando, em Portugal, a tese de doutoramento “*A Tatuagem como Expressão Gráfica*” de Susana Cardal, professora no IADE – Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação. e no Politécnico de Leiria, lançada no ano 2023.

2. Contexto Histórico

2.1. Origens e Práticas Iniciais

O tema das tatuagens tem sido debatido ao longo dos anos e por isso não é novo entre escritos acadêmicos, museus e livros autorais, logo este contexto não servirá para contar de uma forma detalhada a história das tatuagens ou das modificações corporais nem responder a questões que ainda não foram respondidas, mas sim criar uma cronologia que sedimente esta investigação através de artigos e registos científicos, de maneira a entender a origem e os motivos que levaram a esta prática e à sua simbologia.

Os documentos escritos sobre tatuagens mais antigos de que se tem conhecimento até à data são datados do século V a.C. na Grécia e, de acordo com Carrie Reed (2000), o seu possível aparecimento remonta a vários séculos antes na China. No entanto, saber quando, ao certo, esta prática foi primeiramente exercida continua desconhecido.

Dado este desconhecimento, de acordo com Deter-Wolf (2015) e Tassie (2003), os investigadores recorrem ao registo e a evidências arqueológicas, que podem ser objetos de arte antropomórfica ou ferramentas de tatuagem, que sugerem que a prática de tatuar pode ter sido originada no Paleolítico Superior, e pele humana preservada, que até então mostrou ser a prova arqueológica mais direta da antiguidade da tatuagem. Foram encontrados artefactos arqueológicos do paleolítico superior na Europa que consistiam em instrumentos provavelmente utilizados para tatuar em vários sítios arqueológicos, consistindo em discos de argila e ocre vermelho que junto com agulhas de osso afiados eram inseridas nos discos. O disco serviria como reservatório do pigmento, enquanto as agulhas eram usadas para perfurar a pele (Gilbert, 2000).

Inúmeros corpos humanos tatuados mumificados foram encontrados e recuperados por todo o mundo, incluindo o Ártico Americano, a Gronelândia, a Sibéria, a China Ocidental, as Filipinas, a África, a Europa, o México e os Andes (Aaron Deter-Wolf et al., 2015). Contudo, de acordo com o artigo da revista Smithsonian, escrito por Cate Lineberry (2007) e, mais tarde, editado por Sonja Anderson (2023) acreditou-se que os primeiros exemplos de tatuagens em corpos fossem os das

múmias femininas do Egito, datadas de cerca 2000 a.C., até 1991, após a descoberta de Otzi, *The Iceman*, que tinha 5200 anos de idade. Foram encontradas 61 marcas de tatuagem no corpo de Otzi, mais especificamente nos pulsos, nas pernas, nas costas e no tronco, que mostram ser um conjunto de 19 grupos de linhas que vão variando de espessura e comprimento, sabendo que a maior concentração se localiza na parte inferior das pernas. Estas marcas permitiram saber mais sobre a sua localização, composição e a possibilidade terapêutica que desempenhavam (Aeron Deter-Wolf et al., 2015). Antes da descoberta de Otzi, os investigadores acreditavam que a tatuagem mais antiga fosse a de uma múmia masculina da cultura Chinchorro da América do Sul, que apresentava uma linha fina de pontos no lábio superior, como um “bigode” e que tinha por volta de 4000 a. C. (Scallan, 2015). Mais tarde, acabou por ser comprovado pelos investigadores Aeron Deter-Wolf, Benoît Robitaille, Lars Krutak e Sébastien Galliot, no *Journal of Archaeological Science: Reports*, que Otzi era, na realidade, a tatuagem não figurativa mais antiga até então descoberta. As marcas do corpo de Otzi, geram algumas dúvidas em relação à sua utilização, existindo estudos que apontam para motivos terapêuticos, visto estarem localizadas em partes do corpo associadas a dores do envelhecimento e outros que sugerem a realização das marcas por motivos ritualísticos, cerimoniais e religiosos (Blakemore, 2023). No artigo publicado no *Journal of Archaeological Science: Reports* também se conclui a improbabilidade de Otzi representar a tatuagem mais antiga do mundo, mas sim a mais antiga até agora descoberta, e que, por conseguinte, as suas 61 marcas representam alterações corporais que eram práticas terapêuticas exercidas pela sua cultura muito antes do seu nascimento, dando informação sobre a prática da marcação do corpo e da sua existência anterior na história da humanidade.

Figura 1.
Algumas tatuagens presentes no corpo de Otzi



Nota: Otzi, *The Iceman*, morreu há mais de 5000 anos nos Alpes italianos e contém 61 tatuagens no seu corpo. Investigadores sugerem que estas tatuagens eram feitas por motivos terapêuticos, e não decorativos. 3500 - 3100 a. C. South Tyrol Museum of Archaeology. <https://archaeology.org/issues/november-december-2013/collection/oetzi-copper-age-alps-iceman-tattoos/ancient-tattoos/>

2.2. Tatuagens na Antiguidade

Antes da descoberta de Otzi, já tínhamos evidências de que a prática da tatuagem era exercida no antigo Egito, através de documentos escritos, restos físicos e obras de arte. Primeiramente, os investigadores acreditavam que só as mulheres egípcias tinham marcas de tatuagem, pois, até então, só tinham sido encontradas múmias femininas tatuadas datadas entre 2000 e 1000 a. C, como a de Amuet, uma sacerdotisa da deusa Hathor durante a Dinastia XI que tinha um conjunto de padrões abstratos colocados aleatoriamente no corpo. Muitas outras múmias femininas foram encontradas com padrões abstratos semelhantes espalhados pelo corpo, mais ou menos datados da mesma época que Amuet, até à descoberta de duas múmias, feminina e masculina, ambas com a presença de tatuagens, pertencentes a uma coleção de 6 múmias chamadas Gebelein encontradas em 1900 (Gibbens, 2018). No *Journal of Archaeological Science* foram publicados os resultados desta investigação, onde mencionam que no corpo masculino observaram imagens de animais conhecidos na arte Pré-dinástica, sendo possivelmente o de um touro selvagem e uma ovelha Barbary, que, apesar de o significado permanecer vago e indefinido, sabe-se que o touro carrega o simbolismo do poder e da virilidade masculina (Friedman et al., 2018). No corpo feminino, são avistados quatro símbolos semelhantes a um “S” no ombro e um “L” no abdómen (Gibbens, 2018), ambos os

motivos são, de acordo com os investigadores, difíceis de interpretar, porém podem ser vistos como bastões, ou símbolos de poder e de estatuto social ou um instrumento de ritual (Friedman et al., 2018). Situação contrária à das primeiras múmias encontradas que apresentavam elementos abstratos, que podiam ter conotações religiosas ou seculares (Bianchi, 1988). Ainda sobre tatuagens femininas a arqueóloga Joann Fletcher é mencionada no artigo da revista Smithsonian, dizendo que apesar de as tatuagens femininas terem sido conectadas a meretrizes ou marcas que protegiam as mulheres de doenças sexualmente transmissíveis, a tatuagem do antigo Egito, nas mulheres, tinha um papel terapêutico e simbólico da sorte para os tempos difíceis da gravidez e do nascimento (Lineberry, 2007 e Anderson, 2023). Estas são consideradas as tatuagens figurativas mais antigas até hoje encontradas.

Figura 2.
Presença de tatuagens em mulheres egípcias



Nota: Figura em faiança egípcia (2033 - 1710 a. C) e a tigela egípcia (1400 - 1300 a. C). A existência de tatuagens em mulheres no antigo Egito é comprovada através de múmias e estatuetas que contêm padrões geométricos desenhados na pele. Supõe-se que estas tinham o objetivo de simbolizar a feminilidade e sexualidade. Rijksmuseum Van Oudheden, Leiden, Países Baixos. <https://archaeology.org/issues/november-december-2013/collection/faince-egypt-amunet-hathor-bes/ancient-tattoos/>

Entre as primeiras culturas a desenvolver tradições de tatuagem estavam os gregos antigos, que forneciam evidências de tatuagem datadas do século V a.C. De acordo com o escritor Grego Heródoto (484-426 a.C.), os Gregos antigos adotaram dos Persas no Século VI a.C. tanto a aprendizagem da prática de tatuar como atribuí-la a uma conotação penal, ou seja, usando estas para instruir e disciplinar os escravos, prisioneiros e criminosos de guerra. Estes escravos eram tatuados

com a letra delta, que significava escravo, assim como os prisioneiros teriam ofensas tatuadas na testa ou outro local que fosse exposto, como punição. Heródoto acrescentou também que os Persas atribuíram aos habitantes de Tebas uma tatuagem de identificação, como uma sentença por deserção. Os guerreiros de Siracusa tatuavam um cavalo, o emblema de Siracusa, nos cativos atenienses (Lineberry, 2007 e Anderson, 2023).

Ao contrário dos Persas, os Atenienses e os Sâmios usavam tatuagens como símbolos de vitória ou derrota em batalhas navais. Provas literárias e arqueológicas mostram que os Trácios antigos eram a única exceção, que, de acordo com Heródoto, as tatuagens eram vistas como um sinal de cortesia e de alto estatuto social, enquanto a falta delas era um sinal de classe baixa. Contrariamente, a tatuagem era considerada um sinal de castigo para as mulheres de Trácia, representando o desmembramento e decapitação de Orfeu, um lendário músico da antiguidade, que segundo o mito, atraía os maridos com a sua música. As tatuagens podiam ser usadas também para comunicar mensagens secretas, como foi o caso de Histieus que tatuou uma mensagem para Aristágoras, de forma a inspirá-lo à revolta.

Figura 3.
Vaso grego a representar um Trácio com tatuagens



Nota: Na época Greco-romana antiga, as tatuagens eram vistas como marcas de punição, usadas em criminosos, escravos e inimigos derrotados. Em Roma, escravos e gladiadores eram tatuados, porém, em outras culturas antigas, como os Trácios e os Celtas, as tatuagens eram vistas como símbolos de orgulho e estatuto social. 450 - 440 a. C. <https://archaeology.org/issues/november-december-2013/collection/thracian-greco-roman-athens-samian/ancient-tattoos/>

Na antiga Grécia, para ser completamente “belo” teria de haver uma combinação de beleza física e moral, que eventualmente iria ligar com uma beleza divina e, por conseguinte, ter tatuagens iria contra esta crença. (Kyriakou et al., 2020). Por esse motivo, na cultura grega as tatuagens tinham o nome de *stigma*, termo que estava relacionado com os sinais do corpo, e eram associadas aos delinquentes e aos aspetos desvalorizados a nível moral de cada indivíduo. A prática da tatuagem foi-se espalhando até chegar aos romanos, ao surgimento do Cristianismo e do imperador Constantino que banuiu as tatuagens e denominou-as uma prática pagã que desfigurava o que era feito por Deus (Lineberry, 2007 e Anderson, 2023). Devido ao estigma associado à tatuagem, médicos gregos e romanos desenvolveram métodos dinâmicos para a remoção dessas marcas indesejadas. Essas técnicas incluem duas receitas principais: uma que envolve lima, gesso e bicarbonato de sódio, e outra com pimenta, arruda e mel. Ambos os métodos seguiam um processo semelhante de preparação, começando com a limpeza das tatuagens com nitro, seguida da aplicação de resina de terebinto e a sua obstrução com ligaduras de linho, sendo que ao fim de cinco dias depois este processo teria de ser feito outra vez. Dizia-se que este método conseguia remover tatuagens num prazo de 20 dias, sem causar grandes ferimentos ou cicatrizes. Posteriormente, surgiram outros métodos para remover tatuagens, que incluíam ingredientes como vinagre e fezes de pombo, entre outros, embora não se saiba ao certo a sua eficácia (Gilbert, 2000).

A prova mais antiga que temos da existência da prática da tatuagem na China provém de uma múmia de 1200 anos a.C., encontrada no deserto Taklamakan. Carrie Reed, em *Tattoo in Early China* (2000), defende que a existência das tatuagens na China era um pouco limitada ao comparar com outras culturas. Esta prática era usada, geralmente, para caracterizar um povo diferente da população, ou seja, para punir escravos ou criminosos. No entanto, estas também serviam para adornos faciais e eram usadas por militares, por vezes, ligadas a um tipo de tatuagem figurativa e textual. Na China ter uma tatuagem era ser visto como impuro e incivilizado, assim como um motivo de vergonha, devido à prática ser exercida por povos denominados bárbaros, pela punição ou até pela crença de que o corpo deve ser mantido tal como lhe foi dado pelos pais.

No que diz respeito ao Japão, as provas mais antigas da existência de tatuagens são encontradas em figuras de argila, datadas de 5000 a.C., com rostos gravados de maneira a apresentarem marcas de tatuagem, assim como outras encontradas em túmulos do segundo e terceiro milénio a.C. Estas

figuras serviam como protetores vivos para acompanhar, simbolicamente, os mortos e a sua passagem pós-morte. Acreditava-se também que essas marcas tivessem significado religioso ou mágico. Em 297 a.C., na história da dinastia chinesa, foram encontrados textos que falam que homens japoneses tinham a cara tatuada e o corpo coberto com desenhos, independentemente da idade. Isto deu-se até ao Século VII, quando os japoneses adotaram muito da cultura e dos costumes chineses, tornando a tatuagem como uma forma de identificar os criminosos e exilados: uma cruz no interior do braço ou uma linha na parte exterior, os criminosos eram tatuados com uma variedade de símbolos que refletissem o local onde os crimes foram cometidos. Esta prática era reservada a crimes graves e por sua vez quem as tivesse estaria também condenado ao desprezo familiar e ao isolamento de qualquer vida entre a comunidade, que para a cultura japonesa era uma pena austera e atroz, pois a filiação familiar e a posição social eram valores que eram muito valorizados. No final do Século VII a tatuagem decorativa passou a ter uma conotação negativa, devido ao facto de terem sido usadas em outros contextos de penalização. As tatuagens decorativas foram primeiramente descritas no romance erótico intitulado *The Life of an Amorous Man* (1682) que reportava que tatuagens decorativas com promessas de amor eram comuns entre diversas classes, como cortesãos, prostitutas, padres e acólitos. No entanto, devido à prática entre a população de criminosos, que começaram a cobrir as suas antigas tatuagens penais com padrões decorativos maiores, a tatuagem passou a estar associada com o crime organizado do Japão. Com o desenvolvimento e aparecimento das ilustrações em xilogravura a prática da tatuagem também foi ganhando o seu destaque entre a vida noturna de Tóquio, até ao aparecimento do regime autoritário e repressivo de Tokugawa (1600-1968), que proibia o contacto com o mundo exterior e via qualquer expressão de liberdade pessoal como uma ameaça. Por essa razão e pela relação com antigas práticas criminosas, as tatuagens são proibidas, declaradas como algo que corrompe a moralidade pública. Contudo, a tatuagem não passou à sua inexistência, continuando a ser exercida pelas classes mais desfavorecidas, especialmente praticada por gangues com o nome *Yakuza*, que expressavam os seus ideais pela prática de tatuar. A prática da tatuagem era um processo doloroso, mas para os *Yakuza*, essa dor simbolizava coragem. Além disso, a ideia de permanência associada à tatuagem refletia a lealdade dentro do grupo. No entanto, por ser ilegal, os *Yakuza* eram frequentemente marginalizados pela sociedade. Ainda hoje se pratica o tipo clássico de tatuagem japonesa com ilustrações específicas, representando heróis e motivos religiosos, possivelmente combinados com certos animais e flores simbólicas ou fundos com ondas, nuvens ou trovões (Gilbert, 2000)

Figura 4.
Pele preservada de membro do grupo Yakuza



Nota: Peça exposta no “The medical Pathology Museum - Tokyo University”. O Dr. Masaichi Fukushi preservava pele tatuada de corpos doados e exibia-as em vitrines de vidro. Este oferecia-se para financiar a tatuagem em troca da pele da pessoa após a morte. A sua inclui 105 peles tatuadas preservadas, muitas sendo de corpo inteiro. https://www.britishmuseum.org/collection/object/EA_Oc-B6-13.

2.3. Tatuagens em Culturas Indígenas

De acordo com o professor britânico Steve Gilbert, no livro *Tattoo History* (2000), só no Século XIX é que antropólogos ocidentais decidiram investigar as tatuagens da Polinésia, chegando a apenas pequenos fragmentos de escritos europeus que descreviam os desenhos das tatuagens polinésias e a sua relação com tradições, mitos e motivos religiosos, evidenciando a alta habilidade desta prática no mundo antigo, caracterizada principalmente por padrões com formas geométricas que eram gravados no corpo de cada indivíduo ao longo da sua vida, acabando por cobrir totalmente o corpo. A cultura da Polinésia distingue-se pela sua habilidade artística, pois tudo era decorado: canoas, cerâmica, armas, ferramentas e até os próprios corpos humanos.

Para a história da tatuagem é importante o conhecimento das peças cerâmicas encontradas, datadas cerca de 1500 a. C, da cultura Lapita ou de antepassados da cultura polinésia. Gilbert Steve (2000) aponta que o arqueólogo Roger Green descreve estas peças decoradas com formas em “V”, padrões geométricos e motivos ou marcas parecidas com criaturas marítimas, equivalente às marcas que eram inscritas nos corpos. Por esse motivo, acredita-se que a técnica usada para a gravação na cerâmica era semelhante à técnica de tatuar o corpo. Os instrumentos mencionados têm pelo menos 3000 anos e consistiam em pedaços planos de osso em forma de cinzel afiados em uma das extremidades formando uma série de dentes pontiagudos, como um pente, estando preso a um longo cabo de madeira. A tatuagem era exercida molhando o instrumento em um pigmento preto feito de fuligem e água e batendo no instrumento com um pequeno martelo, sendo esta uma técnica que ainda se mantém para a realização da tatuagem tradicional em Samoa.

A tatuagem polinésia foi aperfeiçoada em Tonga e Samoa e conectada com diversos significados. Os guerreiros em Tonga eram tatuados da cintura até ao joelho com vários padrões geométricos, triângulos repetidos, linhas e por vezes, zonas cobertas de preto sólido, que carregavam um significado social e cultural. Já na antiga Samoa a tatuagem desempenhava um papel importante tanto na guerra como religiosamente e por conseguinte, o cargo de artista ocupava uma posição hereditária e muito privilegiada. As mulheres de Samoa tinham tatuagens mais delicadas com padrões geométricos semelhantes a flores nas mãos e na parte inferior do corpo.

Sendo a polinésia uma cultura importante para o desenvolvimento da tatuagem, outra cultura que ainda mantém um prestígio no que toca à prática de tatuagem indígena são os da cultura Maori. Peter Gathercole, antropólogo, professor e arqueólogo, expõe a sua pesquisa sobre a cultura Maori e a sua tatuagem designada de “Moko”, definindo-a como uma prática que vai para além do estético, moldando a narrativa cultural da Nova Zelândia (Rubin, 1988).

A tatuagem Moko, da cultura Maori, distingue-se das outras culturas pela sua abordagem única: as composições são cuidadosamente cortadas na pele, utilizando cinzéis, dentes de tubarão, ossos de pássaro, pedras afiadas ou mesmo facas, criando uma fissura onde depois seria inserida a tinta. Mais do que uma simples expressão artística, esta prática é um testemunho de resistência, onde a dor do processo é não só suportada, mas valorizada e a não tolerância dessa dor era considerada uma fraqueza e indignidade, especialmente para os homens. (Robley, 2003)

Ao fundir-se com outras formas artísticas da cultura Maori, a tatuagem Moko torna-se uma representação viva de uma identidade cultural. David Simmons (1997), etnólogo e historiador, destaca que no final do século XIX, as tatuagens femininas ganharam destaque, enquanto as masculinas se tornaram mais raras. No entanto, atualmente, ambos os gêneros adotam a tatuagem Moko como um símbolo profundo de identidade e integração.

A raiz histórica da tatuagem Moko remonta ao próprio surgimento da cultura Polinésia, já referida no início deste capítulo, evidenciada por instrumentos de tatuagem óssea da cultura Lapita, datados do final do segundo milênio a.C. Esta prática era realizada por especialistas masculinos chamados “tobungata-moko” e, apesar de ser iniciada após a puberdade, era um costume contínuo ao longo da vida.

Muitos escritores, como Gathercole (1988) e Robley (2003), argumentam que a quantidade e a qualidade da tatuagem Moko frequentemente refletia o estatuto social, ou seja, aqueles que exibiam desenhos faciais mais elaborados eram geralmente mais prestigiados. A tatuagem Moko tornou-se algo pessoal, usando símbolos como meio de comunicação. Chefes não alfabetizados no início do século XIX desenhavam as suas tatuagens em documentos oficiais como assinaturas, desta maneira a ausência de uma tatuagem Moko tinha implicações sociais significativas, sendo uma cara não tatuada considerada nua e indigna, fazendo com que houvesse um afastamento da sociedade. Esta era assim considerada como uma máscara facial estilizada, conhecida como a “Maori Way”, expressando a ideia de personalidade social, retratada em esculturas dos antepassados mais respeitados.

Figura 5.
Retrato com detalhe representando a tradicional Moko
(tatuagem)



Nota: Londres. Fotografia do chefe Maori Tamati Waka Nene, tirada por Josiah Martin de uma obra de arte de S.Stuart. Esta obra de arte pode ter sido baseada numa fotografia de Tamati Waka Nene, tirada por Elizabeth Pulman na década de 1860. Século 19. Encontra-se no “The British Museum”. https://www.britishmuseum.org/collection/object/EA_Oc-B6-13.

O primeiro contacto europeu com os Maori foi em 1642, pelo navegador holandês Abel Tasman, embora não tenha havido relatos de tatuagens. A revelação mais profunda da prática de tatuagens ocorreu em 1769, quando o Capitão Cook visitou as ilhas. Foi através de Cook que a palavra “tattoo” se tornou conhecida entre os europeus, derivada da linguagem polinésia “tattow”. (Robley, 2003)

A junção destes elementos e símbolos, sendo as espirais as mais conhecidas, organizados de diversas maneiras são um testemunho visual da história de vida de cada indivíduo, uma narrativa visual, assim esta tradição está intrinsecamente ligada à memória e comunicação visual, desempenhando funções documentais e ornamentais na cultura Maori.

2.4. Proibições e Estigmatização

Como referido no início deste capítulo, a prática da tatuagem ao longo do tempo foi frequentemente associada a conotações negativas e de punição. Na Grécia Antiga, as tatuagens eram utilizadas como uma forma de castigar criminosos e escravos, assim como para a sociedade eram consideradas um costume bárbaro, e aqueles que as possuíam eram tratados com desdém pelas classes sociais mais elevadas. Os prisioneiros condenados por crimes graves na Grécia Antiga tinham os seus crimes tatuados em locais visíveis, como a testa, para facilitar a identificação em caso de fuga e para que a punição fosse continua, mesmo após a sua libertação, como forma de estigmatização. No entanto, entre os Trácios, as tatuagens eram símbolos de cortesia e alta posição social para os homens, enquanto para as mulheres representavam punição e vergonha (Kyriakou et al., 2021)

Na Roma Antiga, assim como na Grécia, as tatuagens eram usadas para marcar prisioneiros, gladiadores e criminosos, mas com a chegada do cristianismo, o uso das tatuagens tornou-se mais utilizado para outros significados, o de devoção a Deus. Contudo, o Imperador Constantino, inicialmente, banizou as tatuagens faciais, argumentando que o rosto era criado à imagem de Deus, independentemente de quem fosse, mas após algum tempo, proibiu totalmente a prática da tatuagem, considerando-a um costume pagão (Gilbert, 2000).

Na Idade Média, as tatuagens assumiram um carácter mais simbólico e cristão, geralmente associadas a peregrinos que caminhavam em direção à Terra Santa, dando aspetos de uma identidade comunitária dedicada à homenagem a Deus. Apesar de a tatuagem em si nunca ter sido proibida durante esta época, as mesmas teriam de ser com a intenção de adulação a Deus ou algo que viesse ao encontro das crenças cristãs e não com propósitos pagãos, pois assim seriam mal vistos pela sociedade (Fusillo, 2022).

Num contexto oriental, como mencionado, as tatuagens eram associadas a pessoas não civilizadas. Na China, crimes graves eram frequentemente punidos com tatuagens, com o propósito de ostracizar e castigar os criminosos, e aqueles que escolhessem adquirir uma tatuagem decorativa eram descritos como “tipos desagradáveis” (Luzier, 2023). Mais tarde, este costume passou para o Japão que inicialmente, por vir da China, era associada também a práticas criminosas. As tatuagens tiveram o seu destaque e ganharam o seu valor ilustrativamente, porém, voltaram a ser mal vistas pois foram adotadas por gangues, como os Yakuza.

No século XIX, as tatuagens tornaram-se populares entre marinheiros, criminosos e membros de gangues, um pouco por todo o mundo (Gilbert, 2000). Os circos ou *Freak Shows* começaram a ser populares nos Estados Unidos da América, trazendo consigo a exibição de mulheres fortemente tatuadas como atrações em museus e espetáculos. Este ambiente, apesar da sua atmosfera de entretenimento, também carregava uma carga de preconceitos, com raízes racistas, capacitistas e imperialistas.

Durante a era vitoriana, um período em que as tatuagens eram predominantemente associadas aos homens, as mulheres tatuadas enfrentavam um preconceito social, sendo vistas como revoltadas e depravadas. Para contrariar essas normas sociais, Nora Hildebrandt, uma jovem de 22 anos e filha de Martin Hildebrandt, proprietário do primeiro estúdio de tatuagem americano, desafiou as expectativas sociais ao tornar-se uma das primeiras mulheres tatuadas da época, exibindo 365 tatuagens no seu corpo. Nora procurou escapar ao julgamento da sociedade inventando uma narrativa fictícia na qual ela e o seu pai teriam sido raptados por nativos americanos, sendo ele obrigado a tatuar a filha, como punição. No entanto, a realidade revelava uma escolha consciente por parte de Nora em adotar a arte da tatuagem.

Figura 6.
Retrato de Nora Hildebrandt



Nota: Uma das primeiras mulheres a ser tatuada. Fotografada por Charles Eisenmann. 1880. Coleção de Adam Woodward. <https://artblart.com/tag/nora-hildebrandt/>.

A história elaborada por Nora tornou-se um padrão para outras mulheres que, desejando conscientemente adornar os seus corpos com tatuagens, adotavam a mesma narrativa como uma estratégia para evitar a discriminação social, uma forma de contrariar o julgamento, permitindo que mulheres expressassem a sua escolha de maneira mais aceitável aos olhos da sociedade da época (Luzier, 2023).

Foi também no século XIX que as tatuagens dos marinheiros começaram a ter destaque, conhecidas pelos seus símbolos marítimos, que acreditavam ajudar a sua sobrevivência no mar, símbolos que remetiam para as suas casas ou cidades natais e nomes de entes queridos.

A meio do século XX, a Alemanha viu-se envolvida num conflito racial que desencadearia um dos eventos mais criticados da História: o início da Segunda Guerra Mundial. Com a ascensão dos nazis, seguiu-se a subjugação dos judeus, marcando o exemplo mais desprezível de tatuagens involuntárias, marcando na pele de centenas de milhares de prisioneiros números de identificação

no maior campo de concentração nazi, Auschwitz-Birkenau. Ao chegarem ao campo, era-lhes gravado um número, uma marca que não só os identificava, mas também os descaracterizava, destinada a substituir o nome e a reduzir seres humanos em números, com o propósito de facilitar o controlo sobre os prisioneiros e identificar os corpos mesmo após a sua morte. Esta desumanização não fazia distinção de idade ou gênero. Desde recém-nascidos até idosos, homens e mulheres, todos eram marcados como se fossem meros objetos, tornando essas tatuagens em símbolos de opressão e trauma, levando muitos prisioneiros a relatarem a sensação de serem tratados como objetos ou animais. Esta prática mostrou-se ser, especialmente, traumática para os judeus ortodoxos, que temiam que, como a Lei Mosaica proíbe a tatuagem, perderiam o direito a um enterro judaico (Luzier, 2023).

Figura 7.
Tatuagem feita nos campos de concentração



Nota: Estas tatuagens tinham o objetivo de identificar os prisioneiros. <https://sydneyjewishmuseum.com.au/news/the-perpetual-markings-of-auschwitz/>

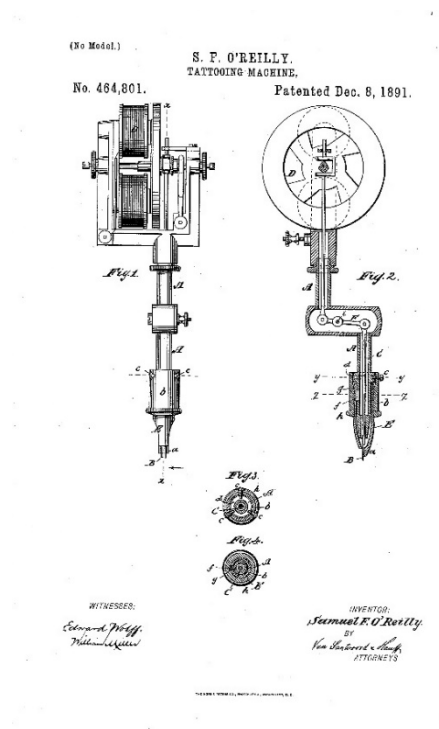
Apesar do estigma histórico, a tatuagem começou a perder a sua reputação negativa no final do século XX, tornando-se popular entre as classes média e alta. No entanto, certos tipos de tatuagens, como as associadas a gangues ou prisões, ainda são estigmatizantes. Atualmente, a tatuagem é amplamente aceite como uma forma de arte corporal em muitas culturas, porém é importante conhecer as proibições e a estigmatização para entender o significado e simbolismo por trás da prática da tatuagem.

2.5. Tecnologia e Inovação

Esta parte sobre as tecnologias e inovações da tatuagem foi suportada pelo livro de Margo DeMello, “Bodies of Inscription” (2000). DeMello começa por explicar que a prática da tatuagem nos Estados Unidos estava a ser adaptada pelos primeiros tatuadores para responder a uma sensibilidade local, muito ligado ao patriotismo e não ao exotismo, mesmo tendo o conhecimento que indígenas tatuados estavam a ser apresentados ao público em feiras internacionais e exposições de baixo custo. As primeiras representações de tatuagem eram de origem europeia e muitas ainda eram realizadas manualmente, no entanto estavam a acontecer muitos avanços tecnológicos em máquinas, design e pigmentação resultando rapidamente em uma versão aproximada do que é a tatuagem genuinamente americana.

O pioneiro reconhecido como o primeiro tatuador profissional nos Estados Unidos e também no ocidente foi Martin Hildebrandt, que inaugurou, em 1846, um estúdio permanente na cidade de Nova York, tatuando não só marinheiros, mas também soldados e desempenhando um papel crucial na criação da tradição americana de tatuagens militares. Até 1890, as tatuagens eram realizadas manualmente, utilizando métodos inspirados na Polinésia, o que tornava esta prática um processo demorado e dispendioso. Deste modo, nasce uma necessidade de criar algo que ajudasse a tornar esta atividade mais eficiente. Consequentemente, em 1891, o professor Samuel O'Reilly apresenta a primeira máquina de tatuar elétrica em Nova York, baseando-se na caneta elétrica desenvolvida por Thomas Edison. Esta inovação permitiu que as tatuagens fossem menos dolorosas, acessíveis financeiramente, contribuindo para a disseminação dessa prática e alcançando principalmente as classes sociais mais baixas. Proporcionava uma rápida aplicação, podendo ser usadas várias agulhas em simultâneo para a realização de contornos e sombras, dando origem ao estilo de tatuagem americano.

Figura 8.
Máquina elétrica de tatuagem, por Samuel O'Reilly



Nota: O'Reilly construiu a máquina de tatuagem elétrica a partir da ideia da caneta elétrica de Thomas Edison, em 1891. <https://www.irishamerica.com/2016/03/oreillys-tattoo-machine-fine-art-for-the-masses-2/>

A introdução da tatuagem mecânica desempenhou um papel significativo na consolidação da associação entre tatuagens e feiras, chamadas de *Midway*, uma vez que ambos os elementos - a máquina de tatuagem elétrica e os passeios mecânicos das *Midways* - simbolizavam o auge da modernidade para os residentes urbanos do final do século. Um variado grupo de homens e mulheres nos Estados Unidos tinham adotado esta prática no final do século XIX e início do século XX. No entanto, os clientes mais comuns eram, predominantemente, militares e, especialmente, homens da marinha, que procuravam tatuar símbolos patrióticos ou nomes de entes queridos que deixariam para trás durante os seus compromissos militares. Geralmente era durante os tempos de guerra que a procura das tatuagens aumentava consideravelmente, tornando-se uma oportunidade para os tatuadores da época.

A maioria dos tatuadores era proveniente da classe trabalhadora e com falta de formação artística ou académica. Muitos eram pintores de letreiros, aprendizes da tatuagem em ambientes como o

circo ou *Midways* e outros que respondiam a anúncios em revistas masculinas que prometiam lucros rápidos por meio da tatuagem, como por exemplo a Escola de Tatuagem Milton Zeis, que, nos anos de 1850, introduziu o primeiro curso de tatuagem, sugerindo que tatuar era tão fácil e acessível que “até uma criança conseguia fazer” (DeMello, 2000, p.51). Geralmente, ao entrar num estúdio de tatuagem, é apresentado aos clientes uma parede disposta com várias folhas com designs diferentes, com os temas clássicos de representações de mulheres no estilo *pin up*, insígnias militares, navios, anedotas, desenhos animados, animais selvagens, facas e caveiras. Todas estas folhas eram conhecidas como *flashes* (Sanders, 1988), um costume que persiste até aos dias de hoje. No início do século XX, dá-se a primeira comercialização destas folhas pelo “Lew-the Jew” Alberts, um tatuador e designer de papel de parede. No entanto, esta prática das folhas torna difícil determinar as origens da maioria dos desenhos de tatuagens, pois, apesar de os tatuadores assinarem as suas próprias folhas, havia uma constante reformulação por parte de outros artistas ao adquirirem os desenhos iniciais, introduzindo pequenas alterações e atualizando a autoria (DeMello, 2000).

Todos estes acontecimentos contribuíram para o surgimento de uma verdadeira *Golden Age* da tatuagem, como menciona DeMello (2000, p. 63). A tatuagem como um negócio foi crescendo no século XX, com a abertura de estúdios e lojas destinados a essa prática, mesmo sendo localizados em becos, circos e feiras, sítios ocultos da sociedade. Estas lojas eram frequentadas por diversos homens, incluindo marinheiros, feirantes, trabalhadores e jovens que pretendiam seguir a prática da tatuagem procurando essa aprendizagem. As mulheres eram raramente tatuadas nos anos de 1850, já que a sociedade sustentava a ideia de que “Boas raparigas não têm tatuagens” (DeMello, 2000, p.61), contudo, não eram inexistentes. Se uma mulher escolhesse ser tatuada tinha que ter mais de 21 anos, apresentar um documento que comprovasse o seu estado civil como estando casada, e estar acompanhada pelo marido, a menos que se tratasse de uma mulher lésbica e aí o único requisito passaria a ser exclusivamente o da idade, refletindo as normas sociais da época e as atitudes complexas em relação à tatuagem e ao papel de género. Desse modo, a tatuagem nos anos de 1840 e 1850 era considerada predominantemente uma prática masculina.

Como já foi mencionado, o período entre as duas guerras mundiais ficou marcado como *Golden Age* da tatuagem, alcançando um grande nível de aceitação social, associado ao patriotismo e ao apoio a *Uncle Sam*, uma personificação do patriotismo dos Estados Unidos da América. O sistema

de tatuagem tradicional americana, clássica e universalmente conhecida, englobava as tatuagens populares entre militares desde o início do século XX até ao final da Segunda Guerra Mundial, que apesar de não serem exclusivas dos mesmos, eram especialmente predominantes entre essa população, influenciando tendências em imagens, estilo e posicionamento, assim como era o caso dos marinheiros, que também se destacavam como os principais clientes dos serviços de tatuagem devido à sua longa tradição.

Simultaneamente, começou a surgir uma maior preocupação e atenção às regras de higiene e idade por parte da sociedade, pois até então a esterilização era praticamente inexistente, com o uso de água reutilizável para limpar as agulhas entre clientes, esponjas sujas para higienizar os braços e tanto a tinta como as agulhas eram frequentemente compartilhadas entre clientes. Nos anos de 1960, a popularidade da tatuagem enfrentou uma queda acentuada, acabando por resultar no fecho de muitos estúdios e até em algumas áreas dos Estados Unidos a proibição da prática devido ao aumento de casos de Hepatite. Além disso, as associações negativas estabelecidas pelos Nazis durante a Segunda Guerra Mundial nos Campos de Concentração contribuíram para a crescente estigmatização da tatuagem. Mesmo assim, as tatuagens continuavam a ser exercidas entre os homens da classe trabalhadora, adquirindo as tradicionais tatuagens americanas. Porém um novo estilo de tatuagem associado aos *motards* começava a ganhar o seu destaque, dando início a um período em que a tatuagem assumia uma natureza provocadora, confrontando não só os novos valores da classe média, mas também os padrões de tatuagens tradicionais patrióticas. Este período reforçou as visões negativas da sociedade pós-guerra sobre a prática da tatuagem, contribuindo para uma imagem cada vez mais desfavorável da tatuagem e a fragmentação da mesma, relacionada com sinais de marginalidade, com imagens, estilos e costumes sociais que foram adaptados para pertencer a diferentes subculturas, como é o caso dos *hippies* nos anos de 1960 e os *punks* nos anos de 1970 e 1980.

2.6. Renascimento da Tatuagem

Tattoo Renaissance é um período marcado por mudanças tecnológicas, artísticas e sociais. Arnold Rubin (1988) foi um dos primeiros, senão o primeiro a introduzir e explorar esta denominação,

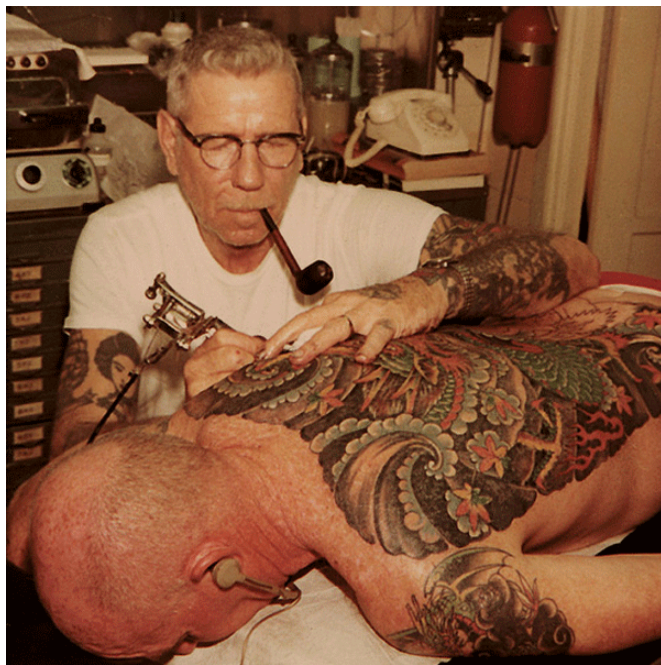
explicando a evolução das influências que moldaram a prática, salientando em particular os Estados Unidos. Rubin também dá contexto a um estilo que antecedeu o “Renascimento”, o *International Folk Style*, caracterizado por desenhos aglomerados, algumas vezes executados por vários tatuadores diferentes num único cliente, que resulta num conjunto de estilos e tamanhos diferentes, com imagéticas contrastantes e com pouca atenção à sua relação com as formas do corpo. A contribuição de Margo DeMello (2000) foi fundamental para esclarecer e expandir as ideias propostas por Rubin, expressando-as de forma mais explícita e oferecendo uma compreensão mais aprofundada deste conceito.

Durante o período *Tattoo Renaissance*, as tatuagens deixaram de ser decorações simples para se tornarem símbolos de resistência, impostos por membros da contracultura, que adotaram as mesmas como uma forma de desafiar os valores heterossexuais, caucasianos e de classe média, fazendo surgir imagéticas e temas novos que refletiam um descontentamento com as normas estabelecidas. Para além disso, o perfil dos tatuadores também tinha mudado, muitos jovens, homens e mulheres já tinham uma formação em artes plásticas, entrando para este meio ao lado de tatuadores mais tradicionais, inspirados por culturas exóticas como o Japão, Bornéu, Samoa e tribos nativas americanas. Estes novos profissionais trouxeram uma nova abordagem para a tatuagem, desafiando as regras estabelecidas e impulsionando a arte a novos níveis de criatividade e expressão.

Sailor Jerry Collins, também conhecido como Norman Keith Collins, é uma figura importante no mundo da tatuagem, reconhecido pela sua contribuição significativa para a arte, assim como, pelas suas grandes inovações na introdução da imagética da tatuagem japonesa na América. Jerry, inspirado por romances e mitos orientais, procura trazer esta tradição da tatuagem de corpo inteiro no estilo que foi caracterizado anteriormente. Recupera em particular as suas criaturas míticas como dragões e tigres, no meio de ondas estilizadas, vento e flores. Este gosto torna-se especial para o público ocidental que defendia uma forma artística diferente. Em 1960, abre o seu último estúdio de tatuagem em Honolulu, *Chinatown*, onde começa a estabelecer uma conexão com tatuadores japoneses como Horihide (Kazuo Oguri) e Pinky Yun de Hong Kong, trocando máquinas de tatuar americanas e agulhas pelos *designs* e conselhos dos mesmos. Jerry ficava especialmente impressionado com a técnica japonesa no uso das cores e sombreados, assim como a atenção minuciosa dada ao corpo como objeto para expressão artística. No entanto, apesar de colaborar com tatuadores japoneses, Jerry nunca se esqueceu do ataque a Pearl Harbor e, como tal, procurou criar um

estilo americano que fundisse elementos do Japão com a identidade dos Estados Unidos, como uma espécie de retribuição artística. Este estilo, denominado por Jerry como “Jap Style”, incorporava elementos como o vento, as ondas e a tatuagem de corpo inteiro para representar a história e a cultura Pop americana.

Figura 9.
Sailor Jerry Collins a realizar uma tatuagem.



Nota: Norman Keith Collins, mais conhecido como Sailor Jerry, juntou a identidade americana com o estilo de composição japonesa. <https://sailorjerry.com/en/norman-collins/>

A introdução da estética da tatuagem japonesa nos Estados Unidos teve um grande impacto na história do período *Tattoo Renaissance* por diversas razões. DeMello (2000) salienta entre essas razões, em primeiro lugar, a diferença significativamente em relação à tradicional tatuagem americana, que muitas vezes consistia em *designs* de emblemas dispersos pelo corpo e, em segundo lugar, o destaque pelo seu estilo único, imagens elaboradas, técnicas refinadas e a integração do corpo como parte integrante da própria composição.

Enquanto a tatuagem americana era frequentemente vista como folclórica e primitiva, a tatuagem japonesa era considerada moderna, sofisticada e associada a um lado mais espiritual e delicado do

Oriente. Estas diferenças marcantes entre os dois estilos ressoaram entre a comunidade da tatuagem e contribuíram para a evolução da mesma. Para além disso, a tatuagem japonesa trouxe consigo não só uma nova variedade de imagens, mas também esperança para aqueles que tinham voltado a olhar negativamente para a prática da tatuagem, devido à influência das contraculturas e mudanças sociais. A sofisticação estética e a diversidade simbólica da tatuagem japonesa proporcionaram uma nova perspetiva sobre a arte do corpo, renovando o interesse e aceitação dessa forma de expressão. Desta forma, a introdução da estética japonesa na tatuagem americana não só diversificou as opções visuais disponíveis para os entusiastas da tatuagem, como também redefiniu um novo significado cultural e social atribuído à prática, desempenhando um papel fundamental no período *Tattoo Renaissance*.

Nos primeiros anos da década de 1970, a sociedade americana passava por uma transformação cultural, impulsionada por movimentos como o *Peace Movement*, o *Civil Rights* e *Black Power Movements*, a *Stonewall Riot* e o novo *Women's Liberation Movement*, alterando a perceção e a imagética da tatuagem nos Estados Unidos. A imagética dos anos de 1960 e 1970 tornou-se conhecida pela proeminência de símbolos como o da paz, cogumelos, folhas de marijuana e signos astrológicos, frequentemente associados aos *Hippies*, que adotavam a tatuagem como forma de expressão de rebeldia, seguidos dos *motards*.

Neste contexto de mudança social, até mesmo as celebridades da época começaram a adotar as tatuagens como parte da sua imagem pública. Em 1957, Lyle Tuttle abre um estúdio em São Francisco, um dos únicos na região durante alguns anos. Embora não tenha introduzido inovações artísticas significativas, Tuttle desempenhou um papel crucial ao trazer o tema da tatuagem para o centro das atenções da imprensa. Durante a Guerra do Vietnam, Tuttle tatuou um grande número de *Hippies*, incluindo a icónica Janis Joplin e, conseqüentemente, aproveitando o crescente interesse da imprensa pela tatuagem, aparece na revista “Time and Life” e na televisão. Graças a Tuttle, uma nova geração de tatuadores teve a oportunidade de beneficiar desta atenção e crescente popularidade da tatuagem. No entanto, muitos tatuadores mais velhos começaram a ressentir-se em relação às suas influências. As tatuagens que saíam do estúdio de Tuttle refletiam as mudanças na sociedade, captando um espírito de uma época de transformação e rebeldia, enquanto São Francisco se tornara o centro das atividades antiguerra e liberdade. Antes da época marcada pelos movimentos da paz, liberdade feminina e dos direitos LGBTQ+, as tatuagens que mais se viam nos

estúdios eram com ícones militares, animais agressivos e símbolos *motards*, realizados com linhas grossas e posicionadas, principalmente, nos bíceps. Estas tatuagens por apresentarem essas temáticas e estarem posicionadas em determinadas partes do corpo, eram, geralmente, associadas à masculinidade. No entanto, com as mudanças sociais e culturais, surge uma nova era para a tatuagem com novos *designs*, associados a um lado mais feminino e adequados aos gostos da classe média, como símbolos da paz, *yin yang*, signos astrológicos e animais como golfinhos, borboletas, coelhos e gatos, tornando-se, especialmente, populares entre as mulheres e por vezes por jovens de classe média, que realizavam as mesmas nos ombros, seios e tornozelos.

Figura 10.
Lyle Tuttle a tatuar, em 1973



Nota: A tatuagem de Tule ganhou o seu reconhecimento após ter começado a tatuar celebridades da época, entre elas estavam: Janis Joplin, Joan Baez, The Allman Brothers, Peter Fonda e Cher. <https://www.nytimes.com/2019/04/03/obituaries/lyle-tuttle-dies.html>

A usabilidade das tatuagens pelas contraculturas e a influência do tatuador Lyle Tuttle desempenharam um papel importante no período *Tattoo Renaissance*. Tuttle acaba por trazer novas composições e estilos, assim como, uma preocupação na atualização dos regulamentos de saúde em São Francisco, reconhecendo que a má reputação da tatuagem era frequentemente atribuída às práticas pouco higiénicas da maioria dos estabelecimentos, salientando a importância da higiene na profissão. Para além de Tuttle, houve um destaque por parte de outros tatuadores que contribuíram significativamente para o período *Tattoo Renaissance*. Arnold Rubin (1988) usa o termo “The

first Renaissance generation” para se referir a estes homens: Cliff Raven, Don Nolan, Zeke Owens, Spider Webb e Don Ed Hardy, que nasceram durante o período *Golden Age* da tatuagem, nas décadas de trinta e quarenta, deixando uma marca permanente na prática da tatuagem e ajudando a moldar a sua evolução durante esse período de renovação cultural e social. Don Ed Hardy desempenhou um papel fundamental na transformação da tatuagem como uma profissão respeitada e reconhecida. Hardy sempre demonstrou um interesse por tatuagem e utilizou isso para aprender novas formas de arte, que o levou a ir para a *San Francisco Art Institute*, onde realizou um curso em *printmaking*. No entanto, em 1966, entra no mundo da tatuagem, aprendendo as técnicas e estética japonesa com Phil Sparrow, também conhecido como Samuel Steward. Sparrow compartilhava a visão de unir o mundo das belas-artes com a tatuagem, fascinado com a possibilidade de ir para além dos limites tradicionais e explorar novas formas de expressão artística. Em 1982, Hardy, juntamente com Ernie Carafa e Ed Nolte, organizaram a *Tattoo Expo* no navio Queen Mary, onde lançou a revista *Tattoo Time*, a primeira publicação voltada para a classe média, com o objetivo de desfazer os estigmas e sensacionalismos associados à tatuagem. Apesar de já existirem algumas revistas sobre o assunto, como *The Complete Handbook of Tattooing Techniques for the Artist*, de John Lemes (1890), Hardy pretendia promover uma visão mais ampla e positiva da tatuagem. A *Tattoo Expo* não só marcou o surgimento de uma nova abordagem para a tatuagem, como também se distinguiu pela sua inovação de incluir palestras e apresentações, fazendo com que, posteriormente, a *National Tattoo Association* adotasse esta nova maneira de conhecimento nas suas convenções anuais, reconhecendo os benefícios de oferecer uma perspectiva mais instrutiva e culturalmente enriquecedora sobre a prática da tatuagem.

Don Ed Hardy também foi responsável por popularizar a tatuagem tribal, apresentando-a na revista. As tatuagens japonesas e tribais passaram a ser vistas como expressões artisticamente sofisticadas e visualmente impactantes, em contraste com o estilo tradicional americano, que era considerado antiquado e simplório. Neste período de transformação, surgiu uma nova geração de artistas que procuravam inovar radicalmente a tatuagem. Com uma educação em artes e sensibilidade para a pintura, escultura ou fotografia, envolvem-se na prática de tatuar como uma forma de expressão artística legítima.

A tatuagem moderna é frequentemente associada a uma vasta lista de figuras ilustres, que vão desde políticos a artistas, provenientes de diferentes níveis sociais, juntam-se para afirmar a inconfundibilidade com as normas e valores convencionais da classe média. Este fenómeno ganhou destaque no período *Tattoo Renaissance*, especialmente com o crescimento de clientes pertencentes à classe média. A presença cada vez mais comum de tatuagens entre membros de diferentes estatutos sociais pode ser interpretada, de certa forma, como uma disseminação de valores não convencionais e individualistas, refletindo uma mudança na mentalidade, com maior educação, segurança económica e uma disposição para explorar novas experiências.

Nas suas análises, Arnold Rubin (1988) conclui que o período *Tattoo Renaissance* é mais um reflexo do fim da ideia da América como um conjunto de culturas distintas, tornando a tatuagem uma forma de lidar com pressões sociais e psicológicas da era contemporânea. O apelo das tatuagens “renascentistas” reside, em grande parte, na sua irreversibilidade e inalienabilidade e no inevitável encontro cara a cara entre artista e cliente. Rubin também menciona a opinião de Cliff Raven, que argumenta que uma tatuagem é simplesmente uma tatuagem, ou seja, possui a sua própria essência e não é mais uniforme do que outras formas de expressão artística, como a música ou a pintura, destacando que, por fim, é o cliente que confere o significado e o valor da tatuagem. Raven acaba por concluir que se identifica, principalmente, como um técnico e orientador, descrevendo-se como um artesão que procura alcançar a categoria de artista.

2.7. Tatuagem em Portugal

O desenvolvimento desta parte sobre as tatuagens em Portugal, dando destaque à cidade de Lisboa, tem particular suporte no catálogo da exposição “O mais profundo é a pele”, realizada em 2017 pelo MUDE - Museu do Design e da Moda e pelo Instituto de Medicina Legal e Ciências Forenses, no Palácio Pombal em Lisboa. Através dos materiais e exemplos apresentados nesta exposição, foi possível concluir que a recolha portuguesa em comparação com as mundiais, está exaustivamente documentada. Estes exemplares expostos permitem uma compreensão mais aprofundada da vivência nos bairros típicos da capital durante a metade do século XX, assim como conhecer quais eram os motivos mais comuns, o traço, as técnicas e as características dos desenhos feitos na pele, aca-

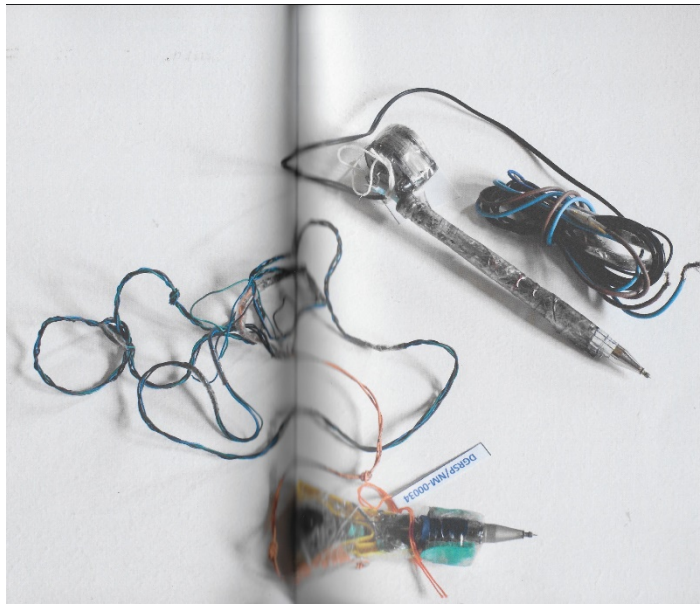
bando por chegar ao consenso de que, nesta época, a prática da tatuagem se misturava com a marginalidade, o fado e a marinhagem. O corpo é visto muitas vezes como um mapa onde se registam acontecimentos da vida e da identidade pessoal, destacando-se das outras pessoas ou encaixando-se num grupo específico. A tatuagem, neste sentido, tem um significado especial e simbólico, ao mesmo tempo que é importante para a sociedade.

Em Lisboa, a prática da tatuagem surge no início do século XX, como evidenciado pelos dois exemplares mais antigos da exposição e datados de janeiro e setembro de 1912. No contexto masculino, a tatuagem era predominantemente figurativa e motivada por diversos fatores, como a vaidade, a ostentação, estatuto, ociosidade e a cultura do meio prisional. Por outro lado, a mulher tatuada era muitas vezes retratada como a figura da meretriz, frequentemente associada a uma imagem ameaçadora e criminal, com tatuagens inscricivas, incluindo nomes de amantes e datas marcantes, de maneira a refletir relações interpessoais ou eventos significativos nas suas vidas. Estas representações ilustram as diferentes perceções de género e as normas sociais associadas à tatuagem na sociedade da época.

As máquinas de tatuar em Portugal não eram tão avançadas quanto as do estrangeiro, sendo comum o uso de métodos improvisados, como agulhas presas a paus de fósforo ou, caso fosse em um estabelecimento prisional, materiais diversos como o motor *Walkman*¹, molas, borracha, fita cola, fio elétrico, esferográfica e cartão. Também em contraste com a tatuagem estrangeira, que era caracterizada por ter uma complexidade requintada, cores vibrantes e desenhos detalhados, as tatuagens feitas em Portugal eram predominantemente unicolores, com destaque para o preto e o azul. Porém, quando faziam uso da cor tendiam a apresentar tons de verde e vermelho, sendo muito raro o uso de amarelo, eram muitas vezes simples e pouco elaboradas, com contornos grossos e traços tremidos e toscos, geralmente, executadas por indivíduos sem formação artística. No entanto, em alguns casos, consegue-se perceber uma expressão artística mais refinada, com traços definidos, o uso de técnicas como o sombreado e a perspetiva, e até mesmo influências do modernismo português em algumas composições.

¹ Motor presente nos Walkman pertencentes da Sony, aparelho portátil para ouvir músicas pré-gravadas.

Figura 11.
Máquinas de tatuagem portuguesas



Nota: Objetos ilícitos apreendidos em celas prisionais do início do século XXI, feitas com materiais do dia-a-dia. Fotografia presente no livro “O Mais Profundo é a Pele” do MUDE - Museu de Design e da Moda, Coleção Francisco Capelo. 2017. Página 98 e 99.

Os temas das tatuagens em Portugal eram variados e, de acordo com Xavier da Silva, responsável pela coleção da exposição de 2017 no MUDE, podem ser divididos em onze grupos distintos, incluindo tatuagens inscricivas (nomes, iniciais, datas), amorosas, religiosas, figurativas (animais, flores, figuras femininas, motivos da marinha, república, moda, desporto, profissões), simbólicas ou com motivos orientais. Todas eram únicas e individualizadas, embora ocasionalmente se juntassem para formar composições complexas e indecifráveis. Registos históricos mencionam nomes e endereços de tatuadores que se repetem em documentos, como é o caso da Rua da Regueira e a Rua do Benfornoso. As tatuagens eram principalmente localizadas na metade superior do corpo, como membros superiores e tórax, mesmo que também fossem encontradas em áreas singulares, como o pénis ou os pés. A prática da tatuagem era mais comum a bordo de embarcações, nos portos e nas celas ou enxovias da cadeia do Limoeiro, onde tatuadores com renome executavam as tatuagens clandestinamente, apesar da sua proibição. Apesar da possibilidade de pagamento a tatuadores profissionais, a maioria preferia fazer uma tatuagem gratuitamente por indivíduos sem experiência na área, sem qualquer tipo de atenção com a higiene ou segurança.

Figura 12.
Alguns exemplos de tatuagens portuguesas



Nota: Nesta imagem estão representadas algumas tatuagens feitas por portugueses com motivos religiosos, amorosos, sexuais, significativas, figurativos, japoneses, animais e políticos, respetivamente. Fotografia presente no livro “O Mais Profundo é a Pele” do MUDE - Museu de Design e da Moda, Coleção Francisco Capelo. 2017.

A presença da tatuagem na mulher portuguesa era relativamente rara, representando apenas cerca de 2% da população. Geralmente, essas tatuagens estavam associadas à prostituição, no entanto, também podiam ser encontradas em outras profissões femininas, como vendedoras ambulantes, peixeiras, criadas de servir, tecedeiras, costureiras ou domésticas. Muitas prostitutas que frequentavam as ruas de Lisboa, tabernas e casas de fado, envolviam-se em conflitos e atividades criminosas para sustentar os seus amantes, resultando frequentemente em prisão. As tatuagens mais comuns entre as mulheres eram as inscricivas (que têm letras ou palavras), geralmente com as datas e nomes dos amantes, muitas vezes a pedido dos próprios. Porém, também se viam tatuagens como emblemas amorosos, as 5 chagas, o signo de Saimão e alguns símbolos metafóricos. Raramente exibiam motivos religiosos e, apenas ocasionalmente, continham temas sexuais. A presença feminina também era conhecida pelas frequentes representações nas tatuagens masculinas, com nomes, expressões faciais ou corporais, e cenas eróticas ou sexuais.

Em Portugal, a prática da tatuagem era predominantemente associada a um círculo social específico, composto por figuras da vida boémia, notívaga urbana e popular, como por exemplo, fadistas,

meretrizes, delinquentes, membros da marinha e alguns aristocratas, que transitavam entre os cenários da taberna, da casa de fado e das touradas em Lisboa. Atualmente, Portugal alcançou um nível de aceitação semelhante ao de outros países em relação à prática da tatuagem, realizada por pessoas de todas as idades e géneros, refletindo uma mudança na percepção cultural e social desta prática (Ferreira, 2017).

2.8. Tatuagem Contemporânea

Durante os últimos anos, houve um aumento significativo na popularidade e influência das tatuagens na sociedade e o que antes era considerado um símbolo de rebeldia e inconformismo agora é consideravelmente aceite, até mesmo valorizado como forma de expressão pessoal. Foi com o desenvolvimento das nossas sociedades globalizadas e industrializadas que houve o surgimento de várias tendências destinadas a decorar e marcar o corpo, procurando a ideia de expressão individual e/ou prazer pessoal. Para além disto, de acordo com Vigneshkumar Shiva (2023), tatuador profissional dos estúdios Tattoo Temple e Tattoo Tribe, observa-se o crescimento de uma indústria: a moda e a cosmética, com fortes interesses económicos globais, que impulsiona ainda mais a popularidade e a diversificação das opções de tatuagem e adornos corporais.

A crescente aceitação das tatuagens na sociedade em geral pode ser atribuída a uma vasta lista de fatores, dando lugar ao primeiro, que seria a crescente visibilidade das tatuagens nos meios de comunicação social. Ou seja, com o aparecimento da internet e da televisão, as pessoas foram expostas a uma ampla variedade de estilos e *designs*, o que contribuiu para a normalização da prática e a perda de estigmas associados anteriormente. Seguidamente, observou-se que o crescimento da cultura da tatuagem como um fenómeno cultural e artístico também mostra ser um fator fundamental, tornando os tatuadores mais reconhecidos como artistas e a tatuagem como uma forma de expressão pessoal e meio artístico, o que ajudou a mudar a percepção pública das tatuagens. A habilidade e a criatividade dos tatuadores têm sido cada vez mais reconhecidas, os estúdios de tatuagem tornaram-se espaços respeitados onde a arte é valorizada. A presença de tatuadores e estúdios de tatuagem nas redes sociais demonstra que estas são, em particular, uma ferramenta crucial para a divulgação do trabalho de artistas, promovendo a globalização da prática.

Por volta dos anos 2000, surgiu uma onda de *reality shows* dedicados à prática da tatuagem, como o *Miami Ink*, considerado o primeiro de muitos outros programas populares como *LA Ink* e *NY Ink*. Estes programas, que se espalharam pelo mundo e deram origem a versões como *London Ink* e *Madrid Ink*, contribuíram significativamente para a popularização e aceitação na cultura *mains-tream*, assim como o aparecimento de uma série de outros programas como *Best Ink*, *Epic Ink*, *Inked*, *Ink Master*, *Bad Ink*, *America's Worst Tattoo*, *Tattoos After Dark* e *Tattoo Nightmares*, focados em mostrar exemplos de tatuagens mal executadas ou com necessidade de reparação, bem como a arte de cobri-las ou transformá-las em algo novo. Para além dos reality shows, a tatuagem tem-se destacado em outras formas de comunicação, como o cinema, onde é frequentemente usada como ornamento para a criação de estereótipos ou adicionar uma característica específica de uma personagem. Da mesma forma, a tatuagem tem sido explorada na arte contemporânea como uma forma de expressão visual única, investigando diferentes culturas e desafiando convenções estéticas (Shiva, 2023, Walzer e Sanjurjo, 2016).

Num estudo realizado pelos professores Alejandra Walzer e Pablo Sanjurjo (2016), da *University School of Arts*, de Nova York, foi examinado o impacto significativo que a internet e a imprensa tiveram na prática da tatuagem. Uma das observações centrais foi a maneira como a internet revolucionou o acesso à informação e ao aprendiz autodidata na área da tatuagem, ou seja, jovens que desejam ser tatuadores agora podem adquirir habilidades através de vídeos e informação online, reduzindo a dependência da tradicional relação entre mestre e aprendiz, assim como, a facilidade de *networking* entre artistas tatuadores por todo o mundo, proporcionando oportunidades para troca de ideias e influências. A internet e as redes sociais também se mostraram úteis para os clientes, oferecendo acesso a uma ampla variedade de estilos e estéticas de tatuagem, permitindo que façam escolhas informadas e encontrem artistas que melhor se adaptem às suas preferências. O estudo de Walzer e Sanjurjo também aborda a influência da imprensa na popularização da tatuagem, observando como esta se tornou um tema omnipresente em várias plataformas. A exposição constante deste tema em programas de televisão, cinema, redes sociais e a presença destas marcas em celebridades criou uma necessidade que muitas vezes é impulsionada pela imitação de tendências, podendo ser vistas como uma moda passageira e refletindo padrões efêmeros da cultura contemporânea. As conclusões do estudo e entrevistas feitas por Alejandra Walzer e Pablo Sanjurjo foram que, conforme descrito acima, de acordo com tatuadores e indivíduos tatuados, a imprensa teve um impacto notável e multifacetado na prática da tatuagem nas nossas sociedades contemporâneas

e que, como outros problemas no mundo, o seu constante aparecimento duplica a sua presença. Walzer e Sanjurjo acrescentam também uma opinião do professor Briceño que contribui com a mesma perspetiva, observando como o corpo se tornou uma forma de performance na sociedade contemporânea que acaba por refletir as dinâmicas do consumismo e da busca pela identidade. Pode se dizer também, positivamente, que a ascensão da cultura da tatuagem desempenhou um papel fundamental na popularização da mesma como forma de autoexpressão e arte corporal, tornando-a um meio amplamente aceite para expressar identidade e criatividade.

A consideração da tatuagem como uma expressão artística respeitada contribuiu significativamente para mais uma mudança na perceção em relação às tatuagens na sociedade. Tatuadores experientes e entusiastas tentam elevar a tatuagem ao estatuto de arte legítima, tornando as tatuagens motivo de interesse para exposições, galerias ou museus de arte. Um exemplo notável disso é a exposição já referida anteriormente, “O mais profundo é a pele”, realizada pelo MUDE - Museu de Design e da Moda e pelo Instituto de Medicina Legal e Ciências Forenses, no Palácio Pombal em Lisboa, em 2017. A abertura de muitos estúdios de tatuagem também tornou a prática mais acessível e popular, transformando esses locais em pontos de encontro para entusiastas e artistas. Adicionalmente, o aumento da aceitação desta prática na sociedade resultou numa comunidade mais diversificada, com pessoas de todas as idades, géneros e origens a optarem por aderir à arte da tatuagem, assim como ao desenvolvimento de novas tecnologias e técnicas, tornando o processo de tatuar mais seguro, higiénico e confortável para os clientes (Shiva, 2023).

Com esta evolução sobre o tema das tatuagens, estas também têm sido cada vez mais aceites no local de trabalho, desde que se mantenham discretas e não sejam consideradas ofensivas. Um estudo realizado pela *University of Houston* descobriu que a presença de tatuagens no local de trabalho não é significativa e não é vista de forma negativa. Pelo contrário, indivíduos tatuados muitas vezes alcançam maior sucesso, especialmente em setores como vendas e criatividade. De acordo com as conclusões do estudo, pessoas com tatuagens tendem a ter um desempenho superior no setor de vendas em comparação com as pessoas não tatuadas, o mesmo se aplica em setores criativos, onde as pessoas tatuadas são, geralmente, entendidas como mais competentes e favoráveis do que aquelas sem tatuagens (Strong, 2022).

3. Conceitos Fundamentais

3.1. Arte Total

O *Gesamtkunstwerk*, ou obra de arte total, representa uma procura pela síntese de diferentes formas de expressão artística numa única experiência estética unificada. Com origem no Romantismo do século XIX, este conceito reflete uma reação ao avanço da revolução industrial e à crescente mecanização da vida quotidiana (Castanheira, 2013). Os artistas românticos procuraram ultrapassar as limitações das regras de arte tradicionais e criar algo mais completo, mais imersivo, que pudesse englobar a totalidade da experiência humana. Esta ideia desenvolveu-se em oposição à visão mecânica da natureza promovida pelo iluminismo, que pretendia explicar todos os fenómenos naturais por meio da razão e da lógica (Galitz, 2004). Para os românticos, essa abordagem simplista não capturava a essência verdadeira da experiência humana e da beleza do mundo natural.

Richard Wagner, conhecido por defender e delinear este conceito de Arte Total, acreditava que a música era a forma mais direta e poderosa de expressão emocional e por isso teria de ocupar um lugar central nesta síntese artística, como descreve em *Art and Revolution* (1849) e *The Art-work of the Future* (1849). Para entender melhor a definição deste conceito estabelecido por Richard Wagner, far-se-á uma análise do conceito a partir do seu livro *The Art-work of the Future* (1895 [1849]). Wagner defendia que a verdadeira arte só poderia surgir de uma expressão autêntica da vida humana e da sua ligação com a natureza. Essa autenticidade mostrava ser crucial para alcançar uma forma de arte genuína e significativa. Acreditava que a arte, quando surgia de uma necessidade intrínseca, podia transmitir a essência mais profunda da experiência humana.

Esta visão de arte verdadeira ou autêntica não era apenas uma questão estética para Wagner, mas sim, uma questão de harmonia entre o Homem, a Arte e a Natureza, ou seja, o Homem e a Arte deviam funcionar em sintonia com a Natureza, refletindo as experiências humanas genuínas e essenciais. No centro da filosofia de Wagner a natureza é a raiz de tudo. É a natureza que cria o Homem, a vida, e por conseguinte, o Homem é responsável pela criação da Arte. O Homem cria Arte como uma extensão natural da sua existência, de acordo com necessidades naturais.

Embora ciência, para o autor, fosse uma ferramenta importante para entender a existência humana e a sua relação com o mundo natural, Wagner realça que a verdadeira arte transcende a análise intelectual, alcançando uma compreensão mais profunda e instintiva da realidade. Para ele, a arte verdadeira não se limita a imitar a realidade, mas procura expressar diretamente a essência da vida humana, refletindo a sua inerente “necessidade e verdade”. Por conseguinte, acreditava que a ciência poderia ser importante para alcançar uma compreensão mais completa e harmoniosa do mundo natural, que poderia corrigir os falsos conceitos dos humanos, como a antropomorfização da natureza e a percepção da vida como caótica e sem sentido. Wagner criticava a “arrogância excessiva” da razão e da ciência quando estas se distanciam das necessidades e desejos humanos, pois poderia levar à criação de sistemas artificiais e opressivos, como o Estado moderno, e a uma arte elitista, que distorceriam a verdadeira expressão humana.

Em oposição à artificialidade, Wagner exalta o “Povo” como fonte da verdadeira criatividade e expressão artística. Este definia o “Povo” como um coletivo de pessoas unidas pelas suas necessidades e desejos comuns, que tinham um conhecimento intuitivo da “necessidade” e, portanto, capazes de criar uma arte autêntica que refletisse as suas experiências e expectativas compartilhadas. No seu ensaio, Wagner distingue entre “Necessidades” genuínas, que surgem da natureza humana e impulsionam a ação, e “Desejos” artificiais, criados por uma cultura de luxo e egoísmo. Enquanto as “Necessidades” eram limitadas e podiam ser realizadas, os “Desejos” eram infinitos e insaciáveis, levando à exploração e opressão. Para Wagner, o luxo era a personificação dos “Desejos” artificiais, uma força destrutiva que corrompia a sociedade e gerava desigualdade, sofrimento e alienação. A procura constante pelo luxo desviava a atenção das verdadeiras “Necessidades” e impedia a realização do potencial humano. O verdadeiro conhecimento provinha do “Povo”, das pessoas comuns impulsionadas pelas suas necessidades inconscientes e instintivas. O “Povo” era visto como o verdadeiro criador, cujas necessidades levavam à ação e à invenção, em contraste com os intelectuais que defendiam o pensamento abstrato. O caminho para a reconciliação e um futuro melhor estava com o “Povo”, que destruía os sistemas artificiais que o exploravam, recusando-se a sustentá-los, abrindo assim caminho para uma “Arte Verdadeira”, que seria um reflexo do potencial humano e da harmonia da natureza.

Wagner também critica a moda como um estímulo artificial que cria “Necessidades” irreais e não naturais, distorcendo o senso de beleza. Este salientava a importância da arte sobre a inovação

mecânica e defendia que a arquitetura, apesar da sua utilidade, devia obedecer a necessidades artísticas e priorizar a beleza.

Finalmente, na visão de Wagner, uma obra de arte total integraria todas as formas de arte numa única experiência unificada, sendo elas a Arquitetura, que fornece o espaço físico para o drama e define o cenário; Pintura, que cria um pano de fundo realista, imergindo o público num ambiente natural; Artes plásticas, que influenciam a representação física dos atores e o visual do palco; Música, que proporciona profundidade emocional e complementa a ação dramática e o Drama e Poesia, que forma o núcleo da experiência, transmitindo a história e a mensagem. Esta visão holística da arte implicava uma colaboração entre artistas de diferentes meios, cada um desempenhando um papel único de maneira a criar uma experiência artística completa e unificada. Por conseguinte, o verdadeiro artista não podia ser apenas um indivíduo isolado, mas sim um coletivo de artistas que trabalham em conjunto para dar vida a uma obra de arte total. Wagner acreditava que este tipo de arte era acessível e compreensível para um público-alvo mais vasto, dado à sua diversidade artística, e aumentava um sentimento de experiência partilhada e imersiva.

Após esta análise ao conceito *Gesamtkunstwerk*, ou obra de arte total, mostra-se, particularmente importante a reflexão do filósofo Alain Badiou, que dedicou, recentemente, um estudo sobre o livro “Art-work of the Future” (1849), no livro “Five Lessons on Wagner” (2010), onde discute que o conceito de Richard Wagner resulta de uma junção entre dois ciclos: sendo o primeiro o ciclo genealógico onde são debatidas questões intra-filosóficas ou intra-estéticas, ou seja, como é que este conceito foi “construído” não tendo como base direta a sua obra artística; e o segundo, denominado como o ciclo ideológico-político, que se concentra mais na estetização política e a relação de Wagner com as fundações do nacional-socialismo.

Esta abordagem não se limitava apenas à arte, também tinha implicações sociais, pois Wagner via a arte como uma força transformadora que poderia unificar e elevar a humanidade, oferecendo uma nova narrativa que refletisse valores e crenças mais profundas da sociedade. No entanto, esta visão gerou controvérsias, especialmente devido às associações de Wagner com ideias nacionalistas e políticas autoritárias.

3.1.1. *Tattoo*: Arte vs. Técnica

Este capítulo explora a interseção entre a tatuagem como forma de arte e os ideais Wagnerianos da síntese artística. No primeiro setor, a tatuagem é considerada como um meio artístico e é enquadrada e comparada no conceito de *Gesamtkunstwerk*, acabando por tocar em temas falados anteriormente como o sentimentalismo, a ligação entre Homem e Natureza, o afastamento das máquinas e a unificação de vários meios artísticos. No segundo setor, examina-se o papel do tatuador na contemporaneidade, destacando a sua função de artista e artesão, ou seja, o indivíduo que idealiza e produz o objeto.

Começou-se por analisar inicialmente nesta secção o conceito de Wagner sobre a *Gesamtkunstwerk*, ou “obra de arte total”, uma abordagem que procura unir diferentes formas de arte de maneira a criar uma experiência holística e imersiva. Wagner acreditava que ao combinar os elementos como a música, poesia, dança, pintura e arquitetura, uma performance artística poderia ultrapassar a mera observação passiva, envolvendo o espectador de uma forma intensa e participativa. Com este enquadramento, pretende-se discutir o entendimento da tatuagem como arte total, assumindo que se trata de uma forma de arte que integra diversas áreas. A que se poderia dizer mais óbvia, para quem está a observar esta prática de longe, é a própria “pintura” ou ilustração que é gravada na pele. Esta arte visual é complementada pelo significado subjacente à tatuagem, que pode ser considerado uma forma de poesia visual, carregada de significado pessoal ou cultural. Além disso, a presença da música no estúdio pode criar uma atmosfera sensorial que influencia tanto o tatuador quanto o cliente.

Hipoteticamente, se fosse colocado um tatuador que realiza uma tatuagem em alguém no meio de uma exposição para que a experiência fosse avaliada por um público apreciador de arte, poder-se-ia estabelecer uma conexão direta com o conceito Wagneriano de participação ativa do espectador na performance artística. Tanto a pessoa que está a ser tatuada como os observadores que testemunham o processo se tornam participantes dessa experiência. Assim como na obra de Wagner, onde o público é convidado a envolver-se emocionalmente com a performance, no contexto da tatuagem, tanto o cliente quanto os espectadores são envolvidos num diálogo visual e emocional.

A ideia de que a “obra de arte total” de Wagner partia de conceitos originais é irrealista, visto que, inevitavelmente, todos os movimentos são influenciados por tempos passados. Tal como o conceito *Gesamtkunstwerk* nasceu na altura do movimento romântico alemão e tinha grandes influências da antiguidade clássica, tanto nos seus ideais em relação à definição do belo como pelo gosto pela tragédia no teatro (Wagner, 1895 [1849]), a tatuagem tem raízes em tradições antigas de modificação corporal, que tanto poderiam ser por fins decorativos, de rituais de passagem e religiosos, usando materiais rudimentares, que agora passaram a ser máquinas elétricas.

Os tatuadores desempenham o papel de artistas, que concebem e materializam obras de arte no corpo, estabelecendo uma relação comparável à de um pintor com a sua tela. No contexto histórico, notou-se que os tatuadores eram frequentemente figuras especializadas e respeitadas, muitas vezes associadas a rituais religiosos ou como artistas que procuravam dominar a arte da tatuagem.

Atualmente, como evidenciado no estudo “A Body of Work: A Case Study of Tattoo Culture” (1999), conduzido por Janet S. Fedorenko, Susan C. Sherlock e Patricia L. Stuhr, os tatuadores podem aprender por conta própria, ou seja, serem autodidatas, ou receberem ensinamentos de mestres mais experientes, seguindo uma dinâmica semelhante à relação de mestre e aprendiz. Além disso, já é possível obter formação em cursos académicos especializados em tatuagem. Isto implica que ser tatuador requer muita experiência e habilidade, comparável, por exemplo, à de um cirurgião, como observado pelo professor Nicholas Thomas no livro “Body Art” (2014):

“Others entail great skill. Even the smallest of societies, the tattooist was a renowned specialist, in effect an individual priest or artist with a set of precision instruments, often the graduate of a customary school or guild - just as cosmetic surgery, a body art that over recent decades has been transformed from the privilege of an elite to a widespread lifestyle choice, is empowered by the most advanced medical science.” (2014, p.17)

Para enquadrar o tatuador na definição de “arte total” de Wagner e demonstrar a semelhança que a tatuagem partilha com este conceito, é preciso entender que a arte não é produzida isoladamente, mas sim por uma comunidade. Como Wagner menciona no seu livro “The Art-Work of the Future”: “The Art-Work of the Future is an associate work, and only an associate demand can call it forth” (1895 [1849], p. 53), sugerindo que a arte total requer a participação de um coletivo de

artistas. Apesar de os tatuadores talvez estarem ligados a um lado mais individualista, inevitavelmente, estão inseridos numa comunidade ligada à expressão artística, como explicado por Pierre Francastel em “Art and Technology”:

“Artists do not act in isolation, independent of technologists and thinkers. And so the idea of a distinct history for each discipline and human activity should be replaced by the idea of an all-inclusive history that incorporates a society's various means of expression and unfolds as it shapes itself...When a man adopts a mode of expression he does not cut himself off from the community. Artists are also men who create objects. Their objects may be studied as representative of sensations and actions that do not necessarily contradict the impressions and structures through, which other categories of individuals, coming from the same technological and natural environment, express themselves and create objects. When examining the art object, we are indeed examining the forms and ideas that characterize contemporary man.” (2000, p. 142 a 143)

O papel do tatuador contemporâneo vai para além de uma aplicação de tinta sobre a pele, é um artista multifacetado e um impulsionador de expressão individual, que assume funções de ilustrador, designer, artesão e/ou até mesmo de curador de arte, encarregando-se do posicionamento da tatuagem na pele de um indivíduo. Ao mesmo tempo, os tatuadores carregam consigo a responsabilidade de preservar as técnicas tradicionais da tatuagem, muitas vezes passadas de geração em geração, enquanto vão explorando e experimentando novas abordagens artísticas e tecnológicas. Este equilíbrio entre tradição e inovação mantém-os na vanguarda da indústria, constantemente adaptando-se às mudanças de tendências, em setores artísticos, da moda e tecnológicos para responder à procura dos clientes e, inevitavelmente, ajudar para uma evolução na sociedade.

Os tatuadores desempenham também um papel crucial na formação da identidade pessoal e da autoexpressão. Por meio de consultas individuais e colaborativas, estes ajudam os clientes a traduzir histórias, valores, crenças e ambições em imagens permanentes que acabam por servir como manifestações tangíveis de quem são. Esta capacidade de transformar conceitos abstratos em arte corporal tangível e significativa confere ao tatuador um papel único como responsável de uma autodescoberta e empoderamento pessoal. Ao estenderem-se para além das fronteiras da indústria da tatuagem, os tatuadores contemporâneos influenciam e são influenciados por um vasto espectro

de campos profissionais e culturais, com criações que ainda hoje conseguem desafiar normas estabelecidas pela sociedade, questionam as concepções convencionais de beleza e identidade, e promovem a diversidade e inclusão. Num mundo cada vez mais conectado e globalizado, os tatuadores desempenham um papel relevante na formação da cultura contemporânea e na promoção do diálogo intercultural e intergeracional.

3.1.2. Performance / *Body Art*

Neste capítulo, explora-se como tanto a experiência de receber uma tatuagem quanto o corpo que a ostenta podem ser compreendidos como formas de arte performativa e *Body Art*, respetivamente. Ao examinar a natureza da tatuagem não só como uma expressão estética fixa, mas como um processo dinâmico e interativo, surge a ideia de que a própria realização da tatuagem se torna uma performance artística, onde o tatuador e o recetor colaboram na criação de uma narrativa visual. O corpo humano é compreendido como uma tela para essa expressão, considerado como uma manifestação de *Body Art*, onde a própria presença física e as transformações que ocorrem durante o processo da tatuagem se tornam uma forma de expressão artística em si mesma.

No capítulo dedicado ao contexto histórico da tatuagem começou-se por mencionar que a prática da pintura e marcação corporal derivam de tempos antigos, muito antes das sociedades modernas surgirem. Desde as civilizações antigas até às tribos indígenas, as pessoas usavam pigmentos naturais e técnicas variadas para adornar os corpos em cerimónias religiosas, rituais de passagem e celebrações culturais que eram realizadas com audiência. Essas expressões corporais não só tinham um propósito estético, mas também carregavam significados simbólicos, que muitas vezes refletiam crenças espirituais, estatutos sociais e/ou identidade. A marca corporal, uma vez aplicada, permanecia para sempre, estando sujeita a mudanças constantes ao longo do tempo. Para além da pintura corporal, a maquilhagem, os penteados, as modificações corporais, a escarificação, os piercings e, é claro, as tatuagens, são todas formas consideradas *Body Art* (Schildkrout, 2001) e por essa razão, neste capítulo, o corpo tatuado é considerado uma expressão artística da mesma.

De acordo com o artigo *Body Art as Visual Language* (2001) da antropóloga Enid Schildkrout, assume-se que a *Body Art* não é apenas uma demonstração artística confinada aos espaços tradicionais das artes, mas sim uma expressão que passa para a vida real, carregando significados específicos para diferentes culturas e procurando transmitir um conjunto diversificado de sentimentos, identidades e valores. O corpo tatuado torna-se assim como um museu ambulante, exibindo obras de arte de diferentes artistas, algumas realizadas em diferentes momentos da vida ou diferentes locais, e, mais significativamente, evoluindo ao longo do tempo. Pode-se dizer assim, que esta expressão artística é efêmera, alterando-se desde o momento em que é aplicada na pele de um indivíduo. Começa por ser uma ferida exposta, ou seja, um conjunto de vários cortes com sangue e tinta, deixando a pele avermelhada à sua volta. Passando por todo o processo de cicatrização e acabando por se curar completamente. No final resume-se a uma tatuagem com a cor mais desbotada e esbatida. Enquanto este processo está a acontecer, o corpo humano passa por situações da vida quotidiana, como apanhar escaldões, aparecimento de marcas, sinais ou outras feridas e a, mais notória e inevitável das mudanças: o envelhecimento do corpo humano, que acaba por criar rugas e dobras na pele. Todos estes acontecimentos da vida passam a fazer parte deste pedaço de arte, e por conseguinte, alteram-no, fazendo com que este nunca esteja igual desde o dia em que foi concebido. Essa transformação contínua é uma característica fundamental da tatuagem como forma de *Body Art* e arte Efêmera, onde o corpo se torna uma tela em constante evolução, refletindo não só as escolhas estéticas de um indivíduo, como também as experiências e os traços do tempo que deixam a sua marca indelével. Dissipando qualquer dúvida sobre a sua inclusão neste movimento artístico, a tatuagem é reconhecida como forma de *Body Art* no *Ephemeral Art* (1996) da The UNESCO Courier.

Do ponto de vista da experiência, quando um tatuador grava uma tatuagem no corpo de outra pessoa, cria-se um ambiente performativo. Conforme observado pelo antropólogo Nicholas Thomas no livro *Body Art*: “Body Art is the art form most intimately associated with human experience. It links the self, the senses and the social and the political...” (2014, p. 7). E, mais à frente, o mesmo autor defende que: “Given that body art is often as much a matter of process and performance as it is one of decoration - obtaining the tattoo being as important as bearing the finished design - public corporal punishment and executions are also relevant instances, theatrical stagings of the expression of social will on the bodies of offenders.” (2014, p. 24).

Estas passagens mostram que o valor da tatuagem não reside apenas no produto final (a própria tatuagem), mas também no processo de a obter e na performance envolvida nessa ação: processo de decisão, a experiência de fazer a tatuagem e a permanência da tatuagem no corpo. A experiência de exibir ou colocar uma tatuagem no corpo mostra ter um caráter profundamente artístico, digno de ser apreciado por um público interessado em arte. Exemplo disso são: o estúdio de tatuagem localizado dentro do *The National History Museum of Los Angeles*, nos Estados Unidos, onde os visitantes podem testemunhar ao vivo como é que se realizam as tatuagens; ou o *The Museum of Old and New Art (MONA)* na Tasmânia, que durante a pandemia de COVID-19 organizou uma exposição *online* onde Tim Steiner, um tatuador, está sentado no museu vazio enquanto mostra as suas costas completamente tatuadas numa sessão *livestream*.

Para reforçar esta ideia, é relevante destacar a abordagem de Amelia Jones em *Body Art/ Performing the Subject* (1998), onde a autora afirma: “Body art proposes the art “object” as a site where reception and production come together: a site of intersubjectivity. Body art confirms what phenomenology and psychoanalysis have taught us: that the subject “means” always in relationship to others and the locus of identity is always elsewhere.” (1998, p. 14). Jones explora a profundidade dinâmica da arte corporal e argumenta que esta transcende a visão convencional de arte como objeto isolado, criado pelo artista e passivamente contemplado pelo espectador. Esta sugere que a arte corporal é um espaço de encontro entre o artista e o público, onde a criação e a percepção se juntam de maneira intrínseca. Mantendo este contexto, a arte corporal torna-se uma forma de “intersubjetividade”, onde o significado é criado através da interação entre diferentes sujeitos, destacando que o corpo se torna o meio através do qual a experiência artística é compartilhada e interpretada, desafiando assim as fronteiras tradicionais entre o criador e o observador. Esta perspetiva ressalta a importância da relação dinâmica entre o corpo, o artista e o espectador na compreensão e apreciação da *Body Art*, assim como acontece com a arte performativa onde a experiência compartilhada e a interação entre o artista e o público são valorizadas. A performance é criada e apreciada no momento da sua realização e, assim como menciona Amelia Jones no seu texto, os processos de criação e percepção da *Body Art* acontecem em simultâneo, criando um espaço de intersubjetividade entre o artista e o espectador. Ambas as formas de arte desafiam a ideia convencional de uma obra de arte como um objeto estático, destacando a importância da experiência vivenciada durante a realização e receção.

3.1.3. A utilização da máquina

Neste capítulo, será discutido o uso da máquina no contexto da arte corporal, demonstrando que a união entre as artes e a tecnologia é possível, opondo-se às visões de Wagner. O autor alemão, conhecido pela sua oposição à utilização de máquinas e à criação de arte a partir de luxos e vontades que não estivessem relacionadas com as necessidades naturais, é confrontado, nesta investigação, por Pierre Francastel, cuja perspectiva defende que a arte - na qual se pretende incluir a tatuagem como uma forma de expressão legítima - é intrinsecamente técnica. Francastel argumenta que a arte requer habilidades manuais e processos intelectuais, e que essa dimensão técnica não é apenas inevitável, mas também fundamental para a criação de uma representação duradoura de ideias. Assim, a arte é vista como uma atividade que incorpora a tecnologia de forma essencial, contradizendo a visão de que a arte e tecnologia são incompatíveis.

Conforme foi descrito anteriormente na análise histórica, antigamente as tatuagens eram um processo demorado, incerto e frequentemente doloroso para os indivíduos que se submetiam a esta prática, feitas a partir de materiais rudimentares tirados da natureza, como ossos de animais, pedras afiadas e pigmentos extraídos da natureza. Após o surgimento da primeira máquina mecânica de tatuagem, desenvolvida por Samuel O'Reilly em 1891, os tatuadores começaram a optar por essa opção, impulsionados pela sua praticidade e eficiência (DeMello, 2000). A máquina permitia uma aplicação mais rápida e precisa dos pigmentos na pele, reduzindo, significativamente, o tempo de execução e minimizando o desconforto para o cliente.

Este estudo pretende enquadrar a prática da tatuagem dentro do conceito de Arte Total de Richard Wagner e por isso é importante fazer uma relação entre o uso da máquina na tatuagem e as visões do mesmo. Foi mencionado no início deste capítulo sobre a Arte Total que este conceito nasceu durante o romantismo alemão, um período marcado pelas transformações tecnológicas da revolução industrial. Durante a leitura do livro *The Art-Work of the Future* escrito por Richard Wagner em 1849, percebe-se que a natureza é o tópico mais falado, tudo tem de partir da natureza, o Homem cria Arte como uma extensão natural da sua existência. Ao não apoiar nada que criasse necessidades artificiais (o luxo), a ciência e o intelectual, em resultado da ideia de que a natureza tem de ser o local e o motivo para a realização da arte e tendo em conta que este se insere numa visão romântica, cujos princípios são opostos à evolução industrial, subentende-se que Wagner, da

mesma forma, não apoia a tecnologia e o uso da máquina. É na crítica de Themelis Glynatsis, vice-presidente do conselho da Ópera Nacional Grega, no jornal “The IATC” (2020), que são oferecidas algumas observações sobre o uso da tecnologia nas obras de Wagner. Glynatsis encara Wagner como um indivíduo conhecido pela sua aversão à tecnologia, acabando por o chamar de um “notorious technophobe”, expondo uma abordagem sobre a postura que Wagner adotava em relação aos avanços tecnológicos da sua época e como é que isso influencia a compreensão pelo leitor das suas visões.

A natureza que se pressupõe pelos textos de Wagner é a natureza romântica, aquela que tem paisagens verdes e ausentes de quaisquer vestígios de desenvolvimento industrial, tal como é mencionado por Glynatsis: “Wagner’s anarchy consists of a type of Romantic terrorism that aims to see the implosion of the nineteenth century and the revelation of a landscape that lies beneath the ruins of industrial Europe”. No entanto, a evolução e a reconstrução de valores é impossível de evitar, o que faz com que a natureza esteja a ser consecutivamente alterada pelo trabalho humano, tanto na atualidade como na época onde Wagner se inseria, tal como menciona Pierre Francastel em “Art and Technology” “...transformation of Nature was the primary goal of human action”. Tendo uma vez a natureza alterada, é inevitável a presença de tecnologia em pequenos elementos da vida quotidiana, mesmo as sociedades mais primitivas usam tecnologia e ao fazerem uso da mesma transformam a aparência e o significado das “realidades naturais” (Francastel, 2000 [1956], p. 30).

As obras de Wagner são por natureza puramente teatrais, com performances altamente sofisticadas, exigindo assim a presença de tecnologia (Glynatsis, 2020). É possível afirmar que esta tecnologia não está só visível no espaço cénico, mas também toda a envolvência desde a disposição do teatro até às cordas de um instrumento musical. Tudo é realizado a partir de uma máquina, que, por conseguinte, veio, de certa forma, da revolução industrial ou de uma evolução tecnológica e/ou mecânica. Com isto não se pretende excluir inteiramente a presença da manualidade na construção e conceção artística. A arte, como todas as outras atividades fundamentais, possui uma natureza intrinsecamente técnica, incluindo tanto habilidades manuais como processos intelectuais, ou seja, não existe uma distinção entre Arte e Tecnologia, pois completam-se e interligam-se. É possível distorcer o pensamento sobre a arte, se esta falsa distinção for assumida (Francastel, 2000 [1956]). Ainda neste pensamento sobre a natureza e a manualidade, a tecnologia consegue inventar efeitos

que se afastem o mais possível do mecânico, procurando um “efeito natural”, mesmo que estes sejam fabricados.

A tatuagem atualmente é feita com o recurso de uma máquina mecânica, uma ferramenta que representa a convergência da arte e da tecnologia. Dentro desta máquina, encontram-se vários materiais, desde tinta até às agulhas, que, por conseguinte, são produtos pertencentes à tecnologia, produzidos em fábricas e embalados com materiais fabricados. Mesmo os tatuadores que se querem distanciar do uso da tecnologia e optam por técnicas tradicionais, como a *stick and poke*, não conseguem escapar completamente ao domínio tecnológico. As agulhas que utilizam, mesmo que manuseadas manualmente, são fabricadas com precisão por meio de processos industriais modernos. Até mesmo a embalagem que contém essas agulhas é um produto da tecnologia, moldada por máquinas e materiais sintéticos. Essa interseção entre arte e tecnologia levanta questões sobre a natureza da criação artística. É compreensível que Richard Wagner tenha recorrido a tecnologias nas suas peças, dadas as inevitáveis influências da era industrial da sua época. Esse contexto dá um novo significado na análise, compreensão e colocação da Arte Total, reconhecendo que até mesmo o seu próprio impulsionador é, em último caso, afetado e moldado pelos objetivos e avanços da tecnologia. No entanto, também é importante salientar que o facto de se precisar da tecnologia para realizar obras de arte não anula a credibilidade artística. Como Pierre Francastel observa em *Art and Technology* (2000 [1956], p. 323), o que distingue o artista do tecnólogo, não é a presença ou ausência de tecnologia, mas sim o objetivo final da criação. No caso dos tatuadores, o foco está no resultado final: uma obra que incorpora tanto a técnica como a expressão artística, independentemente dos meios tecnológicos usados no processo de criação.

3.1.4. Gravação corporal

Dentro desta análise, o objeto (corpo) é abordado exclusivamente como uma entidade incorpórea, sendo considerado apenas no contexto estético. Assim, é percebido como uma tela ou algo em branco que, ao ser adornado, se transforma numa expressão artística carregada de símbolos, significados e emoções. Esta metamorfose do corpo, de uma superfície neutra para um objeto artístico em si mesmo, destaca a capacidade das tatuagens de superar a sua função meramente estética,

assumindo um papel multifacetado que pode comunicar ideias, provocar emoções e até mesmo desempenhar funções simbólicas específicas para o indivíduo.

Considerada uma forma de expressão artística da *Body Art* nos capítulos anteriores, a tatuagem é interpretada como um corpo que funciona simultaneamente como suporte e objeto de arte. Neste contexto, o corpo transforma-se numa obra de arte em si mesma, carregando consigo todo o simbolismo metafórico e ativista típico de uma peça artística. Dentro desse objeto físico, encontram-se símbolos que resumem tanto a criatividade e a emoção do tatuador como as do tatuado. A ideia de usar o corpo como suporte artístico não é uma novidade contemporânea, pois remonta aos anos de 1960, quando começou a haver a necessidade, por parte dos artistas, de explorar conceitos de construção visual e identidade de género, sexualidade e ética. Como mencionado por Tracey Warr e Amelia Jones em *The Artist Body* (2000, p. 12), em 1918, o artista alemão Oskar Schlemmer observou que “The new artistic medium is a much more direct one: the human body”. Este pensamento reflete uma mudança significativa na conceção artística do corpo, que passa a desempenhar não só o papel de peça artística ou conteúdo artístico, mas também como tela, suporte, pincel ou ferramenta e por vezes, plataforma de arte, incorporando ideias e ideologias de diversas culturas e áreas de arte, igualmente mencionado em capítulos anteriores.

No âmbito desta discussão sobre a relação entre a arte e o corpo, torna-se evidente que a tatuagem vai para além da mera categorização como um objeto artístico. Ao contrário da visão de Pierre Francastel em *Art and Technology* (2000 [1956], p. 144) quando afirma: “The work of Art is, in fact, an object in the most tangible and concrete sense of the term. It is, as it were, a thing”, o corpo, neste domínio que é a tatuagem, por mais que seja visto como simplesmente um objeto artístico, é impossível denominá-lo como uma “coisa”. Apesar de se estar a falar de um objeto artístico convencional como uma tela ou pintura na frase anterior, nesta análise, pressupõe-se que o corpo é também uma peça artística e, por conseguinte, quando Francastel menciona que a peça é uma “coisa”, deixa de ser verdade neste contexto. O corpo humano por mais artístico que seja e cada vez mais comum entre a sociedade como objeto artístico, nunca será visto como uma “coisa”, visto que é um suporte vivo e efêmero. No entanto é possível enquadrar neste contexto e consequentemente concordar com Francastel quando este discute que a natureza da arte é tangível e imaginária para um determinado grupo social, sendo que o “tangível” se refere ao aspeto físico e visível da arte, como os materiais e o produto final que pode ser visto e tocado. Neste caso, o corpo

tatuado sai à rua e é uma peça artística palpável. Além disso, dentro do aspeto tangível da arte, no contexto da tatuagem, abrange a própria prática do ato de tatuar, desde a manipulação das agulhas e tintas até ao toque do tatuador na pele do cliente. Esse contacto físico, por vezes revela-se doloroso e desconfortável, sendo também uma parte que se integra na experiência da tatuagem, contribuindo para a sua tangibilidade. O “Imaginário” refere-se aos aspetos conceptuais e abstratos da arte, incluindo ideias, emoções e interpretações a ela associadas. Neste caso, há que ter em consideração todo o processo em conjunto ou individualmente da escolha da tatuagem e as crenças, emoções e experiências que essa tem tanto para o tatuador como para o tatuado. Acrescentando ainda que, para o tatuador, cada projeto representa uma oportunidade de expressar a sua criatividade e habilidade artística, enquanto para o indivíduo que irá ser tatuado, a tatuagem pode servir como uma forma de autoexpressão, representando crenças, experiências de vida e identidade pessoal.

Francastel também menciona outro aspeto que se pode inserir neste contexto e, por essa razão, leva-se essa discussão para esta análise. Diz que a arte é por vezes percebida como uma coleção de símbolos ou elementos que carregam um significado profundo, tendo o potencial de inspirar reflexão e contemplação. Nesse sentido, a tatuagem pode ser vista como uma forma de arte carregada de significado simbólico. Cada símbolo, imagem ou estilo de tatuagem pode conter uma experiência ou história única e pessoal para o indivíduo que a carrega ou para o artista que a executa. Para além disso, a própria prática de escolher e exibir uma tatuagem pode ser um ato de reflexão e afirmação de identidade, como mencionado. O corpo artístico é visto como um conjunto de símbolos e imagens que podem transmitir emoções, provocar pensamentos e estimular o envolvimento intelectual, levando a uma maior sensação de prazer através da contemplação ou inspirar visões que influenciam o comportamento diário.

3.2. Em busca da autenticidade

Este segmento concentra-se especialmente sobre o objeto em análise: o corpo tatuado, que se transforma em uma obra de arte viva, influenciando e sendo influenciado pelo olhar dos outros. Além disso, serão discutidos os diversos estilos de tatuagem usados nos dias de hoje, cujas raízes provêm de culturas passadas como foi falado no contexto histórico. Estes estilos de tatuagem não só evoluíram ao longo do tempo, como também se adaptaram e modificaram a partir de experiências pessoais, tornando-se parte de um ritual contemporâneo em constante mudança.

Para entender o conceito da autenticidade denominado no título deste segmento, recorreu-se principalmente ao pensamento do filósofo sul coreano, Byung-Chul Han em particular ao segundo capítulo - “The Compulsion of Authenticity” - do livro “The Disappearance of the Present” (2019).

Byung-Chul Han começa o capítulo defendendo que: “The society of authenticity is a performance society. All members perform themselves. All produce themselves. Everyone pays homage to the cult of the self, the worship of self in which everyone is his or her own priest” (2019, p. 16), que inicia uma discussão à volta do assunto da autenticidade contemporânea. Com esta passagem, Han, tem como objetivo argumentar que, na sociedade atual, a procura pela autenticidade acaba por se transformar numa performance onde os indivíduos estão constantemente a exibir as suas identidades, prestando homenagem quase religiosa ao *self*. Esta vontade constante de “autoprodução” torna a autenticidade num ato superficial e, de certa forma, torna as conexões humanas vazias e menos genuínas. Han, procede para uma crítica à noção moderna de autenticidade, baseando-se no conceito de autorrealização do filósofo canadiano Charles Taylor.

De acordo com Han, Taylor argumenta que a verdadeira autenticidade envolve ser fiel à própria originalidade - “Being true to myself means being true to my own originality” (2019, p. 16) - mas também requer uma conexão com um contexto social e moral mais amplo. Han refere ainda que, segundo Taylor, a autenticidade deve ultrapassar o egocentrismo e estar fundamentada nas necessidades da comunidade, nas narrativas históricas e nas obrigações morais, conferindo-lhe uma força moral tanto individual como coletiva. Taylor acredita que a autenticidade genuína é alcançada quando os indivíduos se comprometem a valores e objetivos que vão para além do interesse pessoal. No entanto, Byung-Chul Han observa que a sociedade contemporânea tem distorcido este

ideal, argumentando que a procura moderna pela autenticidade tornou-se excessivamente individual, tornando-se na sua própria referência e desconectando-se de contextos mais significativos. A sociedade contemporânea incentiva uma forma de autenticidade que é egocêntrica, que se rege na sua própria imagem e na satisfação imediata, acabando por ignorar a importância das relações comunitárias e de valores partilhados. Esse individualismo exagerado leva a uma autenticidade fútil, onde a “autorrealização” é perseguida e isolada dos valores comunitários, morais e históricos. Han sustenta que essa mudança é o resultado de uma falta de significado, onde os indivíduos se esforçam para encontrar um propósito para além das suas experiências e desejos pessoais imediatos. Este fenómeno cria uma sensação de vazio existencial, pois as conexões humanas e os compromissos com causas mais significativas são, frequentemente, negligenciados pela procura excessiva de um reconhecimento pessoal e validação. Para restaurar a profundidade e o significado ao conceito de autenticidade, Han salienta a necessidade de reconectar a “autorrealização” individual com valores comunitários e morais. A autenticidade não deve ser sobre a criação de si mesmo em isolamento, deve haver um envolvimento significativo com a comunidade e o exterior. Ao fazer isto, os indivíduos poderão alcançar uma forma de “autorrealização” que seja rica, significativa e autêntica, baseada num sentido de propósito partilhado e moral.

Byung-Chul Han contraria o filósofo Charles Taylor, que vê a autenticidade como algo positivo e potencialmente benéfico para a comunidade. Han argumenta assim que a autenticidade, tal como é entendida e praticada atualmente, é na realidade inimiga da comunidade. O narcisismo associado à procura da autenticidade acaba por eliminar o senso de comunidade. A autenticidade é muitas vezes definida não pela referência de uma comunidade, mas sim por um valor comercial, dando prioridade ao individualismo e à comercialização. Esta tornou-se uma preocupação puramente individual, desconectada de contextos comunitários ou coletivos. Han realça que esta forma de autenticidade comercializada e individual contribui para a fragmentação social, que dá origem a uma sociedade onde o valor pessoal é medido em termos de visibilidade e sucesso individual.

O filósofo coreano conclui que o culto da autenticidade reposiciona a questão da identidade da sociedade para o indivíduo, ou seja, em vez de a identidade ser algo construído em relação com a comunidade, passa a ser uma procura individual, centrada no *self*. Como foi mencionado anteriormente, Han argumenta que a obsessão pela autenticidade na sociedade moderna leva a uma introspeção narcisista e a uma comunicação centrada na psicologia individual. Esta importância com a

intimidade e a exposição, acaba por transformar a sociedade, conferindo-lhe um carácter ao qual Han denomina como “pornográfico”, devido a uma exposição tão excessiva e invasiva do que deveria ser privado. As relações sociais são valorizadas pela sua intimidade, muitas vezes à custa da privacidade e dignidade individual. Ainda neste pensamento, Han observa que, com o aumento do culto da autenticidade, as tatuagens voltaram a ter a sua importância. Num contexto ritual, as tatuagens simbolizam a aliança de um indivíduo e a comunidade. No século XIX, quando as tatuagens eram populares entre as classes altas, o corpo era uma superfície onde se projetavam crenças e ambições. As tatuagens tinham um significado simbólico e serviam para expressar desejos pessoais e sociais. Atualmente, as tatuagens perderam esse poder simbólico. As tatuagens contemporâneas não representam algo profundo ou ritual, servem apenas para mostrar a unicidade da pessoa que a carrega. O corpo deixou de ser um palco de ritual ou uma superfície que demonstrava crenças e passou a ser um espaço ao qual Han diz ser “publicitário”. As tatuagens servem para exibir e destacar o indivíduo num sentido superficial e comercial. Han sugere que esta mudança reflete a comercialização da identidade e a superficialidade da expressão individual na sociedade atual. O filósofo critica a uniformidade e a futilidade da sociedade neoliberal, onde a procura pela autenticidade resulta em pessoas que, paradoxalmente, acabam por se parecer entre si, como clones, devido à falta de significado mais profundo nas suas expressões de individualidade. Essa superficialidade e uniformidade são sinais de uma sociedade onde a verdadeira autenticidade foi substituída por uma performance constante e uma procura excessiva por validação externa, afastando a identidade pessoal do seu significado genuíno e profundo.

Após esta análise ao livro de Byung-Chul Han, parece haver semelhanças ao conceito de arte total de Richard Wagner na parte em que para algo ser considerado genuíno tem de partir de valores que venham ao encontro da comunidade, assim como a negação ao egoísmo. Tanto a arte total como a autenticidade não podem ser criadas a partir de uma única pessoa. Apesar de Byung-Chul Han ter razão ao afirmar que é impossível criar uma autenticidade sem referências externas e que, atualmente, muitas pessoas com tatuagens acabam por se parecer umas com as outras, devido à necessidade de validação externa, há uma opinião que poderia ter sido analisada mais profundamente: a de que, na sociedade contemporânea, não há um poder simbólico significativo nem motivos profundos nas tatuagens.

De acordo com o estudo *A Body of Work: A Case Study of Tattoo Culture* (1999), realizado por Janet Fedorenko, Susan Sherlock e Patricia Stuhr, as tatuagens podem ser divididas em duas categorias: simbólicas ou decorativas. No caso em análise, dez participantes do estudo caracterizam as suas tatuagens como simbólicas, representando “rituais de passagem” e quatro descreveram como decorativas. As tatuagens simbólicas, segundo o estudo realizado, foram as mais escolhidas, porque na maioria dos casos os indivíduos que escolhem fazer uma tatuagem querem marcar momentos emocionais da vida e/ou experiências que queiram comemorar. As tatuagens decorativas, que aparentemente, não têm um significado profundo, ainda deviam ser postas em consideração, mesmo que sejam realizadas apenas por “gosto” de tatuagens ou interesse estético. Além disso, o facto de as pessoas fazerem tatuagens com base em gosto individual não significa que se afastaram da comunidade ou que o ato não tenha um carácter ritualístico, pois a ideia, geralmente, provém de referências externas, muitas vezes de costumes passados ou de pessoas influentes na área da tatuagem.

Neste contexto também se pode convocar o pensamento de George Herbert Mead, mencionado na tese de Mestrado de Helena Maria Sanches Gomes, em psicologia, “Tatuagem, um “processo de materialização estética” (2018) da Universidade do Porto. No capítulo “Eu e o Self”, Helena Maria afirma: “Mead (1934) refere-se ao self como uma estrutura social, por emergir no cerne das relações sociais. Portanto, o self e o corpo são duas estruturas distintas. Assim, o self diferencia-se do corpo por se constituir com sujeito e objeto, enquanto que podem existir experiências corpóreas que não envolvam o self” (2018, p. 7).

Isto significa que a identidade de uma pessoa (*self*) se desenvolve através de interações sociais, tornando-se uma estrutura social. Este *self* é diferente do corpo físico, porque envolve a capacidade de ser consciente de si mesmo e de refletir sobre as suas próprias ações. O corpo, por outro lado, pode ter experiências puramente físicas que não envolvem essa reflexão e autoconsciência. Portanto, enquanto o corpo é uma estrutura física, o *self* é uma estrutura social e psicológica, que vai evoluindo através de relações sociais. A mesma coisa pode acontecer quando um indivíduo opta por fazer uma tatuagem só por gosto individual ou apenas para decorar o corpo. Mesmo que a tatuagem seja decorativa e não tenha significado simbólico profundo, a escolha de se tatuar ainda é influenciada por interações sociais e referências culturais. A pessoa pode ter sido inspirada por

uma tendência cultural, por amigos, ou por figuras históricas e contemporâneas da arte da tatuagem. Portanto, o ato de escolher e realizar a tatuagem, mesmo que aparentemente individualista, é um reflexo das conexões sociais e culturais do indivíduo. Além disso, é importante considerar que as tatuagens decorativas podem também ter um valor estético significativo, contribuindo para a identidade visual e autoexpressão de uma pessoa ou grupo. Esta escolha estética pode ser vista como uma forma de comunicação não verbal, que tem como propósito expressar preferências, estilos e identidades de maneira visual. Logo, mesmo sem um simbolismo explícito, essas tatuagens carregam significado na forma como moldam a percepção de si mesmo e a maneira como são vistos pelos outros.

3.2.1. Corpo Tatuado

Dentro desta análise, explora-se a ideia de um corpo muito adornado por tatuagens e como este é percebido e interpretado pela sociedade, assim como os motivos que impulsionam alguém a procurar a tatuagem como forma de autoexpressão. O corpo tatuado, tal como foi considerado anteriormente, é um conjunto de diversas obras de arte concebidas por diferentes artistas, assemelha-se a um museu ambulante, que inevitavelmente provoca emoções tanto naqueles que observam quanto naqueles que carregam essas marcas.

Como já mencionado em capítulos anteriores, o corpo é o suporte e a obra de arte, que consegue impactar tanto a pessoa que as tem como as que observam. Esta dualidade de impacto, tanto interno como externo, reforça a ideia de que o corpo tatuado é um meio de comunicação visual que consegue desafiar percepções e provocar discussões sobre temas como a identidade, autonomia e expressão pessoal. A complexidade e a profundidade das tatuagens como forma de arte revelam um valor cultural e psicológico que merece ser explorado detalhadamente, desde as motivações dos indivíduos até as relações sociais e culturais que suscitam. Isto pode ser demonstrado no livro *Body Art/Performing the Subject* (1998) de Amelia Jones, quando esta diz: “Body art proposes the art “object” as a site where reception and production come together: a site of intersubjectivity. Body art confirms what phenomenology and psychoanalysis have taught us: that the subject “means” always in relationship to others and the locus of identity is always elsewhere.” (1998, p. 10). Amelia Jones argumenta que a *Body Art* posiciona o corpo como uma obra de arte que junta a criação

com a experiência, acabando por promover uma interação partilhada entre o artista e o público. Esta expressão de arte apoia a ideia ligada à psicanálise e fenomenologia de que as identidades são formadas através das relações com os que nos rodeiam, algo que já tinha sido suportado também anteriormente por outros autores. Além disso, a arte corporal desafia a noção tradicional de que arte como é um mero objeto estático, transformando o corpo num meio dinâmico de comunicação.

A arte corporal tem diversos propósitos, servindo não só para criar aparências visualmente marcantes, mas também para solicitar respostas emocionais e sensoriais, como afirma Nicholas Thomas em “Body Art”: “The arts of the body are about not only creating appearances but also seeking affects.” (2014, p. 14). Esta expressão artística vai para além da estética, com o objetivo de impactar tanto o indivíduo que tem tatuagens como os observadores a um nível mais profundo, expressando identidade e provocando emoções e reflexões. A *Body Art*, nesse sentido, é uma forma de arte viva que evolui com a experiência de vida do indivíduo e com as interações sociais que este estabelece, tornando-se um veículo para a autoexpressão.

Mas o que leva um indivíduo a adquirir uma tatuagem? As motivações são variadas, mesmo que a mais comum seja o fator de gosto. A tese de mestrado em psicologia “Tatuagem, um “processo de materialização estética” (2018), de Helena Maria Sanches Gomes, estuda a construção de uma narrativa identitária corpórea através do corpo muito tatuado, tocando nas motivações que levam uma pessoa a escolher fazer uma tatuagem. Neste estudo, o fator de gosto mostrou-se ser a resposta mais direta e espontânea entre as motivações dos participantes, porém os participantes do estudo também mencionam a “fase da rebeldia” que é geralmente quando existe uma atitude, suficientemente, impulsiva para a realização da primeira tatuagem. Helena Gomes menciona também Erik Erikson, psicólogo e psicanalista americano do século XX, para explicar este fenómeno, afirmando que existe este conflito na fase final da adolescência em que a passagem para a independência é o que forma a identidade pessoal do mesmo (2018, p.34). Apesar de muitos adolescentes estarem ainda sob os cuidados dos pais, a opção de fazer uma tatuagem sem o consentimento ou mesmo com o propósito de desafiar as ideias dos mesmos, cria um senso de autoridade sobre o seu próprio corpo, criando uma identidade própria. O impulso de fazer mais tatuagens é, por vezes, explicado pelos participantes do estudo como um vício, mas não de uma forma viciante. Este “vício” pode ser interpretado como uma procura constante de autoexpressão e validação, onde cada tatuagem representa um novo capítulo ou narrativa pessoal do indivíduo.

Também é importante referir que uma das motivações para as pessoas adquirirem uma tatuagem, de acordo com o artigo “Why do people get tattoos” (2007) de Miliann Kang e Katherine Jones, é a subida da autoestima. Nesse artigo é descrita a história de uma mulher que não se sentia bem consigo própria, que sentia que não se inseria nos padrões de beleza e a tatuagem ajudou-a a encarar o seu corpo de uma nova forma, mais positiva. Um pensamento que já tinha sido abordado nesta investigação e que se consegue mostrar a partir de uma passagem do livro “Body Art” de Nicholas Thomas: “More importantly, the aim of adornment or modification is not necessarily to enhance the appearance or attractiveness of the individual, but a more profound transformation and empowerment.” (2014, p. 14). Este processo é mais do que melhorar a aparência; facilita o encontro de uma identidade própria e uma melhor perceção de si mesmo, levando a um aumento de confiança e controle sobre a própria imagem. A tatuagem mostra-se assim uma ferramenta eficaz no que toca à expressão pessoal e empoderamento do corpo. Algo que também foi analisado em 2015 por Anna Pajor, Grazyna Broniarczyk-Dyla e Julia Switalska no estudo “Satisfaction with life, self-esteem and evaluation of mental health in people with tattoos or piercings”, onde os resultados mostraram que as pessoas tatuadas ou com piercings caracterizavam-se por uma autoestima ligeiramente superior na avaliação da sua competência e poder pessoal em comparação com pessoas que não tem modificações corporais. Esse aumento da autoestima pode estar ligado à sensação de controle e empoderamento que as tatuagens proporcionam, permitindo que os indivíduos afirmem a sua identidade de uma maneira visível e tangível.

Dentro desta temática do corpo tatuado existe a questão do “corpo muito tatuado”. O que é o corpo muito tatuado? Qual é o efeito que causa nos que as carregam e nos que as observam? Geralmente, as pessoas que são muito tatuadas são aquelas que não conseguem contabilizar a quantidade de tatuagens que têm no corpo e que são descritas como tendo um “corpo cheio de tatuagens”. No entanto, as pessoas com muitas tatuagens veem a sua pele como uma extensão a preencher, ou seja, se já tiverem grande extensão de pele preenchida com desenhos, estes acabam por olhar para o que ainda dá ou ainda falta cobrir. As pessoas com menos tatuagens olham mais para a extensão que já tem preenchida (Gomes, 2018). Torna-se uma constante reflexão sobre a imagem corporal, cujo ato de tatuar ou de ser tatuado, nas palavras de alguns tatuadores, é um processo que dura uma vida. Tal como foi analisado por Helena Gomes, “O corpo muito tatuado não é considerado profano, mas um corpo artístico, obra de arte, estético, que constitui um meio e/ou um fim artístico - “É como se o meu corpo fosse uma tela” (M., 23 anos)” (2018, p. 33). Este processo contínuo de

tatuar pode ser visto como um processo pessoal de autodescoberta e autoaperfeiçoamento, onde cada tatuagem adiciona uma nova dimensão à identidade do indivíduo.

Apesar desta prática estar a ser normalizada dentro da sociedade, no caso de Portugal, nos locais mais pequenos e rurais, onde os habitantes são de uma faixa etária mais elevada, as tatuagens ainda têm uma conotação negativa. Muitas das pessoas que têm tatuagens ainda sentem “olhares de lado”, alguns de uma maneira negativa como desconfiança e outros por admiração ou curiosidade (Gomes, 2018). Esta questão pode ser relativa, porque geralmente está dependente de vários fatores como: quantas tatuagens tem a pessoa que está a ser observada e que a que observa, quais são os desenhos que estão tatuados, a idade, entre outros. Além disso, algumas séries televisivas ainda associam a tatuagem a estereótipos criminosos ou com uma imagem menos profissional, que pode aumentar ou alimentar o estigma já existente numa percentagem da sociedade. No entanto, foi possível investigar no artigo “Why do people get tattoos” (2007), já mencionado, que os estudantes tatuados que participaram no estudo (estudantes americanos), ao contrário dos estereótipos criados pela sociedade, mostram ser estudantes com alto desempenho e raramente pertencem a grupos relacionados com a criminalidade. A normalização e aceitação das tatuagens pode ser visto como um reflexo de mudanças culturais, onde a individualidade e a expressão pessoal são cada vez mais valorizadas.

3.2.2. Tipos de Tatuagem

Neste segmento, serão abordados alguns dos estilos de tatuagem mais praticados na atualidade, muitos dos quais têm as suas raízes em culturas antigas ou indígenas. Ao longo do tempo, esses estilos ancestrais de tatuagens evoluíram e foram apropriados pela cultura contemporânea, resultando numa variedade de técnicas e estilos que refletem tanto a tradição quanto a inovação.

De acordo com Nicholas Thomas em “Body Art” (2014), a *Body Art* que se escolhe para colocar no corpo pode ser vista como uma expressão da própria identidade, no entanto, os símbolos e os estilos que são tipicamente escolhidos não são das comunidades, nem dos sítios em que se vive. Como por exemplo, as sociedades desenvolvidas da atualidade, ainda usam métodos e estilos ancestrais para ornamentar o corpo, não tendo necessariamente uma ligação profunda com a cultura em que nasceu esse estilo.

Os estilos de tatuagem existentes são geralmente definidos pela maneira como os tatuadores realizam e organizam os elementos gráficos que estão presentes na composição, incluindo os traços de espessura diferentes, a paleta de cores e as técnicas de sombreado. Estes, como já tinha sido mencionado em capítulos anteriores, derivam muitas vezes de influências de estilos históricos da tatuagem que, por sua vez, provém de culturas e épocas diferentes. Para além disso, a inspiração em movimentos artísticos também é frequentemente utilizada, apropriando-se das características específicas dessas correntes para a criação de novas composições e estilos de tatuagem (Cardal, 2023).

Para entender melhor esta extensão do conceito sobre a autenticidade e a expressão de identidade, mostra-se importante falar um pouco sobre alguns dos estilos de tatuagem que ainda circulam e são realizados por todo o mundo. Porém, esta investigação não pretende falar de todos os estilos de tatuagem possíveis como questão principal deste projeto, logo os tatuadores que participaram nesta investigação só se irão enquadrar em certos estilos específicos. Por esse motivo, para a ordenação e escolha de estilos irá-se tomar em consideração a investigação de Susana Cardal na sua tese de doutoramento “A Tatuagem como Expressão Gráfica” (2023), pois recolhe os estilos de tatuagem principais.

A começar pelo estilo *Old School* e Tradicional, que são caracterizados por contornos grossos e fortemente delineados a preto para proporcionar uma maior nitidez e durabilidade às tatuagens. Para além da cor preta, as cores tipicamente utilizadas neste estilo são o azul, o vermelho, o amarelo e o verde. Estes estilos apareceram na primeira metade do século XX, por isso os temas mais frequentemente retratados estavam ligados à vida dos marinheiros, que incluíam sereias, peixes, âncoras, andorinhas, entre outros elementos náuticos, assim como elementos textuais dentro de bandas, refletindo a cultura dos anos de 1950. A partir do estilo *Old School*, surgiu o estilo New School na década de 1960, com o objetivo de quebrar as normas tradicionais que o estilo anterior tinha trazido. Este estilo veio do graffiti e da arte urbana, assim como de filmes e cartoons, o que fez com que os traços, ao contrário do estilo anterior, pudessem ter espessuras diferentes, cores e intensidades variadas e mais vibrantes, de forma a dar mais volume às composições. A junção destes dois estilos deu origem a um novo estilo, o Neo Tradicional, que como o nome indica é uma nova abordagem do tradicional. Este estilo é recente e surgiu na Europa, no entanto, é caracterizado pelas temáticas do estilo Old School, ou seja, elementos marítimos e da cultura norte-americana,

assim como pela paleta de cores vibrantes, mistura de tons e cores, contornos bem delineados e *dégradé* para os sombreados do estilo New School, com o principal objetivo de criar uma composição visualmente harmoniosa (Cardal, 2023, Amo tatuagem, s.d.).

Figura 13.
Tatuagens do estilo Old School



Nota: Tatuagens realizadas por Sailor Jerry. <https://sailorjerry.com/en/tattoos/>

O estilo Oriental é um dos tipos de tatuagem mais antigos, geralmente associado à cultura da China e do Japão. Este também é conhecido pelas suas antigas propriedades espirituais, culturais e cerimoniais, assim como a sua simbologia de carácter social. O estilo Oriental é caracterizado por linhas grossas e escuras, sombreados detalhados, cores vibrantes e a sua grande escala no que toca às composições, chegando a cobrir, por vezes, zonas extensas do corpo. Os temas mais retratados neste estilo são elementos naturais, como animais e plantas, tal como por seres mitológicos ou por personagens que representam a cultura oriental (Celebrity Ink, s.d.). Como já tinha sido falado em capítulos anteriores, este estilo ficou conhecido através dos gangues do Japão, os Yakuza, que tinham grande parte do seu corpo coberto por este tipo de tatuagem. Atualmente, este estilo ainda é realizado entre a sociedade contemporânea, porém já não guarda o estigma nem o significado que tinham entre as culturas orientais (Cardal, 2023).

Figura 14.
Tatuagem do estilo Oriental



Nota: Tatuagem realizada por Diao Zuo, Taiwan. <https://inkppl.com/en/user/diaozuo>

O estilo de tatuagem que também existe há milhares de anos e que ainda hoje é praticado é o estilo Tribal. Segundo Susana Cardal na sua tese de doutoramento “A Tatuagem como Expressão Gráfica” (2023), este estilo provém de influências Astecas, Iban, Celtas, Maori, Polinésias e Samoa-nas. Ainda na sua tese, Susana Cardal menciona os tatuadores Chris Nuñez e Oliver Peck, do programa televisivo “Ink Master”, dizendo que atualmente estas tatuagens ainda são realizadas em algumas destas tribos mantendo o seu significado da tradição cultural, no entanto, muitas destas composições tatuadas fora destes locais, atualmente, perderam o seu simbolismo que tinha sido atribuído pelas tribos, mantendo apenas as características técnicas e gráficas. Um exemplo desse fenómeno, pode ser lido no artigo escrito por Inês Freitas no jornal Público (2023), onde fala da tatuadora mais velha do mundo, Apo Whang-Od, de 106 anos, que realiza as tatuagens tradicionais da província de Kalunga nas Filipinas. Apesar de, dentro desta cultura, as tatuagens terem caído

em desuso, ganhou fama entre culturas de outros países, o que levou a que imensas pessoas viessem de propósito às Filipinas para serem tatuadas pela tatuadora indígena. As tatuagens realizadas continuam a ser tradicionais e a reter o significado original, porém as pessoas que realizam essas tatuagens não têm qualquer ligação com o significado originalmente atribuído, nem passam pelo processo de ritualização, no entanto a técnica e os grafismos são iguais à tradição original. No geral, este estilo é caracterizado por traços grossos, criando uma mancha densa no corpo, tradicionalmente usa-se a cor preta, composições lineares e com várias formas geométricas, representando motivos naturais como plantas ou animais, por vezes de uma maneira mais abstrata através de padrões (Ink Master, 2018). Da tatuagem tribal, surgiu o estilo contemporâneo *Blackwork* que, de acordo com o nome utilizado, usa, exclusivamente, a cor preta tanto para os contornos como para o preenchimento e sombreado. Apesar deste estilo remeter para as tatuagens tribais, existem outras linguagens visuais que, recentemente, foram criadas a partir do estilo *Blackwork*, como a “arte escura”, a “arte ilustrativa gráfica”, a “gravura” e os “roteiros caligráficos” (Amo tatuagem, s.d.).

Figura 15.
Tatuagem do estilo Tribal



Nota: Tatuagem realizada por Dmitrii Babakhin, São Petersburgo, Rússia. <https://www.instagram.com/baba-khintatau/>

O estilo *Fineline* é caracterizado pelo uso exclusivo de tinta preta, sem preenchimento, nem cor, por vezes, associado à técnica de tatuar desenvolvida dentro das prisões, por se utilizar apenas uma única agulha. Atualmente é visto como um estilo delicado e minimalista, com linhas finas e ténues, não guarda uma temática específica e é considerado como um dos estilos que requer mais detalhe, acabando por abranger um grande público-alvo (Cardal, 2023, Amo tatuagem, s.d.).

Figura 16.
Tatuagem do estilo *Fineline*



Nota: Tatuagem realizada por Mariana Julieta, Lisboa, Portugal. <https://www.instagram.com/baby.asteroid/>

Trash Polka é um estilo de tatuagem, criado por dois artistas e músicos alemães, Volko Merschky e Simone Plaff, proprietários do estúdio *Buena Vista Tattoo Club*. Estes tinham como objetivo criar um estilo novo de tatuagem que conseguisse representar o seu estilo musical, utilizando o corpo todo como suporte artístico, sem limites. O estilo é caracterizado pelo uso do preto com o vermelho, por vezes, preto com azul e o espaço em “branco”, a pele. Também é caracterizado pela colagem de vários elementos, como cidades em ruínas e outras paisagens quotidianas com retratos e caligrafia, de maneira a criar uma composição natural e caótica, que, simultaneamente, junta o realismo e o abstrato (Ink Master, 2017, Amo tatuagem, s.d.).

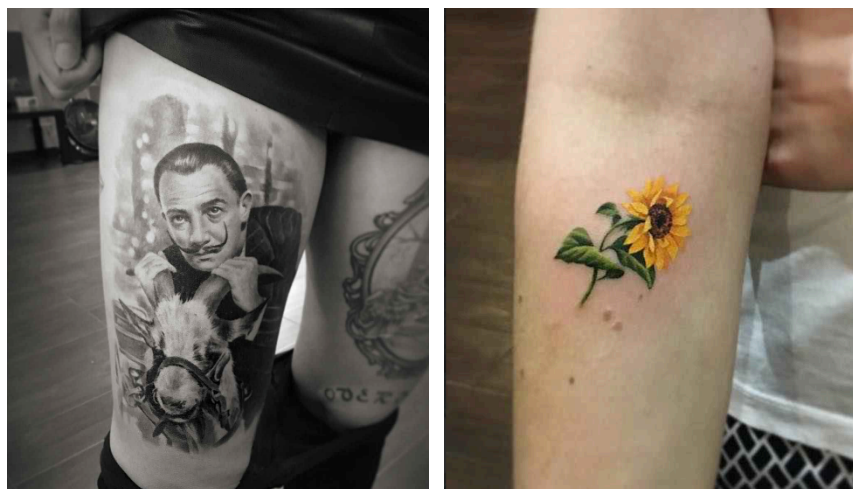
Figura 17.
Tatuagem do estilo Trash Polka



Nota: Tatuagem realizada por Simone Pfaff e Volker Merschky, no estúdio Buena Vista Tattoo Club, Alemanha. <https://trashpolka.com/tattoo-by-volker-merschky-simone-pfaff/>

O Realismo é o estilo de tatuagem que teve uma relação direta com o movimento artístico francês do século XIX, procurando representar a realidade e momentos da vida quotidiana. Para além da procura pelo real, este estilo não tem uma paleta fixa de cores, podendo ser monocromática ou policromática. A evolução das máquinas de tatuar e a possibilidade de usar diferentes agulhas para cada funcionalidade, tornaram possível a este estilo evoluir também para outras subcategorias, como o “Fotorealismo”, que usa uma fotografia para guiar a composição, geralmente usado para tatuar retratos ou objetos. “Microrrealismo”, usado para composições que requerem muita precisão e detalhe numa escala muito reduzida e o “*Black and Grey*”, que como o próprio nome indica, utiliza somente a cor preta e sombreados, de maneira a criar pontos de luz e sombra, sendo que os pontos de luz são criados pelo espaço negativo, ou seja, a pele (Ink Master, 2018, Cardal, 2023, Celebrity Ink, s.d.).

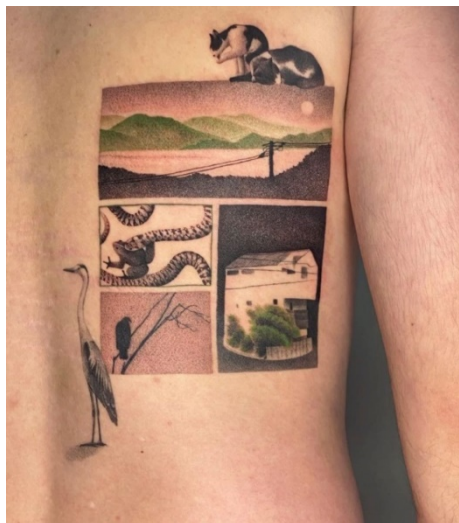
Figura 18.
Tatuagens do estilo Realista



Nota: Tatuagens realizadas por Zinaida Pasko, Londres, Inglaterra. https://www.instagram.com/zinaida_pasko/

O estilo *Dotwork* é caracterizado pela concentração de vários pontos de diversas espessuras para a criação de uma composição. A ciência por de trás deste estilo de tatuagem é semelhante ao do movimento artístico do Pontilhismo, onde se aplicam pontos de cor numa superfície para que à distância estes se misturem visualmente (Britannica, s.d.), tendo como diferença na tatuagem, geralmente, a ausência de cor. Neste caso as zonas mais escuras são criadas a partir da concentração de pontos com pouco distanciamento uns dos outros e as zonas mais claras são criadas por menos pontos com mais distanciamento entre eles, criando zonas de claro e escuro, dando uma percepção de profundidade e contraste (Cardal, 2023).

Figura 19.
Tatuagem do estilo Dotwork



Nota: Tatuagem realizada por Sofia Nabais, Lisboa, Portugal. <https://www.instagram.com/svnabais/>

Watercolor é um estilo de tatuagem que é caracterizado pela inexistência de contornos, manchas de cor vibrantes e pingos, feitos a partir da mistura de água com tinta gradualmente para criar dégradé de cor suave, tal como na técnica artística das aguarelas. Geralmente a cor preta não é utilizada e por essa razão este estilo é questionado pela sua falta de longevidade na pele (Ink Master, 2017).

Figura 20.
Tatuagem do estilo Watercolor



Nota: Tatuagem realizada por Daniel Natural, Minneapolis, Estados Unidos. <https://www.oceanblue-tattoo.com/daniel-natural>

O estilo de tatuagem Geométrico, como o nome indica, representa composições que são geradas a partir de formas geométricas, mais propriamente pelo círculo, triângulo e quadrado ou poliedros regulares. Ao juntar estas formas e por meio da repetição consegue-se criar uma composição simples, equilibrada e harmoniosa usando apenas estes elementos. Para além do uso de formas geométricas, este estilo usa, geralmente, a cor preta, podendo também usar traços de várias espessuras na mesma composição. Tal como era feito em culturas passadas, a comunicação por formas geométricas não é algo novo, dessa forma, este estilo procura juntar o ancestral com o contemporâneo (Ink Master, 2018).

Figura 21.
Tatuagem do estilo Geométrico



Nota: Tatuagem realizada Jakob, Berlim, Alemanha. https://inkppl.com/en/user/crooked_gun

Estes foram alguns exemplos de estilos de tatuagem, tendo conhecimento de que existem muitos mais estilos que partiram destes e foram evoluindo ao longo do tempo, porque assim como no meio artístico em geral, é possível que estes estilos acabem por sofrer algumas mudanças. A arte da tatuagem mostra-se estar em constante transformação, refletindo as alterações culturais, tecnológicas e sociais. Muitos dos tatuadores contemporâneos procuram expressar a sua criatividade e visão artística através da junção de vários estilos, criando composições únicas e, por vezes, inovadoras. A combinação destes elementos de estilos e influências diferentes dá aos tatuadores a possibilidade de quebrar com tradições estabelecidas e explorar novas fronteiras na arte da tatuagem, permitindo que esta forma de expressão artística continue a evoluir.

3.2.3. Ritual Contemporâneo

Dentro deste capítulo, explora-se como o simbolismo das tatuagens como representações de rituais, integração e transição continua a ser um aspeto relevante na sociedade contemporânea. Embora o processo de tatuar já não seja um espetáculo coletivo como em tempos passados, as tatuagens ainda exercem o papel de unir pessoas, formando comunidades que procuram expressar os seus gostos, opiniões e principalmente as suas identidades de forma autêntica - ainda que essa autenticidade seja muitas vezes questionada. Apesar das motivações individuais por trás de cada tatuagem serem diversas, a sua função essencial permanece a mesma. Contudo, mesmo que essa expressão não seja completamente autêntica, ainda é reconhecida como uma forma válida de arte e, portanto, integra um ritual moderno de autodescoberta e autoexpressão.

Foi possível entender no capítulo do contexto histórico que a tatuagem é uma prática ancestral, que já está presente há muitos anos, mesmo antes das civilizações modernas. A tatuagem é uma arte antiga que se baseia em tradições e simbolismo, que continua a cativar e a adornar o corpo de muitos indivíduos por todo mundo até aos dias de hoje. Apesar das ferramentas e técnicas terem evoluído, a essência da tatuagem permanece, profundamente, ligada à história. Tal como Nicholas Thomas diz no seu livro “Body Art”: “It is hard to make a sharp distinction between the use of ritual paints in an indigenous society and day-to-day adornment.” (2014, p. 11). Desde os povos antigos da Polinésia até à cultura Maori da Nova Zelândia, as tatuagens têm servido como narrativas que mostram a identidade cultural e o estatuto social. No passado, estes desenhos que eram gravados na pele eram vistos como rituais de passagem ou símbolos que continham significados espirituais. Em muitas culturas da Polinésia, como já foi mencionado, a tatuagem era um marco essencial na vida de um jovem, que representava a transição para a idade adulta e a sua aceitação na sociedade. Da mesma forma, os Maori usavam as tatuagens faciais chamadas “Moko” para indicar linhagem, estatuto social e conquistas pessoais. Hoje, a importância cultural das tatuagens ainda está presente, embora sejam inseridas num contexto moderno e tecnológico. As tatuagens servem como declarações de identidade pessoal, com o propósito de refletir crenças individuais, relações interpessoais e experiências de vida, podendo cumprir funções ritualísticas (Walzer e Sanjurjo, 2016).

Desde que a tatuagem começou a ser estudada em contextos de culturas indígenas, o ato de tatuar era algo que era ritualizado, acompanhado por uma cerimônia e tradições elaboradas. Esses rituais incutiram na tatuagem um significado profundo, que conecta os indivíduos às suas comunidades. Apesar do processo moderno de tatuar ter perdido o seu cariz cerimonial histórico, esta continua a ser considerada uma experiência profundamente pessoal e com muito significado. Reparou-se em capítulos anteriores que as motivações para fazer uma tatuagem, além do gosto pela expressão artística, também incluem a marcação de momentos importantes da vida ou a comemoração de eventos significativos (Gomes, 2018). O processo de tatuagem é descrito no artigo “A Life Told in Ink: Tattoo Narratives and the Problem of the Self in Late Modern Society” (2005) de Atte Oksanen e Jussi Turtiainen, como uma experiência poderosa e purificada, comparada a uma forma de acupuntura, algo terapêutico ou com propósitos relaxantes. As tatuagens podem, assim, identificar e simbolizar um certo grupo, cultura ou identidade, assim como servir para a decoração ou para honrar entes queridos. Este processo pode assim ser visto como um ritual, desde a preparação, a dor e todo o cuidado e tratamento para a cicatrização, fazem parte desta experiência imersiva.

Os tatuadores das culturas indígenas eram vistos com alto prestígio entre a comunidade e eram geralmente posições que passavam de geração em geração, usando ferramentas rudimentares feitas de osso e matéria vegetal. Estes artistas eram não só responsáveis pela criação das tatuagens, mas também pelos rituais e cerimônias associadas (Steve, 2000). A tatuagem moderna, por sua vez, é realizada por um tatuador que é visto como um artista ou artesão. Embora nem todos os tatuadores modernos sejam especializados em arte tradicional académica, muitos dedicam-se a estudar e preservar as técnicas e estilos históricos. Estes trabalham com máquinas de precisão e agulhas esterilizadas, proporcionando maior segurança, conforto e precisão. Os avanços tecnológicos revolucionaram o processo de tatuar, permitindo uma variedade maior de estilos, cores e complexidade nos desenhos (DeMello, 2000).

Como foi analisado no contexto histórico na parte da tatuagem contemporânea, a sociedade atual é influenciada pela própria imagem, moda e redes sociais, meios de comunicação e a validação social. Com isto, existe uma facilidade na partilha e conhecimento de estilos, gostos e criação de sub-comunidades dentro do universo das tatuagens, ajudando a criação de grupos e estereótipos dentro do tema. As redes sociais, em particular, desempenham um papel crucial na propagação de

novas tendências e na promoção de artistas, criando uma rede global que junta entusiastas e profissionais que se interessam pela prática. Ao observarmos as tatuagens de alguém, é possível fazer uma leitura quase automática e inevitável da sua personalidade (Gomes, 2018), que pode dar início a uma ligação entre indivíduos, desenvolvendo uma comunidade, onde partilham os mesmos gostos e costumes. Essa conexão social reforça o papel das tatuagens como forma de expressão pessoal e coletiva, assim como do seu papel ritualístico, ainda presente.

A prática da tatuagem, atualmente, consegue-se inserir na categoria de ritual contemporâneo, porque mantém elementos essenciais dos rituais ancestrais, como a preparação mental e física, a dor do processo e o cuidado com a cicatrização, que são vistos como um percurso pessoal que carrega grande significado. Este processo cria um espaço de introspecção e autoexpressão, semelhante aos antigos rituais de passagem. Além disso, as tatuagens continuam a desempenhar um papel importante na construção da identidade pessoal e cultural, com o propósito de celebrar momentos importantes e simbolizar crenças e experiências de vida, como era nas culturas indígenas, quando se mostrava o estatuto social e a linhagem familiar. Influenciada pela cultura *mainstream*, moda e redes sociais, a tatuagem moderna promove novos rituais de relação interpessoal e de ligação com comunidades por todo o mundo, fortalecendo as comunicações sociais. A tatuagem contemporânea tem como objetivo preservar o simbolismo ancestral, enquanto se adapta às novas formas de expressão e interação social, tornando-se como um ritual na vida das pessoas.

4. Estudos de Caso / Análise de dados

4.1. Introdução da análise

Esta investigação centra-se na exploração dos conceitos de Arte Total e de Autenticidade no contexto da tatuagem, uma forma de expressão artística que tem ganhado relevância cultural nos últimos anos. Com o principal objetivo de aprofundar a compreensão desses conceitos, foram realizadas entrevistas qualitativas com tatuadores que trabalham em Lisboa. A escolha deste método foi fundamentada pela natureza subjetiva e complexa das questões analisadas, que requerem uma abordagem de proximidade, capaz de perceber as variações de experiências e percepções entre os participantes. Foram entrevistados sete tatuadores de Lisboa, das quais duas entrevistas ocorreram presencialmente nos estúdios onde os próprios tatuadores trabalham, enquanto as cinco restantes foram realizadas online, através das plataformas Zoom e Facetime. Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes, permitindo uma transcrição rigorosa e detalhada das suas narrativas.

O propósito central destas entrevistas é não só validar os conceitos fundamentais teóricos discutidos anteriormente, como também explorar como é que os tatuadores vivem e compreendem a sua prática artística. As questões abordadas incluem o percurso académico dos entrevistados, a influência do conhecimento artístico na escolha da tatuagem como meio de expressão artística, a ligação com a tatuagem antes de realizar esta prática, ou seja, se já tinha mostrado interesse ou algum conhecimento da prática da tatuagem, a forma como aprenderam a tatuar, se foi através da relação mestre/ aprendiz ou de forma autodidata e a sua perspetiva sobre a possibilidade de associação do conceito de Arte Total à prática da tatuagem. Para além disso, procurou-se entender como é que os tatuadores percebem o impacto das tatuagens no corpo, o reconhecimento da tatuagem como uma forma de arte comparável a outras expressões artísticas e, finalmente, a posição do tatuador contemporâneo no contexto artístico.

De acordo com Gjoko Muratovski no livro “Research for Designers: A Guide to Methods and Practice” (2016), a investigação qualitativa é o método que se dedica a examinar como certos

grupos de indivíduos percebem e vivem o “mundo real”. Por outras palavras, a investigação qualitativa procura compreender a complexidade natural da vida quotidiana, levando em consideração a maneira como as pessoas interagem com o ambiente que as rodeia e como interpretam as suas experiências. Dessa maneira, este método de investigação mostra-se ideal para reconhecer a profundidade de problemas em questão, proporcionando uma visão abrangente que revela diversas perspetivas que surgem de diferentes contextos e situações. Neste caso, o grupo a ser estudado e aprofundado é o dos tatuadores, que percebem e experienciam a prática da tatuagem, fornecendo várias perspetivas sobre os temas em estudo. Através da investigação qualitativa, o estudo não só mostra a diversidade de opiniões e experiências, como também constrói uma compreensão mais abrangente e contextualizada da tatuagem como uma forma de Arte Total e uma expressão de autenticidade e empoderamento.

4.2. Discussão

4.2.1. Percurso Académico

Segundo DeMello em *“Bodies of Inscription”* (2000), muitos tatuadores dos anos de 1950 já possuíam uma formação artística mesmo antes de iniciarem as suas carreiras na tatuagem. Com essa perspetiva, na primeira pergunta da entrevista, o foco estava em saber mais sobre o percurso académico dos entrevistados. Esta pergunta foi formulada com o objetivo de verificar se os entrevistados tinham um interesse e/ou percurso artístico, muito antes de descobrirem que, eventualmente, seguiriam a profissão de tatuadores.

Todos os entrevistados mostraram ter uma forte ligação com áreas artísticas, tendo seguido estudos em campos como a fotografia, escultura, pintura, ilustração, design e cinema. Estes estudos variaram entre licenciaturas e mestrados, até cursos e workshops de menor duração. No entanto, dois dos sete participantes revelaram também um interesse em áreas dentro da filosofia e das humanidades. Um deles concluiu uma licenciatura em Línguas e Literaturas e, após finalizar o curso, decidiu explorar melhor as áreas artísticas, participando em cursos e workshops de ilustração. O outro participante começou por realizar uma licenciatura em Pintura na Faculdade de Belas Artes

de Lisboa, mas, após a conclusão do curso, optou por aprofundar os seus conhecimentos em filosofia, Estética e Teoria das Imagens, saindo temporariamente do campo artístico. Este último caso, embora centrado na filosofia, ainda reflete um interesse profundo pelo estudo das imagens e cultura visual, o que também pode ser considerado uma extensão do interesse artístico.

Desta forma, as respostas a esta pergunta apontaram que, ainda nos dias de hoje, as pessoas que se dedicam à prática da tatuagem possuem um histórico académico voltado para as artes. Antes de se tornarem tatuadores, já adquiriram conhecimentos técnicos e teóricos em artes, desenho e composição, o que evidencia a continuidade da ligação entre a arte e a tatuagem.

4.2.2. Ligação com a Tatuagem

Durante esta investigação, os participantes foram questionados sobre o motivo que os levou a ingressar na prática da tatuagem, com o objetivo de compreender se o interesse por esta prática era algo recente ou se já vinha desde uma idade mais recuada. As respostas foram diversificadas, mas a maioria dos entrevistados demonstrou que o interesse pela tatuagem começou cedo, enquanto dois dos participantes afirmaram que a tatuagem nunca havia sido um foco de grande interesse.

Entre os sete participantes, três mencionaram que entre os 8 e 12 anos de idade já assistiam a programas de televisão sobre tatuagens, “Eu comecei a interessar-me...eu sei lá que idade é que tinha...para aí uns doze, a ver o “Miami Ink” (Majó, 30 anos), ou compravam revistas especializadas no tema, “..., mas era mesmo obcecada com tatuagens, tipo, eu comprava os anuários de tatuagem em Portugal, via tudo o que havia na televisão de programas de tatuagem...” (Julieta, 30 anos). “Miami Ink” era um programa de televisão que esteve de 2005 a 2008 e que se tornou popular nos anos 2000. O programa acompanhava cinco tatuadores num estúdio em South Beach e destacava a arte da tatuagem, ao contrário de outros programas que se focavam mais nas interações entre artistas. O contacto com esses meios de comunicação despertou uma curiosidade que foi crescendo ao longo dos anos, e muitos tentavam imitar os desenhos das tatuagens que viam nesses programas televisivos, predominantemente, no estilo tradicional americano ou oriental, “...acho que deve ter sido nessa altura e adorava aquilo, adorava e dizia que ia ser tatuadora, os desenhos que eu fazia naquela altura eram tatuagens, tipo a imitar tatuagem tradicional americana e japonesa...” (Majó, 30 anos), “Eu lembro-me de ser adolescente e ir para a frente da televisão

desenhar...” (Mariana Cáceres, 32 anos). Entre esses três participantes, dois já tinham o desejo de se tornarem tatuadores futuramente.

Os dois participantes que não mostraram interesse prévio pela tatuagem adotaram uma abordagem mais prática e experimental. Para eles, a tatuagem era uma forma de ganhar independência, tanto pessoal como artística, e surgiu como uma alternativa mais tarde nas suas vidas.

A maioria dos entrevistados revelou que o interesse pela tatuagem começou ainda na infância ou no início da adolescência. Esse fascínio inicial pela prática da tatuagem levou com que, eventualmente, muitos deles seguissem meios artísticos, como a ilustração, desenho e pintura ou vice-versa, a tatuagem pode ter sido apenas uma extensão desse gosto inicial por arte.

4.2.3. Iniciação da prática de Tatuagem

Durante esta investigação, foi possível compreender, por meio de diversas perguntas, como é que os participantes se começaram a envolver com a prática da tatuagem, tanto como clientes - suporte para tatuar - como tatuadores, e explorar as razões que os levaram a dedicarem-se a esta prática profissionalmente. A forma como aprenderam a tatuar, seja por meio de uma relação mestre-aprendiz, cursos especializados ou como autodidatas, mostra-se essencial para esta pesquisa, pois ajuda a conectar o conceito Arte Total, discutido no capítulo “Conceitos Fundamentais”, com o papel do tatuador na contemporaneidade.

A relação entre o processo de aprendizagem dos tatuadores atuais e os métodos de ensino artístico da antiguidade clássica revelam semelhanças pertinentes. Tal como acontecia nas escolas da antiguidade clássica e até nos antigos estúdios de tatuagem, o aprendiz de um tatuador da atualidade, muitas vezes, segue o modelo tradicional de ser ensinado sob a orientação de um mestre experiente na área. Estas perguntas ajudaram a perceber as motivações dos participantes, tanto no desejo de serem tatuados, como na decisão de se tornarem tatuadores, como também foi abordado nos “Conceitos Fundamentais”.

No que diz respeito à “Ligação com a tatuagem”, percebeu-se que a maioria dos participantes demonstrou interesse pela prática desde a infância. No entanto, a primeira tatuagem foi realizada no final da adolescência ou já na vida adulta, geralmente entre os 18 e 29 anos. As motivações

para fazer a primeira tatuagem são variadas, desde homenagens a entes queridos até à expressão de gostos pessoais, como ilustrações ou partes de músicas. As motivações que levaram à aprendizagem da tatuagem também são bastante distintas: “...exaustão do mercado de trabalho na área...” (Catherina Cardoso, 33 anos), “foi muito mais, tornar o interesse mais económico, tentar ganhar alguma independência enquanto artista” (João Barroqueiro, 25 anos) ou simplesmente “...porque não?” (Sofia Nabais, 27 anos). No entanto, todos mostraram que tanto a decisão de realizar a primeira tatuagem como de começar a aprender a tatuar, foram decisões espontâneas.

Entre os sete entrevistados, quatro aprenderam de forma autodidata, principalmente através da observação de amigos que trabalhavam na área e de vídeos no “Youtube”. Um desses quatro, apesar de dizer que foi autodidata, admitiu ter tido uma aprendizagem “híbrida”, pois aprendeu também com alguns conselhos de uma tatuadora dentro de um estúdio de tatuagens. Dois outros participantes seguiram o caminho tradicional de aprender num estúdio de tatuagens desde o início, sob a orientação de um tatuador experiente. Uma participante mencionou que aprendeu a tatuar através de um curso intensivo especializado de três semanas, que incluía um estágio final num estúdio de tatuagens. Este curso pertence a um estúdio em Valência, Espanha, no entanto os responsáveis fazem viagens a Lisboa e Porto, com o intuito de realizar este curso também em Portugal.

4.2.4. Conceito: Arte Total inserido na Tatuagem

Durante a entrevista para a investigação, foram feitas várias perguntas numa aproximação ao conceito de “Arte Total” de Richard Wagner, abordado no capítulo “Conceitos Fundamentais”. O objetivo dessas perguntas era obter a opinião dos tatuadores sobre a possibilidade de inserir a tatuagem dentro desse conceito, assim como explorar aspetos relacionados com o mesmo, como a imersividade e a performance da prática da tatuagem.

Quando questionados sobre o conhecimento do conceito de Richard Wagner, quatro dos sete participantes afirmaram não ter qualquer familiaridade com o termo. Um dos entrevistados apontou ter uma breve noção, enquanto os dois restantes afirmaram já ter estudado o conceito em disciplinas académicas. Após uma breve definição do termo falado, os participantes foram questionados sobre se conseguiam ver a tatuagem inserida neste conceito, seis dos sete tatuadores concordaram

com essa relação, dando origem a várias justificações. Apenas um tatuador expressou dúvidas sobre esta relação, explicando que a incerteza vinha da questão de um tatuador ser ou não considerado um artista. Entre os que concordaram, percebeu-se um padrão nas respostas apresentadas. Os tatuadores afirmaram que a tatuagem poderia ser inserida no conceito de Arte Total devido a vários fatores. Primeiramente, pelo processo completo de obter uma tatuagem: desde a escolha do desenho, a execução da mesma, até o período após fazer uma tatuagem, na qual a tatuagem torna-se uma arte “ambulante” no corpo humano, passando por várias transformações ao longo do tempo, “Não é só o desenho final, é todo o processo” (Majó, 30 anos) e “É difícil ser mais envolvente do que algo que, literalmente, é feito com e para o corpo, uma coisa que, literalmente, anda contigo todos os dias, depois da tua vida e o momento em si em que se faz a tatuagem...” (Félix Rodrigues, 29 anos). Em segundo lugar, a originalidade e o estilo único do tatuador, o tatuador tem de ter uma “responsabilidade artística” e um cunho pessoal, evitando imitar desenhos já existentes e oferecendo algo único ao cliente. Por fim, o ambiente em que a tatuagem é feita foi destacado como um fator relevante, sendo essencial que o espaço seja seguro e confortável.

Esses fatores foram identificados pelos tatuadores como os mais importantes para tornar algo “Total”. Três dos participantes acreditam que qualquer tatuador consegue criar essa experiência total, seja positiva ou negativa, dependendo das suas habilidades e cuidados durante o processo. Por outro lado, os outros quatro participantes defendem que nem todos os tatuadores são capazes de criar tal experiência. Para eles, é necessário ter originalidade no trabalho desenvolvido, assim como um esforço consciente para criar um ambiente seguro e bem planeado. Alguns participantes mencionaram que a “nova onda” de tatuadores, como lhe chamaram, está mais ciente e preocupada com estes aspetos relacionados com a experiência.

Ao questionar se tatuar poderia ser uma experiência imersiva, a maioria dos participantes concordou que sim, com exceção de dois. Um deles mostrou-se reticente, argumentando que, de acordo com a sua experiência pessoal, não sabia ao certo se a tatuagem poderia ser considerada algo imersivo. O outro participante afirmou que a imersividade dependia do quão pessoal era a tatuagem em questão, quão maior é o valor simbólico e sentimental, maior é a probabilidade de ser imersiva. Os que concordaram explicaram que o processo de tatuar envolve muita concentração e precisão, e o ato de tatuar na pele humana, juntamente com o som ritmado da máquina, poderia criar uma abstração entre as duas pessoas envolvidas, formando uma espécie de “bolha” imersiva. Este ambiente

pode ser reforçado pela criação de um espaço seguro e confortável, assim como pela comunicação entre as duas pessoas. Um dos participantes também salientou que a imersividade pode também ser relacionado com a vivência da tatuagem após a sua realização, “...é completamente imersivo, porque é uma peça de arte que está só a viver a vida do dia-a-dia...” (Sofia Nabais, 27 anos).

Finalmente, quando questionados sobre a natureza performativa da tatuagem, todos os participantes concordaram que a tatuagem poderia ser uma experiência performativa, especialmente quando lhes é posto o exemplo da exibição num espaço artístico, como um museu. A maioria dos tatuadores mencionaram exemplos concretos de situações em que a tatuagem foi utilizada como forma de performances ou instalações artísticas, seja em contextos de rua, em que as tatuagens são feitas em momentos espontâneos ou em galerias de arte.

4.2.5. Tatuagem como um meio para o empoderamento do corpo

Um dos temas que também foi explorado nesta investigação foi o poder que as tatuagens exercem sobre a autoestima e autoexpressão de um indivíduo. O conceito Arte Total pode ser visto como algo que cria ou leva a uma experiência sensorial, por essa razão mostrou-se necessário fazer uma ligação com a parte mais emocional da prática da tatuagem. O conjunto de perguntas que foram formuladas tinha como objetivo investigar a mudança de perceção que acontece após um indivíduo adquirir uma tatuagem, o impacto dessa mudança na sua autoestima, as preocupações ou razões que levam à escolha de uma tatuagem específica, se é por razões estéticas ou por razões simbólicas e se é possível identificar a personalidade ou os gostos de uma pessoa através das tatuagens que tem no corpo.

Todos os participantes concordaram que as tatuagens têm um grande poder no que diz respeito ao aumento da sua autoestima, “Eu acho que as tatuagens têm um poder incrível na perceção de ti própria...” (Catherina Cardoso, 33 anos), três dos mesmos relataram casos em que clientes, inseguros com alguma parte do próprio corpo, na hora de decidir onde colocar a tatuagem, optaram por fazê-la nessa região em particular. Após o procedimento, esses clientes demonstraram maior confiança em relação à área que antes era um motivo para insegurança. Isto acontece porque a tatuagem permite que algo que a pessoa gosta seja desenhado no seu corpo, criando uma conexão

positiva com essa parte antes rejeitada, “tu passas a gostar, a apreciar mais o teu corpo, porque o enfeitas...estás a enfeitar com coisas que te fazem sentir mais tu” (Catherina Cardoso, 33 anos).

As respostas dos tatuadores à pergunta sobre o impacto da tatuagem na sua autoestima e se houve mudanças na maneira como se vêem a si próprios após fazerem uma tatuagem foram diversas, mas com significados semelhantes. Um dos tatuadores mencionou que, apesar de se sentir mais confiante após fazer a tatuagem, a percepção sobre si mesmo não mudou drasticamente, já que, antes de fazer a tatuagem, já era confiante na sua autoestima. Outro tatuador comentou que, mesmo reconhecendo os benefícios para a autoestima, sentia-se hesitante ao mostrar as suas tatuagens em determinados contextos sociais. Este sentimento de reticência foi compartilhado por dois participantes, que, apesar de valorizarem o efeito positivo das tatuagens na sua autoestima, tinham ainda preocupações quanto à visibilidade das mesmas em situações sociais específicas, como por exemplo, zona de residência muito conservadora.

Foi questionado também aos participantes se escolhiam fazer tatuagens por razões estéticas ou por razões simbólicas, na qual as respostas, apesar de serem diferentes, apontaram para as mesmas razões. Todos os entrevistados concordaram que, mesmo quando a tatuagem é feita por motivos estéticos, frequentemente, carregará sempre um significado pessoal para o indivíduo, seja relacionado com gostos particulares ou momentos marcantes da vida. Um tatuador respondeu, porém, que se interessava especialmente pela simbologia, pelos símbolos, não pela parte estética, o resto dos participantes ficou entre as duas razões, sendo o puramente estético e as duas razões ao mesmo tempo, ou seja, as razões para o qual escolhem fazer uma tatuagem é tanto estética como simbólica.

A questão sobre a possibilidade de saber a personalidade e os gostos de uma pessoa a partir das tatuagens que tem, teve várias respostas diferentes que, de certa maneira, indicam a complexidade desta interpretação. De maneira geral, os participantes concordaram que não é possível conhecer completamente a personalidade de alguém apenas pelas suas tatuagens, pois cada tatuagem pode representar diferentes fases ou circunstâncias da vida que estão em constante mudança. Os gostos mudam ao longo do tempo, uma tatuagem que reflete um interesse atual pode não ter o mesmo significado no futuro, o que dificulta uma análise definitiva sobre a personalidade de uma pessoa através das tatuagens. No entanto, dois tatuadores observaram que certos símbolos carregam preconceitos sociais, especialmente entre a comunidade mais jovem, o que pode influenciar a forma como essas tatuagens são interpretadas pelos outros que as veem.

4.2.6. A Tatuagem como meio artístico

Apesar de o tema da tatuagem já ser um assunto que é bastante abordado em muitos livros de arte, como foi demonstrado no decorrer desta investigação, foi questionado aos tatuadores a sua opinião sobre a inserção da tatuagem na categoria artística da *Body Art*, as diferenças entre essa prática e outros meios artísticos, e qual será a sua evolução dentro de um universo artístico. Estas perguntas tiveram como objetivo comprovar a ideia de que a prática da tatuagem pode ser algo que se relaciona com as artes e que está inserido num movimento com contexto artístico.

A opinião geral dos tatuadores é que a tatuagem pertence, obviamente e incontestavelmente, à *Body Art*, “Acho que se fores pesquisar a definição de tatuagem, é *Body Art*” (Sofia Nabais, 27 anos). Como o próprio nome indica, é “Arte no corpo” (Catherina Cardoso, 33 anos), uma forma de expressão artística que se manifesta através de símbolos gravados na pele. Um dos tatuadores entrevistados destacou que em comparação com outros métodos de modificação corporal, a técnica da tatuagem distingue-se pela sua criatividade, enquanto que as outras tem a tendência para serem mais técnicas e funcionais, não tendo o mesmo efeito no que toca à expressão artística e identitária de um indivíduo.

Quando questionados sobre o que diferencia a tatuagem de outros meios artísticos, os tatuadores indicaram vários fatores de distinção, nomeadamente, o facto de a tatuagem ser uma arte partilhada, pois envolve um processo colaborativo entre o cliente e o tatuador. A tatuagem é um meio artístico que demora pouco tempo, tanto no processo criativo como na sua produção, assim como envolve um pagamento monetário após a sua finalização, algo que nem sempre acontece com outros meios artísticos. Desta forma, a tatuagem mostra-se diferente de outras formas de arte que podem ter processos de criação e comercialização mais longos e complexos. Outra característica da tatuagem é a sua natureza efémera. Ao contrário de uma pintura ou escultura que pode durar séculos sem sofrer qualquer alteração visual, a tatuagem está em constante mudança após ser feita, devido à transformação natural da pele e do corpo humano. Dessa forma, a diferença mais evidente entre a tatuagem e outros meios artísticos que foi apontada pelos participantes é o suporte onde se está a trabalhar.

Em relação às previsões dos tatuadores sobre o futuro artístico da tatuagem, um dos participantes disse que qualquer que seja a evolução da tatuagem, o estilo Tradicional estará sempre presente e

continuará a ser base para muitos outros estilos artísticos, enquanto que estilos como o *Fineline* no futuro poderá ser praticado com menos regularidade, devido à sua pouca durabilidade. Três outros participantes mantiveram-se na ideia de que o futuro da tatuagem passará pelo aumento do número de tatuadores, ou seja, haverá mais pessoas a tatuar e, possivelmente, a criar estilos de tatuagem novos. Estes tatuadores da “nova onda”, como certos participantes lhes chamaram, demonstraram ter um cariz mais artístico e ilustrativo, assim como mais inclusivos e mais preocupação com a experiência, o momento de tatuar. Segundo estes autores, a “nova onda” também mostrará mais preocupação na maneira como expressam a sua identidade artística e originalidade, realizando tatuagens com um cunho pessoal e não realizando cópias. Os restantes dois participantes falaram da possibilidade da integração da inteligência artificial na prática da tatuagem, em específico, uma máquina de inteligência artificial, já existente, que consegue replicar tatuagens e tatuar na pele humana.

4.2.7. A posição do tatuador da atualidade

Um dos assuntos de interesse que também foi estudado na entrevista realizada, foi sobre a posição dos tatuadores na atualidade. O tatuador contemporâneo é visto como uma figura multifacetada, que pode ser descrita desde artesão até *content creator*. Quando questionados sobre como se identificam - seja como artesãos, artistas ou ambos - a resposta geral foi “tudo”. Os tatuadores entrevistados explicaram que o tatuador da atualidade consegue assumir várias dessas definições ou apenas algumas, dependendo do estilo e das escolhas pessoais. Atualmente existe muita variedade no que toca a estilos de tatuagem e de serviço da mesma, refletindo a diversidade de oferta e procura no mercado.

Nas respostas dos participantes viu-se que existe uma distinção entre tatuadores. Alguns tatuadores são considerados como artesãos, pois só estão a prestar um serviço, geralmente associado aos tatuadores com um estilo *Old School* e outros que se identificam mais como artistas, que se importam

com a originalidade e autenticidade, seja nas *flashes*² como na experiência. Muitos tatuadores da atualidade também são responsáveis por gerir as suas contas nas redes sociais - ferramenta usada para divulgar o seu trabalho e atrair clientes. Um dos entrevistados, por exemplo, mencionou que, ainda hoje utiliza muitos dos conceitos do seu curso de design na criação de publicações para as plataformas *online*. Por isso, os tatuadores atuais acabam por reunir um conjunto de técnicas e conhecimentos, “saltando” entre diferentes áreas. Outro participante mencionou que, seja qual for a classificação dos tatuadores, irão sempre inserir-se na área artística, “...mas também, lá está, eu acho que artesãos são artistas e designers são artistas e ilustradores são artistas” (Félix Rodrigues, 29 anos).

A categoria de tatuador enquanto profissão legal reconhecida pelo estado é algo, relativamente, recente em Portugal, tendo surgido entre três a cinco anos atrás. Antes disso, os tatuadores eram classificados na mesma categoria de cabeleireiros e esteticistas, e não como parte da categoria artística. Quando questionados sobre o que poderia ser melhorado na posição dos tatuadores na sociedade atual, as respostas foram diversas. Apesar de todos os tatuadores entrevistados fazerem questão de que a saúde fosse um tema extremamente importante quando se tatua, só um tatuador entrevistado é que, após fazer a pergunta, defendeu que a tatuagem em Portugal necessitava de uma legislação mais rigorosa, com mais regras e controlo para garantir ainda mais segurança à prática. A restante parte dos participantes apontou para a importância do reconhecimento artístico da prática, tanto por parte do estado como por parte do público em geral. Este reconhecimento poderia vir na forma de apoios do estado, como existe para o teatro e a tauromaquia, ou a partir de uma maior valorização artística, de forma a combater a desvalorização causada pela competição de preços. O problema de alguns tatuadores cobrarem valores muito baixos acaba por subestimar o trabalho dos tatuadores que querem ser reconhecidos pelo seu trabalho artístico e dedicam tempo e habilidade para a criação de *flashes* únicas para cada cliente. Outro assunto mencionado foi a relação entre o estado económico do país e o como isso afeta a profissão de tatuador. A tatuagem foi considerada como um “luxo”, dessa forma, a instabilidade económica acaba por afetar o setor, uma vez que a população precisa de ter uma certa estabilidade financeira para investir em prazeres

² Flashes é o nome que se dá às folhas com os desenhos realizados pelo tatuador, geralmente, esses desenhos são mostrados ao cliente para o mesmo escolher qual é o que quer tatuar. Flash, por conseguinte, é o singular, um desenho único. Esta nomeação foi falada anteriormente e encontra-se na página 20.

pessoais. Atualmente, os tatuadores em Portugal mostram-se a enfrentar um período de dificuldades económicas.

Todas as entrevistas acabaram com a mesma questão: “Quais são os aspetos mais gratificantes do teu trabalho como tatuador?” ao qual as respostas dos participantes mostraram ser semelhantes, destacando que uma das partes mais gratificantes da sua profissão era ver a transformação que a tatuagem conseguia proporcionar ao cliente, “ver como a tatuagem ajuda as pessoas a apreciarem-se mais a elas próprias” (Catherina Cardoso, 33 anos). No geral, ver a autoconfiança aumentar e a felicidade de quem acabou de receber uma peça de arte numa parte do seu corpo é a maior recompensa do trabalho como tatuador. Para além disso, entre outros aspetos, foi ainda mencionado o facto de a tatuagem permitir conhecer pessoas novas que partilham os mesmos gostos artísticos e conseguir tatuar em países diferentes, prática muito semelhante a retiros artísticos.

4.3. Conclusão da análise

Após a análise das entrevistas realizadas, foi possível obter uma compreensão mais aprofundada da investigação em questão, permitindo uma reflexão sobre a prática da tatuagem e a sua relação com o conceito da Arte Total. As entrevistas revelaram que, antes de ingressarem na prática da tatuagem, os participantes já tinham mostrado interesse pela mesma, influenciados, maioritariamente, por programas de televisão que estavam relacionados com tatuagem, como é o caso do “Miami Ink”. Também já tinham mostrado interesse por artes, escolhendo uma área artística no ensino secundário, em cursos avulsos ou no ensino superior. A aprendizagem da tatuagem ainda mantém uma abordagem muito tradicional de mestre/aprendiz, em que o tatuador é ensinado por um profissional da área num estúdio de tatuagem, porém esta aprendizagem também pode ser autónoma, assistindo a vídeos do Youtube ou o, método menos utilizado de aprendizagem, que é a via curso profissional, que foi reportado nas respostas dos participantes.

Em relação à ligação entre a tatuagem e o conceito de Arte Total, a maioria dos participantes concordou com essa associação. No entanto, para que seja considerado algo “Total” é necessário

ter consciência de todo o processo de criação, acabando por criar uma peça artística que é permanente e está em constante mudança. A acrescentar a isso, a originalidade e a capacidade de criar uma experiência imersiva e sensorial para o cliente foram também destacados como características essenciais para que esta prática pudesse ser considerada uma expressão de “Arte Total”. Os novos tatuadores, aos quais os participantes chamaram de “nova onda”, foram referidos como os mais capazes de proporcionar essa experiência “Total”, devido à sua preocupação com a originalidade, o seu interesse artístico e a preocupação pela segurança e conforto do ambiente. Ao relacionar a tatuagem com o conceito de “Arte Total”, também se falou sobre “experiência imersiva”, perguntando aos participantes se a tatuagem poderia ser algo imersivo. A maioria dos tatuadores entrevistados concordou que a tatuagem poderia ser considerada uma experiência imersiva, justificado pelo som rítmico da máquina combinado com a concentração que se tem de ter enquanto se está a fazer uma tatuagem, pelo ambiente e pela comunicação entre tatuador e cliente. A maioria dos participantes também viu a possibilidade de a tatuagem ser vista como uma performance artística, acabando por dar alguns exemplos de casos em que a tatuagem já foi exposta como tal, seja em museus ou performances espontâneas do dia-a-dia.

Através das entrevistas também foi possível perceber que a tatuagem tem um grande impacto na imagem e expressão pessoal. Os participantes afirmaram que as pessoas, após receberem a tatuagem no seu corpo, sentem-se mais confiantes e mais conectadas com a sua própria identidade. Apesar de ainda existirem alguns estigmas sociais em torno da tatuagem, muitos dos entrevistados perceberam que a aceitação está em crescimento: olhares que antes simbolizavam preconceito, agora simbolizam curiosidade. Quanto à escolha das tatuagens, a maioria dos tatuadores indicou que faz tatuagens em si próprio por motivações estéticas e simbólicas. Estes afirmaram que, inicialmente, as tatuagens eram escolhidas simplesmente por motivos estéticos, no entanto, aperceberam-se que mesmo as tatuagens estéticas acabam por adquirir algum significado simbólico ao longo do tempo, representando momentos ou fases da vida. Por esse motivo, a maioria dos tatuadores consideraram difícil fazer uma leitura definitiva da personalidade de alguém apenas pelas tatuagens que tem, uma vez que os gostos e significados podem mudar com o passar do tempo.

Todos os participantes desta investigação consideraram a tatuagem como *Body Art*, pois é arte que está no corpo. Visto que a tatuagem foi classificada como pertencente a um meio artístico nesta

investigação, foi questionado qual a diferença entre tatuagem e outros tipos de arte, à qual a resposta foi que a tatuagem se distingue por ser algo colaborativo, entre o artista e o cliente, por ser uma transação curta, envolvendo uma troca monetária e, principalmente, por ser uma arte em constante transformação. O estilo Tradicional permanecerá popular no futuro da tatuagem como meio artístico, devido à sua durabilidade, mas irão existir, possivelmente, novos estilos de tatuagem, mais artísticos e ilustrativos, criados por esta “nova onda” de tatuadores que está em crescimento. Ainda no tema da tatuagem no futuro, foi mencionado a existência de máquinas de inteligência artificial que conseguem recriar e realizar tatuagens em humanos, porém ainda é algo que está a ser estudado e testado.

A última análise das entrevistas foi sobre o tatuador da atualidade, que, de acordo com os entrevistados, mostrou ser um artista completo, que reúne várias áreas em si mesmo, desde artesão até *content creator*. Os tatuadores entrevistados revelaram que o que melhoraria a sua posição era mais reconhecimento, podendo vir na forma de apoios do estado, mais legislação ou mais valorização artística.

Os dados obtidos confirmaram a relação entre tatuagem e o conceito de “Arte Total”, assim como evidenciar o papel da tatuagem no empoderamento do corpo de um indivíduo. A colaboração entre tatuador e cliente, a diversidade de habilidades envolvidas, a criação de uma experiência imersiva e a possibilidade de ser vista como uma performance artística tornam a tatuagem numa expressão artisticamente completa. O estudo da prática da tatuagem não só contribui para o seu reconhecimento como arte visual, mas também como uma forma de autoexpressão pessoal e artística. É de realçar também que apesar de os resultados serem significativos, a investigação foi limitada à participação de sete tatuadores trabalhadores em Lisboa, devido ao tempo limitado para a realização e análise das entrevistas e à indisponibilidade de muitos dos tatuadores inicialmente selecionados. Dessa forma, o número de entrevistados serviu para dar uma resposta superficial e breve dos conceitos em questão presentes na investigação. Por conseguinte, se houvesse investigações futuras no tema em questão poder-se-ia abranger a mais tatuadores, talvez a nível regional, ou até mesmo artistas que não tenham relação direta com a prática da tatuagem, para conseguir ter uma visão mais abrangente sobre a relação dos temas em questão com a tatuagem.

5. Projeto

5.1 Conceito

Este projeto explora dois conceitos discutidos na investigação: a “Arte Total” e a autenticidade. O conceito principal, “Arte Total”, refere-se a uma experiência imersiva e sensorial colaborativa, onde existe uma relação entre a obra e o espectador. Para sustentar estes conceitos, foi criado um objeto artístico em que o observador consegue interagir com o mesmo, de maneira a criar algo que seja denominado “Total” e imersivo.

O objeto consiste numa caixa com um formato semelhante ao de um boneco de gengibre. Tanto na parte superior quanto na inferior (tampa e base da caixa), a caixa apresenta uma gravura de uma figura humana. Dentro da mesma, encontram-se vários elementos que incentivam a interação com o observador, como: uma placa de contraplacado ilustrada com a mesma ilustração humana da caixa na frente e verso; diversos acetatos com tatuagens dos tatuadores entrevistados; um Livro Explicativo e um Exemplo de Disposição de tatuagens. Também está incluído, dentro da caixa, uma pele sintética - usada para praticar tatuagem - com a mesma ilustração da caixa, dando liberdade criativa ao espectador para interagir diretamente, seja com uma máquina de tatuagem, uma agulha ou qualquer material de desenho tradicional. Este livro apresenta o conceito do projeto, identifica os artistas das tatuagens presentes nos acetatos, e fornece algumas informações sobre os tatuadores, como o nome, a idade, o estúdio onde tatuam, e uma descrição de como classificam o seu estilo artístico, retirada das entrevistas realizadas aos mesmos. A interação do espectador com a caixa começa com a abertura da mesma, escolhendo e organizando os acetatos sobre a figura humana gravada, criando uma combinação de tatuagens conforme o seu gosto. Durante esse processo, o espectador pode consultar o livro presente na caixa, para descobrir quais são os artistas responsáveis pelas tatuagens escolhidas, formando não só uma experiência pessoal e interativa, como também dá a conhecer alguns tatuadores da zona de Lisboa.

Este projeto tem como propósito aplicar o conceito “Arte Total” a um objeto artístico. Através do estudo dos “Conceitos Fundamentais” e das entrevistas com os tatuadores, foram identificados os

elementos que tornam uma obra verdadeiramente “total”. Neste contexto, a “Arte Total” estende-se a algo que é caracterizado como “arte ambulante”, que parte de uma idealização e após a sua criação é exposta ao público, estando num suporte vivo que está em constante transformação. Ainda neste contexto, esta “Arte Total” vive dos conceitos de originalidade e unicidade, que vem da colaboração entre diferentes artistas, unindo estilos artísticos diferentes e proporcionando uma experiência colaborativa e imersiva.

A interação do objeto com o indivíduo torna-se um elemento importante na criação de uma experiência imersiva. A possibilidade de retirar e mudar de sítio os objetos presentes na caixa, faz com que o indivíduo tenha uma certa liberdade de criação, dando-lhe um sentimento de pertença e imersividade. Da mesma forma, ao juntar vários artistas, com estilos diferentes, originais e únicos, num só objeto, torna-se possível criar uma experiência colaborativa, semelhante a um trabalho de curadoria. Com a sobreposição dos acetatos, o indivíduo observa como as tatuagens alteram a figura humana, dessa forma, o objeto permite compreender, de forma simples e visual, as transformações que a tatuagem pode provocar no corpo. Ao fazer isto, o indivíduo irá se sentir incluído e colocar-se-á na posição da figura humana ilustrada no objeto, passando por um processo de autor-reflexão inconsciente, tornando evidente o conceito de autenticidade e empoderamento falados nos capítulos anteriores.

O objetivo deste projeto é sobretudo sensibilizar o público para a prática da tatuagem, de maneira a salientar o seu valor como forma de expressão artística e destacar a sua relevância dentro de um contexto visual mais amplo. Ao estabelecer uma interação direta com o observador, este projeto coloca a tatuagem numa posição que não é só meramente física e corporal, mas sim, num contexto dentro da cultura visual.

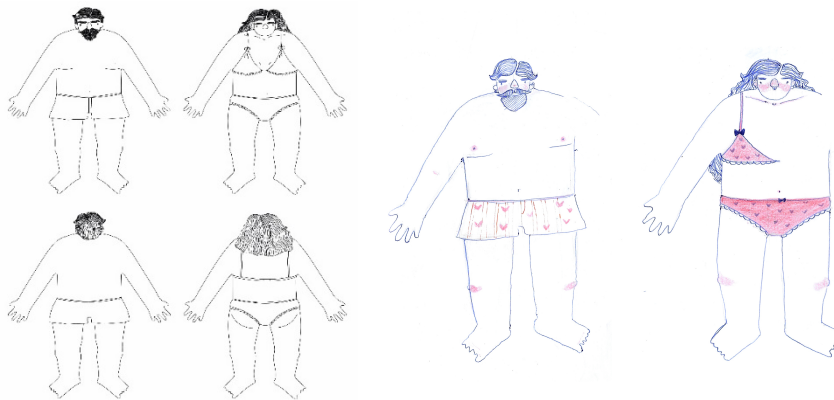
5.2. Identidade Visual do objeto

De acordo com Julian Oppelt, no artigo do *The Branding Jornal* (2023), a identidade visual de uma marca é, numa explicação muito breve, uma combinação de elementos gráficos, como a paleta de cores, a tipografia e a imagética. Apesar de este projeto não se tratar de *branding*, também se mostra importante perceber a identidade visual do mesmo, e com base nessa premissa, este projeto

é inspirado na estética dos circos ou *Freak Shows* americanos e locais marítimos das décadas de 1970 e 1980, onde a presença de indivíduos com tatuagens era bastante comum. O objetivo é resgatar e reinterpretar essa estética, trazendo-a para um contexto contemporâneo. Tanto as tatuagens escolhidas como a ilustração realizada para o projeto pretendem refletir essa dualidade, juntando o estilo tradicional dos anos de 1970 e 1980 com uma abordagem mais ilustrativa e diversificada da atualidade. Esta combinação procura equilibrar as influências passadas com as tendências atuais, onde a ilustração ganha grande destaque.

O desenvolvimento visual começou com a idealização dos estereótipos masculinos e femininos daquela época, considerando diferentes corpos e características faciais. A partir dessa pesquisa e tendo em consideração o estilo ilustrativo que se pretendia para o projeto, chegou-se às representações demonstradas na fig. 22, que podem ser descritas num estilo ilustrativo simples e inocente.

Figura 22.
Primeiros esboços das ilustrações

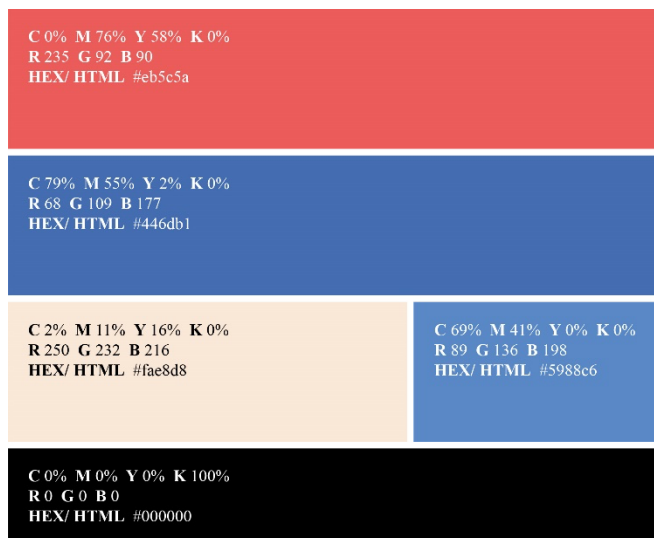


Nota: As ilustrações do lado esquerdo foram desenhadas digitalmente com a ferramenta Adobe Illustrator e as da esquerda foram desenhadas manualmente, com lápis de carvão, lápis de cor rosa e contornadas, no final, com esferográfica BIC azul. O pensamento, desde o início, era tornar esta personagem simétrica para que fosse fácil colocar dentro de uma caixa e a ilustração poder estar tanto de frente como de costas, por essa razão foi desenhado manualmente só um lado da personagem, para que depois digitalmente se colocasse a ilustração o mais simétrica possível.

Como já tinha sido mencionado no livro sobre a exposição “O mais profundo é a pele”, realizada em 2017 pela MUDE - Museu do Design e da Moda e pelo Instituto de Medicina Legal e Ciências Forenses, no Palácio Pombal em Lisboa, as tatuagens em Portugal, eram unicolores, sendo as cores mais comuns o preto e o azul, tendo por vezes alguns pormenores a vermelho ou verde. Para este projeto foram escolhidas as cores: preto, azul e vermelho, que remetem para as tatuagens realizadas

nessa época. Mais tarde no desenvolvimento do projeto, irá-se incluir a cor da madeira utilizada para a construção da caixa, como base para o livro interior, não tendo como propósito levantar quaisquer questões de inclusividade e moralidade, pois trata-se de escolhas técnicas devido aos materiais e à época que se escolheu como inspiração para a parte ilustrativa.

Figura 23.
Paleta de cores usada no projeto



Nota: A ideia das cores usadas foi retirado das tatuagens realizadas tanto em Portugal, descritas no livro “O Mais Profundo é a Pele”, da exposição realizada em 2017 do MUDE.

As tipografias escolhidas para este projeto desempenham um papel fundamental na criação da identidade visual, unindo a estética dos anos de 1970 e 1980 com a contemporaneidade do *design* atual. Para os títulos, foi utilizada a “Fairwater Sailor Serif Regular”, desenvolvida por Laura Worthington. Esta fonte remete para a estética dos marinheiros e circos da década de 1970 e 1980, e apesar da sua forte ligação com essa época, esta tipografia mantém um aspeto inocente e arredondado, criando uma boa harmonia com o estilo ilustrativo presente no projeto. Este tipo de letra também é muito comum nos livros que retratam tatuagens *Old School*, pois elucida para as tatuagens que estavam presentes nos braços dos marinheiros, que eram muitas vezes palavras. Já para o corpo de texto, foi selecionada a tipografia “Chandler 42”, desenvolvida por Steve Mehallo. Esta fonte é uma homenagem às antigas máquinas de escrever, conhecidas pela sua rigidez e dificuldade

de corrigir erros ortográficos. Esta tipografia traz consigo uma sensação de singularidade e autenticidade, simbolizando a permanência e a imperfeição inerente ao ato de escrever manualmente. Apesar da utilização de uma máquina de escrever verdadeira ter sido considerada para este projeto, a escolha por uma fonte digital foi deliberada, de forma a evitar a criação de uma nostalgia forçada. O objetivo era trazer tradições antigas, como o uso da máquina de escrever, e interpretá-las no contexto atual, sem perder a conexão com certas noções de autenticidade do passado.

Figura 24.
Tipografias escolhidas para o projeto

FAIRWATER SAILOR SERIF REGULAR

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ? ! ; , .) (

Chandler42 Noir

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ? ! ; , .) (

Chandler42 Lite

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ? ! ; , .) (

Nota: A “Fairwater Sailor Serif Regular” foi usada para o título e a “Chandler 42” foi usada para o interior do livro, que inclui corpo de texto e alguns títulos.

5.3. Naming

O nome escolhido para este projeto foi “Corpo à Vista”. Este nasceu da união de uma das temáticas escolhidas para a identidade visual, os marinheiros, e o tema desta investigação, as tatuagens. Este nome pretende fazer uma referência direta à icônica expressão usada pelos marinheiros “Terra à vista!”, mas também pretende fazer uma referência a um dos conceitos falados na investigação de mestrado de Helena Maria Sanches Gomes (2018), onde explora a percepção do “corpo muito tatuado”, algo que também foi abordado nesta investigação no subcapítulo “Corpo Tatuado”. Nesse estudo, Helena Gomes argumenta que as pessoas com muitas tatuagens tendem a olhar mais para

as áreas do corpo que ainda estão “vazias”, ou seja, que ainda não foram tatuadas, enquanto as pessoas com poucas tatuagens focam-se nas partes já preenchidas.

Foi com base nesta observação que se deu o nome “Corpo à Vista” para o projeto, de maneira a fazer uma analogia deste aspeto “corpo ainda por preencher” ou “corpo vazio”, antes do observador abrir a caixa e perceber que consegue cobrir o corpo ilustrado com várias tatuagens.

5.4. Seleção dos tatuadores

O projeto contou com a participação de 8 tatuadores, que trabalham em Lisboa, seleccionados com base em critérios que refletem o conceito de “Arte Total”. Os tatuadores presentes neste projeto participaram nas entrevistas realizadas, com a exceção de um deles que, devido à sua falta de disponibilidade para a realização da entrevista, optou por responder apenas às perguntas estipuladas para a parte projetual e autorizou a utilização dos desenhos para este projeto. Os requisitos para a seleção de tatuadores “Totais” incluem ser um novo artista que mostre interesse ilustrativo e/ou artístico, que aplique a sua arte em várias áreas diferentes, que se preocupa com a experiência do cliente no ato de tatuar, que cuida do ambiente de trabalho e criação e que sobretudo se preocupa com a originalidade e unicidade das suas peças. É de ressaltar que, tanto a escolha dos tatuadores como a seleção das tatuagens dos mesmos foram uma escolha que teve influência do gosto pessoal da autora deste trabalho, pois um dos objetivos era dar a conhecer o estilo e o trabalho destes artistas tatuadores, ao mesmo tempo que se fazia a ligação com o conceito estudado.

5.5. Análise do objeto

Como já foi mencionado, o projeto em questão consiste numa caixa com uma forma humana, que guarda 5 elementos distintos: acetatos com tatuagens, uma Placa de contraplacado ilustrada com a ilustração correspondente à tampa e base da caixa, um Livro Explicativo, um Exemplo de Disposição e uma pele sintética. De momento, este objeto irá ser um único exemplar, no entanto, não se

exclui a possibilidade de tornar este projeto algo comercial se assim houver interesse em projetos no futuros.

A caixa com dimensões de, aproximadamente, 250 milímetros de altura, 170 milímetros de largura e 50 milímetros de profundidade, acaba por se tornar a peça central que tem como objetivo transportar os elementos que servem para interagir com o observador. Para que seja mais fácil de compreender a realização do mesmo, o projeto consegue ser dividido em duas partes principais: a idealização e execução da caixa, e a idealização e realização dos itens internos, que incluem a pele sintética, os acetatos, o Livro Explicativo, a Placa de Madeira ilustrada e o Exemplo de Disposição.

Idealização e Execução da Caixa: A caixa de madeira foi projetada com uma forma humanoide para sair do conceito de caixa convencional e trabalhada a partir de laser para criar uma ligação direta com a prática da tatuagem.

Idealização e Realização dos Itens Internos:

Placa de contraplacado ilustrada: Placa de contraplacado com a ilustração humana presente na tampa e na base da caixa. Esta tem como objetivo ser a base para os acetatos, para que se consiga criar a ilusão de que se está a colocar tatuagens em cima da pessoa ilustrada.

Acetatos: A caixa contém 24 acetatos diferentes, cada um apresenta uma tatuagem diferente. Estes acetatos foram escolhidos e posicionados para proporcionar uma variedade de estilos artísticos de tatuagens.

Livro Explicativo: Composto por 11 folhas, este é um livro não convencional, que serve para explicar o conceito e mostrar os artistas tatuadores que estão representados nos acetatos. Este proporciona informações extra sobre os tatuadores em questão, como se fosse uma carta de um jogo.

Exemplo de Disposição: Tem as mesmas dimensões que o Livro Explicativo, porém é apresentado à parte, ou seja, não consta dentro do mesmo. Este tem o objetivo de exemplificar uma possível composição que se consegue fazer a partir das tatuagens presentes nos acetatos.

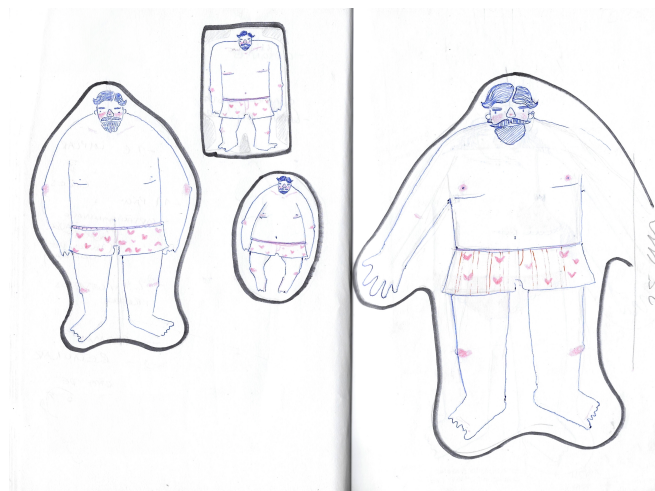
Pele Sintética: A pele tem 1mm de espessura, tem as mesmas dimensões e ilustração da Placa de contraplacado. Para a realização desta foi preciso uma máquina de tatuar para a

gravação da ilustração e tinta própria de tatuagem. Esta pele sintética, não só serviu para estudar o material que se utiliza quando se aprende tatuagem, como permite que o espectador interaja e tenha também um papel criativo.

5.5.1. Caixa

O projeto da caixa passou por diversas etapas de experimentação antes de chegar à decisão final. Inicialmente, foram testados diferentes formatos, como o quadrangular e o oval, mas o que melhor se adequou ao conceito foi o formato humanoide ou silhueta humana. Essa escolha permitiu que a ilustração que a caixa apresentaria mantivesse o seu protagonismo, sem comprometer a sua integridade visual.

Figura 25.
Estudos de formas de caixa



Nota: Para cada forma de caixa diferente, foi feita uma ilustração que encaixasse nessa mesma forma.

Após a decisão do formato humanoide, iniciaram-se os primeiros esboços, tanto em papel como em 3D, utilizando a ferramenta Blender. Esta parte foi crucial para visualizar melhor as proporções e escolher os materiais adequados para a construção da caixa. A impressão 3D foi inicialmente considerada, porém, devido à baixa qualidade do acabamento e à dimensão total escolhida, acabou-se por descartar essa ideia. A caixa apresentava uma forma complexa, com curvas muito acentuadas, o que dificultava o uso de materiais rígidos. A primeira tentativa de construção envolveu o uso de placas de contraplacado nas bases e PVC nas laterais, um material que é maleável quando exposto a altas temperaturas. No entanto, a experimentação mostrou que o PVC não se adequaria ao projeto, pois não conseguia acompanhar as curvas da caixa e ter-se-ia de pintar o que tornaria o acabamento de baixa qualidade. A segunda tentativa, mais promissora, envolveu o uso de contraplacado nas bases e MDF para as laterais. Apesar do MDF ser um material rígido, foi possível torná-lo flexível realizando cortes ao longo da tira lateral, possibilitando que se moldasse às curvas da caixa.

Figura 26.
Estudos feitos na ferramenta Blender



Nota: Testes iniciais da estrutura da caixa com forma de silhueta humana.

Figura 27.
Estudos de materiais para a realização da caixa



Nota: À esquerda está representada a estrutura lateral feita com PVC, que acabou por ser descartada. À direita está representado o estudo da primeira estrutura lateral com MDF. Os cortes no MDF conferem que este seja maleável e acompanhe as curvas da caixa.

Os cortes das peças, tanto das bases como das laterais, foram feitos com uma máquina a laser para garantir a máxima precisão. Antes da montagem final, foram realizados testes para a aplicação das ilustrações na tampa e base. A princípio, considerou-se o uso de uma caneta de pirografia, para manter o traço manual do desenho. No entanto, após experimentar com a gravação a laser, constatou-se que essa técnica preservava a identidade do traço original.

Figura 28.
Gravação a laser da ilustração



Nota: Vídeo da gravação a laser - <https://drive.google.com/file/d/1uq9MvqQohDQtwI0rhD38jcPx0iI-duUkD/view?usp=sharing>

A escolha da madeira mostrou-se ideal para o conceito da investigação, pois esta pode ser trabalhada com xilogravura ou queimada para criar composições, algo que pode ter algumas semelhanças com o processo de tatuagem, onde a pele recebe uma marca permanente. No projeto da caixa, a madeira assume o papel de suporte, gravada de forma permanente pela máquina a laser, estabelecendo as semelhanças entre os processos de tatuagem e gravação em madeira.

Para a montagem da caixa, as bases foram coladas com Super Cola 3, unindo as laterais ao fundo da caixa. Após secarem, a base e as laterais receberam um acabamento com cola de madeira, ao mesmo tempo que a tampa e a tira (utilizada como método de fecho) estavam a ser coladas. Depois de todas as partes estarem fixas e secas, iniciou-se o processo de gravação a laser. A ilustração do homem e da mulher foram gravadas na madeira, sendo que a ilustração feminina foi aplicada em placas separadas, pois devido ao tempo estipulado, não haveria tempo para a realização de duas caixas. Por fim, foram aplicados alguns detalhes com lápis de cor rosa, para dar identidade à ilustração e a caixa recebeu uma camada de cera de madeira, assegurando a preservação dos acabamentos com lápis a longo prazo.

Figura 29.
Processo de colagem da caixa



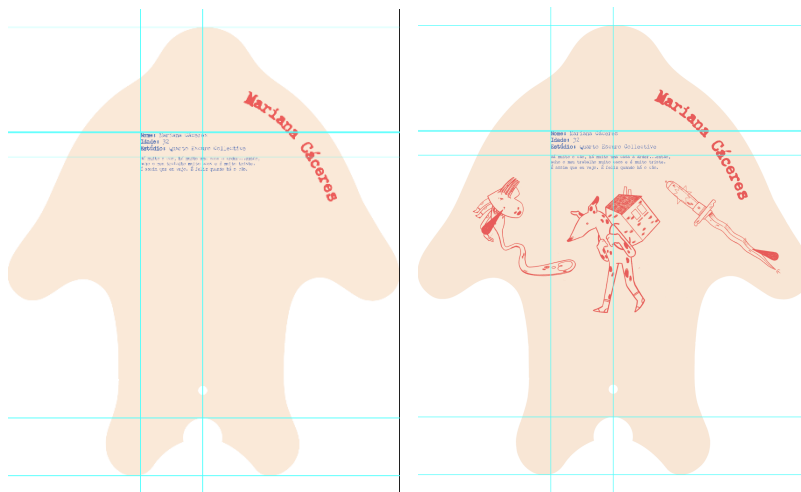
Nota: A imagem da esquerda mostra a cola de madeira para o acabamento interior, após ter sido usado Super Cola 3 para colar as laterais à base. A imagem mais à direita mostra o processo de colagem da tampa, a fita cola ajudou a manter a tampa no sítio durante o seu transporte.

5.5.2. Conteúdo da caixa

Apesar da organização estipulada, tanto a parte exterior da caixa como o conteúdo interno foram desenvolvidos quase simultaneamente. À medida que as dimensões reais da caixa se tornavam mais claras, iniciou-se o desenvolvimento editorial do livro explicativo, uma peça importante para contextualizar o projeto.

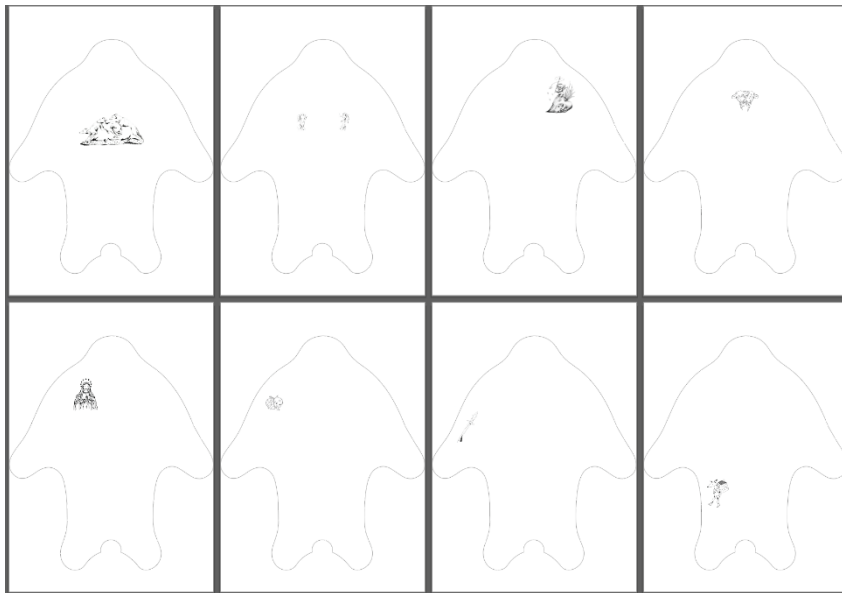
Este livro, no entanto, não segue o formato convencional, com costura e abertura da direita para a esquerda. Inspirado no Guia de Fórmula Pantone, a sua encadernação é feita com um parafuso em uma das extremidades, permitindo que as páginas sejam giratórias e criando uma experiência dinâmica de consulta. A escolha deste método de encadernação tinha como objetivo trazer um toque de interatividade ao manuseamento da informação, evitando uma estrutura muito comercial. Apesar da ideia inicial ser de utilizar cartões soltos, optou-se pela encadernação de parafuso para evitar confusão e desorganização. O objetivo do livro é explicar o conceito do projeto, ao mesmo tempo que apresenta os artistas tatuadores envolvidos. O visual adotado remete para cartas de jogo, de fácil manuseamento e sem uma grelha editorial fixa, acompanhando o formato humanoide da caixa. Para isso, foi necessário enviar para uma gráfica, onde foi impresso digitalmente (quatro cores) em cartão Simwhite de 280 gramas, contracolado frente e verso com cola e finalizado com uma plastificação mate. Após este procedimento passou-se ao corte da forma de silhueta humana com um cortante - base de madeira com uma lâmina contínua, formando a silhueta pretendida para o corte.

Figura 30.
Estrutura de grelha utilizada



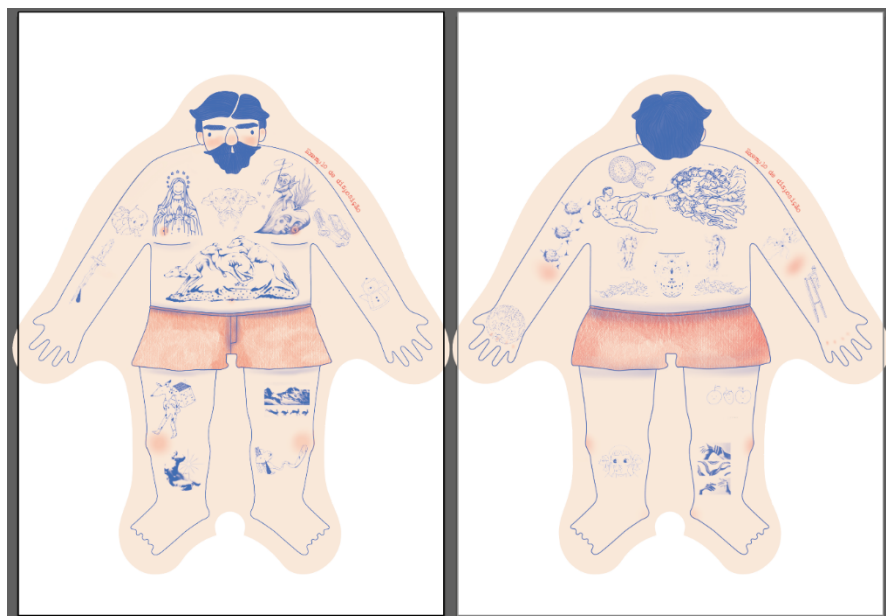
Paralelamente com esse processo, foram criados acetatos individuais, cada um com uma tatuagem diferente, posicionada de acordo com uma preferência pessoal. Estes têm 0,5 milímetros e foram impressos com uma impressão UV, no final da impressão foram cortados também com o cortante do livro, mas foi retirado o furo destinado para o parafuso. O Exemplo de Disposição foi também feito em simultâneo com o Livro Explicativo, mantendo o visual e as ilustrações do mesmo, assim como o mesmo material, método de impressão e corte. Tanto os acetatos, como o Livro Explicativo e Exemplo de Disposição foram desenvolvidos utilizando as ferramentas Adobe Illustrator e Photoshop para pequenos ajustes, e depois enviados para uma gráfica, onde foram impressos e cortados com o específico cortante. Com todas as páginas do Livro Explicativo cortadas, estas foram unidas com um parafuso central de 3 milímetros, garantindo a funcionalidade do mesmo.

Figura 31.
Alguns dos acetatos realizados



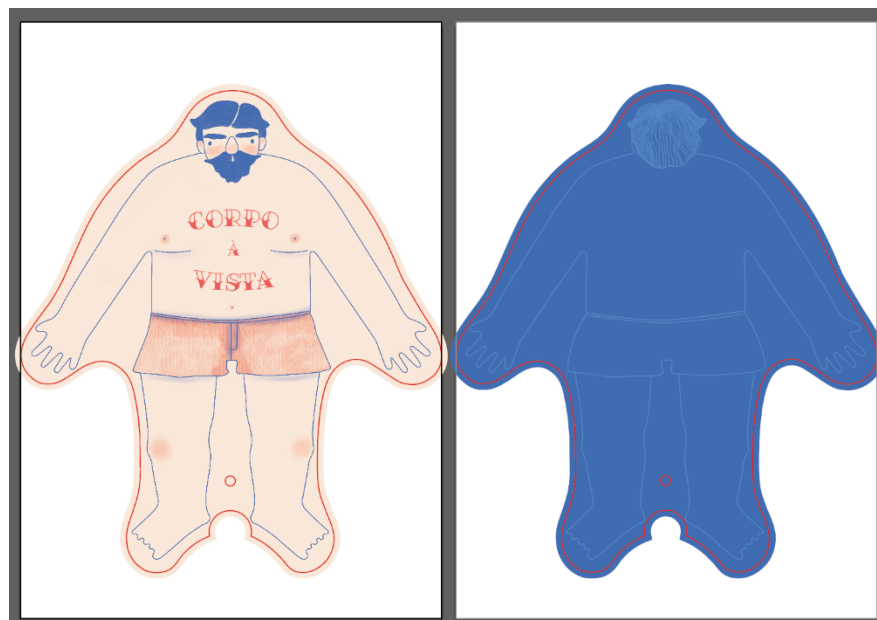
Nota: Foram selecionadas 3 tatuagens de cada tatuador entrevistado e, conseqüentemente, colocadas individualmente num acetato. A cor para a impressão das tatuagens nos acetatos passa a ser preto.

Figura 33.
Exemplo de disposição com todas as tatuagens escolhidas



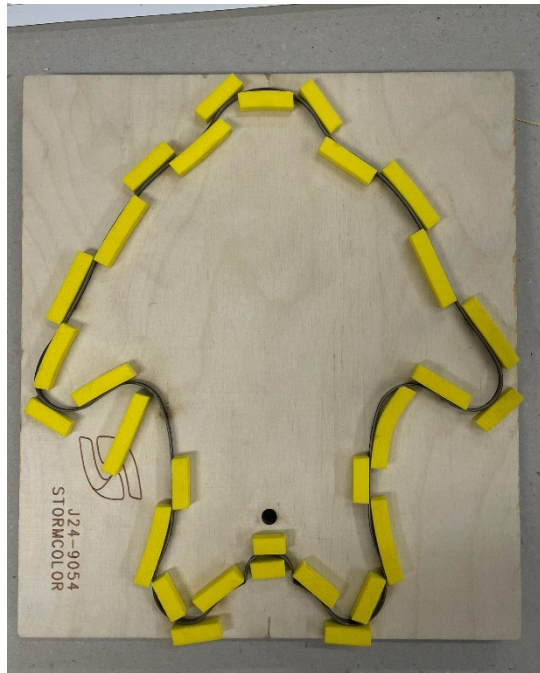
Nota: O Exemplo de Disposição manteve o visual do livro, desta vez com as tatuagens a azul, de maneira a criar uma ligação com o interior do livro ao mesmo tempo que se consegue diferenciar do mesmo.

Figura 32.
Artes finais de um dos elementos



Nota: Antes de enviar para a gráfica, preparou-se as artes finais dos acetatos, Livro Explicativo e Exemplo de Disposição. Para isso foi posto um *bleed* de 3 milímetros e uma linha vermelha para representar o cortante.

Figura 34.
Cortante usado para cortar as peças



Nota: O cortante é feito a partir de uma placa de madeira que recebe a gravação a laser do desenho pretendido. Após a gravação a laser é colocada uma lâmina seguindo a linha formada pelo queimado do mesmo. As esponjas amarelas servem para que o papel não fique preso na lâmina.

Enquanto o livro, os acetatos e o exemplo estavam a ser preparados, começou-se a parte prática da tatuagem em pele sintética. Para isso, o desenho foi transferido para o papel hectográfico, utilizado na transferência manual do stencil. Após o desenho estar no papel, passou-se um lubrificante (Stencil Stuff) na pele sintética para que o desenho passasse mais facilmente e para que o stencil fosse mais duradouro, de maneira a não desaparecer enquanto se tatua a pele. Com o stencil devidamente fixado, iniciou-se a tatuagem com tinta preta. Finalmente, a pele foi recortada na forma adequada para ser acomodada dentro da caixa.

Figura 35.
Processo de tatuar a pele sintética



Nota: A pele sintética é usada para praticar tatuagem. Ao tatuar a pele sintética, ficou-se a saber que este material não se compara à pele humana, pois não consegue absorver a tinta. Vídeo do processo - <https://drive.google.com/file/d/1oXoUYIHOe-5eA46WntjPDM0L2Sbimpv3/view?usp=sharing>

Por último, a placa de contraplacado foi realizada da mesma forma que a caixa exterior, ou seja, cortada e ilustrada através da utilização da máquina a laser.

5.6. Resultado final

Figura 36.
Vista frontal da caixa



Figura 37.
Vista traseira da caixa



Figura 38.
Livro explicativo aberto



Figura 39.
Outra possibilidade de abertura do livro explicativo



Figura 40.
Disposição da placa de contraplacado com os acetatos



Figura 41.
Funcionamento dos acetatos sobre a placa de contraplacado



Figura 42.
Exemplo de disposição (frente)



Figura 43.
Exemplo de disposição (costas)



Figura 44.
Pele sintética dentro da caixa



Figura 45.
Vista geral do projeto



Figura 46.
Detalhes do projeto



Nota: Vídeo do funcionamento da caixa - <https://drive.google.com/file/d/199xXhsomtIxdwX5yvDXmJwpbSLoZXGd6/view?usp=sharing>

5.7. Considerações finais do objeto

Após a conclusão de todos os conteúdos, a montagem final da caixa seguiu uma ordem específica de colocação dos elementos: primeiro, foi inserida a pele sintética tatuada, seguida pela Placa de contraplacado, os acetatos, o Exemplo de Disposição, e, por último, o Livro Explicativo. Esta disposição foi planeada para garantir que cada peça complementasse a outra e oferecesse uma experiência coerente ao explorar a caixa.

Apesar de o tempo disponível ter permitido a realização de apenas uma das caixas idealizadas, o projeto abre espaço para futuras reflexões e abordagens. Atualmente, em contextos contemporâneos artísticos, é comum muitos projetos abordarem questões atuais da sociedade, trazendo a discussão e reflexão sobre problemas morais, éticos, culturais e políticos. Nesse sentido, o projeto poderia ser aprofundado com novas abordagens que desafiam mais estas questões de normas sociais e quebra de estereótipos. Com mais tempo e recursos, seria interessante incluir representações de corpo não normativos, e incluir diversidade cultural e de sexualidade nas ilustrações, de maneira a enriquecer o diálogo visual alinhado com interesses do projeto. Expandir a rede de tatuadores selecionados também seria uma evolução natural do projeto. A ideia de envolver tatuadores não só de uma região específica, neste caso de Lisboa, mas para diferentes partes do mundo, traria um interesse adicional à experiência e permitiria tocar mais na questão da colaboratividade e *networking* entre tatuadores do mundo, incluindo estilos e técnicas ilustrativas diferentes.

Este potencial para novas abordagens e colaborações mostra que este projeto, apesar de ter tido uma execução e tempo limitado, tem uma grande capacidade de evolução e relevância dentro do contexto artístico e de cultura visual, procurando proporcionar mais questões da atualidade importantes para a uma reflexão e introspeção.

Conclusão

Durante a realização desta investigação e do projeto, foi possível adquirir um conhecimento aprofundado sobre a prática da tatuagem, tanto do ponto de vista histórico como em relação à forma como os tatuadores veem questões atuais, como a falta de reconhecimento artístico, os desafios e as partes mais gratificantes da vida profissional.

Para sustentar esta investigação, foi essencial contar com a participação de profissionais da área da tatuagem, que ofereceram respostas a questões sobre os conceitos de Arte Total e Autenticidade. O objetivo principal deste estudo era sensibilizar o público para a prática da tatuagem e promover um maior reconhecimento artístico dessa forma de expressão, mencionando tatuadores que olham para o seu trabalho como uma arte e não só como um serviço técnico. A tatuagem, enquanto forma de expressão artística, tem mostrado ter um grande potencial para ser inserida em contextos académicos, especialmente nas áreas da arte e Cultura Visual. Como foi explorado nesta investigação, a tatuagem consegue interagir com diversas outras áreas artísticas e técnicas, acabando por atrair pessoas com diferentes interesses e aptidões. Desta forma, é uma prática que poderia ser introduzida em escolas do ensino superior em Portugal, onde ainda é pouco discutida em contextos académicos.

Através das entrevistas realizadas no âmbito desta investigação, conseguiu-se saber que a maioria dos tatuadores entrevistados aprendeu a tatuar de forma autodidata, recorrendo a vídeos no YouTube ou por meio de aprendizagem informal em estúdios de tatuagem, aprendendo com outros tatuadores que provavelmente também passaram pela mesma experiência na sua aprendizagem. Só uma das tatuadoras entrevistadas afirmou ter realizado um curso intensivo de tatuagem, com duração de três semanas. No entanto, esse curso não era português, apenas oferecia uma formação em Lisboa e no Porto por tempo limitado. O curso intensivo incluía áreas teóricas, como higiene e segurança, antropologia e marketing, e áreas práticas, como a disposição dos materiais antes de tatuar e o uso adequado da máquina de tatuar. Métodos de ensino semelhantes a qualquer outro curso académico de artes.

A colocação da tatuagem no ensino superior artístico, não é um assunto muito falado em Portugal, no entanto, existe um grande número de cursos online a ensinar esta prática, não conferindo qualquer nível académico. Em outros países, como Itália, já existe o ensino da tatuagem em contextos académicos. Um exemplo é a Accademia di Belle Arti di Udine GB Tiepolo, que oferece um plano de estudos com duração de três anos, à imagem de uma licenciatura, inteiramente focada na prática da tatuagem.

Este curso italiano está estruturado de maneira a abranger várias áreas importantes para a aprendizagem da tatuagem, incluindo áreas teóricas como: História da arte, Inglês, Marketing e Web marketing, Informática aplicada, Psicologia e Comunicação com o cliente, Diversificação Estilística em Tatuagem, Higiene Aplicada, Dermatologia, Técnicas e Ferramentas de Tatuagem, História e evolução da tatuagem e Gestão de loja; e áreas mais práticas como: Anatomia artística, Desenho, Conceito de Arte, Técnicas do design, Pintura, Fotografia, Tatuagem em couro sintético e modelos, incluindo no final de cada ano um estágio, de maneira a consolidar a experiência prática dos alunos.

Da mesma forma, este plano de estudos poderia ser possivelmente aplicado a algumas escolas artísticas de ensino superior, de maneira a dar algum reconhecimento e legitimidade a esta prática que está em constante crescimento entre os jovens portugueses. Ao trazer a tatuagem para um ambiente académico, seria possível garantir um nível de formação qualificada, promovendo não só o seu valor artístico como a segurança e profissionalismo da mesma.

Esta investigação foi estruturada em quatro fases principais: o desenvolvimento do contexto histórico, a discussão dos conceitos fundamentais, a realização das entrevistas com tatuadores e a respetiva análise, e, por fim, a concretização do projeto visual. Esta metodologia foi considerada a mais apropriada para garantir uma abordagem clara e organizada, permitindo uma leitura acessível das questões iniciais. O projeto que resultou deste estudo teve como objetivo destacar os conceitos e a problemática proposta, ao mesmo tempo que promove o trabalho dos tatuadores que também são artistas. No entanto é importante salientar que esta investigação não procura apresentar respostas definitivas, pois acima de tudo trata-se de uma questão que pode ser subjetiva, da mesma maneira que o conceito de Wagner pode ser subjetivo para alguns. Esta investigação não tinha o propósito de responder a questões que não tem resposta ou que partem de uma opinião pessoal, mas sim dar espaço a novas abordagens e reflexões, assim como, levantar mais questões

sobre este tema: Tatuagens, no contexto artístico. Para além disso, devido à falta de disponibilidade de muitos dos profissionais inicialmente selecionados para participar nesta investigação, as respostas aqui fornecidas, servem, como mencionado, para levantar novas questões e dar uma breve visão sobre o conceito relacionado com o tema das tatuagens.

Tendo em consideração as questões colocadas inicialmente: Será que a tatuagem pode ser considerada uma Arte Total? O que torna um tatuador um artista Total? E será que a tatuagem pode ser um motivo para o empoderamento do corpo? Existe uma divisão quando se olha para vários tatuadores, os que estão a prestar apenas o serviço, a técnica, e os que se preocupam a fazer a diferença artística e a proporcionar novas abordagens ilustrativas. Aqueles tatuadores que se preocupam com a unicidade e originalidade no seu trabalho, que expressam o seu estilo artístico com gosto, que se preocupam com o espaço e o ambiente, e que levam a tatuagem como uma extensão de outras áreas artísticas são os que são os que mais se aproximam do conceito de Arte Total. A questão do empoderamento, parece ter uma resposta comum entre os tatuadores e de um ponto de vista pessoal, a tatuagem é um meio que consegue ajudar na autoconfiança e amor próprio, assim como na expressão pessoal e artística.

Referências bibliográficas

- Amo tatuagem (s.d.). *Tatuagem biomecânica: Você vai adorar essas inspirações e fotos*. Acedida a 4 julho, 2024, a partir de <https://amotatuagem.com/tatuagem-biomecanica/>
- Amo tatuagem (s.d.). *Tatuagem Old School: Um dos estilos de tattoo mais apreciados no mundo*. Acedida a 8 julho, 2024, a partir de <https://amotatuagem.com/tatuagem-old-school/>
- Amo tatuagem (s.d.). *Tatuagem neo tradicional faz sucesso entre variadas gerações*. Acedida a 8 julho, 2024, a partir de <https://amotatuagem.com/tatuagem-neo-tradicional/>
- Badiou, A. (2010). *Five lessons on Wagner*. Verso.
- Baeke, V. (1996). *Cosmetics and culture*. *The Unesco Courier*, 49(12), 19-21.
<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000104975>
- Bianchi, R. S. (1988). Tattoo in Ancient Egypt. In A. Rubin (Ed.), *Marks of civilization: Artistic transformations of the human body* (pp. 21-28). Museum of Cultural History.
- Blakemore, E. (2023. Outubro 25). *A história ancestral das tatuagens – revelada por múmias*. National Geographic Portugal. Acedida a 9 fevereiro, 2024, a partir de https://www.nationalgeographic.pt/historia/historia-ancestral-tatuagens-revelada-por-mumias_3893
- Britannica (2024, agosto 28). Pointillism: art. Acedida a 6 agosto, 2024, a partir de <https://www.britannica.com/biography/Georges-Seurat>
- Cardal, S. A. (2023). *A tatuagem como expressão gráfica: O corpo enquanto suporte de comunicação visual* [Tese de doutoramento, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.5/30864>
- Castanheira, R. M. R. (2013). *Gesamtkunstwerk: A utopia de Wagner* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto]. Repositório Aberto. <https://hdl.handle.net/10216/80306>
- Celebrity Ink. (s.d.). *Oriental tattoos*. Acedida a 6 agosto, 2024, a partir de <https://celebrityink.com/tattoo-styles/oriental-tattoos/>
- Coutinho, B. (Coord.). (2017). *O mais profundo é a pele: coleção de tatuagens 1910-40*. Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses. MUDE.

- DeMello, M. (2000). *Bodies of inscription: A cultural history of modern tattoo community*. Duke University Press.
- Deter-Wolf, A., Robitaille, B., Krutak, L., & Galliot, S. (2016). The world's oldest tattoos. *Journal of Archaeological Science: Reports*, 5, 19-24–24. <https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2015.11.007>
- Fedorenko, J. S., Sherlock, S. C., & Stuhr, P. L. (1999). A body of work: A case study of tattoo culture. *Visual Arts Research*, 25(1), 105–114.
- Ferreira, V. S. (2017). A permanência da tatuagem na fugacidade do mundo contemporâneo. In Coutinho, B. (Coord.) (Ed.), *O mais profundo é a pele : coleção de tatuagens 1910-40* (pp. 211-221). Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses. MUDE.
- Francastel, P. (2000). *Art & technology in the nineteenth and twentieth centuries*. Zone Books.
- Friedman, R., Antoine, D., Talamo, S., Reimer, P. J., Taylor, J. H., Wills, B., & Mannino, M. A. (2018). Natural mummies from Predynastic Egypt reveal the world's earliest figural tattoos. *Journal of Archaeological Science*, 92, 116–125. <https://doi.org/10.1016/j.jas.2018.02.002>
- Fusillo, I. (2022). Tracing stigma: The evolution of the tattoo in the Middle Ages. *Honors Theses*, 352. https://ecommons.udayton.edu/uhp_theses/352/
- Galitz, K. C. (2004, outubro). *Romanticism*. The Met. https://www.met-museum.org/toah/hd/roma/hd_roma.htm
- Gathercole, P. (1988). Contexts of Maori Moko. In A. Rubin (Ed.), *Marks of civilization: Artistic transformations of the human body* (pp. 171-178). Museum of Cultural History.
- Gibbens, S. (2018, março 1). *Earliest Ancient Egyptian Tattoos Found on Mummies*. National Geographic. Acedida a 9 fevereiro, 2024, a partir de <https://www.nationalgeographic.com/history/article/ancient-egyptian-mummy-tattoos-spd>
- Gilbert, S. (2000). *Tattoo history: A source book*. Juno Books.
- Glynatsis, T. (2020). Ideology and Machines in the Work of Richard Wagner. *Critical Stages*, 21. <https://www.critical-stages.org/21/ideology-and-machines-in-the-work-of-richard-wagner/>
- Gomes, H. M. S. (2018). *Tatuagem, um “processo de materialização estética” Estudo exploratório sobre a construção de uma narrativa identitária corpórea através do corpo muito tatuado* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto]. Repositório Aberto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/112882>

- Han, B.-C. (2020). *The disappearance of rituals*. Polity.
- Ink Master. (2018, abril 24). 'Geometric tattoos' *The Art of Ink (Season 2) Digital Exclusive* [Video]. Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=T_zES7TGh4o&t=44s
- Ink Master. (2018, abril 3). 'Hyper-realism tattoos' *The Art of Ink (Season 2) Digital Exclusive* [Video]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=zpQwy85Vd-M>
- Ink Master. (2018, abril 10). 'Polynesian Tattoos' *The Art of Ink (Season 2) Digital Exclusive* [Video]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=-dVm663sm44>
- Ink Master. (2017, maio 11). *The Art of Ink: Watercolor* [Video]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=tddA5ebex0w>
- Ink Master. (2017, maio 18). *The Art of Ink: Trash Polka* [Video]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=McKe-ZXdvu0>
- Jones, A. (1998). *Body art / Performing the subject*. University of Minnesota Press.
- Kang, M., & Jones, K. (2007). Why do people get tattoos?. *Contexts*, 6(1), 42-47. <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1525/ctx.2007.6.1.42>
- Kyriakou, G., Kyriakou, A., & Fotas, T. (2021). Dermatostiksia (tattooing): An act of stigmatization in ancient Greek culture. *Actas Dermo-Sifiliográficas (English Edition)*, 112(10), 907-909. <https://doi.org/10.1016/j.adengl.2021.09.004>
- Lineberry, C. (2007, Janeiro 1). *The worldwide history of tattoos: Ancient ink exhibited faith, relieved pain, protected wearers and indicated class* [Artigo atualizado por Sonja Anderson, 2024, outubro 18]. Smithsonian Magazine. Acedida a 17 novembro, 2023, a partir de <https://www.smithsonianmag.com/history/tattoos-worldwide-history-144038580/>
- Lombroso-Ferrero, G. (2009). *Criminal Man: According to the Classification of Cesare Lombroso*. <https://www.gutenberg.org/files/29895/29895-h/29895-h.htm>
- Luzier, S. (2023). Most vulgar and barbarous: A history of tattoo stigma. In *Young Historians Conference* 7. <https://archives.pdx.edu/ds/psu/39821>
- Muratovski, G. (2016). *Research for designers*. Sage.
- Oksanen, A., & Turtiainen, J. (2005). A Life Told in Ink: Tattoo Narratives and the Problem of the Self in Late Modern Society. *Auto/Biography*, 13, 111-130. <https://doi.org/10.1191/0967550705ab021oa>

- Oppelt, J. (2023, setembro 19). *What is a visual identity and why does it play a crucial role in branding?* The Branding Journal. Acedida a 19 setembro, 2024, a partir de <https://www.thebrandingjournal.com/2023/05/visual-identity/>
- Robley, H. G. (2004). *Maori tattooing*. Dover.
- Reed, C. E. (2000). Tattoo in Early China. *Journal of the American Oriental Society*, 120(3), 360–376. <https://doi.org/10.2307/606008>
- Rubin, A. (1988). The tattoo renaissance. In A. Rubin (Ed.), *Marks of civilization: Artistic transformations of the human body* (pp. 233-264). Museum of Cultural History.
- Sanders, C. R. (1988). Drill and Frill: Client choice, client typologies, and interactional control in commercial tattooing settings. In A. Rubin (Ed.), *Marks of civilization: Artistic transformations of the human body* (pp. 219-232). Museum of Cultural History.
- Scallan, M. (2015, dezembro 9). *Ancient ink: Iceman Otzi has the world's oldest tattoos*. Smithsonian. Acedida a 21 novembro, 2023, a partir de <https://www.si.edu/stories/ancient-ink-iceman-otzi-has-worlds-oldest-tattoos>
- Schildkrout, E. (2014). Body Art as Visual Language. *AnthroNotes: Museum of Natural History for Educators*, 22(2). <https://doi.org/10.5479/10088/22380>
- Shiva, V. (2023, abril 8). *The role of tattoo art in contemporary society and it's increasing acceptance in the mainstream* [Post]. LinkedIn. <https://www.linkedin.com/pulse/role-tattoo-art-contemporary-society-its-increasing-acceptance-shiva-1f>
- Simmons, D. R (1997). *Ta moko: The art of Maori tattoo*. Auckland: Reed. <https://archive.org/details/tamokoartofmaori0000simm/page/n203/mode/2up>
- Strong, S. (s.d.). *Do tattoos still carry a burden in today's workplace?: Study suggests ink can be an advantage in certain career fields*. University of Houston. Acedida a 8 fevereiro, 2024, a partir de <https://stories.uh.edu/2022-tattoo-study/index.html>
- Tassie, G. J. (2003). Identifying the practice of tattooing in Ancient Egypt and Nubia. *Papers from the Institute of Archaeology*, 14(14), 85-101. <https://doi.org/10.5334/pia.200>
- The Artifice (s.d.). *Tattoos: An element of visual culture, or fine art?* Acedida a 17 abril, 2024, a partir de <https://the-artifice.com/tattoos-an-element-of-visual-culture-or-fine-art/>

The Artifice (s.d.). Tattoos as art. Acedida a 17 abril, 2024, a partir de <https://the-artifice.com/tattoos-as-art/>

Thomas, N. (2014). *Body art*. Thames & Hudson.

Wagner, R. (2002). *The Art-Work of the Future*. Blackmask Online. <http://www.public-library.uk/ebooks/107/74.pdf>

Walzer, A., & Sanjurjo, P. (2016). Media and contemporary tattoo. *Communication and Society*, 29(1), 69-81–81. <https://doi.org/10.15581/003.29.1.69-81>

Warr, T. (Ed.). (2000). *The artist's body*. Phaidon.

Apêndice

Tabela de análise das entrevistas

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS								
PERGUNTAS TATUADORES	CATHERINA 33 anos	MARIA 30 anos	MARIANA 32 anos	JOÃO 25 anos	SORA 27 anos	JULIETA 30 anos	FELIX 29 anos	
PERCURSO ACADÊMICO	Estudou fotografia; não acabou licenciatura	Belas Artes; escultura; interesse por pintura; Faculdade de Letras; História de Arte; Mestrado; mercados de arte; ARCO; pintura	Secundário; Artes; Belas Artes; Ciências da Arte e Património; ARCO; ilustração; Belas Artes; desenho	António Arroio; Cinema; ESAD; Design; Estágio curricular; Serigrafia e gravura	António Arroio; RPE (Realização Plástica do Espetáculo); Belas Artes; Pintura	Faculdade de Letras; Línguas Literárias e Culturais; Círculos e Workshops; Ilustração	Belas Artes; Pintura; Curso: Painting Contemporary Practice; Mestrado: Teoria e Estética	
LIGAÇÃO C/ TATUAGEM	A prática da tatuagem sempre despertou curiosidade	Aos 12 anos via o "Miami Ink" e o "NY Ink" Adorava ver esses programas e dizia que queria ser tatuadora Com essa ideia imitava os desenhos das tatuagens tradicionais americanas e japonesas	Em criança interessava-se pelos programas de televisão sobre tatuagem, como o "Miami Ink" e desenhava/ tentava imitar os desenhos das tatuagens	Nunca mostrou assim tanto interesse. Só teve interesse a nível profissional, uma forma de procurar independência	Sempre gostou de tatuagens, especialmente nas próprias gostava de ver tatuagens no próprio corpo	Sempre gostou mesmo de tatuagens desde muito nova Tinha 8 anos e pedia à mãe se podia ser tatuadora Comprava anuários de tatuagem em Portugal Via programas na televisão Obcecada com tatuagem	Curiosidade Não mostrou muito interesse até seguir profissionalmente	
INICIAÇÃO TATUAGEM	Primeira tatuagem aos 19 anos Ilustração de uma cara Iniciou pela falta de trabalho em Fotografia Tinha amigos que tatuavam Aprendeu autodidata mas observava os amigos a fazer	Primeira tatuagem aos 26 anos Tatuagem para a vida cara Sempre gostou de tatuagem e gostava de ser tatuadora aprendeu a partir de um curso de tatuagem e depois foi aprendi num estúdio	Primeira tatuagem aos 19/20 anos Tatuagem em honra da avó Curiosidade e não gostava dos trabalhos comerciais de tatuagem Aprendeu como aprendiz num estúdio	Primeira tatuagem foi aos 23 anos Gestão de um desenho em específico Quería independência económica e artística Aprendi num estúdio	Primeira tatuagem foi aos 22 anos Fosse de uma música que gostava, Experimentar uma coisa nova Autodidata a ver vídeos no Youtube	Primeira tatuagem foi aos 15 anos Frase de uma música que gostava, Joy Division Gostava de tatuagens Tinha amigos na área Autodidata a ver vídeos no Youtube e conceitos a amigos	Primeira tatuagem foi aos 19/19 anos Ilustração, a fazer com e para o corpo, estava a aprender a tatuar Curiosidade e queria estabelecer económica e artística Autodidata e aprendi	
ARTE TOTAL	Não conhecia o conceito de "Arte Total" de Wagner Pode ter muitas interpretações Ponto 1: artista toma a tatuagem como um meio artístico / Ponto 2: tatuador que é um artista ou técnico de desenho Cada tatuador oferece uma experiência diferente A tatuagem pode ser imersiva psicologicamente e emocionalmente Conseguia ver a tatuagem a ser uma performance e afirmou a existência de coisas semelhantes, dois tatuadores italianos que fazem live act's a tatuar e outro grupo italiano que construíram um dispositivo na máquina de tatuar que imita performances sons, como uma performance ou instalação	Tinha conhecimento do conceito na Arquitetura, mas não sabia a origem A tatuagem mostra ser imersiva e sensorial, porque é algo que se cria no corpo e fica lá para sempre, "é um processo que nunca acaba" Liga o conceito de "Arte Total" com certas culturas que valorizam o processo e o sentimento de fazer uma tatuagem. "Não é só o desenho final, é todo o processo" Todos criam uma experiência Total, seja má ou boa Acredita que tatuagem pode ser uma experiência imersiva, tem haver com a comunicação que se tem entre as pessoas no momento e o ambiente em que está a acontecer, e segurança e a confortabilidade da tatuagem a ser realizada num museu, e conhece certas casas em que se pode aplicar esta situação, um artista tinha as costas tatuadas e ia para um museu sentar-se para que as pessoas conseguissem contemplar as suas costas como uma obra de arte e o "Total Blackout", um programa televisivo em que se fazia tatuagens Blackout e procuravam testar os limites de dor das pessoas	Não conhecia o conceito Conseguia relacionar o conceito de "Arte Total" com a tatuagem, a tatuagem é uma extensão da ilustração, sendo a ilustração Arte Total Acredita que há um critério para um tatuador conseguir criar essa experiência total, o que distingue essa "totalidade" é a originalidade do trabalho, trazer algo único para a pele Os tatuadores que se limitam a recitar o que vem na internet ou fazem réplicas de flasher já não conseguem criar esta experiência de Arte Total, só servem para prestar um serviço A imersividade da tatuagem depende do qualo pessoal é o desenho que está a fazer Via a tatuagem a ser uma performance num museu, aliás já realizou uma performance numa galeria e conhece um artista que faz tatuagens espontâneas na rua	Conhecia brevemente Via a tatuagem como uma experiência imersiva e por isso concordava com o conceito de Wagner Conhecia de Wagner. Especialmente por fazer uma tatuagem e o processo depois de fazer a tatuagem e o processo depois da tatuagem. "É uma forma de arte super humana, porque vem muito do contacto com as pessoas...". Experiência continua com a arte no corpo das pessoas a andar pela rua. "...é completamente imersivo, porque é uma peça de arte que está só a viver a vida do dia-a-dia...". Considera que nem todos os tatuados conseguem criar esta experiência total e coloca a questão "Todas as tatuagens são arte?" Para ele, para lá imersiva neste conceito, tem de ser uma experiência seja ela boa ou má, mas experiências planeadas e pensadas e que tenham intenção Concorda que a tatuagem é uma experiência imersiva via a tatuagem como uma performance artística num museu	Não conhecia o conceito Conseguia ver este conceito de Wagner inserido nas tatuagens e afirma que cada vez mais à esta preocupação de ser uma experiência em si, há mais preocupação artística e de confortabilidade por parte do tatuador Na sua opinião é uma coisa que varia de tatuador para tatuador, só consegue chegar a uma experiência total se conseguir criar esse ambiente confortável e imersivo Acredita que a tatuagem é imersiva porque são duas pessoas envolvidas na mesma ação criando uma espécie de "coisa" e é um desenho que fica na pele humana para sempre Acredita que a tatuagem seria uma performance num museu e fala de um exemplo de um artista que tatuava espontaneamente na rua	Já conhecia o conceito Afirma que "É difícil ser mais envolvente do que algo que, literalmente, é feito com e para o corpo, uma coisa que, literalmente, anda contigo todos os dias, depois de tua vida e o momento, em si em que se faz a tatuagem...". Acredita que o processo também é importante para distinguir algo que é total. É algo colaborativo, no entanto a pessoa que tem a tatuagem, a suporta. Este suporte a algo vivo e portanto criar esse ambiente confortável e a ambiente também é importante Nem toda a gente consegue criar esta experiência total, está tudo na intenção, criar coisas que o artista se revela e que o espaço seja seguro, responsabilidade artística, autoria e curto pessoal Concorda que a tatuagem é algo imersivo e considera que a imersividade da experiência é muito importante, criar esse ambiente seguro e confortável Conseguia ver a tatuagem a ser performance num museu		
EMPODERAMENTO	Diz que a tatuagem tem um poder incrível na percepção da própria pessoa: "Eu acho que as tatuagens tem um poder incrível na percepção de si própria...". "tu passas a gostar, a ignorar mais o teu corpo, porque o enfintas... estás a enfrentar com coisas que te fazem sentir mais tu" Faz tatuagens por razões estéticas e simbólicas, sabendo que a parte simbólica sobrepõe-se mais à parte superficial Acredita que consegue perceber a personalidade e os gostos de alguém pelas símbolos inscritos na pele do indivíduo, citando que há símbolos cômicos.	Vê-se de forma diferente após a realização de tatuagens, porém diz que já não tão segura de si mesma quando fez a primeira que não houve um grande impacto na percepção de si própria Acredita que as tatuagens podem dar bastante auto-confiança a um indivíduo e depois que ficam tatuagens em várias do corpo que não gostem muito, pois ao fazerem as tatuagens passam a gostar mais dessa parte Faz tatuagens por razões estéticas e simbólicas, uma junção das duas, a parte estética é a ser um suporte para "obras de arte pequenas" e a parte simbólica é para simbolizar fases da vida, para ele as razões para simbolizá-las são todas válidas, ou seja, todas as tatuagens acabam por ter algum significado É da opinião que as tatuagens podem enganar o público em relação à sua personalidade e gostos, porque indicam fases da vida, e a vida muda e os gostos mudam.	Sente-se mais confortável com tatuagens, no entanto esta confiança pode ser ameaçada dependendo do público em que se insere. No geral sente-se melhor com tatuagens Faz tatuagens por razões estéticas e simbólicas Julga que consegue saber as razões e personalidade de um indivíduo pelas tatuagens que tem, porém reconhece que nem sempre é este o caso visto que há pessoas com tatuagens mas quais já não se identificam	A tatuagem mudou a percepção que ele tinha de si próprio, de uma forma complexa. A tatuagem dava a sensação de estar a trabalhar no seu corpo de forma a ser mais atrevido, dando o exemplo das pessoas que vão ao ginásio para se manterem em forma e de certa maneira serem atrevidas para si próprios Ao início fazia tatuagens por uma razão estética, agora ainda mantém muito essa opinião, porém acha que também são mais simbólicas agora Diz que consegue perceber a personalidade e gostos de uma pessoa através das tatuagens, comparou a perspectiva de cultura tribal que a partir das tatuagens conseguem perceber quem é que faz parte da comunidade, quem é que é seguro, quem é que é tímido.	Sem ser em contexto social, gosta mais de se ver e sente-se mais no seu corpo após fazer as tatuagens, porque é uma coisa que gosta. No entanto em contexto social fica um pouco tímida dos efeitos que os desenhos representados nas suas tatuagens podem vir a ter em algumas pessoas Conseguiu por fazer tatuagens de uma maneira mais simbólica, porém agora dá mais interesse na parte estética e por essa razão diz que também pode ser visto como simbólico Diz que no fundo não se consegue perceber a personalidade e gostos de uma pessoa através das tatuagens que tem, no entanto não nega que há certos preconceitos com algumas tatuagens	Sente que a percepção de si mesma depois de ter tatuagens mudou, ver fotografias antigas sem tatuagens não parece fazer sentido. Fala também sobre certos clientes que não gostam de uma parte do corpo e escolhem fazer uma tatuagem nesse sítio para se gostarem mais dessa zona A razão porque tem tatuagens é por motivos estéticos, porém acha que uma tatuagem tem sempre algum significado, nem que seja por "gosto" Diz que consegue perceber a personalidade e os gostos de alguém pelas tatuagens que tem, dá para notar as fases e os gostos diferentes passados	Nota uma diferença superficial após fazer uma tatuagem, ou seja, acha que ficou mais atrevido Faz tatuagens mais pela razão estética, porém é da opinião que existe sempre um significado na tatuagem É da opinião que dá para perceber mais o sentido na personalidade e gostos de uma pessoa através das tatuagens que tem, no entanto não se consegue perceber completamente, dá uma pista	
MEIO ARTÍSTICO	Vê a tatuagem como Body Art, "Arte no corpo" A tatuagem ao contrário de outros meios artísticos é uma tatuagem curta, de um curto espaço de tempo É uma coisa penhosa, algo comparável com um designer No futuro vai continuar a haver esta parte tradicional, porque tem contexto histórico e são técnicas que são estudadas à muito tempo, talvez a finalise ou outros tipos de tatuagem desapareçam no futuro pela sua essência efêmera.	Concorda que tatuagem é Body Art. Explica que as várias formas de modificação corporal são muito técnicas ao contrário da tatuagem, que é mais criativa Ao contrário de outros meios artísticos a tatuagem é feita no corpo e é uma arte perituda, e que necessita de mais cuidados higiénicos A tatuagem está a mudar e talvez no futuro haja mais regras na legislação sobre a tatuagem como profissão, vai haver mais inclusão de pessoas diferentes a tatuar	Concorda que Tatuagem é Body Art "Mas sim, acho que faz parte da Body Art. Acho que a tatuagem é uma arte!" O que difere dos outros meios artísticos é o suporte onde se trabalha A tatuagem tem evoluído muito no meio artístico, agora já estão a ser feitas máquinas que tatuam/ replicam tatuagens sozinhoas, assim como evoluiu para uma coisa singular, que já não é muito replicáveis entre artistas	Concorda que Tatuagem é Body Art A tatuagem é um meio artístico que vive muito da transação monetária, há uma preocupação artística nos tatuadores de hoje em dia A tatuagem já evoluiu como meio artístico através dos novos artistas que estão mais preocupados com essa vertente	Concorda que tatuagem é Body Art "Acho que se fosse pesquisar a definição de tatuagem, é Body Art" O que difere de outros meios artísticos é o suporte, que é a pele e é algo que não é só do artista, é também do suporte si, porque não se tem poder sobre a vontade da pessoa que está a receber a tatuagem No futuro vai haver uma evolução do que existe agora, ou seja, mais pessoas vão começar a tatuar para expressarem a sua identidade artística, também vai haver a integração de máquinas de inteligência artificial, uma máquina que tatua sozinho	Concorda que tatuagem é Body Art, é algo que se pede no corpo e é uma forma de expressar algo, juntamente com os piercings, cor de cabelo, etc... O que difere de outros meios artísticos é o suporte, mas continua a ser arte No futuro vai haver mais pessoas a tatuar estilos diferentes, mais ilustrativos, talvez possa existir máquinas que substituíam os tatuadores.	Concorda que tatuagem é Body Art O que difere de outros meios artísticos é o facto de ser interpassível, é uma coisa em conjunto, é uma arte efêmera, é a tatuagem a todo o processo	
ATUALIDADE	O tatuador pode ser várias coisas, pode ser artesão ou pode ser artista Acha que os tatuadores da atualidade estão bem posicionados, mas reconhece que há alguns que querem o seu devido reconhecimento, talvez serem convidados ou pensarem a galerias É mais útil ter alguém a explicar do que aprender sozinho O que mais gosta como tatuador é poder ver como a tatuagem consegue mudar a auto-estima de alguém, é um meio onde se conhece muitas pessoas, é uma profissão que se viaja imerso	Os tatuadores são um bocadinho de tudo, separando as coisas por gerações, a geração mais velha que está no meio da tatuagem, que faz mais coisas do estilo Old School é mais atrevido e os novos tatuadores são mais artistas Devia haver mais regras sobre a profissão de tatuador, a competição dos preços, isto faz com que a tatuagem não tenha muito reconhecimento, e haver mais cursos legítimos de tatuagem para que as pessoas que querem aprender, possam aprender as regras ao pormenor e com segurança Recomenda fazer um curso de tatuagem e reconhece que é um processo demorado Ver como a sua arte afeta as pessoas positivamente na sua imagem delas próprias, sente-se lisonjeado por ser escolhida para tatuar momentos importantes na vida de uma pessoa	Os tatuadores são tudo, talvez a sempre uma extensão de algo, por exemplo da ilustração, do design, da pintura Mais aquilo do estado, a categoria de tatuador surgiu a menos de 5 anos, antes eram considerados trabalhadores das estéticas, comparáveis aos cabeleiros e os esteticistas, isto desconsidera o trabalho de tatuador, ser considerado como um trabalho artístico é mais gratificante o trabalho a receber arte de outros artistas de grafis, vídeo, e networking	Artista é uma palavra desatualizada para descrever o que fazemos, mas a técnica é tão ancestral que essa definição ainda se encaixa bem... acabam por ser um pouco de tudo, é o tatuador que faz o seu próprio marketing online, que reque técnicas do design também Mais reconhecimento, porque é um trabalho complexo e complicado e isso devia ser reconhecido, ao reconhecerem os tatuadores talvez o trabalho fosse melhor remunerado, devido também ao estado económico do país a tatuagem em Portugal não é tão reconhecida, as pessoas não conseguem responder economicamente a um luxo Ver como as pessoas olham para si mesmas após fazer uma tatuagem e o facto de ter ilustrações no corpo de outras pessoas e pensar que foi o escolhido para enfeitar o corpo dessa pessoa.	Há de tudo, os tatuadores podem ser muitas coisas A tatuagem ser reconhecida no meio artístico, pois é vista como arte A comunidade pode ser um pouco tóxica e antiquada, não são todos mudrões, O que é mais gratificante é ver as pessoas felizes após fazerem uma tatuagem, sentem-se mais dias	Os tatuadores são tudo, incluindo content creators, mas nem todos os tatuadores conseguem ser tudo, Que a economia melhorasse, mas isso é incontornável, então para com os preços ridículosmente baixos, respeito dos clientes viajar, conhecer pessoas, apreciar pelo estilo artístico, ter os desenhos na pele de pessoas	Depende de pessoa para pessoa, mas acabam por ser todos artistas a arteiros, considera a tatuagem como um artificio, mas no final ele acha que artistas são artistas e designers são artistas e Ilustradores são artistas Mais regras em Portugal sobre tatuagem, baixar a competição de preços baixos pelas tatuagens Ver as pessoas felizes, ter uma reação imediata de um desenho que ele fez	

Entrevistas

1. Catherina Cardoso | 33 anos

1. Qual foi o teu percurso académico?

R: Eu fiz...não cheguei a acabar a licenciatura, nos três anos de licenciatura em fotografia e cultura visual no IADE...deixei assim algumas cadeiras por fazer. Era um curso que tinha a parte da fotografia em termos práticos, mas também tinha uma componente teórica alargada, que envolvia: psicologia da arte, antropologia, curadoria, história da arte e fotografia e etc.

2. Com que idade é que fizeste a tua primeira tatuagem? O que era? Qual foi o motivo?

R: Eu fiz a primeira tatuagem tinha 19...era uma ilustração de uma cara que eu tinha desenhado e fi-la porque tinha um amigo que tinha comprado o material e que estava a fazer na casa dele e então eu e uma amiga minha fomos juntas a casa dele e cada uma fez uma tatuagem.

3. O que te fez ingressar na prática de tatuagem?

R: Epá! Eu diria que foi um bocado exaustão do mercado de trabalho na área da fotografia e pronto...o interesse em relação à prática da tatuagem sempre me despertou curiosidade, mas não mais que isso...parecia sempre assim uma coisa um bocadinho distante...e depois com o facto de ter alguns amigos a começarem em casa de uma forma autodidata fez com que a facilidade ao acesso do material...que me fizesse iniciar a prática...mas nunca foi assim...nunca levei a coisa com muita seriedade...até depois de um ano para aí de estar a tatuar em casa, amigos e a fazer muitos disparates.

4. Quem é que te ensinou a tatuar?

R: Pronto...na altura, como eu te disse eu tinha em particular um amigo que tinha familiares, tem família de tatuadores, digamos, na Alemanha, mas ele vivia aqui e começou sozinho em casa, no apartamento, de uma forma muito autodidata, mas sempre um bocado com o *backup* dos concelhos da família e ele acabava por ter um *background* muito ligado à tatuagem e nós...não vivia na casa dele, mas era quase como se fosse e estava sempre atenta ao que se estava a fazer ali. Quando ele foi embora eu fiquei com as coisas dele e comecei depois sozinha em casa...não havia muita coisa na internet, mas eu...ainda tentamos procurar vídeos, na altura não foi muito útil...mas tentativa e erro. Pode-se dizer autodidata mesmo, porque uma questão de...nunca tive...nunca senti que houvesse espaço para fazer perguntas e para ter respostas, mas fiquei sempre ali um bocadinho na sombra a ver o que se passava.

5. Existe algum artista(s) que guarde(s) como referência/influência?

R: Epá! Sim...no mundo da tatuagem há...epá! Acho que é uma lista infindável, mas...não sei...posso dizer que um bocadinho espalhado pela Europa, eu guardo como referências nomes como o Emil (Emil Salmins) ...em Amesterdão, Servadio (Michele Servadio) em Londres, Ruco na Itália...tens um panorama do tradicional revisitado no norte de Espanha também, tens ali assim um...eu acho que os estilos depois vão muito manifestar-se por zonas...pelo menos o panorama que eu conheço que há de ser este que me está mais próximo, não é? Da Europa.

6. Como é que caracterizas o teu estilo artístico?

R: O meu estilo artístico...eu não sei. Como é que eu caracterizo o meu estilo artístico? Acho que não tenho um estilo...não sei se tenho um estilo artístico, na verdade. Não sei se consigo responder a essa pergunta. Dentro da tatuagem talvez possa dizer que é um bocadinho de *Fineline*, com temas...que vão buscar temas ao tradicional...*Blackwork*...por aí.

7. Quão familiarizado estás com o conceito de Wagner: Arte Total?

R: Não. Acho que não estou...não estava a par...não estou familiarizada com.

8. Foi feita uma definição de Arte Total muito breve na explicação do projeto, com o que entendeste, consegues colocar esse conceito (Arte Total) neste contexto das Tatuagens?

R: Isso é uma pergunta que pode ter muitas respostas, obviamente. Em relação à tatuagem há muitos pontos de vista...há pontos de vista que o tatuador não é um artista, é mais próximo de um artesão do que um artista e depois tens o ponto de vista do artista que tomou a tatuagem como um meio...como um média, não é? Agora, eu não sei até que ponto é que a tatuagem pode ser um manifesto de Arte Total, porque a tatuagem como técnica é desenho na pele, pode ser pintura na pele também..., mas eu acho que ou é pintura ou é desenho e o canvas é a pele...pronto, portanto não consigo...tenho um bocado de dúvida em relação a isso. Aliás eu tenho dúvida se, finalmente, o tatuador é um artista ou um artesão ou um técnico de desenho.

9. Na tua opinião quais seriam os requisitos para distinguir algo que fosse total ou não? Será que todos os tatuadores conseguem criar esta experiência Total?

R: Pois é isso...a tatuagem...eu acho que ela está a passar uma fase de transição super relevante, não é? Tipo, em que tens uma mistura gigante de quem oferece e de quem a procura e eu acho que sim. Eu acho que cada tatuador oferece uma experiência diferente, talvez haja tatuadores que...em que a experiência...a experiência de quem está a ser tatuado pode ser mais imersiva ou a experiência de quem está a tatuar mais imersiva, mas agora outra vez, acho que a experiência de quem está a tatuar e a experiência de quem está a ser tatuado também são duas coisas distintas...é muito ambíguo.

10. Dirias que tatuar pode ser uma experiência imersiva?

R: Eu acho que...ela...pode haver um...a tatuagem pode ser uma experiência imersiva a nível psicológico, emocional de quem está a ser tatuado, muito dependente porque é que te tatas e com quem te tatas e tem um...e as variantes são infinitas. Eu não sei...eu quando estou a tatuar alguém...não sei se isso é uma experiência imersiva...tenho dúvidas.

11. Ainda neste tema da experiência, conseguirias ver a tatuagem como uma performance artística num museu, por exemplo?

R: Hm yah! Eu acho que sim, e tens...e essa pergunta agora levou-me para esta referência que eu te dei á bocado do Ruco, por exemplo, o Ruco e o Servadio, são os dois italianos...ele tem feito *live acts*, performances...de...em que estão a tatuar os dois em colaboração nas costas em desenho á vista...como uma instalação quase...uma performance de instalação...e tens outras. Tens um grupo também italiano, que eu acho que eles não estão a fazer nada neste momento, mas que também fizeram. Construíram um dispositivo na máquina de tatuar que emitia determinados ruídos sonoros, amplificados e também pode ser, acho que também pode ser, assim uma performance de instalação, uma coisa muito experimental. Portanto sim, acho que há pessoas a fazer. Eu na minha prática, é uma prática muito mais *one on one*.

12. Como consideras os tatuadores de hoje em dia? Artistas? Artesãos? Designers?... Porquê?

R: Eu acho que há de tudo como eu te estava a dizer há bocado. Eu acho que tu tens os mais tradicionalistas que dedicam...que se dedicam a homenagear temas do passado e a recrear designs icónicos da história da tatuagem. Depois tens o tatuador que presta só o serviço, que está á espera que o cliente lhe dê as indicações e depois tens os designers, tens os artistas que se voltaram para a tatuagem, se calhar, primeiramente, como um escape para conseguir rentabilizar a sua arte e depois de ali desenvolveram ou exploraram técnicas e coisas que só na tatuagem é que vieram a encontrar. Portanto há de tudo, há todo o tipo de oferta e há todo o tipo de procura.

13. Consideras que a tatuagem pode ser vista como uma forma de *Body Art*? Porquê?

R: *Body Art*? O que é *Body Art* para além de tatuagem? Não sei. Ao que é que se chama *Body Art*? É arte no corpo...percebo que tatuagem...acho que sim. Acho que...não sei...traduzindo as palavras à letra acho que é. Arte no corpo.

14. Qual é a razão para a qual fazes tatuagens: estético ou simbólico?

R: Eu acho que é os dois, mas eu...acaba por ser os dois...acho que a minha preocupação primária vai ser a parte simbólica, a parte dos símbolos, sem dúvida.

15. O facto de teres tatuagens, muda a perceção que tens de ti próprio?

R: Eu acho que a tatuagem tem um poder incrível na perceção de ti própria, não é? E acho que...e já vi isso a acontecer à minha frente...tipo...tu passas a gostar, a apreciar mais o teu corpo, porque o enfeitas...estás a enfeitar com coisas que te fazem sentir mais tu. Eu acho que sim.

16. Dirias que consegues perceber a identidade/personalidade/gostos de alguém através das suas tatuagens?

R: Sim. Acho que sim...se bem que...eu acho que sim...acho que há também uma escala, não é? As pessoas que têm menos tatuagens também podem...acho que o gosto pela tatuagem vai se afinando, as coisas que tu gostas e as coisas que tu valorizas na tatuagem, elas vão mudando consoante o tempo, mas eu consigo ver perfeitamente se...sei lá... tipo há coisas icónicas, há coisas que...há símbolos específicos que eu vejo numa pessoa e consigo perceber que aquela pessoa, claramente, que teve a juventude nos anos noventa ou tem a minha idade porque...e começou bem cedo a ser tatuado porque tens uma mistura específica de símbolos...acho que sim...não sei se tem haver tanto com a personalidade, mas por preferências estéticas e interesses, sim. Acho que sim...acho que é fácil identificar.

17. Para ti, o que difere a arte das tatuagens e outros meios artísticos? Ou não difere?

R: Não sei, tu tens...eu acho que...tu tens claramente...estás claramente a prestar um serviço e é uma transação curta, de um espaço curto de tempo. Eu suponho que um pintor tenha um bocado mais...ele pinta sozinho para si...para ele fazer como lhe apetecer, para chegar a um resultado que só ele é que tem dizer nisso. Enquanto na tatuagem é realmente uma colaboração, é uma coisa partilhada...e tu tens...eu acho que tens outros...eu acho que o design também pode ser um...o designer, o fotógrafo e todos esses artistas que prestam serviço, pronto...também prestam serviços só que são transações mais longas, que faz com que, se calhar, o cliente tenha mais controlo sobre o produto final. Quando na tatuagem, ele tem o controlo, mas é uma ação tão curta, tem um controlo até determinado ponto e depois deixa de ter. Não sei se isto foi uma resposta muito coerente.

18. Há uns anos atrás as tatuagens eram vistas como algo diferente e negativo, achas que esta imagem das tatuagens ainda se mantém?

R: Não. Acho que não. Acho que é mais raro ver alguém...conheceres alguém que não tem tatuagem nenhuma do que pessoas com tatuagens.

19. O que achas que iria melhorar a posição dos tatuadores da atualidade?

R: Eu acho que os tatuadores estão bem posicionados...não sei...a nível social...yah! Eu agora...se calhar, há tatuadores que querem um lugar...querem reconhecimento, querem um lugar num panorama artístico e eu acho que há muitos estilos que sim, que trabalham para isso e merecem esse lugar. Eu acho que a tatuagem pode ter um lugar assim na cena de *Fine Art* e...acho que já pode chegar a esse ponto. Não sei o que é que pode ajudar para isso acontecer sequer...curadores ou assim...reconhecimento, galerias, não sei.

20. Como vê o futuro da tatuagem como arte e a sua evolução como prática artística?

R: Eu acho que vai haver sempre a parte do tradicional... vai sempre existir e vai ser sempre super...uma cena super forte, porque como eu disse à bocado tem contexto histórico e esteticamente são técnicas e temas que são feitos há décadas e que são estudadas há décadas e que se transcrevem no corpo com uma eficácia que mais nenhuma outra prática da tatuagem tem...como há uns anos atrás, eu lembro me, antes de eu ter começado a tatuar, havia muito uma tendência de fazer aquelas tatuagens com aguarelas. Isso deixou-se de fazer, porque ao fim de 3 anos disso ser uma prática...ao fim de 3 anos percebeu-se que a tinta desaparecia, que não funciona com o tempo. Portanto, a parte do tradicional vai sempre existir, porque tem essa componente de resiste ao tempo e tecnicamente é o que funciona melhor e a parte da tatuagem enquanto um médio para expressão artística e para artistas desenvolverem um corpo de trabalho, eu acho que também vai acontecer...eu acho que pelo o meio ou pelo caminho, se calhar, vai ficar coisas como...o *Fineline* e estas coisas que se tem...é parecido...com muito poucos anos de vida e que a partir de determinado momento se vai perceber que há coisas que funcionam e há coisas que não e aqueles que assumiram, que compraram um trabalho artístico, que colecionaram uma peça de arte de um artista na pele deles, assumem que isso é feito numa tela efêmera...portanto não muita relevância se está perfeito daqui a 3 anos ou 4 anos ou se se transformou, porque se se transformou era para se transformar, porque foi feito por um artista, não é? E isto é a arte dele. A parte do *Fineline* e das coisinhas bonitinhas...épá! Aí, é que eu acho...acho que isso morre no caminho. Estes dois: Tatuagem tradicional e os artistas tatuadores, eu acho que vai haver lugar para eles.

21. Que conselho darias a alguém que tenha interesse em começar a tatuar e deseje seguir isso profissionalmente?

R: Eu olho para trás e penso que...e dou por mim hoje em dia a querer ter *know how* que nunca tive, porque nunca tive um mestre e nunca tive alguém que me explicasse realmente como é que as coisas funcionam a nível técnico. Como é que se constrói uma máquina...as bases de uma prática antiga...para depois poderes desconstruir...eu acho que isso é fixe...procurar um aprendizado, procurar alguém a quem tu ofereças a tua fidelidade e que recebas o conhecimento dela em troca...eu acho que isso é ...eu acho que isso é uma coisa que tem muito valor hoje em dia, porque

comprar só o material...também funciona...mas eu acho que dá um...eu acho que descontextualiza um bocadinho a prática da *Tattoo*...não sei...ou então comprar só as coisas ou arranjar só as coisas e experimentar...é...dá para tudo.

22. Quais são os aspetos mais gratificantes do teu trabalho como tatuador?

R: Eu acho que é muito interessante ver, como eu tinha dito há pouco, ver como a tatuagem ajuda as pessoas a apreciarem-se mais a elas próprias. Eu acho que isso é super, super interessante e a parte da prática enquanto uma profissão também é muito fixe, porque tu podes viajar...é como se pudesses ir em residência artística para estes espaços, onde vai haver pessoas que partilham dos mesmos interesses que tu e permite viajar, conhecer novos panoramas, fazer dinheiro, fazer *networking* com as pessoas que tu...os tatuadores que tu admiras...é um mundo pequeno e de fácil acesso e é super enriquecedor.

2. Maria José | 30 anos

1. Qual foi o teu percurso académico?

R: Então...eu estive em artes visuais no secundário e fui para a faculdade de Belas Artes durante um semestre fazer escultura, com a ideia de mudar para pintura, mas não adorei o ambiente então resolvi trocar para...sabia que não queria escultura também e troquei para história da arte na Faculdade de Letras. Depois parei para trabalhar em museologia e passado mais ou menos um ano fiz o mestrado em mercados de arte no ISCTE. Depois do mestrado é uma grande confusão, porque foi exatamente quando a pandemia começou, foi quando eu estava a escrever a tese...exato...e depois estive a trabalhar, trabalhos que conseguia arranjar durante...portanto, foi sempre um percurso muito interrompido. Depois estive a trabalhar, depois de acabar o mestrado...assim coisas aleatórias e decidi nessa altura tirar pintura...finalmente! Mas fui para o ARCO em vez de ir para Belas Artes, por recomendação e fiz dois anos e ia começar o terceiro, mas entretanto, decidi começar a tatuar, foi uma coisa...eu sempre adorei tatuagem desde pequena...embora não tenha muitas...mas foi uma coisa muito impulsiva, as pessoas às vezes perguntam me porquê...e eu vi

um anúncio do curso de tatuagem e decidi fazer...foi assim uma coisa...foi uma excelente decisão, mas foi assim um bocado impulsiva e interrompi o curso de pintura...portanto...provavelmente irei retomar em certa altura, não sei...para acabar pelo menos o terceiro ano que é o que me falta e fiz esse curso de tatuagem, que é uma coisa que cá não é muito frequente mas...para poder tatuar fora há uma série de certificados que é muito mais fácil fazer com esse curso porque ficas já com os certificados todos e aprende-se tudo mais rápido...muito mais rápido do que fazendo só a parte de aprendiz que depois também fiz e ainda estou a fazer...agora já assim mais independente, mas ainda estou nessa fase...mas fiz o curso com uma escola de Valência que é o estúdio de tatuagens mais antigo na Península Ibérica...e adorei, foi fantástico, foi o último curso que fiz...e agora falta-me acabar o de pintura, não sei quando.

2. Com que idade é que fizeste a tua primeira tatuagem? O que era? Qual foi o motivo?

R: Portanto, foi tarde...foi aos 29 e eu tinha uma cadela que era a Bruxa que morreu e quando ela ficou doente eu marquei e depois quando eu fiz a tatuagem foi já depois de ela ter morrido e foi o “B” pequenino, foi a primeira e é das minhas favoritas, embora seja muito pequenina e...não sei, eu sempre quis fazer e sempre adiei porque eu sou uma pessoa muito indecisa e aquilo foi muito fácil de decidir, foi uma coisa muito óbvia para mim. Portanto, comecei assim e só tenho mais duas...porque eu penso sempre muito...muito...muito antes de fazer.

3. O que te fez ingressar na prática de tatuagem?

R: Eu comecei a interessar-me...eu sei lá que idade é que tinha...para aí uns doze, a ver o “Miami Ink”, ainda nem era aquele que há agora que é o “Ink Masters”, era o “Miami Ink”, depois apareceu o “LA Ink” e o “NY Ink” ou uma coisa assim e epá! Eu via aquilo em miúda, com onze, doze anos...acho eu...acho que deve ter sido nessa altura e adorava aquilo, adorava e dizia que ia ser tatuadora, os desenhos que eu fazia naquela altura eram tatuagens, tipo a imitar tatuagem tradicional americana e japonesa...mas não sei, depois continuei sempre a gostar mas fui perdendo um bocadinho o interesse...eu naquela altura era obcecada com aquilo...fui me interessando por outras coisas e só quando fiz a minha primeira tatuagem é que acho que comecei a interessar-me

outra vez e mais ou menos na mesma altura apareceu-me o anúncio do curso e eu pronto, “ok! Vou fazer!”. Foi assim uma coisa...tudo muito espontâneo.

4. Quem é que te ensinou a tatuar?

R: Foi...foram várias pessoas. O curso que eu fiz tinha a parte teórica e a parte prática e eu acho que a parte teórica é tão importante como a parte prática. Na parte teórica, estudamos antropologia...foi uma equipa da escola EOMTP (Escola Oficial de Mestres de Tatuagem e Piercers). Bem, a parte prática, que acho que é aquilo que, se calhar, interessa mais...foi a Cris (Cristina Assis) que trabalha no estúdio Loba, também faz tatuagem tradicional e a parte prática foi com ela, depois estive no Mavericks, que é um estúdio de tatuagens em Olival Basto e também fui um bocadinho...é aquela coisa, uma pessoa é aprendiz é a equipa toda...eu era a única aprendiz, portanto, tinha sempre apoio de toda a gente. Falava mais com a Inês que é a dona do estúdio, que era quem me aconselhava mais e, neste momento, estou assim um bocadinho...quer dizer, agora vou para este estúdio outra vez, para o Piri-piri e também já lhes disse que quero aprender com eles e também tinha essa ideia de estar num estúdio. Eu antes estava a tatuar aqui na Aberta só...este período entre estar no Mavericks e passas para o Piri-piri...o Mavericks era um bocado longe. Mas acho que ainda preciso daquela ajuda, às vezes, há aquelas coisinhas que uma pessoa, não estando na equipa, não aprende e não evolui, mas foi com essas pessoas e depois com a turma do curso de tatuagem que, continuamos em contacto, e aprendemos imenso uns com os outros.

5. Existe algum artista(s) que guarde(s) como referência/influência?

R: Aí sim! É que são mesmo muitos, mas eu por sorte tenho guardado aqui alguns nomes. Eu tiro um bocadinho de inspiração de várias coisas, tatuagem mesmo..., portanto, da parte técnica...eu passo mais tempo à procura de inspiração, que é um problema, do que a produzir, porque...filmes é uma coisa que me influencia mesmo muito, filmes de terror. Gosto muito de filmes de terror e de histórias de terror, mesmo que não seja visual, mesmo que seja...sei lá...contos, coisas faladas, portanto, o lido...livros, filmes, tudo. Eu gosto de terror no geral. Ultimamente ando mais interessada em cinema de terror e isso é uma coisa que me influencia muito, sobretudo assim coisas mais *folk*. Assim de artistas, gosto muito da Ellen McClint, porque também gosto muito de ilustração

científica e ela começou por fazer ilustração científica. Eu acho interessante ela ter chegado aquilo que chegou, ao abstracionismo e passar do microscópico para o astronómico e para essa parte...aí...não sei...é que são muitos..., mas eu tiro mais inspiração, diria, de artistas plásticos do que, necessariamente, de tatuadores e os tatuadores que eu tiro inspiração não são, propriamente, tatuadores super conhecidos, são pessoas que eu encontro no Instagram, artistas pequenos e que agarram. Há um artista que é o Wood Darkness e ele faz tatuagem com textura, faz linhas texturadas e eu adoro o trabalho dele e eu tento replicar as linhas texturadas...ainda estou a tentar perceber exatamente...eu estou a conseguir mais ou menos..., mas ele é pró nisso. Há muitos tatuadores que, na verdade, são ilustradores e também começaram a tatuar mais tarde...como eu...e que são assim quem eu encontro mais inspiração. Olha! Eu gosto muito da tatuagem da Mama Orca, que é Sara, mas ela usa o nome Mama Orca como nome artístico, que trabalhou comigo no Mavericks, também adoro a técnica dela e as tatuagens dela. Aí! Como é que eu me estava a esquecer? Uma artista que eu adoro, adoro...adoro, cá de Lisboa, que foi quem me fez uma das tatuagens, é a Constança e eu acho o trabalho dela inacreditável, a técnica dela é incrível, não é, necessariamente, o tipo de tatuagem que eu queira fazer, porque é mais realista e com mais detalhe e eu gosto de coisas assim mais...ilustração. Há uma artista que é a Laura Benson que faz...é uma mistura de joalheria com pintura, ela faz as duas coisas e depois faz assim umas peças...eu gosto muito de formas de arte que misturem vários medium...e é um problema para mim, porque eu quero experimentar tudo e pronto, depois acabo por procurar mais inspiração do que produzir, propriamente.

6. Como é que caracterizas o teu estilo artístico?

R: Está sempre a mudar...porque lá está, estou sempre à procura de inspiração, mas eu tento que as minhas peças, portanto, mais até na parte de ilustração e da pintura...na parte da tatuagem, como ainda estou muito no início, estou a tentar caminhar para lá, mas ainda não tenho liberdade para fazer exatamente o que quero sempre, mas no fundo, eu gosto é de fazer uma espécie de armário de curiosidades, do gabinete de curiosidades. Gosto de fazer peças que pareçam pertencer num gabinete de curiosidades, assim coisas inspiradas na natureza, mas ao mesmo tempo com um bocadinho de macabro...eu gosto assim de fazer coisas que sejam inspiradas na natureza mas ao

mesmo tempo tenham qualquer coisa de macabro. Às vezes tem...não que tenha algum significado, é mesmo uma coisa estética que me reconforta...essa coisa dos filmes de terror e das histórias de terror, dos livros, tudo, trás me algum conforto, não sei porquê...acho que é, porque é uma coisa que dá ansiedade e medo, mas uma pessoa pode controlar...e não é verdadeira e eu acho que quando estou a fazer alguma peça, alguma pintura, alguma ilustração, não estou ,necessariamente, a pensar no significado, mas estou, sem reparar, a criar um bocadinho esse mundo que me trás conforto e depois algumas peças que eu tento que estejam ligadas a alguma coisa, algumas séries que tento que estejam ligadas a alguma coisa...mas em termos de estilo acaba sempre um bocadinho por ter essa vertente assim...

7. Quanto familiarizado estás com o conceito de Wagner: Arte Total?

R: Sim, mas já não me lembrava...primeiro não me lembrava que era um conceito de Wagner, lembrava-me da Arte Total na arquitetura, por causa da escultura, pronto..., mas não me lembrava da origem.

8. Foi feita uma definição de Arte Total muito breve na explicação do projeto, com o que entendeste, consegues colocar esse conceito (Arte Total) neste contexto das Tatuagens?

R: A parte de ser imersivo e sensorial...uma pessoa quando faz uma tatuagem, quando lhe fazem uma tatuagem, não é como os outros tipos de arte, é uma coisa que tu estás a sentir no corpo ou estás a fazer naquele momento...não é arte performativa, mas também não é exatamente o mesmo que as outras artes visuais em que, muitas vezes, as pessoas fazem sozinhas, ali há...não é só a peça que fica, há também todo o processo e aliás há muitas culturas em que aquilo que interessa na tatuagem é o processo, precisamente. A tradição é o processo não é, necessariamente, a imagem que depois fica. Nas Filipinas há várias culturas em que isso...na Ásia...há várias culturas em que isso acontece, pronto, e há várias culturas em que o processo de fazer a tatuagem e a sensação e aquele momento que tens com o tatuador faz parte. Portanto, não é só o desenho final, é todo o processo. Eu acho que isso, se calhar, se insere um bocadinho no conceito de Arte Total. Depois é o facto de...não sei se isto tem necessariamente haver com Arte Total, mas as tatuagens são uma

forma de arte que é feita na pele e portanto, estão sempre a mudar e ao contrário das outras obras de arte, em que uma pessoa tenta restaurar, nas tatuagens eu acho que faz um bocadinho parte, portanto, acho que isto continua a haver, a ser uma parte do processo...é um processo que nunca acaba, é a parte que fazes a tatuagem com a pessoa que também faz parte da tatuagem e é um elemento importante...eu, pessoalmente, tento escolher quando sou tatuada...que até agora, só foi duas vezes...mas tento sempre escolher pessoas que tenham uma *vibe* que eu goste e que eu acho que a experiência vai ser boa. Depois há o desenho propriamente dito e o desenho vai-se alterando até ao resto da vida...a não ser que a pessoa faça laser ou..., mas acho que isso também é interessante, é uma forma de arte tão diferente de tudo o resto

**9. Na tua opinião quais seriam os requisitos para distinguir algo que fosse total ou não?
Será que todos os tatuadores conseguem criar esta experiência Total?**

R: Eu acho que todos criam, seja a experiência boa ou má. Pode ser uma experiência negativa, mas...infelizmente acontece e eu acho que faz parte da natureza da tatuagem. O tatuador pode não estar a pensar que é parte da execução da tatuagem e faz parte da obra de arte, mas faz! Eu acho que faz parte da natureza da tatuagem e esse processo...uma pessoa vai-se sempre lembrar...acho eu...vai sempre marcar, eu acho...a parte do processo...se calhar há pessoas que dão menos importância do que outras...não sei. E depois também há pessoas, por exemplo, que não gostam da parte do processo da tatuagem envelhecer e também há tatuadores que têm muita essa coisa de, por exemplo, tatuagens *fineline*...por exemplo: “Não façam porque envelhecem mal!”...embora não ser sempre assim...as tatuagens antigas que nós vemos agora em *fineline*, não são feitas com as mesmas agulhas e as mesmas tintas que se fazia antigamente, mas mesmo que isso aconteça e que se modifiquem muito, acho que faz parte. Claro que, há um limite, não é? Para uma tatuagem bem feita...em princípio não fica completamente irreconhecível, mas haverá algumas alterações que também faz parte, eu acho que as tatuagens, tem sempre um bocadinho de Arte Total por causa disso, porque há tantas coisas, há tantos fatores, a parte do processo que influencia a experiência...não sei...eu acho que sim, que a tatuagem é sempre Arte Total.

10. Dirias que tatuar pode ser uma experiência imersiva?

R: Sim. Eu tento me eliminar um bocadinho quando tatuo uma pessoa. Claro que, depende da pessoa, as pessoas podem não querer falar e, se calhar, elas próprias estão a ter uma experiência e aquilo é a parte do processo e da dor e a sensação faz toda parte...e, se calhar, gostam dessa parte, valorizam mais essa parte como trabalho final, mesmo que o tatuador não esteja a conversar com elas ou, independentemente, do sítio em que a tatuagem é feita, mas eu por acaso, acho que eu tento oferecer essa experiência, dentro dos possíveis, mesmo quando estava a tatuar aqui e mesmo quando tatuava em casa, tentava sempre criar um ambiente, um momento. Sim, pronto é isso, eu acho que sim, mesmo que um tatuador não queira isso vai sempre acontecer, eu, pessoalmente, acho que é giro uma pessoa inclinar-se e criar aquela experiência...ter um ambiente giro...fazer com que a pessoa se sinta à vontade. Eu gosto muito do processo de tatuagem de ser um momento em que a pessoa se sente à vontade, porque é o corpo de outra pessoa... isso para mim é uma coisa...é uma pressão muito grande e portanto, eu gosto mesmo de ser um momento...

11. Ainda neste tema da experiência, conseguirias ver a tatuagem como uma performance artística num museu, por exemplo?

R: Ah, sim! E aliás, já houve...houve um, que foi tatuado uma tatuagem enorme nas costas por um artista que não era tatuador...e eu não me lembro quem é o artista...mas ele foi tatuado por um artista visual, acho que foi a primeira tatuagem que esse artista fez e fazia uma performance em que, todos os dias ia para o museu sentar-se e as pessoas passavam por ele e olhavam para as costas...e era essa a performance, era uma tatuagem...se bem que, aqui falta o processo de fazer a tatuagem, portanto, é assim uma coisa...não está a mostrar tudo o que a tatuagem é...mas acho que é interessante, ter uma obra de arte no corpo de uma pessoa num museu...acho que é uma perspetiva interessante. Depois há outras formas de performance que são feitas com tatuagem que não são, necessariamente, em museus. De certa forma...eu acho que isto é uma performance...mas há o “Total Blackout”, já não existe, acho que acabou ou mudaram de sítio...eu pessoalmente não sou fã...mas era um grupo de tatuadores que faziam tatuagens *blackout* só e no fundo eles tentavam criar a experiência mais desagradável possível e depois filmavam e era para estudar os limites do corpo humano...eu acho isto um disparate, pronto...é a minha opinião...cansa-me um bocado aquela coisa da produção de arte, de sofrer para produzir arte...acho que isso está um bocado

visto...e ter de ir á procura de sofrer...mas na cabeça deles e, de facto, se calhar, não é só na cabeça deles, é uma performance...independentemente, do que uma pessoa pode pensar. E depois há pessoas que pedem, quando morrerem, preservarem a pele com as tatuagens, pronto, porque é uma forma mais tradicional de, apesar de tudo, de expor uma obra de arte...é pele humana.

12. Como consideras os tatuadores de hoje em dia? artistas? artesãos?designers?... Porquê?

R: Eu acho que é um bocadinho de tudo. Eu acho que...primeiro eu acho que há duas gerações muito diferentes de tatuadores de hoje em dia, aqueles mais *old school*, que eu acho que são quase como artesãos, porque aquelas tatuagens *old school* seguem uma receita e uma pessoa tem que ser...é muito á base de técnica, não há espaço para criar coisas novas...as tatuagens japonesas, as tatuagens americanas...são aquelas que se veem mais. Eu acho que esses, se calhar, eu vejo um bocadinho mais como artesãos, porque eles estão a seguir aquela receita passada de geração em geração e aperfeiçoam muito a técnica desde, às vezes, muito novos, portanto, eu acho que tem muito de artesão. Depois esta geração mais nova, acho que é um bocadinho mais...usa mais a parte artística, procura mais essa liberdade artística, pensar mais um bocadinho fora da caixa, portanto, acho que tem mais a haver com...é um artista! Mas há tantos tatuadores a fazer tantas coisas diferentes que eu acho que cada um se identifica. Depois também há pessoas que começam por tatuar e nunca tiveram que desenhar, nunca pintaram e eu acho que essas têm uma experiência diferente e trabalham de forma diferente de pessoas que, para quem o desenho e a pintura ou a ilustração ou o que quer que seja, veio primeiro. Nota-se a diferença com amigos meus, que tatuam, que nunca desenharam, não há diferença na qualidade nem no resultado, mas é uma diferença sobretudo no processo, às vezes, no tipo de tatuagem que fazem...mas acho que varia muito de pessoa para pessoa. Eu, pessoalmente, para mim, pintura e ilustração veio antes, portanto, quando perguntam, normalmente, digo que sou artista visual e que faço tatuagens e considero que se insere no meu trabalho enquanto artista visual, é mais uma coisa que eu faço, mas sinto que tenho de separar, às vezes, até porque para dizer: “Ah! Eu tatuo, se estiveres interessado!”, porque quando as pessoas pensam em artista visual não pensam necessariamente em tatuador.

13. Consideras que a tatuagem pode ser vista como uma forma de *Body Art*? Porquê?

R: Aí sim! Sim! *Body Art*, sem dúvida! É arte feita no *body*. Eu acho que é a forma de *Body Art* assim mais...a primeira em que pensamos, quando pensamos em *Body Art*, acho eu, que piercings e certas formas de modificação corporal também são, mas a tatuagem é mais tradicional. Eu acho que as outras formas são muito técnicas, muita parte técnica, apesar de tudo...claro, que também tem de haver um sentido estético, mas é muito técnico. A tatuagem acho que tem mais a parte da criatividade, porque quer dizer, uma pessoa, por exemplo, para fazer um piercing, se for para fazer um projeto, por exemplo, tem que haver uma parte também artística, criativa, da parte do piercer, mas há limites. Tatuagem acho que sim, que tem lá tudo para ser arte feita no corpo.

14. Qual é a razão para a qual fazes tatuagens: estético ou simbólico?

R: É as duas coisas. Eu acho que é uma junção tão boa das duas coisas. A tatuagem faz me sentir mais confiante. Eu as que fiz, na altura a seguir...e mesmo hoje em dia, não sei, acho que é uma coisa que ajuda muito com a confiança e até já houve pessoas que me perguntaram: “Ah!..., mas eu gostava de fazer nesta parte do corpo, mas é uma parte do corpo que eu não gosto muito e eu não queria chamar a atenção!”. Eu acho o oposto. Eu acho que é uma excelente forma quando uma pessoa tem inseguranças...de pôr ali uma coisa que goste e que é bonita e em vez de querer esconder, afinal, já quer mostrar e quer olhar. Portanto, para mim, sinto-me sempre mais confiante, não sei, é...ver o corpo um bocadinho também como um suporte para estas obras de arte pequeninas. Depois, a parte do significado...eu acho que, uma tatuagem vai sempre ter significado da altura que foi feita, acho que uma pessoa associa sempre. Eu a única que tem assim mais significado, é a primeira e depois foram perdendo o significado...as outras duas...a segunda já foi quase “Quero fazer e vou arranjar uma desculpa” e foi na altura em que acabei o curso...a terceira já foi só porque sim. Eu acho que é tudo válido e são tudo marcas que ficam.

15. O facto de teres tatuagens, muda a percepção que tens de ti próprio?

R: Não! Eu sinto que sempre tive. Como sempre gostei...não sei. Eu acho que talvez por ter começado mais tarde na vida, já estava tão segura...há uma altura quando uma pessoa se começa a

aproximar dos trinta, eu acho que, no geral, já está assim mais segura daquilo que é e portanto, esse tipo de coisas já não tem tanto impacto. Eu acho que é o contrário. Eu vejo-me de forma diferente, se calhar, antes e depois de ter, não sei se por causa das tatuagens, mas por que, de facto, aquilo que me levou a fazer as tatuagens foi o facto de eu já ser uma pessoa diferente do que era antes. Continuo a ser muito indecisa, mas já não me preocupo tanto, é tipo “Ok! Vou fazer e pronto!”. Não sei...não olho assim para mim de uma forma muito diferente. Eu achei que ia olhar, eu quando fiz, sobretudo quando fiz a primeira, assim sem ser minha, achei que ia ser um choque e que tipo, ia olhar de manhã ao espelho e ficar “Oh Meu Deus! O que é isto?!”, mas não...é muito estranho...não sinto nada, nada, nada isso. Às vezes, esqueço-me que tenho e olho e fico “Ah!”, que tipo gosto e fico a admirar-me.

16. Dirias que consegues perceber a identidade/personalidade/gostos de alguém através das suas tatuagens?

R: Eu acho que engana, porque as pessoas fazem tatuagens em alturas da vida muito diferentes e, às vezes, uma pessoa pode estar coberta de tatuagens que já não lhe dizem nada ou que representam uma parte da vida que já não se identificam. Não sei, não acho que seja assim um grande indicador. Eu acho que há sempre aquela coisa...há sempre um preconceito que toda a gente tem, por exemplo, eu vejo uma pessoa com tatuagens e penso “Ah! Esta pessoa é mais artística ou...”, mas depois também isso depende do tipo de tatuagens...se eu vir uma tatuagem, por exemplo...sei lá...de uma suástica ou assim, obviamente, que vou...mas, no geral, não é assim um indicador. Hoje em dia, não importa as pessoas terem tatuagens...não sei, acho que engana muito...é assim quando, eu digo às pessoas que sou tatuadora, elas, normalmente, ficam muito surpreendidas, eu acho que não é só por eu ter poucas tatuagens...não sei...eu acho que esta coisa das tatuagens e de tentar ler a pessoa através da parte estética do exterior, acho que engana muito.

17. Para ti, o que difere a arte das tatuagens e outros meios artísticos? Ou não difere?

R: Para mim, a maior diferença é o facto de estares a fazer arte no corpo de uma pessoa e acho que é uma arte mais partilhada. Há muitos artistas que dizem “Ah! Quando eu vendo uma peça, deixa de ser minha...”. Eu acho que aqui desde o início a peça não é só tua, é o corpo de outra pessoa...,

portanto, é uma coisa partilhada. Eu acho que isso é a maior diferença, é essa coisa de estares a trabalhar no corpo de outro e eu acho que, às vezes, não é uma coisa que se fale o suficiente no mundo da tatuagem, sobretudo, gerações mais velhas, é “A dor faz parte...”, eu aqui acho que não. Bem! Já para não falar da higiene e segurança, nem é só a parte de fazer com que a pessoa se sinta confortável por se estar a expor e porque está numa situação vulnerável, mas a parte da higiene e segurança, para mim, é uma grande parte do processo da tatuagem e é estranho, porque é assim um bocadinho, de uma coisa quase médica, clínica, em algumas coisas. O curso que fizemos era com uma bióloga, portanto, explicava tudo...a parte de higiene e segurança, ela explicava tudo...dentro das nossas capacidades, nenhuma de nós era de ciências. É o facto de ser o corpo de outra pessoa, eu acho que é assim aquilo que difere mais.

18. Há uns anos atrás as tatuagens eram vistas como algo diferente e negativo, achas que esta imagem das tatuagens ainda se mantém?

R: Eu noto algumas pessoas que sim, mas, no geral, não noto muito. Eu, às vezes, ainda tenho algumas reações de pessoas, geralmente, mais velhas. Sobretudo, pessoas mais velhas...a geração dos meus pais ou até dos meus avós que têm um bocadinho essa reação, mas já nem sequer parece que já não tem muita convicção naquilo que dizem, porque ainda há pouco tempo estive num casamento em que uma senhora assim mais velha tinha feito um comentário...estávamos a falar de sítios para ir e uma das senhoras diz “Aí! Não vão para aí, isso é muito mal frequentado, tem muita gente com tatuagens”, mas depois estive a falar comigo sobre tatuagens e eu fiquei com a ideia...ela tem este preconceito com as tatuagens, mas nem sequer está muito convencida daquilo que diz, porque ela, na verdade, está aqui a falar comigo e parece interessada, pareceu-me, genuinamente, interessada. Não sei, eu acho que cada vez mais as tatuagens são uma coisa aceite e grande parte das pessoas tem. A minha mãe, por exemplo, sempre adorou ver tatuagens...ela via o “Miami Ink” comigo..., mas nunca gostou da ideia, por exemplo, eu ter tatuagens. Quando eu fiz a primeira para a minha cadela ela chorou de felicidade, ficou super comovida e agora vai fazer quatro comigo de uma vez, portanto, eu acho que isso está a alterar um bocadinho. Começa a “cheirar a mofo” essa coisa de achar as tatuagens que são uma coisa de marginais, até porque, hoje em dia, com o que elas custam...

19. O que achas que iria melhorar a posição dos tatuadores da atualidade?

R: Bem, em Portugal, nós quase não há legislação sobre tatuagem, sobretudo a parte da higiene e segurança. Em Portugal é muito complicado, porque, na verdade, se aparecer alguém da ASAE num estúdio e vir que não há condições para fazer a tatuagem, a pessoa pode ser multada, mas, na realidade, não existe legislação. Portanto, não existem regras para uma pessoa seguir, mas se uma pessoa não seguir as regras pode ser penalizada. Eu, neste momento, não sei se isto está exatamente assim. Quando eu fiz o curso, que foi quando eu estudei a legislação, era assim em Portugal. Em Espanha, por exemplo, é diferente..., mas eu acho que faz falta. Eu acho que é preciso...sobretudo a parte de higiene e segurança, eu acho que se as pessoas souberem que os tatuadores são obrigados a ter essas noções, o estatuto do tatuador também muda um bocadinho. Em Portugal, é tudo muito novo...não sei. A questão dos preços é outra que é muito complicada porque há muita gente a fazer tatuagens a preços muito, muito baixos e obriga toda a gente a fazer tatuagens a preços muito, muito baixos...isso também é um problema...porque para uma pessoa fazer uma tatuagem com segurança tem de gastar dinheiro e portanto, se uma tatuagem é muito barata...lá está, é a questão da higiene e segurança, eu acho que é o que está no fundo de tudo. Eu acho que, muita das pessoas fazem tatuagens muito baratas porque, na verdade, não estão a gastar dinheiro nos descartáveis que é preciso gastar para fazer uma tatuagem. Portanto, eu acho que é isso, é a parte da higiene e segurança, é os tatuadores e os piercers, que estão na mesma situação, terem um estatuto reconhecido. Uma pessoa pode por que é trabalhador independente e que é tatuador, isso existe, mas na verdade, nós estamos aqui todos um bocadinho a encontrar o caminho, não temos assim nada para nos apoiarmos. A maior parte das pessoas ainda aprende a fazer como aprendiz, não é obrigatório ter nenhuma formação, eu, por acaso, nisso acho que fazia falta. Eu acho que devia haver um percurso um bocadinho mais formal, não demasiado formal...não é preciso um curso superior, mas devia haver assim umas linhas guia e legislação e podia ser uma coisa muito mais clara.

20. Como vêes o futuro da tatuagem como arte e a sua evolução como prática artística?

R: Estamos num momento de mudança e portanto, é difícil de perceber, porque há muita, muita gente a começar a tatuar e eu não sei se todas essas pessoas pretendem continuar a tatuar ou se é uma fase que estão a explorar, uma área que estão a explorar. O que é certo, é que há cada vez

mais pessoas a tatuar. Há cada vez mais oferta. Há cada vez mais procura também, as pessoas...cada vez...tem mais gente com tatuagens. Não sei qual será o futuro. Eu acho que vai haver mais legislação e vai haver mais regras, porque quanto mais gente está a tatuar...pronto...quer dizer...enfim...esperemos que não seja uma coisa completamente, descontrolada. Eu sei que, por exemplo, em Espanha, já há legislação até um bocadinho apertada de mais, a vaselina tem de vir em packs individuais e os copinhos também...já começa a ser um bocado complicado. Não sei, eu acho que há coisas em que a tatuagem se está a alterar de forma positiva, por exemplo, há cada vez mais mulheres a tatuar e é um meio cada vez menos machista, porque os tatuadores *old school* e os estúdios *old school*, é tudo muito masculino ainda, muito dominado por essa masculinidade tóxica. Hoje em dia, vejo muitos estúdios que se esforçam muito mais para criar um ambiente seguro e tem muito mais essa postura. Portanto, isso é uma coisa que está a mudar e que se vê...se calhar, não tão rápido como devia, mas acho que é mesmo uma coisa que se nota que se está a mudar.

21. Que conselho darias a alguém que tenha interesse em começar a tatuar e deseje seguir isso profissionalmente?

R: Eu...isto é controverso, mas eu recomendo sempre fazer...eu não posso recomendar assim qualquer curso, porque, há muitos cursos que são um disparate, mas o curso que eu fiz na EOMTP (Escola Oficial de Mestres de Tatuagem e Piercers) é muito bom. Eu recomendo mesmo fazer o curso, porque eu sinto que eu aprendi tanta coisa num espaço curto de tempo. Os cursos, normalmente, são um mês. Eu fiz o intensivo, portanto, foram quase três semanas e eles vieram cá, porque eles vêm cá. O estúdio é em Valência e a escola também, mas eles, volta e meia, vêm a Portugal, acho que é Lisboa e Porto, fazer o curso. Eu sei que há outros cursos, mas eu não posso falar, porque não sei como é que são. Eu recomendo pelo menos este...parece que estou a ser patrocinada...não estou..., mas foi muito bom. A parte de higiene e segurança, eu, por exemplo, não consigo perceber...e sei que acontece, e que as pessoas conseguem, mas eu “tiro-lhes o chapéu” porque, estar a aprender isso enquanto aprendiz...não sei, deve ser confuso. Ali é tudo tão simples, as coisas eram nos postas à frente, num ambiente controlado e nós tínhamos que repetir. Eu acho que aprendi muito mais rápido, muita coisa, incluindo essas regras todas de higiene e segurança num espaço muito mais curto de tempo, do que se aprende como eu sei...eu depois quando fui

aprendiz não estive que estar a aprender e já sabia isso. Depois, é uma boa forma de conhecer outras pessoas que estão a começar o mesmo percurso, para mim foi muito bom. Eu recomendo fazer uma formação, pesquisar bem a escola, porque há muitas, muitas escolas, que na verdade são só empresas que querem vender o material e não estão muito interessadas em ensinar...mas há escolas boas e eu acho que se devia normalizar mais fazer formação em tatuagem porque, eu acho que foi uma excelente decisão e uma pessoa tem de fazer formação nas áreas de estética, por exemplo, para fazer...sei lá...unhas...normalmente tem de ter formação para fazer essas coisas e eu acho que na tatuagem ainda mais, porque, há ainda mais risco. Não tatuar em pele humana demasiado cedo. Praticar bastante na pele falsa, embora, a pele falsa só ajude uma pessoa a criar relação com a máquina, porque a pele falsa não tem nada a ver com a pele real...mas ter paciência, porque demora. Eu antes de começar...estou agora a acabar o primeiro ano, portanto, também estou aqui a falar como se fosse uma veterana, mas são as coisas que eu aprendi até agora. Uma coisa que me dizem muito, e que eu estou a ver que é verdade, é preciso ter paciência, porque demora muito tempo até uma pessoa encontrar o seu estilo, até porque, no início temos de fazer aquilo que as pessoas nos pedem, nem sempre é, necessariamente, aquilo que queremos fazer e, às vezes, nem sabemos ainda o que queremos fazer...tem paciência. A formação ajuda mesmo muito...é um empurrão, que dá muito, muito jeito no início, porque se não as coisas demoram ainda mais tempo. Eu lembro-me que no curso eles nos diziam “Vocês só daqui a 3 anos é que vão ser tatuadores a sério e vão estar confiantes no que fazem” e de facto, neste momento, sinto que ainda estou a começar, mas ao mesmo tempo sinto que a formação deu-me uma vantagem em termos de tempo.

22. Quais são os aspetos mais gratificantes do teu trabalho como tatuador?

R: Eu fico sempre muito entusiasmada quando acabo uma tatuagem e vejo que a pessoa está mesmo contente. Acho que ter esse impacto positivo numa pessoa e na forma como ela vê o seu corpo...eu fico muito entusiasmada. Fico tão entusiasmada como as pessoas, às vezes, quando acabo e olho e a pessoa está toda contente. Porque, às vezes, eu acabo uma ilustração, uma pintura, e eu estou contente com aquilo que fiz, mas não é uma coisa que eu possa partilhar da mesma forma...ali é uma coisa partilhada, esse entusiasmo, quando uma pessoa acaba um projeto que gosta, ali é partilhado e não sei, acho que é um momento bonito. Acho que é...para mim, assim é

a parte mais gratificante, sobretudo, mais gratificante que eu não encontro noutras áreas da ilustração, na pintura...é esse contacto com as pessoas. Até hoje, nunca tive nenhuma experiência negativa com nenhum cliente, portanto...já conheci pessoas mesmo muito fixes, já tatuei pessoas muito fixes. Por exemplo, já fiz tatuagens tipo memorial, portanto, que as pessoas estão a fazer por causa que alguém morreu ou para celebrar alguma coisa importante na vida delas e uma pessoa sentir-se convidada a fazer parte disso...não sei...sente-se lisonjeada, é um privilégio fazer parte disso...não sei...se calhar, é uma coisa um bocado egocêntrica querer fazer...mas acho que é bonito...depois, também depende do cliente, mas, no geral, é sempre uma experiência positiva.

3. Mariana Cáceres | 32 anos

1. Qual foi o teu percurso académico?

R: Então, secundário, artes, ótimo. Os meus pais queriam que eu fosse para ciências e eu tipo “Não!...Vou para artes!”. Depois, fui para a faculdade de Belas Artes, Ciências da Arte e do Património, terrível...mas eu gosto muito da cena do restauro, *mainly* de móveis e também, tipo, a cena de filme, sabes? Quando tens película e tentar revelar películas bué antigas. Gosto muito, mas percebi que o curso não é demasiado organizado e tive muito medo, na altura, de entrar no curso de desenho, era um curso recente nas Belas Artes, bué tipo “Ah! Se calhar, não vai dar...se calhar, vou para restauro, é uma cena que o meu pai também faz...”, então tentei pegar na cena de “Ok! Os meus pais querem que eu faça arquitetura...” e eu tipo “Não! Só vou fazer casas nos Sims”, então decidi fazer um curso de Ciências da Arte e do Património. Não deu, porque é um curso muito vago ou era na altura, que não te dava muito e depois decidi mudar para o curso de Desenho, enquanto fazia um curso de Ilustração e Banda Desenhada na ARCO. Portanto, tentei fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Licenciiei-me em desenho, no curso de Desenho. O que é que eu retirei disso?... Tive cadeiras muito fixes, atenção! Aprendi coisas, mas tive cadeiras tão *dull*, sabes? Tipo...as minhas cadeiras favoritas eram, possivelmente, história da arte, estética...cultura visual, tive um professor muito fixe, que me fez ler livros muito, muito fixes...geraram ideias também, ilustrações. O meu plano sempre foi trabalhar em ilustração. Eu queria trabalhar como uma pessoa

que ilustrava, não sei se livros para crianças, não sei se revistas, queria fazer tudo, na altura. Enquanto estava na licenciatura de desenho, consegui alguns trabalhos...fiquei bué *excited*, porque fiz cenas para a Feira das Almas. Fiz bué cenas. Fiz tipo, cartazes durante 3 anos, 30 euros por cartaz...na altura, eram tipo os 30 euros que me pagavam a renda...não pagavam a renda, mas pagavam a EDP. Acho que isso me ajudou bué, a projetar o meu trabalho.

2. Com que idade é que fizeste a tua primeira tatuagem? O que era? Qual foi o motivo?

R: Ainda bem que não fiz aos 16 porque, possivelmente, ia ser um código de barras na parte de trás do meu pescoço, por causa de uma série qualquer...de uma espiã. A minha primeira tatuagem foi uma matrioska, uma boneca russa, a outra palavra para a matrioska é *babooshka* que é avó e eu pensei “Aí! Vou arranjar aqui uma desculpa para fazer uma tatuagem...”. Então, por exemplo, fiz uma tatuagem colocada na cena de eu amar a minha avó...foi *lame*...ainda bem que não foi o código de barras. É uma matrioska que tem um diamante no meio, ridículo, que não me perguntes porque, foi um desenho de um amigo meu. Portanto, eu tenho justificação...foi um desenho de um amigo meu...é uma matrioska...o significado da avó...blah...blah...blah. Sabes? Tipo tentar arranjar justificação para a tatuagem. Eu acho que a minha primeira foi aos 19 ou 20...ainda bem.

3. O que te fez ingressar na prática de tatuagem?

R: Enquanto estava na faculdade, tive um amigo meu que estava a ser tatuado...eu estava a trabalhar num restaurante part-time ao lado do estúdio. O meu amigo disse: “Amiga, traz-me uma sandes!” e eu tipo, “*Sure!* Vou-lhe levar uma sandes” e a pessoa que estava a tatuar o meu amigo perguntou “Olha! Eu conheço os teus desenhos! Não queres aprender a tatuar?”. Eu achei que era mentira. Ainda pensei, mas tipo, eu pensei “Eu já vi o Miami Ink bué vezes...não”, isto é mentira...é terrível, mas na altura, eu ficava tipo “Uau”. Eu lembro-me de ser adolescente e ir para a frente da televisão desenhar e vivia com os meus pais na altura...criança...tipo, ia para a frente da televisão, tipo, desenhar...mas a pessoa convidou-me para aprender a tatuar, eu achei que era a brincar e a pessoa perguntou-me uma segunda vez “Olha! Não queres mesmo?” e eu tipo “Ok! Vá...”. Estava na faculdade, achava que a pessoa que me convidou a tatuar estava a gozar com a minha cara. Então, quando eu terminei a faculdade ou enquanto estava na faculdade, comecei a

fazer os posters para a Feira das Almas e pensei “Oh! Vou ter trabalho na ilustração, fácil!”, “Quando terminar o curso vai ser mesmo tipo pow...pow...pow!”. Não foi. Trabalhei com ilustração durante muitos anos...o *paycheck* era só daqui a 3 meses...trabalhei para o Público, com ilustrações...fiquei a arder com dinheiro...trabalhei como *art director* numa companhia que é a Leo Burnett, que é bem conhecida, na verdade. Fui contratada pela Leo Burnett, porque eu pensei “Vai ser fixe ter Leo Burnett...designers...whatever, no meu currículo”. Na altura, eu ainda tatuava, tipo, em casa a cobrar, tipo, o mínimo...fazia tatuagem no bairro...” Você faz o que você quiser”. Eu já tatuei muitos símbolos infinito...muita borboleta...já tatuei...tudo o que tu achares péssimo, *I did It! Yes!* Por 30 euros, por 70, sabes? Ridiculamente, barato...não quero brincar disso outra vez, mas na altura, eu achei que era muito fixe, Leo Burnett no meu currículo e na altura que eu comecei a estagiar com eles como *art director*, eles ofereceram-me 300 euros e eu parva...*naive*, na altura...eu era bue *naive*...ainda sou..., mas não tanto e na altura, eles ofereceram 300 euros e eu pensei “Ok! São 300 euros...é um part-time”, assumi...parva, assumi...são 300 euros, consigo tatuar no meu tempo livre, em casa, e consigo fazer este trabalho..., mas eles “Não! É full-time e às vezes vimos ao Sábado”. Eu fiquei 3 meses e fiquei tipo...” Não!...Não! Isto é ridículo!”. Então, comecei-me a focar mais na tatuagem, que eu posso desenhar o que eu quero. Eu nunca achei que ia ser a pessoa que tatua, sendo muito sincera contigo, o meu foco sempre foi ilustrar papel, não pele...*but somehow* aconteceu e é tão mais fácil.

4. Quem é que te ensinou a tatuar?

R: A pessoa que me ensinou a tatuar chama-se Taylor Catclaw. Na altura, o trabalho não tinha nada a ver com o que se passava hoje..., mas eu achei que era uma piada, porque, segundo a televisão, não é assim tão fácil aprender a tatuar. Tens de limpar o estúdio, tens que ser quase a pessoa que faz a limpeza...em vez de, propriamente, tatuar. A minha experiência foi bem *nice* com esta pessoa, apesar de ser um estúdio muito “cis, hétero, tóxico”. Na altura, eu não percebi o quão tóxico era, na verdade..., mas tive a sorte de aprender com uma pessoa muito fora do sistema, apesar de estar neste estúdio tóxico. Foi o Catclaw, que é uma pessoa com a qual eu não me identifico de todo com o trabalho, hoje em dia. Somos muito amigos, mas acho que o nosso trabalho não comunica. Na altura, fez sentido, somos amigos na mesma. Foi muito bom aprender com alguém *queer*, em vez de ter aquela dinâmica *standard* de estúdio “macho, cis, hetero, tóxico” ...acho

que para mim, já percebeste que é um bocado...aprendi com uma pessoa muito fixe, muito, muito fixe e depois foi mesmo os amigos todos a darem o corpo, também foi muito, muito *nice*.

5. Existe algum artista(s) que guarde(s) como referência/influência?

R: Ai! Vou ter de mandar uma lista, não é? O que me inspira mais é o meu cão e o meu *heartbreak*, *I guess. Sorry, It's lame*, mas é verdade e uma lista de amigos, de ilustração e tatuagem. Gosto muito do trabalho da Marta (Marta Naia), gosto muito do trabalho da Sofia (Sofia Nabais), gosto muito do trabalho do Marcelo (Marcelo Clapp), do Porto. Eu acho que...pergunta séria...a maior parte do meu trabalho surge a partir de músicas e é um exercício que eu faço sempre quando dou aulas na ETIC (Escola de Tecnologias Inovação e Criação) é como ilustrar uma música? Podemos fazer exercícios de uma banda de *Hardcore* a cantar a “Toxic” da Britney Spears, podemos só ilustrar músicas felizes Pimba, podemos ir só ilustrar músicas tristes...mas eu acho que, o que mais me inspira, são músicas que partem o meu coração assim...total...sabes? Se for para chorar, eu estou lá!

6. Como é que caracterizas o teu estilo artístico?

R: Triste para...funciona como resposta. Agora a sério...acho que é *mellow*. Acho que é muito focado no meu cão. Acho que é muito focado no que é casa ou não. Acho que é muito focado na minha experiência pessoal, apesar de isso não transparecer tão obviamente na tatuagem...*I mean*, se calhar, sim. Há muito o cão, há muito uma casa a arder...então, acho o meu trabalho muito caos e é muito triste. É assim que eu vejo. É feliz quando há o cão.

7. Quão familiarizado estás com o conceito de Wagner: Arte Total?

R: Acho que não.

8. Foi feita uma definição de Arte Total muito breve na explicação do projeto, com o que entendeste, consegues colocar esse conceito (Arte Total) neste contexto das Tatuagens?

R: Eu concordo, mas o meu foco é sempre o desenho, que depois vai para a tatuagem..., mas acho que é uma coisa que parte de ti...pelo menos para mim. Eu sinto que o meu trabalho é muito *self centered* e pode ser egoísta *at some point* e, se calhar, é um bocado *annoying* ser tão *self centered*. Eu acho que a tatuagem é uma extensão da ilustração para mim, sendo a ilustração o que tu dissesse de Arte Total.

9. Na tua opinião quais seriam os requisitos para distinguir algo que fosse total ou não? Será que todos os tatuadores conseguem criar esta experiência Total?

R: Não! Não acho. Não acho que...acho que existem muitos tatuadores que tatuam *just for the craft*, sabes? No estúdio que eu aprendi a tatuar, tu podias aparecer hoje e dizeres “Quero uma *Pin Up* no braço!” e isso é o básico...” Está aqui a imagem que eu quero! Uma *Pin Up*” e o tatuador dizia-te “Ok! Vou fazer!”. Passado 2 meses, eu aparecia no estúdio, com a mesma imagem, que tirei da internet, que tu tiraste, e dizia “Quero esta *Pin Up* no meu braço!...” e ele dizia “Ok! Vou fazer igual...”. Portanto, eu acho que a tatuagem para nós, ilustradores...eu acho que o Félix irá te dizer a mesma coisa, a Espirito, a Marta, a Sofia, vão te dizer a mesma coisa...eu acho que é muito uma extensão da ilustração. Acho que prezamos todos por ser original, para que tu tenhas, tipo, para além, da melhor experiência, algo único na tua pele. Portanto, sim, acho que ilustração é essa Arte Total que tu falas. Acho que o princípio é o desenho de Arte Total e cada um tem a sua estética, tem a sua dinâmica e cada um desenvolve o desenho como quer e acho que a tatuagem é uma extensão disso, acaba por ser o *craft*...acho que é muito isso.

10. Dirias que tatuar pode ser uma experiência imersiva?

R: Acho que depende bué...para mim, pessoalmente, acho que depende muito do que eu estou a tatuar...se calhar, se for um *flash*...eu acho que há tatuagens que...se for um *custom* de um cão, eu desenho cães sempre, óbvio que eu vou *relate* com a pessoa que tem um cão...tipo fácil...se a

pessoa me disser que o cão morreu, eu fico só tipo...mas no geral tatuo cenas...os meus *flash*, acho que, não todos, mas muitos são muito pessoais...ainda bem que as pessoas não percebem isso...espero! Há desenhos para mim que são muito pessoais, eu sinto que nos últimos anos, os meus desenhos...os meus *flashes* são muito pessoais.

11. Ainda neste tema da experiência, conseguirias ver a tatuagem como uma performance artística num museu, por exemplo?

R: Eu já fiz uma tatuagem numa performance, numa galeria, não num museu. Eu vejo a tatuagem a entrar numa galeria, como performance ou como uma obra até, *sure*! Nunca pensei nisso, obrigado! Acho que funciona. Acho que te posso mandar um perfil de um tatuador que faz coisas bem *random*...há um *boy* que tatua cenas bué *random*, pega num drone e mete o drone a fazer desenhos em ti ou pega numa destas réguas, com números e, não sei quê, e ele tatua-te estes números ou estas letras na perna, num parque. Há muito tatuador performativo. Eu acho que funciona, numa galeria, assim num sentido de performance, *I guess*, sim!

12. Como consideras os tatuadores de hoje em dia? artistas? artesãos?designers?... Porquê?

R: Tudo! Acho que nós somos tudo. Eu não sou só uma pessoa que faz só tatuagens, sou uma pessoa que faz ilustração. A Sofia é uma pessoa que tatua, mas também faz pintura. A Marta é uma pessoa que tatua, mas também faz design. Eu estou a falar na minha esfera...da minha bolha...mas acho que somos todos. Temos todos um *background* diferente, *either* pintura, design, desenho...a Shim é de design de moda. Acho que temos todos *backgrounds* diferentes e acho que fazemos todos um bocadinho de tudo. Não acho que a tatuagem seja só um *craft*...acho que é também uma extensão da nossa arte e não gosto da ideia de a tatuagem ser só considerada um *craft*...irrita-me um pouco, na verdade. Mesmo a nível burocrático, a nível das finanças, a nível do código. Vou te dar um exemplo muito simples, tipo, eu estava a ver Apoio aos Trabalhadores da Cultura, ok? A tatuagem não entra, porque é considerada uma *craft*, se eu estiver registada como pintora, designer, entro...como tatuadora, não entro...mas a tauromaquia, entra...

13. Consideras que a tatuagem pode ser vista como uma forma de *Body Art*? Porquê?

R: Claro! Estás a fazer cenas no teu corpo, não é? Claro, que acho que é *Body Art*! Claro, que acho que é uma extensão para te fazer sentir confortável com o teu corpo, também, para algumas pessoas. Há muitas pessoas que investem mesmo em peças de corpo inteiro, sabes? Tipo, as cenas mais Maori, mas como um fato...as tatuagens asiáticas, acho que é do Japão...mas tens a cena Maori, que é tipo um fato completo...tens a cena Japonesa, que é tipo um fato completo, que eu acho lindo, lindo, lindo. Eu acho mesmo que a tatuagem é uma extensão da pessoa de diversas formas, tens os que preferem mais *stickers*, que é o meu caso e teres coisas espalhadas no teu corpo á toa e depois tens pessoas que fazem fatos completos que epah! São lindos, lindos, lindos, perfeitos! Mas sim, acho que faz parte da *Body Art*! Acho que a tatuagem é uma arte!

14. Qual é a razão para a qual fazes tatuagens: estético ou simbólico?

R: Simbólico...*or both*. Tipo, ultimamente, sinto que tem sido mais simbólico. Acho que são as duas coisas para mim. Eu tenho coisas em mim que tem um valor simbólico e também tenho coisas em mim de desenhos dos meus amigos em que eu olho e digo “Quero! Faz!”. Tenho coisas da Marta, da Patrícia, da Sofia ainda não tenho..., mas tenho muitas coisas em mim que eu fico só tipo “Gostei! Quero!”.

15. O facto de teres tatuagens, muda a percepção que tens de ti próprio?

R: Acho que me sinto mais *fierce* com tatuagens e *at some point*, mais confortável comigo, não, necessariamente, confortável com o público. Eu vivo num bairro que é muito “betolândia”, é muito religioso, é muito cristão. Eu vivo no meio dos “betos” e então eu saio de casa e eles ficam tipo “Eish! Esta lésbica cheia de tatuagens...”. E quando eu tatuei as mãos foi o caos total para a minha avó e eu também fiquei assim um pouco com medo, como é que ela ia reagir...ela não passou mal. Saindo de casa num bairro que é como é...religioso, de extrema-direita também...*It's not nice*...mas, ao mesmo tempo, eles que lidem. Há dias em que me sinto melhor...há dias em que, se calhar, eu não tenho a minha auto-estima tão em altas e, se calhar, prefiro tapar...ou vestir calças...para não lidar...mas acho que isto também entra numa questão do quão confortável tu

estás com o teu corpo e não, necessariamente, com as tatuagens. Eu sei que com tatuagens vão olhar mais. Eu sei que as minhas tatuagens são incríveis...eu tenho tatuagens na cabeça...se eu rapar a cabeça, tenho a cabeça quase toda tatuada...mas depende muito do *mood*, da minha auto estima...mas *overall* eu sinto me melhor com tatuagens.

16. Dirias que consegues perceber a identidade/personalidade/gostos de alguém através das suas tatuagens?

R: Essa é *tricky*...porque imagina, eu conheço pessoas que fizeram tatuagens há 20 anos atrás com as quais não se identificam de todo. Eu tenho amigos que tem, tipo, uma tribal no fundo das costas...eu tenho muitos amigos com tatuagens más...eu tenho tatuagens más...eu tenho uma matrioska com um diamante no meio e já me perguntaram “És fã dos Buraka Som Sistema?” e eu tipo “*Not really*” ...”Então porque é que tens um diamante?”, “Eu, não sei. Foi o que o tatuador fez na altura...”. Eu não me arrependo, mas, se calhar, não fazia hoje, então há pessoas...não sei...se tu tiveres um símbolo do infinito...eu vou julgar...se tiveres uma borboleta, assim perfeita ou a silhueta dos passarinhos...eu vou julgar, mas ao mesmo tempo, eu não vou, porque eu tenho tanta coisa má em mim, quem sou eu na fila do pão para julgar, sabes? Não julgo..., mas um símbolo do infinito, pode ser um *turn off* para mim, não vou mentir.

17. Para ti, o que difere a arte das tatuagens e outros meios artísticos? Ou não difere?

R: O que difere é a superfície onde trabalhas...entre o papel e a pele. Não acho que a tatuagem seja menos que qualquer outra forma de arte.

18. Há uns anos atrás as tatuagens eram vistas como algo diferente e negativo, achas que esta imagem das tatuagens ainda se mantém?

R: Acho que em Portugal, sim. Não drasticamente mau, mas acho que continua a ser algo que é julgado. Eu já tatuei professores, já tatuei advogados, já tatuei enfermeiros e eles ficam todos...ou pessoas que trabalham em teatro, por exemplo, que é outra área artística...pedem sempre que a tatuagem seja escondida, para não terem problemas no trabalho...isto é uma coisa que eu fico,

“Estamos em 2024, pessoal!”. Vejo que noutros países isto não é uma questão...por exemplo, eu vou tatuar muitas vezes à Alemanha...está um menino no aeroporto que está a “checkar” o meu bilhete que tem uma *mullet* e tem a cabeça toda tatuada, a cara tatuada e tem um trabalho na mesma. Acho que Portugal continua a ser muito pequenino nessas coisas, também porque temos uma sociedade com uma faixa etária, maioritariamente, idosa, não nos podemos esquecer disso, é um fator muito importante. E a tatuagem continua a ser vista como algo que não vais ter um trabalho se tiveres tatuagens...a minha avó sempre foi “Mariana, veste-te bem!...Mariana, deixa crescer o cabelo!...Não vais ter trabalho assim!” e eu “Avó, faço tatuagens, não é?...Sabes? Eu vou ter trabalho!” e trabalho num bar, isto não é problema. Acho que este estereótipo por termos uma sociedade muito envelhecida se mantém...

19. O que achas que iria melhorar a posição dos tatuadores da atualidade?

R: Apoios do estado. Nós só há 3, 5 anos é que o código das finanças surgiu como tatuadores, porque anteriormente, nós éramos considerados...estávamos na mesma lista que pessoas que cortam o cabelo e que fazem depilação, estávamos na categoria de trabalhadores da estética. Só recentemente é que tivemos o código de tatuadores...há 5 anos atrás...não mais que isto...juro-te. Problemático, a partir do momento em que o teu trabalho não é considerado. Depois, acho que também ganhávamos muito se o nosso trabalho deixasse de ser considerado um *craft*, sem apoio do estado, e passar a ser considerado algo...um trabalho artístico.

20. Como vêes o futuro da tatuagem como arte e a sua evolução como prática artística?

R: Essa é complicada, porque agora surgiram máquinas que tatuam pelos tatuadores...existem robôs...estamos num episódio de “Black Mirror”. Não funcionam assim tão bem. Isto é uma coisa bué americana, mas surgiram máquinas...imagina, eu tatuo...vendo as minhas cenas...eu faço 3 desenhos, eu vendo os meus desenhos à empresa, a empresa tem este robô que vai reproduzir as minhas tatuagens...fácil...em uma hora e eu, se calhar, demoro 3. Eu espero algo melhor, de momento, eu acho que a tatuagem...como é que eu digo isto? Uma tatuagem é um luxo, não é uma necessidade...então aí, sendo um luxo e um privilégio...uma tatuagem não é barata e nós sabemos

isso...eu gosto que tenhamos evoluído do clássico...tens 20 desenhos e vou replicar estes 20 desenhos em todas as pessoas que me pedirem...acho que a tatuagem evoluiu para algo singular, único, na minha opinião...e espero que evolua. Eu queria que a tatuagem fosse algo mais inclusivo, eu continuo a achar que há espaço para todos, não gosto do *gatekeeping*...de não querer partilhar com os outros.

21. Que conselho darias a alguém que tenha interesse em começar a tatuar e deseje seguir isso profissionalmente?

R: Vai que é teu! Tem só cuidado com a higiene...é a única cena, tipo. Eu já tatuei em minha casa, no meu quarto...já tatuei pessoas na minha secretária...na minha cama...eu já tive com gatos a andar no quarto. Jamais, quero voltar a repetir isso! Acho que, na altura, não tinha a higiene que era necessária...sei que estava a começar, mas eu olho para trás e fico tipo “Eish!” ...sei que não passei infeção a ninguém, mas acho que é uma coisa a ter cuidado. Eu estou mesmo “Vai que é teu!” não sou mesmo nada *gatekeeping*...eu agora trabalho na Musa e há um *boy* lá que começou a tatuar há pouco tempo, eu mandei-lhe todos os *links*, todas as cenas de higiene que ele precisa...tipo “Amor, está aqui! Luvas mais baratas? Pega aqui!” ...não há *gatekeeping*, que é uma cena que quando eu comecei lembro de ser bué “Não podes tatuar! Tens de ficar um ano a limpar o estúdio...”, sabes? Quase “Miami Ink”. Eu lembro de ver o “Miami Ink” e lembro do aprendiz que estava sempre a limpar o estúdio e a fazer o stencil e não tatuava...tipo, “Não! Vai, faz que é teu! Pega na máquina!”, sabes? Tipo tatua amigos! Mas tem cuidado com a higiene, é a única cena... para mim o primeiro foco é, tipo, a cena da higiene e da *cross contamination*...e desenha para...desenha, desenha, desenha...porque também acho que repetirmos o que já existe...para mim não tem estímulo. Mas acho que é por aí, pegar no que tu gostas, aplicares e depois perceberes o que é que tu podes retirar disso e torná-lo teu.

22. Quais são os aspectos mais gratificantes do teu trabalho como tatuador?

R: A primeira, sendo honesta contigo...ter tatuagens grátis. Eu não pago uma tatuagem desde.../ *don't know*. Eu não tinha tantas tatuagens, se não tatuasse, porque eu sei que são caras...se eu não tatuasse tinha de guardar dinheiro para tatuar...eu não pago uma tatuagem...só paguei 3 tatuagens

no meu corpo...eu tenho 50...não sei se tenho 50 ou não, mas deve estar por aí. A cena de trocar tatuagens com amigos. A cena de viajar para outros sítios. A cena de conhecer outras pessoas que tatuam. Para mim, é a cena de conhecer outros países e outras pessoas que tatuam, é bué *nice*. Eu já fiz mesmo muitos amigos com a cena de tatuagem. As pessoas que eu conheci, com quem tatuo, foi à pala de tatuar, sabes? E agora são meus amigos...isso é bué *nice*.

4. João Barroqueiro | 25 anos

1. Qual foi o teu percurso académico?

R: Eu estudei nas Caldas da Rainha, estudei Design...antes disso eu tinha estado na Arroio a estudar cinema. Depois decidi “Ok! Não vou seguir cinema. Vamos fazer design”. Depois acabei o design, fui para um estúdio...fui fazer um estágio curricular num estúdio de serigrafia e gravura, pequenas edições, e depois foi onde eu já trabalhava imenso com a ilustração e comecei a dedicar-me mais à ilustração.

2. Com que idade é que fizeste a tua primeira tatuagem? O que era? Qual foi o motivo?

R: A idade...ok! Já não me lembro...foi em 2021...acho eu, por isso 23. O motivo era porque, eu nunca tinha gostado assim tanto de tatuagens, ou gostava, mas não gostava de as ver em mim e depois estava a namorar este desenho do artista do Lince Rebelo há muito tempo, nem era uma tatuagem. Ele na altura já tinha começado a tatuar...nem era uma tatuagem, mas eu depois pedi-lhe e fizemos...e é assim um pescador com um peixe na rede e sempre gostei desse desenho...não sei, tem esse sentimento de nostalgia...um olhar para o horizonte, para o nada, que eu sempre gostei muito.

3. O que te fez ingressar na prática de tatuagem?

R: Lá está! Eu também nunca tinha tido assim um grande interesse, ou seja, não foi assim uma paixão tipo já de infância, não teve nada a haver com isso, foi muito mais, tornar o interesse mais

econômico, tentar ganhar alguma independência enquanto artista ao mesmo tempo que também começava a ver outros artistas como eu, ilustradores e pintores, como outras pessoas, como a Françoise Tattoo, a Charleine, que foi com quem aprendi...a fazer peças de tatuagem que não eram de todo tradicionais, tinham um aspeto muito mais ilustrativo, personalizado, único, que me fez também pensar muito que, se calhar, eu também conseguiria ganhar dinheiro enquanto explorava mais a minha arte e fazer nas outras pessoas.

4. Quem é que te ensinou a tatuar?

R: Foi a Charleine que é da Françoise Tattoo, que ela é já era tatuadora...na altura, há mais de 10 anos. O trabalho dela também é muito interessante, faz quase um trabalho de curadoria com a tatuagem em que convida não sei quantos artistas, pintores, ilustradores, escultores, muitas vezes também a criar peças, para depois ela tatuar em corpos.

5. Existe algum artista(s) que guarde(s) como referência/influência?

R: Tenho a ela...á Charleine, tenho também o Lince Rebelo, que também é, pronto, meu colega...já fizemos quase tatuagens...ele já á mais tempo que eu e, por isso é que também sinto que acaba por ser uma referência...também sendo uma pessoa *queer* a tatuar e a introduzir um bocado a ilustração e o fator ou as narrativas *queer* nas ilustrações também, é uma grande referência para mim. Também há muitos grandes tatuadores que sinto que são uma boa referência, se calhar, menos tradicionais. Também tenho grandes referências em, por exemplo, trabalhos de linogravura, também foi isso a génese do meu trabalho, acho que também foi com isso que comecei...com um bocado dessas coisas em mente comecei a ilustrar e a tatuar, então também tenho assim grandes referências em gravuras.

6. Como é que caracterizas o teu estilo artístico?

R: Interessante! Não sei bem...é sempre difícil caracterizar...sinto que também, pronto, tem...uso bastantes narrativas *queer* nos meus trabalhos, sinto que mesmo não falando objetivamente dessas ditas narrativas *queer* são sempre e tem sempre uma temática *queer* e que são sempre destinadas

a incorporar corpos *queer*. Gosto também de...e tenho sempre grande atenção a isso...ao trabalho dos corpos não normativos. Também tenho grande interesse por artefactos e coisas holísticas, mas sempre com uma perspetiva muito humana.

7. Quão familiarizado estás com o conceito de Wagner: Arte Total?

R: Conhecia brevemente, mas sinceramente...já não estou, por exemplo, já não estou a estudar há imenso tempo, então também não estou muito familiarizado com essas perspetivas.

8. Foi feita uma definição de Arte Total muito breve na explicação do projeto, com o que entendeste, consegues colocar esse conceito (Arte Total) neste contexto das Tatuagens?

R: *I mean* a tatuagem é...finalmente, uma experiência imersiva, não é? Principalmente, eu acho que esta nova onda de tatuadores, acho que tem muito mais atenção a isso. Pronto, esta nova onda mais artística, com uma preocupação mais artística, com mais interesse pelo ramo ilustrativo, muitas vezes também pela performance da coisa e, se calhar, nesse sentido pode muito bem...pronto, adequa-se muito mais a esse conceito da Arte Total, porque não é só a realização do serviço, não é? O tatuador não é só um prestador de serviços, é também o criador de todo um ambiente imersivo em que também tem de que haver segurança, tem que...para além da higiene e todas as questões de saúde regularizadas, sinto que, pronto, há esta outra plataforma da realização de que, pronto, há uma outra...o artista já é mais concretizado nesse sentido, ou seja, a pessoa, o cliente, já está mais, também, á espera de uma maior profundidade artística, já quer a tatuagem mais pelo artista ou como um projeto que pensa para o corpo...sim, já não é só...já não é só um trabalho unilateral, de certa maneira. Sim, acho que sim.

9. Na tua opinião quais seriam os requisitos para distinguir algo que fosse Total ou não? Será que todos os tatuadores conseguem criar esta experiência Total?

R: Era um bocado o que eu estava a dizer há bocado...da prestação do serviço, de se realmente, depois o tatuador te consegue colocar num espaço seguro, onde sentes que não te estão a fazer uma

coisa, ou seja, não te estão só a tatuar a ti, mas que também estás presente, tipo, e confortável nesse processo de tatuagem. Claro que, é sempre um sujeito passivo, não é?...O cliente. Não é sempre, ou seja, claro que tem uma grande perspetiva de sujeito passivo, no entanto, tem sempre que ter a perceção de que também está no controle das coisas...também depende do tatuador e depende de como o tatuador, pronto, discrimina o ambiente...constrói essa confortabilidade.

10. Dirias que tatuar pode ser uma experiência imersiva?

R: Sim! Nesse sentido, sim. Para mim muitas vezes é, porque acho que o desenho também consegue fazer muito isso, tatuar também é a mesma coisa. Para além do tempo que estás a olhar para uma linha e estás a tentar fazê-la, olhar para uma textura e estás a tentar concretizá-la numa pessoa, numa pele, também tens aqueles outros aspetos que são tão ritmados que comesças a criar essa sensação de imersão, ou seja, por exemplo, o barulho da máquina, muitas vezes as pessoas dizem que ficam quase em transe com esse som, porque é tipo, é tão rimático e depois, passam horas, e tu estás a ouvir aquilo. Muitas vezes, as pessoas dizem que ficam só caladas a ouvir esse barulho e que é bué relaxante e que é suficiente para elas, ou seja, já estão a emergir na sua própria cabeça em algo que, também não preciso de saber. Eu também, muitas vezes, posso estar já num transe meu, que também é interessante. Outras vezes, também estamos, coletivamente, no nosso transe, dentro da tatuagem, dentro deste gesto meu a uma outra pessoa e depois falamos, temos também essa ligação. Então assim é bastante imersiva.

11. Ainda neste tema da experiência, conseguirias ver a tatuagem como uma performance artística num museu, por exemplo?

R: Via e conseguiria...por acaso, até era uma coisa que eu gostava bastante de fazer e até já tinha falado com uma colega minha sobre esse aspeto, sim, que a tatuagem pode também ser uma performance artística, sim. Claro que, para mim é sempre bastante importante responder a todos aqueles fatores de higiene e segurança, porque, lá está, nesse sentido a performance não pode também sobrepor-se à segurança da pessoa que está a ser tatuada. Mas sim, já vi e também gostava muito de fazer umas coisas assim...projetos assim.

12. Como consideras os tatuadores de hoje em dia? artistas? artesãos? Designers?... Porquê?

R: Sim. *I mean* artesão também é uma daquelas palavras que está tão desatualizada, a maneira como oficialmente se vê a definição de artesão, mas, realmente, a tatuagem é uma técnica tão ancestral que poderia muito bem ser, os tatuadores podiam muito bem ser vistos como artesãos...e são, acabam por ser um pouco de tudo. Eu, no meu caso, também estudei mesmo design, ainda estou um bocado nisso, mesmo que, muitas vezes, o design se aplique tanto àquela máquina capitalista...que nem me queira bem caracterizar como designer, se calhar, preferia até para o mundo da tatuagem, ser mais caracterizado como um processo artístico e ilustrativo, também, por vezes, do que design, mas, se calhar, pode ser só uma preferência pessoal. Mas acho que tatuadores são sempre muitas coisas, tem sempre muitas valências por trás da tatuagem...para além de que a tatuagem não é só picar as pessoas é também...infelizmente, temos mesmo que ter todo o processo agora de fazer o nosso *marketing* pessoal, por exemplo, de nos estar mesmo a vender *online* ou não e então, nesse sentido, também precisamos muitas vezes de recorrer a muitas técnicas de design, mesmo que não queiramos.

13. Consideras que a tatuagem pode ser vista como uma forma de *Body Art*? Porquê?

R: Sim, claro! Sim, tatuagem é *Body Art* em diferentes aspetos que queiras definir *Body Art* e definir a tatuagem também.

14. Qual é a razão para a qual fazes tatuagens: estético ou simbólico?

R: Começou, principalmente, por ser uma coisa estética e eu, muitas vezes, também penso nas tatuagens que estou a desenhar como coisas que gostaria de ter para mim, pronto, e coisas que imagino no meu corpo e guio-me muito pela estética que gostaria de ter, ao mesmo tempo, também acho que pode ter essa segunda valência assim mais...ter um intuito mais pessoal, emocional, se calhar, tem mais importância na maneira como valorizas o teu corpo...e acho que também foi um bocado isso que eu comecei a aprender...também a maneira como eu via o meu próprio corpo quando estava a ser tatuado e depois de ser tatuado e depois de ficar com mais tatuagens...então,

acho que, a tatuagem também tem esse carimbo importante na maneira como depois, essa estética, te permite olhar para o teu corpo de maneira diferente.

15. O facto de teres tatuagens, muda a percepção que tens de ti próprio?

R: Sim! Por acaso, é uma coisa complexa, porque houve muitas vezes que, por exemplo, quando comecei a tatuar os ombros...isto é mais a falar de uma perspetiva pessoal...quando comecei a tatuar os ombros era uma coisa que era tão frontal, não é? Tu olhavas para o espelho e já estavas a ver as tatuagens todas que tu tinhas e ao mesmo tempo isso fez assim, quase como, um confronto com o meu próprio corpo, ao mesmo tempo que comecei a...pronto, tinha assim uma perspetiva muito mais positiva sobre...porque estava a trabalhar nela, tinha atenção depois, como é que estas imagens iriam ficar nele e, se calhar, é quase a mesma coisa quando vais ao ginásio, por exemplo, e tentas trabalhar numa coisa, mas numa perspetiva de “Ok! Se calhar, não preciso de ir ao ginásio, não quero ir ao ginásio, mas tenho aqui outra coisa que me faz olhar para esta parte do meu corpo de uma maneira que, se calhar, é mais positiva ou de uma maneira que me faz pensar: Ok! Eu tenho que trabalhar nisto...”.

16. Dirias que consegues perceber a identidade/personalidade/gostos de alguém através das suas tatuagens?

R: Sim! Estou constantemente a fazer isso...por exemplo, acho que muitas vezes consigo, sim, realmente perceber um bocado o gosto das pessoas pelas tatuagens. Acho que, para mim, como pessoa *queer*, também ficou bastante importante perceber, por exemplo, quem é que vai tatuar comigo. Gosto que, por exemplo, muitas vezes, se for uma pessoa, um homem hétero...sendo eu também, claramente, uma pessoa *queer*, que, claramente, eu sinto, desenha coisas, claramente, *queer*, acho bastante interessante quando vão homens héteros tatuar comigo também...mesmo nessa perspetiva de quebrar esses padrões da masculinidade tóxica. Então, nesse sentido, estou sempre um bocado a ver de que maneira é que as tatuagens definem essas pessoas...acho que...é também quase esta perspetiva tribalista destas comunidades mais marginalizadas que também usam estes pequenos detalhes para perceber quem é que é o inimigo? Quem é que é faz parte da comunidade? Quem é que é seguro? Quem é que não...?

17. Para ti, o que difere a arte das tatuagens e outros meios artísticos? Ou não difere?

R: Se calhar, a tatuagem vive também muito da transação monetária. Gostava de pensar que a arte não vive disso ou não deveria viver disso. Claro, que no mundo mais justo...e digo muitas vezes que para amigos até gostava que a tatuagem fosse todas de graça e que tivesse só a fazer isto mesmo por querer, não tivesse que estar a pagar por um estúdio e pagar por uma renda de casa e pagar por materiais e consumíveis e isso também se diz pela realização de arte fora da tatuagem, não é? Também gostaria que muitas vezes quando tivesse a fazer gravura ou a imprimir coisas em serigrafia que não tivesse que estar a depender...ou a pensar no dinheiro que vou ter que fazer a partir disto. Por isso, acho que nesse sentido, a tatuagem ainda está no mundo artístico, principalmente, porque, ainda por cima, nós neste ramo, que é esta nova onda da tatuagem, nos preocupamos muito mais com esse fator...com um cunho mais artístico da tatuagem, com o cunho do artista ou o cunho pessoal do artista na tatuagem, já não é a tatuagem ou o desenho de um tatuador, já é mais um cunho pessoal de cada um e então, de certa maneira, eu acho que também é um processo artístico.

18. Há uns anos atrás as tatuagens eram vistas como algo diferente e negativo, achas que esta imagem das tatuagens ainda se mantém?

R: Acho que, definitivamente, ainda se mantém, mas essa perspetiva está a mudar, sim...e ainda bem. Acho que também temos, se calhar, esta onda, estes novos artistas tatuadores, acho que também tem, se calhar, alguma parte de...não é culpa, mas pronto...ainda fez algum trabalho para desmistificar essa questão das tatuagens. Porque agora, também parece que as tatuagens que, se calhar, as pessoas conseguem mais perceber a beleza nelas, mas sim, acho que ainda tem bastante. No próprio núcleo familiar ainda há muito essa perspetiva...das pessoas mais velhas estarem a criticar as pessoas mais novas quando começam a ficar todas tatuadas. No núcleo profissional acho que também...felizmente, eu no meu trabalho, fora das tatuagens, não tenho muito esse problema ..., mas sei que, pronto, se calhar, muitos profissionais que trabalham com serviço ao público que, se calhar, tenham ainda essa discriminação, mas ao mesmo tempo, lá está! Defendo muito que, se calhar, nós, os novos tatuadores tivemos um grande papel nessa desmistificação.

19. O que achas que iria melhorar a posição dos tatuadores da atualidade?

R: Se calhar, mais reconhecimento. Se calhar, quase como um sindicato...mas mais reconhecimento pela arte, também para que, de certa maneira, todo o trabalho fosse reconhecido, todo o processo de tatuagem...que é complexo, complicado e desgastante, muitas vezes...isso também tem de ser reconhecido. Muitas vezes, pronto, é nos negligenciado essas partes todas, que vem antes do processo da tatuagem...o cliente pensa muitas vezes que a tatuagem vive apenas nas 2, 3 horas que estão a ser tatuados no braço, por exemplo..., mas antes disso há, lá está, todo o trabalho de estudo, há para quem tira a licenciatura que, de certa maneira, levou sempre, pelo mal...pelo melhor...não é? Tipo, tenhas criado as tuas próprias narrativas visuais ou não...ou ter estudado mesmo para isso e, de repente, caiu no mundo da tatuagem. Pronto, mas há um investimento pelos materiais...o investimento intelectual...o investimento pessoal...o teres de viver independente e digno também...teres direito à habitação...pronto! Isto são tudo fatores que são predominantes para também o tatuador ser reconhecido. Mas sim, acho que o tatuador só é reconhecido quando esses fatores todos forem reconhecidos e isso levar a que o trabalho seja melhor remunerado e sinto que há uma grande crise também na tatuagem em Portugal, nesse sentido que...e é claro que, muitas vezes, não é culpa de...ou não é culpa dos nossos clientes, é mesmo culpa deste sistema económico que não nos permite ou que não permite às pessoas responder economicamente bem a um luxo...não é? Porque a tatuagem é um luxo...e não conseguirem pagar bem por um luxo que estão a fazer ou a pedir de um artista. Acho que muitas vezes é esse o problema, é não haver essa...não nos ser dada essa dignidade.

20. Como vês o futuro da tatuagem como arte e a sua evolução como prática artística?

R: Acho que a tatuagem nasce sempre dessas ou criasse sempre nestas inovações, nesses processos artísticos, porque muitas vezes seja pela máquina que, de repente, muda e então o processo fica bastante mais fácil ou então é mesmo pelo estilo que começa a ser desenvolvido pessoalmente pelos artistas, pelos tatuadores e, de repente, a cultura muda e pronto! O que também te fez estudar mais isto das tatuagens foi realmente esta mudança na cultura da tatuagem...a tatuagem estava a ser invadida por mais artistas e o avanço da tatuagem vai ser também isso, é o avanço do pensamento do artista como tatuador e o tatuador como um artista. Acredito que seja assim uma coisa bastante interessante de ver estas novas ondas que depois aparecem e depois também sinto que

esta cultura é um ciclo, que também mexe com a cultura e a estética atual e estamos agora assim...e é interessante ver...é interessante ver também como novos artistas, depois desta nova geração, incorporarão outras mentalidades na tatuagem.

21. Que conselho darias a alguém que tenha interesse em começar a tatuar e deseje seguir isso profissionalmente?

R: Para levar esta experiência com calma. Primeiro, pronto, para estudar bastante sobre o assunto, para criar algum grupo, um núcleo...uma comunidade de tatuadores, artistas, com quem sempre consiga discutir ideias, trocar impressões. Ao início, também ver como tratar de uma *station*, como desinfetar tudo, como tatuar da maneira mais segura para depois poder realmente começar a experienciar mais a tatuagem, experimentar como é que os desenhos se podem incorporar na tatuagem. Acho que foi isso também, uma grande lição que a Charleine me deu, que é mesmo isso...é a partir do momento em que tu sabes as tuas bases, tenta criar um núcleo que...e muitas vezes nem precisa de ser tatuadores, mas só o teres pessoas tatuadoras e com os mesmos interesses que tu, também pode ajudar-te bastante, porque depois, de repente, tens uma motivação extra e exterior para continuares a criar e criares coisas que nunca pensaste que podiam ser tatuagens, mas de repente, já estás a imaginar em peles e muitas vezes isso é que é o mais interessante na tatuagem.

22. Quais são os aspetos mais gratificantes do teu trabalho como tatuador?

R: É, definitivamente, ver como as pessoas reagem quando olham para si próprias depois de serem tatuadas. Gosto bastante de pensar que esta pequena ilustração, muitas vezes, que foi para uma parte do corpo para mim...que é exterior a mim... um pensamento quase exterior a mim ou interior a mim vai para outra pessoa e é muito interessante como esta valorização pela minha arte...mas sim, é a valorização do corpo da pessoa e a dignificação delas próprias, o investimento no corpo delas próprias também, e como eu consigo estar presente nessa parte e como me escolhem a mim também e a minha arte para se ilustrarem a elas próprias, porque de, certa maneira, depois é isso...algo que também estavas a referir...que é mesmo que, muitas vezes os desenhos não tenham significado nenhum, esse cunho pessoal que eu dou sempre aos desenhos é interessante quando, realmente, é escolhido por uma pessoa, mesmo com este carinho que têm, porque é uma coisa que

vai estar no corpo para sempre e então é sempre giro ver como consigo alegrar assim então as pessoas e marcar, de certa maneira.

5. Sofia Nabais | 27 anos

1. Qual foi o teu percurso académico?

R: Eu estudei na Arroio. Então, eu tirei RPE, que é Realização Plástica do Espetáculo. Depois disso fui para Belas Artes, tirei o curso de pintura e depois disso comecei logo a tatuar.

2. Com que idade é que fizeste a tua primeira tatuagem? O que era? Qual foi o motivo?

R: Eu estava no último ano do curso...o curso é de quatro anos...acho que tinha 22, sim 22. Era uma flor muito pequenina. No início comecei só por experimentar, para aprender uma coisa nova, porque gostava muito de tatuagem e o motivo de ser uma flor, porque o meu trabalho sempre foi muito natureza e dois, porque é uma coisa muito fácil de tatuar, então ao início não convém fazer uma coisa muito difícil.

3. O que te fez ingressar na prática de tatuagem?

R: Eu sempre gostei muito de tatuagens em mim. Estava a acabar o curso, o quarto ano de pintura não se faz muita coisa, sinceramente, pelo menos eu não estava a fazer muita coisa, tinha muito tempo livre...ficava um bocado “Bem! Tenho tempo...é uma coisa que eu gosto...apetece-me experimentar, porque não?” e foi por causa disso.

4. Quem é que te ensinou a tatuar?

R: Eu! Os vídeos do Youtube.

5. Existe algum artista(s) que guarde(s) como referência/influência?

R: Deixa ver...uma das minhas grandes inspirações desde sempre da pintura é o Monet...uma resposta um bocado básica, mas pronto...opah! Gosto, sempre gostei muito, principalmente de ver ao vivo, acho que quando se vê ao vivo é uma experiência assim incrível. Também gosto muito do Egon Schiele, pintura também, desenho, pintura. Eu quando fazia pintura, eu fazia muito uma mistura entre desenho também, então inspira-me essa parte de o que é que é pintura, também. Eu acho que em termos de inspiração há muitas coisas que eu gosto, em termos de inspiração não sei se vou buscar muito a artistas, dou mais ao meu quotidiano, se calhar. Há um artista que também gosto muito, pintor, que é o Gerhard Richter, o facto de ele usar muito a fotografia, também...uma altura em que as pessoas estavam a tentar sair um bocado disso e ele ficou “Não! Vou mesmo usar e vou mesmo pintar fotografias” e como eu uso muito a fotografia também, gosto muito das pinturas dele. Sinceramente, em termos de tatuagem, as pessoas de Lisboa que já tatuavam um bocadinho antes de mim, tipo a Mariana (Mariana Cáceres), a Marta (Marta Naia) e a Patricia (Patricia Shim), com pessoas que eu via a fazer o que eu queria fazer, basicamente, então na parte de tatuagem acho que foi assim a minha maior inspiração.

6. Como é que caracterizas o teu estilo artístico?

R: Eu sempre, mesmo nas pinturas sempre usei temas da natureza, basicamente, paisagens, animais, etc. e, basicamente, isso estendeu-se à tatuagem. Não sei, eu cresci num sítio um bocado mais pequeno, não cresci na cidade, então sempre tive uma conexão com essa parte e, pronto, é sempre figurativo, porque é o que eu sei fazer, sinceramente, é o que me sai mais naturalmente, porque não vou muito para o abstrato, nem ilustrativo, nem nada disso, mas eu gosto sempre também de...as tatuagens pelo menos...eu gosto muito de pensar como se fosse um quadro, como se fosse uma pintura, não ser só...também depende do que eu estou a fazer, eu normalmente só faço o que me apetece, mas gosto de dar texturas, gosto de brincar com linhas, sombras, ambientes, para fazer quase como um quadro na pele da pessoa, muitas vezes. E se tivesse de definir o meu estilo de tatuagem, que é sempre uma pergunta um bocado difícil de responder tipo “Qual é o teu estilo?” e eu “Não sei”. Pronto! É figurativo, podes definir como pontilhismo também, se quiseres, mais ou menos...acho que não há assim um sítio específico onde me insiro.

7. Quão familiarizado estás com o conceito de Wagner: Arte Total?

R: Não! Não conhecia.

8. Foi feita uma definição de Arte Total muito breve na explicação do projeto, com o que entendeste, consegues colocar esse conceito (Arte Total) neste contexto das Tatuagens?

R: Claro! Acho que é uma forma de arte...se vires como uma forma de arte...bastante imersiva, tem vários passos também. Todo o processo de escolheres uma tatuagem, todo o processo de fazer uma tatuagem e o processo de depois de teres a tatuagem, acho que também é uma forma de arte super humana, porque vem muito do teu contacto com as pessoas, quer seja fazer...eu fazer à pessoa, a pessoa a ter uma tatuagem feita por mim...para depois a tua arte está, literalmente, a andar na rua para toda a gente ver. Portanto, acho que nesse sentido é completamente imersivo porque é uma peça de arte que está só a viver a vida do dia-a-dia...um bocado desinserida do resto, não estamos numa galeria, não estamos em lado nenhum...as pessoas podem até nem sequer prestar atenção ou as pessoas só prestar atenção de vez em quando, mas está lá e depende também do que significa para a pessoa ou não...do que significou para o tatuador a fazê-lo...às vezes, há tatuadores que podem fazer tatuagens que não consideram uma peça de arte, sequer, mas sim, nesse sentido, acho que pode realmente inserir-se muito nesse conceito de Arte Total.

9. Na tua opinião quais seriam os requisitos para distinguir algo que fosse Total ou não? Será que todos os tatuadores conseguem criar esta experiência Total?

R: Também há a primeira questão, que é, sequer, tipo, “Todas as tatuagens são arte?”, se calhar, não, mas quem sou eu para dizer o que é arte ou não? Quem somos algum de nós para dizer o que é arte ou não? Acho que tem sempre de haver uma intenção da pessoa que está a tatuar...não sei...fazer algo, realmente...não quer dizer que seja arte, mas acho que algo com intenção e se há essa distinção de tatuagens que são ou não são...eu acho que sim, porque eu sinto que para se inserir nesse conceito de Arte Total, no geral, tem de ser uma experiência...não digo boa, porque

muitas vezes as experiência não são boas, mas uma experiência pensada, calculada...eu acho que nem sempre é esse o caso. Portanto, sim, acho que há de haver várias situações diferentes.

10. Dirias que tatuar pode ser uma experiência imersiva?

R: Acho que sim, completamente. Acho que sim. É uma coisa muito específica, é um processo muito específico, acho que não há nada do género...nunca tinha pensado nisto, sequer, mas pensando assim de repente, acho completamente que sim, pode ser.

11. Ainda neste tema da experiência, conseguirias ver a tatuagem como uma performance artística num museu, por exemplo?

R: Sim! Acho que sim. Eu tenho sempre dificuldade de pensar coisas em museus, porque eu não adoro museus..., mas sim, completamente. Acho que ainda se pode fazer tanto com tatuagem que não se faz, porque também acho que só recentemente começou a ser uma coisa onde as pessoas meteram a sua identidade artística...tentar uma coisa um bocadinho diferente, se calhar, e então acho que ainda há um universo muito grande para explorar, nesse sentido, sinceramente.

12. Como consideras os tatuadores de hoje em dia? artistas? artesãos? Designers?... Porquê?

R: Há tantas pessoas diferentes, não é? Pessoalmente, as pessoas que eu conheço, as pessoas com quem eu me dou, as pessoas do meu estúdio, considero-os todos artistas e somos todos artistas, mas eu sei que também há tatuadores que são mais nesse sentido de artesão, estão a fornecer um serviço, que não acho mau de todo...é o que é, há pessoas que querem só um serviço, se calhar, querem uma coisa mais pré feita. Portanto, acho que há de tudo mesmo, mas acho que também hoje em dia, estamos aqui um bocado num sítio em que podes ser ou artesão, ou artista...sim depende de cada pessoa, ou cada pessoa pode ser vários também.

13. Consideras que a tatuagem pode ser vista como uma forma de *Body Art*? Porquê?

R: Sim! No sentido literal da palavra, acho que a tatuagem é *Body Art*, é a arte que está no corpo. Acho que sim. Acho que se fores pesquisar a definição de tatuagem, é *Body Art*, é uma forma de modificarem o teu corpo e eu acho que é arte. Portanto é *Body Art*.

14. Qual é a razão para a qual fazes tatuagens: estético ou simbólico?

R: Eu comecei numa mistura de...acho que muita gente começa assim...é muito simbólico...nós temos aquela ideia “Ah! Tens de ter um simbolismo, tens de ter significado para a tatuagem, se não vais te arrepender...” o que eu acho que é uma tanga. Podes te arrepender de qualquer coisa na vida. O significado também pode não ser válido daqui a uns anos, mas pronto...eu comecei com essa ideia, claro que, certamente, tinha que gostar do que era, mas era mais nessa de ter “algum significado”, mas eu agora, sinceramente, já faço o que me apetece. Eu também como trabalho com isto, como já tenho tatuagens, já faço tatuagens há muito tempo, eu acho que...é assim com muitos dos tatuadores que eu conheço, nós não levamos tanto a sério o que nós temos no nosso corpo, como se calhar, as pessoas que nós tatuamos. Claro, que é muito válido levares muito a sério, mas acho que nós já estamos um bocado...pelo menos eu já estou muito, pronto...então em estético, mais ou menos, nem sei se direi que é estético, claro. que há essa preocupação estética do género “Ah! Vou por aqui, porque fica melhor em combinação com as outras...”, mas também é muito de gosto do género “Eu gosto disto! Vou fazer! Porque eu gosto deste desenho! Ou eu gosto deste artista! Gosto deste desenho, deste artista!”. E, se calhar, não é bem simbólico, mas posso gostar do significado, posso gostar de várias coisas naquela tatuagem ou posso estar a dar o corpo a alguém que quer aprender ou qualquer coisa assim também. É um bocado ver isto como...não sei...é só divertido podermos meter desenhos na pele, eu acho. Eu, às vezes, estou a tatuar as pessoas e tipo “Nós estamos a desenhar na pele, isto é incrível! Nós só estamos a fazer uma coisa na pele...que fica aqui...um desenho...podíamos estar a fazer no papel, mas estamos a fazer na pele...é muito fixe!”. Então nesse sentido, também gosto que façam em mim.

15. O facto de teres tatuagens, muda a perceção que tens de ti próprio?

R: Acho que se for só eu, sem ser em contexto social, o único que muda é que, se calhar...não sei...provavelmente, gosto mais de me ver, sinto-me mais no meu corpo, porque é uma coisa que

eu gosto. Uma tatuagem que eu já penso fazer há muito tempo e eu faço, nem é uma estranheza de a ter é tipo “Ah! Já devia estar aqui antes.”, então sinto-me mais no meu corpo do que antes. Em contexto social, muda um bocadinho, porque eu posso estar mais...quando estou em casa quase não estou consciente das minhas tatuagens. Nós fazemos uma tatuagem, passado 2 semanas depois o cérebro apaga como se fosse uma coisa qualquer que nós não reparamos nela, mas em contexto social pode mudar, depende de onde eu estou, se calhar...pronto, há contextos onde as pessoas julgam um bocadinho mais, eu estou mais consciente disso...é normal, não é? Então aí, se calhar, muda um bocadinho.

16. Dirias que consegues perceber a identidade/personalidade/gostos de alguém através das suas tatuagens?

R: Eu acho que não...acho que, se calhar, consigo...não sei...nunca tinha pensado nisso...no geral, posso gostar das tatuagens da pessoa ou posso não gostar tanto das tatuagens das pessoas. Há as pessoas que nós temos preconceitos muito grandes com certas tatuagens tipo a rosa, lobos e o leão com olhos azuis...se calhar, quando vês uma pessoa com esse tipo de tatuagens ficas assim um bocado...ou, se calhar, quando vês uma pessoa que só tem tatuagens tradicionais, também tenho os meus preconceitos pré feitos na cabeça, mas eu não tento gerir nada por isso, se calhar, tenho uma ideia mais tipo “Ok!”, isto não quer dizer que a pessoa seja mais fixe ou menos fixe, ou mais isto ou menos isto. No geral, acho que não dá para saber a identidade da pessoa com as suas tatuagens...no geral, se há uma pessoa com muitas tatuagens eu fico “Ah! Esta pessoa, se calhar, vive a vida de maneira diferente. Se calhar, tem a mente mais aberta...”. Não sei, às vezes acho que dá para perceber isso, depende...não sei se dá...acho que isso são só os meus preconceitos também, acho que depois vai depender muito. Portanto, eu acho que, no fundo, não dá para saber que tipo de pessoa vai ser consoante as tatuagens que tem, obviamente, mas, inconscientemente, eu vou ter os meus preconceitos associados a certos tipos de tatuagens, então vou pensar algo já, mas isso não quer dizer que seja verdadeiro.

17. Para ti, o que difere a arte das tatuagens e outros meios artísticos? Ou não difere?

R: Acho que há de haver algumas diferenças, porque é uma coisa...eu acho que há diferenças entre muitos meios artísticos, na verdade. Há uma coisa que eu penso muitas vezes que é se fazem uma tatuagem a alguém, primeiro nós não estamos a fazer algo num objeto, nós estamos a fazer algo numa pessoa, isso vai logo ser diferente. Se eu estou a pintar numa tela, ou se eu estou a fazer uma escultura, mesmo se eu estiver a fazer uma performance a arte pode ser um objeto, pode ser um conceito, pode ser eu, mas nós estamos a fazer algo numa pessoa diferente, não somos nós...quer dizer, podendo, pode ser nós, mas pronto...no geral, estamos a fazer em alguém e logo aí na minha opinião...a cena de direitos de autor, etc. fica um bocado *blurred* porque, sim fui eu que fiz, mas o *owner* daquela tatuagem é a pessoa, eu nunca vou ser dono desta arte, porque eu não estou a fazer...porque eu não sou dono de nenhuma parte do corpo, não sou dona de ninguém...então, a pessoa que tem a tatuagem é dono daquela tatuagem, a pessoa faz o que quiser com aquela tatuagem. Eu acho que aí é alguma coisa muito particular e diferente, que podemos ver como uma diferença, ter essa noção que apesar de estarmos a fazer algo nosso, não é nosso, é de outra pessoa. Eu acho que isso é uma coisa interessante. Eu diria que a maior diferença é esta e também é uma coisa que eu acho nós temos de estar bem conscientes, mesmo a pensar nisto como arte e nós como artistas, que nós não estamos a fazer nada no objeto, nós estamos a fazer numa pessoa e isto é muito importante e também é o que torna, eu acho, que torna isto muito bonito.

18. Há uns anos atrás as tatuagens eram vistas como algo diferente e negativo, achas que esta imagem das tatuagens ainda se mantém?

R: Acho que se mantém para muita gente. Eu ainda fico surpreendida quando vem pessoas falar comigo tipo no estúdio, pessoas no estúdio tipo “Ah! Mas ok, tem de ser daqui para cima, porque o meu trabalho não me deixa ter tatuagens.” e a pessoa está a fazer tipo um gatinho fofo. Portanto, ainda não é em todo o lado, ainda há muita negatividade associada, está a melhorar, sem dúvida...já melhorou muito desde que eu sou criança, há de melhorar muito enquanto eu vou crescendo, enquanto a sociedade vai evoluindo, mas ainda há muitos estereótipos, mesmo na minha vida e de pessoas a falar comigo ainda noto muito isso...que as pessoas não gostam muito...podem ser pequeninas essas escondidas, mas as grandes, já não e assim que se veem muito já não. Portanto, acho que está melhor mas ainda existe muito, mas também já vejo muitas pessoas a trabalhar

com as tatuagens à mostra, a minha irmã é médica e também já pode ter tatuagens ou eles já não se preocupam muito, acho que até os assistentes de bordo já podem ter em alguns sítios, já vi tatuagens que eram mesmo proibidas e pronto, claro que, não é pessoal novo...se calhar, não pode ser um pessoal cheio de mangas, com tatuagens na cara, isso ainda é completamente mal visto...espero que mude, não sei se vai mudar, gostava que sim, mas ainda temos um longo caminho.

19. O que achas que iria melhorar a posição dos tatuadores da atualidade?

R: Acho que a tatuagem ser vista como arte ia melhorar, sinceramente, não é, no geral, é visto só como um serviço que nós estamos a fazer, mas acho que ia melhorar se houvesse essa diferença de visibilidade. Na nossa vida prática ia melhorar a parte de ser *freelancer*, ia melhorar muito, mas isso é para nós e para todos os *freelancers*, portanto, não é só uma coisa de tatuadores. Uma coisa que ia melhorar e isto vem de nós, pessoas da área...ainda há uma indústria muito tóxica em vários sentidos, ainda há pessoas que são muito tóxicas nesta indústria, ainda há pessoas que vem com ideias muito, muito antiquadas, que não querem as pessoas deixarem entrar, que não aceitam estilos diferentes, que não aceitam coisas diferentes no geral...aquela resistência à mudança e acho que ia mudar muito se essas pessoas abrissem um bocado a visão e serem um bocado mais generosas e aceitassem que realmente está a mudar e há muitas coisas que também podiam aprender com esta mudança. Eu acho que iria melhorar bastante a vida de toda a gente, todos os tatuadores, se isso acontecesse.

20. Como vêes o futuro da tatuagem como arte e a sua evolução como prática artística?

R: Eu acho que, neste momento, vai evoluir um bocado como tem evoluído há pouco tempo, que é um bocado pelas pessoas individuais a pegarem na tatuagem e a usarem mais a tatuagem como meio para se expressarem a sua identidade artística e não o contrário, em vez de ser tipo “É a tatuagem, então eu tenho que fazer isto, porque isto é suposto ser tatuagem”, é mais “Eu quero fazer isto! Como é que eu faço isto com a tatuagem?”. Eu acho que vai evoluir, acho que vai sempre evoluir com as pessoas a fazerem isso, vão sempre haver coisas diferentes, as pessoas vão sempre ter ideias diferentes, as pessoas vão sempre ter estilos diferentes. Vamos ver o que acon-

tece, porque, no geral, com a tecnologia, com o AI, com as máquinas, estão a haver muitas mudanças...eu já vi uma máquina que faz tatuagens muito boas e agora estão a testar isso e estão a dar tatuagens a toda a gente, portanto, sinceramente, não faço ideia do que vai acontecer, vamos ver se vão fazer máquinas de tatuagem, vamos ver se as pessoas querem ser tatuadas por máquinas...pode acontecer, eu já não digo nada. Eu acho que, por agora, enquanto não há máquinas super incríveis que façam tatuagens e as pessoas fiquem tipo “Já não quero alguém que possa fazer erros e que me tatue! Eu quero uma máquina que vai fazer tudo perfeito!”. Por agora, acho que vai evoluir um bocado como tem evoluído, se calhar, vai mudar um bocado tudo o que nós consideramos tatuagem ou o que nós consideramos que deverá ser a tatuagem, se calhar, vão ser pessoas que nos vão mudar essa visão..., mas sim, não consigo dizer o que vai ser o futuro.

21. Que conselho darias a alguém que tenha interesse em começar a tatuar e deseje seguir isso profissionalmente?

R: Acho que é...não é completamente necessário, mas acho que ajuda muito, muito, muito teres algum conhecimento artístico do género, desenhar, pintar...acho que ajuda, não é necessário, outra vez, repito, não é necessário, mas ajuda a começar a não começares do zero, basicamente. Vais sempre começar do zero, porque tatuar é aprender uma coisa completamente diferente, mesmo que sejas a pessoa que desenha melhor no mundo, vai ser sempre um bocado difícil de começar, porque vai ser uma técnica completamente diferente. O conselho é estar pronto para pesquisar muito, acho que é muito importante fazer trabalho de pesquisa, quer seja ver outros tatuadores, fazer tatuagens, falar também com pessoas, fazer perguntas e conhecer o que se está a fazer, ter muita paciência, porque vai ser um processo muito longo, ao início pode não correr muito bem e também ter muita consciência que estamos a tatuar alguém, não é um processo que não tem riscos e é muito, muito importante saber a higiene, acho que às vezes as pessoas baldam-se a essa parte no início e sempre que alguém quer começar a tatuar eu digo que essa parte é a mais importante, se fazes uma tatuagem feia podes tapar, está tudo bem, não faz mal...mas não podemos mesmo meter em risco a segurança das pessoas, nem a nossa. Portanto, acho que é mesmo a parte mais importante...é ter muito cuidado com a higiene e ter consciência que para tatuar alguém tens mesmo de saber tudo e tens de estar preocupado com a saúde das pessoas.

22. Quais são os aspetos mais gratificantes do teu trabalho como tatuador?

R: Eu acho que o mais gratificante vai ser sempre ver uma pessoa feliz com a sua tatuagem. Quanto mais fazes...ao início é aquela coisa de “Oh meu deus! Estou a tatuar alguém! Como assim?”, uma pessoa fica sempre nervosa, depois nós vamos nos desabitutando a isso, nós fazemos isto todos os dias, não ficamos tão sensíveis, mas acho que é importante continuarmos a lembrar nos que para nós é um dia de trabalho, mas para a pessoa é uma coisa que fica na pele delas para sempre, mas é mesmo, mesmo gratificante conseguires ver que a pessoa está super contente. Acho que é por causa disso que nós fazemos, é mesmo a melhor parte. Quando consegues ou melhorar a autoestima de alguém...quando alguém me diz que “Eu olho para esta tatuagem e fico mais bonito...” e eu fico tipo “Ah!” é que a coisa que me podem dizer tipo sentirem-se...“Eu sinto-me mais eu com esta tatuagem “... é a cena da melhor parte.

6. Mariana Julieta | 30 anos

1. Qual foi o teu percurso académico?

R: Eu estudei Línguas Literaturas e Culturas na Faculdade de Letras e quando acabei esse curso e arranjei esse trabalho fui então fazer cursos e *workshops* de ilustração, mas o meu curso em si, não tinha nada haver com arte, mas sempre gostei de desenhar e assim que estava a ganhar o meu dinheiro fui fazer cursos de ilustração.

2. Com que idade é que fizeste a tua primeira tatuagem? O que era? Qual foi o motivo?

R: Então foi aos 15 anos, foi *Love will tear us apart* dos Joy Division, porque eu achava que era muito *hipster* e muito diferente e sempre gostei muito, era uma banda que eu gostava muito e eu queria muito uma tatuagem e foi essa.

3. O que te fez ingressar na prática de tatuagem?

R: Eu sempre gostei mesmo muito de tatuagens, desde mesmo muito nova. Eu tinha para aí 8 anos, quando comecei a pedir á minha mãe se podia fazer tatuagens...a resposta foi não, mas era mesmo obcecada com tatuagens, tipo, eu comprava os anuários de tatuagem em Portugal, via tudo o que havia na televisão de programas de tatuagem...tipo, sabes que às vezes as pessoas eram bué obce-cadas com um ator ou com uma banda ou assim? Eu era, tipo, com tatuadores e depois assim que pude, comecei a fazer tatuagens. Aos 15 anos comecei a ser tatuada e comecei a conhecer imensos artistas. Depois tinha amigos que eram tatuadores, tipo, tornei-me amiga de pessoas que eram tatuadoras e eu sinto que foi um bocadinho uma coisa natural, de alguma forma, tipo, eu já gostava tanto de tatuagens, já tinha tatuagens, já conhecia tanta gente que o passo natural a seguir era começar a tatuar, embora eu achasse que ninguém ia gostar dos meus desenhos...tu vais assim um bocado, tipo, às escuras, é bué, tipo, pode correr bem ou pode não correr.

4. Quem é que te ensinou a tatuar?

R: Olha, fui eu! Fui aprendendo sozinha. Claro, que ia pedindo conselhos a amigos, vi muitos vídeos no “Youtube”, fazes muita pesquisa e praticas muito, mas foi tudo sozinha.

5. Existe algum artista(s) que guarde(s) como referência/influência?

R: Vou pensar em Portugueses. Uma pessoa que foi mesmo super importante e que eu sempre gostei muito do trabalho era a Patricia Shim, sinto que também foi das primeiras pessoas cá em Portugal a ter este estilo mais de ilustração e uma coisa menos tradicional. Portanto, para mim sempre foi assim uma pessoa que fez ver que havia espaço para mais estilos. Cá em Portugal, também ainda gosto da Agataris, gosto do Abacaxi, que é mais *anime*, mas que me fez também tipo a coxa com personagens do “Studio Ghibli” ...é que é tanta gente. Em França, gosto muito de um rapaz que é o Theo, que é o Hello Hello Theo, gosto muito da Full Flou, que tatua em Lyon, Comb Alone, da Austrália. Gosto muita da...ela chama-se Georgina...acho que é tipo Chop Stick and Poke, mas na verdade ela faz com máquina...sim, é muito lindo. Sou obcecada com esta rapariga, a Oat Milk Upcharge, ela faz *handpoke*...é muita gente mesmo. Há cada vez mais pessoas

incríveis a tatuar e com estilos...imagina, eu gosto muito destas tatuagens assim com cor, flores, frutas, cenas assim...mas há tanta gente. Gosto muito da Bowser Tattoos, a Maria das Tattoos, também é incrível, o Abacaxi, o meu namorado, o Lego Tattoos, que tem uma máquina feita de legos que é incrível. Olha, há um que acho que se chama Pigeon Pokes, da Austrália, que acho que também é *handpoke*, também faz coisas muito fofas. A Lixo Eletrônico também, incrível. Tenho mais aqui a Iskra, da Sérvia, também é incrível. A Victoire, de Paris...a Camille, também em Lyon...a Not Too Permanent, a Joana, também é muito fixe...

6. Como é que caracterizas o teu estilo artístico?

R: Nem sei bem...nunca sei como responder a isso, porque é tipo...eu sinto que é um bocado quase como se fosse ilustração infantil, assim um bocado mais *naive*, no sentido de, sabes? Desenhos tontos. Tipo, animais com chapéus ou frutas na cabeça, animais com roupa, cenas fofas. Não sei termos, é só tipo, cenas que te deixam feliz quando olhas para elas, mas eu acho que se tivesse de ir para os estilos que as pessoas falam, se calhar, tipo *naive*. É só cenas quando olhas para elas e te fazem sorrir, basicamente.

7. Quão familiarizado estás com o conceito de Wagner: Arte Total?

R: Eu acho que não...é possível.

8. Foi feita uma definição de Arte Total muito breve na explicação do projeto, com o que entendeste, consegues colocar esse conceito (Arte Total) neste contexto das Tatuagens?

R: Sim, faz sentido. Eu acho que isso faz muito sentido na tatuagem e eu sinto que cada vez mais é uma experiência e não só, tipo, vires cá e só seres tatuado e vais te embora. Por exemplo, quando eu fiz a minha primeira tatuagem, que tinha 15 anos, eu, literalmente, tipo, eu não conhecia tatuadores...quer dizer conhecia tatuadores, mas eu nunca tinha na vida dinheiro para ir a um tatuador, tipo, tinha 15 anos...foi do género, estava na Baixa, vi o primeiro estúdio, perguntei os preços “Ah! Yah! 45 euros...” e entrei lá, “Senta-te aqui!”, tatuaram-me e é tipo “Ok! Tchau! Já está!”,

pagas e já está, estás a ver? Foi mesmo assim uma cena completamente desprovida de tudo, é tipo, entras num sítio, tatuas, pagas, é mesmo só, foi um serviço. Foi tipo, entrar numa loja e comprar uns ténis e eu sinto que agora, não é assim. Tipo, agora tu chegas e tu falas com os tatuadores, há uma troca, tu chegas a um sítio onde te sentes confortável e eu sinto que há cada vez mais esta preocupação também dos tatuadores, dos estúdios criarem um espaço confortável para os clientes, tipo, tem a preocupação de tipo, tu chegas aí perguntam-te se estás bem? Queres alguma coisa? Queres água? Tipo, não é do género “Olha! Vem só ser tatuado e vais te embora” e eu sinto que passa a ser tudo uma experiência, ou seja, eu sinto que faz sentido, porque há esta preocupação, há esta cena de queres que a pessoa passe um bom momento e tenho uma recordação boa, mais do que só levar um desenho na pele. Eu acho que, outra coisa que também contribui para isto é esta questão agora tipo de...por exemplo, isto era uma cena que foi, tipo, eu vi na *net*, provavelmente, tipo alguém deve ter escrito *Love Will Tear Us Apart* com esta letra, eu levei e ele fez e tatuou e agora tu vais, tatuas, tipo, uma cena feita para ti, também é diferente. Eu acho que há muito mais esta preocupação de tu teres uma coisa única, teres uma experiência boa...pelo menos é isso que eu quero...quero que as pessoas saiam daqui a pensar “Uau! Incrível!”. No próprio estúdio, nós aqui temos estilos bué diferentes, por exemplo, tens-me a mim e a Joana que somos mais parecidas, depois tens o Pedro que faz mais *anime*...eu acho que é fixe, acho que, de alguma forma...imagina, não é tão diferente que não faça sentido estarmos juntos, mas sim, somos diferentes, mas eu acho que isso é bom, acho que traz mais para o estúdio.

9. Na tua opinião quais seriam os requisitos para distinguir algo que fosse Total ou não?

Será que todos os tatuadores conseguem criar esta experiência Total?

R: Eu acho que depende de pessoa para pessoa, na verdade. Depende de tatuador para tatuador. Há pessoas que, se calhar, isso é uma prioridade ou isso é uma coisa importante para elas e há outros que não, ainda hoje em dia, já fui tatuar com pessoas que não é tão assim, que é, tipo, estamos calados e, tipo, metes o stencil, yah, falas um bocadinho, mas não é tanto assim. Portanto, eu acho que não é toda a gente...não, mas não é toda a gente, definitivamente...há pessoas que tem mais essa preocupação do que outras. Eu acho que acaba por ser uma coisa um bocadinho individual de cada pessoa também, portanto eu acho que não são todos. Não são todos que criam este ambiente, esta experiência..., mas há cada vez mais.

10. Dirias que tatuar pode ser uma experiência imersiva?

R: Eu acho que sim...tipo são duas pessoas que estão ali naquele momento e que estão, tipo, parece quase uma bolha. Acho que é uma cena super íntima também, tipo, estás a por uma cena que tu criaste, tipo um desenho que tu fizeste, na pele de outra pessoa e que vai ficar para sempre, portanto eu acho que sim.

11. Ainda neste tema da experiência, conseguirias ver a tatuagem como uma performance artística num museu, por exemplo?

R: Porque não? Acho que sim. Eu não queria falar nele...eu não vou dizer o nome, mas havia um rapaz que a tatuagem dele era tudo performance, tipo as tatuagens que ele fazia...pronto, este artista que todo o trabalho dele era tipo performativo...tipo, ele está a andar de bicicleta ou o cliente, a pessoa está numa bicicleta e ele está a tatuar assim, ou seja, todo o trabalho dele é deste género. Só para dar um exemplo que me lembrei, porque de facto, yah, isto existe, mas sim. Eu acho que sim.

12. Como consideras os tatuadores de hoje em dia? artistas? artesãos?designers?... Porquê?

R: São tudo! É tudo, somos tudo...*content creators*...porque fazemos tudo, não todos, claro. Lá está, imagina, às vezes, vais a um estúdio mais tradicional e as coisas funcionam um bocadinho de forma diferente, tipo muitas vezes tens uma pessoa na recessão e essa pessoa prepara o stencil, essa pessoa prepara o desenho e o tatuador está só mesmo a tatuar, também acontece. Tenho uma pessoa que tatua aqui que, às vezes, no verão vai tatuar para um estúdio e é assim que faz, a pessoa que vai ser tatuada quase que já chega com o stencil e aí é uma coisa diferente, mas eu acho que cada vez mais...sim...fazemos os desenhos, fazemos a nossa página de Instagram, temos a parte toda de falar com as pessoas, marcar pessoas, gerir a agenda, gerir as redes sociais, tipo tentar fazer vídeos para chamar a atenção das pessoas, portanto somos tudo, sinceramente.

13. Consideras que a tatuagem pode ser vista como uma forma de *Body Art*? Porquê?

R: Sim...é uma coisa que pões no corpo, portanto é uma forma de te expressares também, tipo, quase como teres o teu estilo de roupa, tens também...contribui, tipo é os piercings, é a cor do cabelo, as tatuagens...faz tudo parte.

14. Qual é a razão para a qual fazes tatuagens: estético ou simbólico?

R: Eu acho que é mais estético. Eu acho que diria que 80 por cento é estético e muito pouco é simbólico, ou seja, são muito poucas as tatuagens que eu fui fazer porque tem um significado, tenho, por exemplo, a do meu avô, que tem um significado, que é para o meu avô, mas sinto que há muitas que ganharam significado depois, ou seja, tipo, por exemplo, esta da Patricia Shim que eu fui fazer, eu gostei imenso do desenho e fui fazer e depois, tipo, sinto que há mais uma cena que me lembra o meu avô e ganhou isso depois, mas a maior parte delas é tipo vejo um desenho que...sei lá...gosto de gatos, gosto de aranhas, gosto bué de fruta...tem sempre um bocadinho de significado, nem que seja porque eu gosto. Mas a maior parte, eu acho que é mesmo tipo, vi um desenho que era *cute* ou *silly* e, tipo, quero tê-lo para sempre e não quero que mais ninguém o tenha. Portanto eu acho que é muito uma coisa estética.

15. O facto de teres tatuagens, muda a percepção que tens de ti próprio?

R: Yah! É mesmo estranho olhar para fotografias e tipo não ter tatuagens, parece que não faz sentido, é mesmo estranho, é tipo “Quem é esta pessoa?”, tipo eu adoro ter tatuagens e eu não queria não ter tatuagens. Acho que a pior tortura que me podiam fazer era tirar as minhas tatuagens. Tenho bué orgulho, sabes? Nas tatuagens que tenho e nestes artistas todos que me tatuaram e quero ainda mais...não faz sentido ser de outra maneira. Em termos da forma como eu me vejo, eu nunca gostei...ou seja, como é que eu vou explicar?... Eu sinto que comecei muito a meter tatuagens em partes de mim que eu não gostava e passei...não passas exatamente a gostar, mas aceitas melhor porque tens tatuagens, tipo, de alguma forma, passo a gostar mais deste invólucro, porque estão cá as tatuagens. E noto muito, às vezes, falo com clientes...tipo nem todos, há pessoas que partilham mais do que outras, mas tenho clientes que, às vezes, tipo “Yah! Agora gosto mais, tipo, dos meus

joelhos...odiava os meus joelhos e agora tenho tatuagens e gosto...” e eu sinto que dá confiança. Eu comecei por tatuar mais o braço esquerdo, por algum motivo...coisas parvas, eu não gostava do lado esquerdo...então, comecei a fazer tatuagens e é tipo dá-te uma sensação bué, tipo...é uma liberdade diferente, é estranho.

16. Dirias que consegues perceber a identidade/personalidade/gostos de alguém através das suas tatuagens?

R: Sim, eu acho que sim e consegues ver também a evolução, e quantas pessoas mudam também...há bué gente que começou com tatuagens mais tradicionais e depois, tipo agora, já está a fazer cenas bué fofinhas, que já são muito menos tradicionais, é fixe ver isso também. Eu acho que sim, tipo tu olhas para o Pedro e percebes “...esta pessoa gosta bué de *anime*...”, tipo, tu olhas para as tatuagens de uma pessoa...sim, mesmo quando as pessoas tem aquelas bué pequeninas, tipo uma florzinha aqui, um numerozinho aqui, uma letra aqui, tu consegues mais ou menos perceber, consegues ver mais ou menos como é o estilo da pessoa...claro que tipo, não tens acesso a tudo da personalidade da pessoa, mas eu acho que dá para perceberes mais ou menos como, o que é que a pessoa gosta com base nas tatuagens dela...se é uma pessoa assim mais tipo, se calhar, despreocupada que tem tatuagens assim mais totós ou uma pessoa que gosta mais de *anime* e não sei quê, porque tem tatuagens mais...ou uma pessoa mais tradicional, porque tem aquelas tatuagens mais tipo...sei lá...a cara de um filho ou assim. Por isso, eu acho que dá para perceber.

17. Para ti, o que difere a arte das tatuagens e outros meios artísticos? Ou não difere?

R: Eu acho que a única...a coisa que difere mais...primeiro, eu gosto sempre de dizer que depende...porque há muitos tatuadores diferentes, portanto, não quero estar a falar...falo um bocado no geral, claro que há coisas que não se incluem, mas quando eu falo assim tatuadores, eu estou a falar mais, tipo, nesta nossa onda...pessoal assim mais de ilustração e não sei quê...eu acho que vai sempre haver alguma diferença, nem que seja pelo...o canvas é diferente, tipo, obviamente, uma coisa é estares a trabalhar na pele de uma pessoa e depois é estares a pintar numa tela, outra coisa é estares tipo...mas eu acho que, de alguma forma, é arte, é tudo arte, então tem esse ponto em comum...agora, claro que vai sempre ser diferente em algumas coisas, é um tipo diferente de

arte, é isso, mas acho que...não é propriamente pintura e também não é propriamente performance, é uma cena diferente...acho que difere por aí, mas é arte na mesma.

18. Há uns anos atrás as tatuagens eram vistas como algo diferente e negativo, achas que esta imagem das tatuagens ainda se mantém?

R: Eu acho que depende. Depende do sítio do mundo onde estás, tipo há sítios que continuam a ser mais conservadores, em que as tatuagens, se calhar, não são tão bem vistas, mas eu sinto que mesmo assim, no geral, que já começa a ser ok, tipo, já não há tanto aquela cena de “Meu deus! És um criminoso!” se tiveres tatuagens ou...acho que ainda há algum estigma, às vezes, também misturado com um bocado de preocupação, por exemplo, pais ou avós, do género “Vais arranjar trabalho?” ...mas eu acho que já...há cada vez mais pessoas com tatuagens, tipo a minha mãe fez a primeira tatuagem dela aos 63 anos...tipo, eu acho que cada vez mais as pessoas estão abertas à possibilidade de serem tatuadas e acho que já não é uma coisa tão negativa como era.

19. O que achas que iria melhorar a posição dos tatuadores da atualidade?

R: Imagina, às vezes, não é fácil...por exemplo, se a economia estiver assim um bocado “coiso”, nós também vamos sofrer porque as pessoas não têm tanto poder de compra, portanto, a tatuagem deixa de ser uma prioridade, mas ao mesmo tempo, eu acho que sinto que nós temos, no geral...não queria dizer sorte...é difícil dizer, porque...por exemplo, agora as coisas estão um bocado difíceis porque aqui, pelo menos no panorama de Portugal, não é? As rendas estão altas, e o supermercado está caro e salário mínimo continua a ser demasiado baixo em relação ao custo de vida que aumenta tanto, portanto, obviamente, não há tantas pessoas a vir fazer tatuagens ou as pessoas não podem vir fazer tantas tatuagens e depois, claro, que começa a haver pessoas que começam a stressar e começam a fazer aquelas promoções tipo 5, 60 euros, que é uma coisa, absolutamente...tipo, nem cobra nada...portanto, obviamente, tipo, que isso é uma coisa difícil que nos deixa assim todos um bocado assustados, mas isso não é uma coisa que tu possas dizer “Ah! isto podia melhorar...”, quer dizer, não é bem assim, isto são coisas que acontecem naturalmente, portanto, não é do género tipo, trabalhas numa empresa, “Ah! O meu patrão podia ser um bocadinho mais flexível”. Acho que quando são coisas...é difícil dizer...claro, que eu gostava que alguns clientes respeitassem um

bocadinho mais...a quantidade de pessoas que mandam mensagem, pedem-te os teus dados para fazer um depósito e, tipo, nunca mais te dizem nada, entretanto passaram 4 anos e a pessoa, não sei o que é que aconteceu, o que há mais por aí é...passas 3 dias a falar com uma pessoa, a combinar, pede os teus dados para fazer o depósito e entretanto a pessoa desaparece...claro, que isso era uma coisa que eu gostava que não acontecesse, mas é uma coisa que, ao mesmo tempo, eu sei que não vai mudar...porque são pessoas, vai haver todo o tipo de pessoas.

20. Como vêes o futuro da tatuagem como arte e a sua evolução como prática artística?

R: Olha! Depende do dia. É um bocado subjetivo, porque, às vezes, eu acordo e penso “Incrível! Tipo Eu vou tatuar para sempre...vou poder tatuar para sempre...”, outras vezes, acordo e é tipo “Meu Deus! Isto está tão mau...vamos todos ficar sem trabalho...”. Tipo, não é um bem essencial, então, eu sinto que é das primeiras coisas que, se calhar, as pessoas vão tentar poupar ou vão deixar de fazer porque não tem dinheiro, mas acho também que é um bocado cíclico e que um dia vai melhorando, isto fica melhor, vai piorando, fica pior...eu acho que vai sempre haver tatuagens com mais afluência ou menos, vai sempre haver...se entretanto houver máquinas a substituir-nos também...mas acho que como prática artística, eu acho que vai sempre continuar a haver mais e mais, pessoas a começar a tatuar e mais, tipo, artistas e ilustradores que passam a arte deles para a tatuagem.

21. Que conselho darias a alguém que tenha interesse em começar a tatuar e deseje seguir isso profissionalmente?

R: Eu acho que, tipo, é preciso ter noção que não é, propriamente, fácil e é preciso gerir um bocado as expectativas também. Vês muita gente que começou a tatuar há relativamente pouco tempo e que tem muito sucesso, mas ainda há muito mais pessoas que começaram a tatuar e que não conseguiram, ou seja, tens que trabalhar muito, mas também tens de ter um bocadinho de sorte e também tens de conseguir criar uma coisa que as pessoas queiram ter no corpo delas, ou seja, de alguma forma, que aquilo que tu fazes que chegue às pessoas. Eu acho que é importante não ir a pensar tipo “Yah! Os tatuadores ganham bué e viajam imenso...vou ter uma vida incrível!”, porque não significa que vai ser assim, ou seja, tentar ir...imagina, vais e, tipo, dás tudo e acho muito bem

dares tudo e trabalhares bué, mas ao mesmo tempo, resguardares-te, porque pode não ser fácil, pode não ser logo, pode demorar...trabalhar muito e ter paciência e persistência, mas também gerir bem as expectativas.

22. Quais são os aspetos mais gratificantes do teu trabalho como tatuador?

R: Epá! Às vezes, temos uns clientes que é mesmo tipo “Uau! Isto é perfeito! Adoro!” que só apetece abraçar, ficas mesmo tipo “Fogo! Que sorte!” ...e depois, às vezes, estou em casa e do nada dá-me assim uma cena e penso “Uau! A quantidade de pessoas que tem, tipo, os meus desenhos tatuados na pele delas...que maluquice!”. Há cenas bué fixas, imagina, poderes viajar e tatuar e conhecer tanta gente de um sítio diferente, tipo, é incrível...é cansativo, mas é incrível. A quantidade de pessoas que te mandam mensagem do género “Gosto bué do teu trabalho...adorava ter uma tatuagem tua.”, é mesmo fixe, é mesmo que cena maluca! As pessoas gostam assim dos meus desenhos que é, tipo, cenas que eu faço, porque me deixam feliz. Nunca pensei na vida ter sorte em encontrar uma coisa que eu sinto que é tipo “É isto!”. Hoje de manhã, eu vim tatuar de manhã, eu estava a sair da cama e estava tipo “...Não me apetece nada tatuar...”, eu cheguei aqui, a minha cliente chegou e eu fiquei automaticamente feliz. Eu nunca fiz uma tatuagem de mau humor, porque é impossível, assim que eu começo a tatuar, eu fico bem e depois volto a ficar de mau humor...

7. Felix Rodrigues | 29 anos

1. Qual foi o teu percurso académico?

R: Portanto, eu sou de Faro, estudei no Algarve, tudo certo, e portanto, depois vim para cá fazer faculdade, fui para as Belas Artes, fiz Pintura nas Belas Artes. Lá pelo meio fiz um curso de verão...que foi interessante, Painting Contemporary Practice...e depois pronto, acabei o curso e fiquei em Lisboa e fui trabalhar, porque queria ficar cá, então, pronto, decidi “Ok! Vamos por o mestrado para se calhar, depois quando tivermos financeiramente um bocadinho mais...” e pronto,

acabei por não fazer mestrado. Eu ainda comecei, fiz um semestre na FCSH (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa) de...acho que era de Teoria e Estética...Estética e Teoria das Imagens...uma coisa assim.

2. Com que idade é que fizeste a tua primeira tatuagem? O que era? Qual foi o motivo?

R: A primeira de todas tinha 18 anos ou 19, mas eu acho que era 18. Foi algures no meu primeiro ano de faculdade e foi uma constelaçãozinha, a constelação da Lira e fiz outra que, entretanto, já tapei na omoplata, foram duas de uma vez...que era uma colega minha que estava a aprender, não ficou assim a coisa mais resplandecente, mas ficou fixe. Foi, basicamente, porque me deu na gana, não foi assim nada de ...foi, literalmente, estava a falar com ela, ela estava a aprender a tatuar e eu estava no meu período, tipo, da loucura, tipo “Estou fora de casa...estou noutra sítio...bora! *Let's go!*”. Então fui lá, paguei 40 euros para as duas tatuagens...o que é ridículo...

3. O que te fez ingressar na prática de tatuagem?

R: Foi basicamente curiosidade, acima de tudo. Estava numa altura em que...olha, foi depois de ter acabado o curso, comecei a trabalhar em restaurantes e acabei por trabalhar no Vasco da Gama, que foi horrível e estava tipo “A minha alma está, lentamente, a definhar. Eu gostava de fazer alguma coisa que seja bancável e artística, ao mesmo tempo...e experimentar coisas novas” e tinha uma amiga da faculdade, que tinha acabado de abrir um estúdio, que é a Daisy, a Margarida Conceição...agora chama-se o Piri-piri Studio, antes era o Flourish...então eu mandei-lhe mensagem tipo “Olha! Queres falar um bocadinho sobre tattoos? Se calhar, experimento um bocadinho...se eu achar piada, tipo, se calhar, ensinas-me? Se não, é um bom *hang out*...” e gostei e fiquei um bocado obcecado com a cena. Comecei a trabalhar, a ser aprendiz, basicamente, lá no estúdio e ia lá durante os meus dias de folga tipo, tatuar e observar.

4. Quem é que te ensinou a tatuar?

R: A Daisy...ainda somos amigos. Acho que foi uma experiência mais casual do que uma aprendizagem assim mais tradicional. Tive algum acompanhamento enquanto estava a fazer as primeiras e na parte da segurança um bocadinho, mas foi mais ir aprendendo sozinho e através da *internet* e de experiência. Portanto, foi assim um híbrido um bocado estranho, mas pronto, uma pessoa também vai sempre aprendendo.

5. Existe algum artista(s) que guarde(s) como referência/influência?

R: Em tatuadores, Mariana Cáceres, Patricia Shim, a Daisy. Scotty Gillespie, também tem umas coisas muito fixes, assim mais gráfico e o Peat Eater, que é um moço irlandês, que tem umas coisas muito giras, ele é *stick and poke*, mas temos referências muito parecidas...eu gosto muito do trabalho dele e o Marcelo Clapp, que é do Porto...ele é incrível e é uma jóia de pessoa. Assim artistas, fora disso...a Hilma af klint, acho que é assim a maior referência...ela é uma figura bué interessante, é assim meio esotérica, é tipo arte abstrata antes de se começar a fazer a arte abstrata das vanguardas, é assim uma cena muito fixe. Ela teve visões e de Deus e sei lá o quê...mas são lindos, é assim tudo muito *soft* em termos de cores, tudo a ver com o espectro da luz e tal, muito cósmico. Para além disso, assim mais perto, a Daniela Viçoso, ela é muito incrível. Acho que é por aí, mas vai sempre variando, de vez em quando, tenho assim umas obsessões.

6. Como é que caracterizas o teu estilo artístico?

R: Despojado...quase minimalista. Gosto muito de ir para aquela parte mais cósmica, mais leve. Tive um amigo meu que me disse que lhe fazia lembrar tipo, aquelas cenas meio budistas...mas tipo, filosofia budista que é tipo, bué calma, sempre estás *zen*...sim, nunca gosto de extremos, gosto daquele *middle term*...não sei explicar muito bem...acho que há coisas muito interessantes nesse *middle term*, tipo há coisas que eu gosto de desenvolver tipo androginia, tipo não é masculino, não é feminino...não é muito colorido, não é preto e branco, tipo, não é assim, tipo, muito barroco, rococó, cheio de detalhes, mas também não é estéril...meio termo.

7. Quão familiarizado estás com o conceito de Wagner: Arte Total?

R: Já conhecia. Tenho ideia que falei sobre isso...eu sei que foi na faculdade, não me lembro em que cadeira, mas eu acho Teoria, possivelmente...Cultura Visual, algo assim. Já não me lembro, mas tenho ideia de ter falado sobre isso.

8. Foi feita uma definição de Arte Total muito breve na explicação do projeto, com o que entendeste, consegues colocar esse conceito (Arte Total) neste contexto das Tatuagens?

R: Sim! Percebo perfeitamente onde é que fizeste a ligação, sim. Epá! É difícil ser mais envolvente do que algo que, literalmente, é feito com e para o corpo, uma coisa que, literalmente, anda contigo todos os dias, depois da tua vida e o momento em si em que se faz a tatuagem, é uma coisa tão específica. Acho que, às vezes, o pessoal esquece-se um bocadinho dessa parte também...tipo *social media*, etc. só vemos as fotos das tatuagens que ficaram “Muito giro! Fixe!”, mas lá está, a criação da tatuagem em si também pode ser parte disso, acho eu. Há ali, tipo uma troca qualquer, tipo, inevitavelmente, é um bocado mais colaborativo do que, se calhar, algo mais autoral, algo que tu pensas em mudar também como *fineart*, etc...a pessoa que tu estás a tatuar, que é, essencialmente, o teu medium, tem consentimento e tem poder sobre o seu corpo, não é? Portanto, obviamente, tu vais querer que a pessoa fique bem e contente com o que tem no seu corpo...mas acho que faz todo o sentido, sim. Acho que dá para por elementos disso, bastante facilmente, sim...lá está, também na parte do processo, acho que também dá para por aí um bocadinho dessa parte...porque, lá está, há tantos elementos que tem de correr bem, para a tatuagem correr bem, acaba por ser toda uma performance, a certo ponto...o que há bocadinho...pronto, eu, às vezes, falo disto com os meus amigos e sinto tipo “Epá! Não achem que eu sou, tipo, um psicopata que só está aqui a pensar muito estritamente para arranjar e a manipular o evento.”, mas é importante que as coisas corram bem, tipo, tal como tu precisas de ter os acentos, lá está, nivelados para ver bem o teatro, precisas que a pessoa que vai ser tatuada esteja descansada, que haja tipo um sítio confortável, que haja tipo uma musiquinha, tens de manter algum contacto consensual, falar, deixar a pessoa contente e feliz. Acabas por ter de manipular ali todas umas coisas e fazer a tatuagem...é uma coisa muito viva.

**9. Na tua opinião quais seriam os requisitos para distinguir algo que fosse total ou não?
Será que todos os tatuadores conseguem criar esta experiência Total?**

R: Talvez não. Acho que é preciso ter uma consciência para fazer isso, tipo, acho que é muito fácil cair no método de tatuagem e de receber as pessoas em certo tipo que é muito comercial e, pronto, o que nós fazemos é comercial, nós precisamos para a renda, mas acho que acaba por ser, para já, uma questão de intenção, de criar coisas com as quais tu te revês enquanto artista que, depois também outra pessoa tem alguma conexão, não é só tipo...não sei, acho que tem de haver ali alguma conexão, haver espaço para o cliente, para a pessoa que vai ser tatuada e pronto. Acho que também tem de haver aí alguma responsabilidade artística, porque há muitas pessoas a copiar cenas. Algum grau de autoria, tipo um cunho artístico que seja, de facto, teu e lá está, não pensar só “Isto é o meu trabalho e vai ser como eu quero!”, pronto, estás a tatuar outra pessoa, não é? É muito aquele estereótipo, que infelizmente, há muitas pessoas assim, que é muito “Este *flash*...este design...tipo é para tatuar aqui, neste lugar, com este tamanho e ponto final e se não quiseses...”. Acho que tem de haver ali algum espaço para fazer um ponto. Acima de tudo, eu acho que a parte do cunho pessoal, acho que é bastante necessário.

10. Dirias que tatuar pode ser uma experiência imersiva?

R: Sim, completamente. Eu acho que é das coisas mais importantes que tens de ter como tatuador...que é bom ter como tatuador, portanto, na tatuagem tem essa facilidade. Acho que também é uma coisa que se vai cultivando, tipo, vais aprendendo a receber as pessoas e a perceber como é que podes fazer as pessoas sentirem-se confortáveis ou relaxadas ou entusiasmadas, tipo, tens de criar ali um ambiente para a coisa funcionar bem, também nem sempre vai funcionar, mas o que importa é que a estrutura está lá. Acho que isso tem muito haver com ter respeito pelo momento...é literalmente uma pessoa que está a confiar em ti, para te apunhalar várias vezes com uma agulha, para fazer um desenho que tu fizeste e depois vai ficar na pele dela para sempre, portanto é uma coisa ...tipo, implica alguma responsabilidade e é tipo “Ok! Tu queres uma cena minha na tua pele para sempre, vamos tornar isto um acontecimento...”, sessões em específico eu gosto que esteja

relax...chill...ponho uma musiquinha, um folkzinho uma bossa nova, uma coisa chill... mas sim, é preciso proporcionar ali uma coisa emocional muito específica.

11. Ainda neste tema da experiência, conseguirias ver a tatuagem como uma performance artística num museu, por exemplo?

R: Sim, aliás tenho ideia que já ouvi falar de alguma pessoa a fazer isso...acho que foi durante a faculdade.

12. Como consideras os tatuadores de hoje em dia? artistas? artesãos? Designers?... Porquê?

R: Acho que depende um bocadinho também dos tipos de trabalho de cada pessoa. Acho que há pessoas que tem trabalho que se insere muito melhor dentro da parte do design, há pessoal que é muito mais tipo ilustração, por exemplo...mas acho que somos todos artesãos e artistas...não sei, também tenho um bocadinho de...sou um bocadinho parcial, porque eu adoro a parte do artesanato, eu acho que é uma coisa que não é vista assim com muito respeito pela parte mais das belas artes e académicas, etc. e gosto muito dessa faceta da tatuagem, do facto de ser um artifício, um trabalho que tu desenvolves e que vais moldando, uma *craft*, mas também, lá está, eu acho que artesãos são artistas e designers são artistas e ilustradores são artistas. Portanto, acho que essa definição insere-se, perfeitamente, no contexto da tatuagem, sim.

13. Consideras que a tatuagem pode ser vista como uma forma de *Body Art*? Porquê?

R: Sim! Está logo a dizer...está no corpo, não é? *For sure.*

14. Qual é a razão para a qual fazes tatuagens: estético ou simbólico?

R: Estético. Há sempre um bocadinho do simbólico, mas também...lá está, eu acho um bocadinho difícil separar os dois completamente, mas embora sejam simbólicas, não tem, necessariamente, um significado, sabes? Vou muito numa de “Ah! Isto faz-me lembrar daquela cena que eu gosto

muito ou daquela pintura que eu gosto muito”, há sempre algumas ligações, mas há muitas que é só porque eu olho e fico tipo “Gosto!”

15. O facto de teres tatuagens, muda a percepção que tens de ti próprio?

R: Não sei se muda, necessariamente, a minha percepção de mim, mas...se calhar, até muda um bocadinho, não, necessariamente, em termos de corpo...para além daquela, só tipo olhar ao espelho e ficar “Uh! Isso é fixe! Fica giro! Gosto!”, sabes? É bué superficial, tipo “Ah! É giro! Ok! Gosto de ver.”. Eu tenho bué má memória, então, às vezes, quando me falaste dessa coisa de eu sem tatuagens e eu com tatuagens é tipo, eu com muito mais memórias e mais experiências...tipo, é muito mais óbvio que já tive mais experiência de vida, mais sentimentos, coisas, tipo a *tattoo* é um marco físico, não é? Mas também é um marco emocional, tipo, inevitavelmente, eu olho para uma tatuagem e fico tipo “Ah! Olha fizeste essa sei lá quando, com esta pessoa e foi assim e assim e isto correu bem, este correu mal...no dia seguinte fui comer sei lá o quê, a onde...” ...por aí, tipo, há sempre ali um lembrete. É um pequeno marco de uma fase da tua vida, quer estejas a pensar nisso, quer não...olha, por exemplo, fiz uma tatuagem ao meu namorado agora que ele acabou o curso, pronto, e essa é assim aquela cena tipo ok...mas, inevitavelmente, também nos lembramos de todas as outras que já fizemos...funciona muito bem com todas, sinceramente, é uma boa maneira de ter assim...são tipo memórias no corpo, literalmente.

16. Dirias que consegues perceber a identidade/personalidade/gostos de alguém através das suas tatuagens?

R: Não completamente, mas sim. Dá umas ótimas dicas, tipo, são pistas muito óbvias. Nem sempre é o que a gente está à espera, obviamente, não é? Mas há...sim, acho que sim...especialmente se a pessoa tiver muitas tatuagens dá para perceber bastante bem os gostos da pessoa através das tatuagens, sim.

17. Para ti, o que difere a arte das tatuagens e outros meios artísticos? Ou não difere?

R: Acho que a maior diferença, talvez seja a parte interpessoal, que é inevitável, não é? Podes tatuar a ti mesmo, não é? Pronto, mas é um bocado parte da estrutura da tatuagem, estar a fazer uma tatuagem a outra pessoa, porque, sinceramente, não é fixe tatuares a ti mesmo, não é bom, é horrível, nunca fica tão bom como se tiveres a tatuar outra pessoa...mas sim, acho que é muito essa parte interpessoal...lá está, é aquela parte tipo, tens aquele momento, tens aquele pedaço de tempo, dedicado àquela coisa e depois dizes adeus à tua obra de arte, ela vai se embora e está noutra pessoa...é uma coisa um bocado estranha quando se pensa nisso...para mim é efémera, para a outra pessoa não é...Mas yah! Acho que é uma relação que não existe muito facilmente dentro da arte, essa parte mais interpessoal...exceto talvez na performance, dança, esse tipo de coisas, mas mesmo assim. Dentro da tatuagem, acho que tens a ação da tatuagem e depois tens todo um círculo aí à volta que é tipo...o *backstage* está a acontecer ao mesmo tempo que a atuação em si. De resto, acho que tem todas as potencialidades e características que implicam chamar alguma coisa arte.

18. Há uns anos atrás as tatuagens eram vistas como algo diferente e negativo, achas que esta imagem das tatuagens ainda se mantém?

R: Aí! Não de todo! É assim, claro que ainda há muitas pessoas que ficam “Ah!...”, tipo avós e etc., é pessoal das gerações mais antigas, tipo, claro que ainda há muita gente que não acha assim muito fixe, mas, inevitavelmente, já está muito normalizado. Acho que, a este ponto, não tenho nenhum amigo sem tatuagens, mesmo tipo fora da esfera das tatuagens, só pessoal que eu já conhecia desde sempre, que nem sequer fui eu a tatuar...o pessoal tem tatuagens, é raro conheceres alguém que não tem nem uma pequeninha...é raro...especialmente ali entre os 20, 30, muito raro. As nossas gerações, entram no mercado de trabalho, vamos normalizando essas coisas também. Há pessoas mais velhas também que já começaram a ter mais facilidade em ter tatuagens...mas acho que é muito mais ok, mas lá está, eu também estou numa perspetiva muito particular, eu sou tatuador, portanto, também as pessoas com quem eu contacto são um bocado específicas. Nunca ninguém...às vezes, recebo aqueles olhares, mas nem sequer são olhares tipo “Ew! O que é isso?”, é tipo “Ah! Tem uma tatuagem...ok!”, sabes? Uma coisa relativamente neutra ou tipo “Ah! Acho piada...que engraçado” ...mas não. Sim, se calhar, se eu tivesse outro tipo

de tatuagens, também tinha um bocadinho mais desse tipo de reações, coisas um bocadinho mais *dark*, assim mais, aquela tatuagem do metal, tipo uma estereotípica, yah, se calhar...depende muito do tipo de tatuagem que se tem...ou o pessoal que tem tatuagens na cara, coisas muito mais...pescoço, mãos, essas certas coisas e mais preenchidos, aí, acho que sim.

19. O que achas que iria melhorar a posição dos tatuadores da atualidade?

R: Não sei. Sinceramente, às vezes, penso um bocado sobre isso e vou mudando um bocadinho de opinião. Eu acho que era fixe haver coisas um pouco mais reguladas em Portugal, por exemplo. Por outro lado, é muito fixe que seja uma coisa que é aberta a qualquer pessoa que queira começar. Por outro lado, ser aberto a qualquer pessoa que queira começar não é muito fixe em termos de higiene e segurança de saúde...eu já vi muitas coisas não muito fixes a acontecer e, se calhar, também fiz porcarias nos meus primeiros anos..., mas pronto, criar esse tipo de responsabilidade em termos de higiene e de saúde, acho que é super importante, mas acho com isso, também tem de haver uma consciencialização do trabalho que implica tatuar. Em geral, há muito um ponto de vista de...também muito, aquela cena comercial, tipo, tira vários artistas e vê os orçamentos e vai haver um que é mais barato e etc...sem pensar muito no que é que isso implica, se calhar..., mas yah! Em termos das coisas que podiam mudar, acho que é um bocadinho...acima de tudo...a minha cena mais, que eu acho que devia mudar, é mesmo o pessoal que, dentro da comunidade dos tatuadores, que faz preços muito ridículos, em termos de muito baixos...tipo, eu não sei...já vi cartazes na Baixa, acho que era “1 tatuagem, 20 euros”, isso nunca cobra o material, não estás a pagar, tipo, sequer, pela hora de trabalho que estás a fazer e isso desvaloriza o trabalho das outras pessoas, inevitavelmente...como quando o pessoal faz, dentro da cena das ilustrações, trabalhos por uma ninharia ou vende *prints* e produtos e essas coisas por quase nada...e “Estou aqui a vender um sticker por 20 cêntimos” é tipo, isso não cobra o papel, eu que estou aqui a vender *stickers* por 1 euro e meio e ninguém me quer comprar o *sticker*, porque estás a vender por 20 cêntimos...isso não é fixe. Tipo a vida não está fácil e precisas de fazer trabalhos por preços mais baratos, porque precisas de dinheiro, yah! *Of course*..., mas lá está, fazer as coisas demasiado baratas é uma bola de neve, eventualmente, porque depois crias expectativa por parte dos clientes. É difícil pensar muito nisso, como é uma coisa que está ativamente em crescimento, é difícil pensar em coisas que tenham de mudar já.

20. Como vê o futuro da tatuagem como arte e a sua evolução como prática artística?

R: Acho que a evolução da tatuagem como prática artística se vai prender muito com as condições sociais e económicas em que estivermos. Apesar de ser uma prática de contracultura e como tal, mais propícia a uma linguagem artística mais fora do comercial, é também por isso feita geralmente, por pessoas em situação precária. Eu próprio não recuso trabalho que não me digam grande coisa se o dinheiro estiver apertado, e sei que se tivesse mais estabilidade financeira seria possível desenvolver o meu trabalho ainda mais e criar mais do que de facto me interessa. Espero que o futuro da tatuagem seja um menos precário...em suma.

21. Que conselho darias a alguém que tenha interesse em começar a tatuar e deseje seguir isso profissionalmente?

R: Daria dois. Em primeiro lugar, desenvolver o desenho, mas por si, não, necessariamente para tatuar, tipo desenvolver o estilo só...perceber o teu estilo artístico, talvez antes de começar, porque, pronto, para tatuar é preciso fazer uma espécie de tradução da parte artística, pronto, do trabalho artístico tradicional da parte da tatuagem e acho que para ficar, especialmente hoje em dia, que há tanta concorrência e tantas escolhas, ter um trabalho que se destaque e que tenho um cunho pessoal, que tenha algo que de facto é só teu e que não consegues com mais nenhum artistas é das melhores maneiras de conseguires fazer isto um trabalho, um emprego, uma profissão. Em segundo lugar, se não eras germofóbico, passa a ser. Lê um bocadinho sobre transmissão de doenças durante as *tattoos* e vai ser mais fácil fazeres todo o ritual da limpeza e higiene e etc. A parte da higiene tipo, acho que o pessoal também se esquece um bocadinho, porque não é tão fixe e não é tão glamoroso, mas não queremos que as pessoas apanhem hepatite B e não queremos apanhar hepatite B.

22. Quais são os aspectos mais gratificantes do teu trabalho como tatuador?

R: Para mim, é mesmo aquela coisa, muito simples...não sei, eu acho que...não sei, sinto uma certa, sinto-me um bocado sortudo, por conseguir fazer disto o meu trabalho, em primeiro lugar, porque é difícil. Tipo, eu já estou a tatuar há 5 anos e só consegui fazer, só isto, o ano passado e

mesmo assim é difícil, mas para além daquelas coisas, tipo, que são sempre impressionantes, tipo ver uma pessoa que está de facto feliz, há pessoas que, às vezes, choram e ficam, tipo, bué queridas e é muito fofo. Acima de tudo para mim, pessoalmente, é o sentimento de tipo, criei alguma coisa para alguém em tipo 2 horas e tenho a sorte de ter uma reação imediata, uma conexão imediata com a pessoa para quem eu fiz esta peça de arte e a gratificação é instantânea. É uma coisa tão simples, mas tão bom. Há pessoas que, sei lá, trabalham tipo numa coisa durante anos e anos e eu, tipo, tenho a sorte de fazer uma coisa artística que é só chegar, fazer, vamos trabalhar intensamente, que não penso noutra coisa, estou ali no momento, estou bué focado e depois está feito e depois uma pessoa tem uma obra de arte minha na pele dela...incrível.

